



Irving Wallace

A
CONVIDADA
DE HONRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Irving Wallace

1916-1990

A CONVIDADA
DE HONRA

Título original americano

The guest of honor

1989

Para Sylvia, com o mais profundo amor!

*"O amor começa com amor;
a amizade, por mais cálida que seja,
não pode se transformar em amor,
por mais brando que seja."*

JEAN DE LA BRUYÈRE

CAPÍTULO 1

Usando suas capas de chuva como proteção da garoa do entardecer, os dois, o coronel e o major, deixaram o carro e o motorista entre o Templo do Buda Esmeralda e a Igreja da Imaculada Conceição e seguiram a pé pelo caminho de cimento que conduzia ao Palácio Chamadin. Ao chegarem ao portão de ferro batido, instalado no muro de três metros erigido de pontas que cercava o palácio e o complexo presidencial em estilo colonial espanhol, o mais alto dos dois — o coronel — tocou a campainha sem um momento de hesitação.

Eles haviam ensaiado a operação tantas vezes que nenhum detalhe lhes escapou.

Sabiam o que esperar e tinham certeza de que não falhariam.

Em resposta, um capitão do comando de segurança presidencial e três soldados, todos armados até os dentes, saíram da proteção da casa da guarda e se adiantaram ao encontro da dupla.

O coronel passou os documentos de identificação deles pelo portão.

O capitão do comando de segurança olhou para os papéis e ergueu os olhos.

Do outro lado do portão o coronel disse:

— O major e eu somos mensageiros do general Nakorn e temos ordens de entregar um documento confidencial em mãos ao presidente Prem Sang. Não precisa nos anunciar. Como mostram nossos papéis, o presidente está nos esperando.

O capitão da guarda sacudiu a cabeça.

— Desculpe, senhor. Temos de anunciar sua chegada. — Ele destrancou o portão e abriu-o.

— Queiram entrar enquanto informo à secretária do presidente.

O coronel não demonstrou preocupação; já estava preparado para isso. Entrou no pátio, seguido de perto pelo major. Ficaram ao lado dos soldados sonolentos enquanto o capitão entrava na casa da guarda para usar o telefone.

A dupla podia ouvi-lo ao aparelho.

— Senhorita Kraisri, o coronel e o major chegaram com uma mensagem confidencial do general Nakorn para o presidente. Eles são esperados?

Houve um silêncio enquanto o capitão da guarda escutava.

— A senhorita diz que telefonaram do gabinete do general.

Ele escutou de novo e balançou a cabeça, concordando.

— Muito bem, senhorita Kraisri, eu os informarei e os deixarei entrar.

Ele desligou o aparelho e saiu para a garoa.

— Sim, coronel, a secretária de compromissos do presidente foi avisada de que deveria esperá-los. Lamenta ter de informar-lhes que o presidente não dispõe de tempo para recebê-los, e pede que levem os documentos a ela.

— Obrigado — replicou o coronel.

— Sigam pelo pátio até a entrada do palácio. Mostrem seus papéis para um dos guardas do lado de dentro. Ele lhes indicará a sala da senhorita Kraisri.

Tanto o coronel quanto o major balançaram a cabeça afirmativamente, aceitaram a devolução de seus documentos e dirigiram para a entrada do palácio.

Uma das portas do palácio se abriu quando a alcançaram e eles entraram. Um guarda examinou seus papéis e, depois satisfeito, apontou para os dois lances de uma escada de mármore à sua frente, interrompidos por um amplo patamar.

— Subam aquelas escadas, senhores. A sua direita, enxergarão guardas diante da porta do gabinete do presidente. A secretária dele estará à sua espera.

— Obrigado, sargento.

O coronel se adiantou ao major pela entrada de mármore que levava à escadaria reluzente, parou para esperar que o companheiro o alcançasse, depois, com passo cadenciado, começaram a subir a escadaria.

Os dois homens estavam pouco à vontade devido ao que carregavam sob as capas de chuva.

Chegando ao console dourado sobre o patamar, eles viraram e subiram o segundo lance com mais rapidez.

No alto da escadaria, viram um tenente de uniforme completo, um fuzil pendurado no ombro, esperando-os diante da ante-sala.

Caminharam diretamente para ele.

— Temos ordens de entregar à senhorita Kraisri um documento pessoal do general Nakorn para o presidente Sang – disse o coronel.

— Sim — replicou o tenente. — Vou levá-los até ela.

Abriu a porta e conduziu o coronel e o major à ante-sala da secretária. Uma escrivaninha de metal verde e um processador de

textos dominavam a sala, mas não havia ninguém à escrivaninha.

— A senhorita Kraisri deve estar lá dentro, trabalhando com o presidente — disse o tenente. — Se quiserem me entregar o documento, providenciarei para que o presidente Prem ou a sua secretária o recebam.

— Vou entregá-lo a você — disse o coronel, começando a desabotoar a capa.

Passou para a esquerda do guarda e enfiou a mão dentro da capa para pegar o documento.

O tenente virou-se para a esquerda, a fim de ficar de frente para o coronel e receber o documento. Ao fazê-lo, o major se moveu às suas costas.

Enquanto o guarda esperava pelo documento, atrás dele o major enfiou a mão em sua capa, desembainhou um grande punhal, e ergueu-o alto para atingir as costas do guarda.

Num instante, o punhal desceu com muita força, enquanto a mão livre do major tapava a boca do guarda para lhe abafar o grito.

Dentro do vasto gabinete presidencial, Prem Sang, presidente da nação de Lampang, após mandar a secretária ao andar superior, a fim de ler a última minuta do seu projeto de reforma agrária para a sua esposa, voltou a se debruçar sobre a pilha de papéis na sua grande escrivaninha.

Ele era um homem pequeno na casa dos quarenta anos, de cabelos castanhos, olhos castanhos encovados, um rosto prematuramente vincado, totalmente fatigado pelos seus três anos difíceis como chefe do executivo. A sua pequenez era acentuada pela sua posição encolhida e pela dimensão da escrivaninha.

Sua coluna doía e ele concluiu que estava na hora de se levantar e se esticar um pouco. Ao fazê-lo, pôde examinar a sala elegante, do piso de parquê coberto por tapetes iranianos às paredes forradas de mogno, pontuadas por espelhos de molduras douradas e um mural de agricultores trabalhando no campo, aos candelabros de parede dourados e lustres de cristal.

Pelas janelas, próximo ao selo presidencial pendurado numa das paredes, ele podia ver a sacada fechada à prova de balas que rodeava o prédio.

Havia três portas, uma que dava para a ante-sala, outra para a sua sala de jantar no andar inferior e a terceira dava para a escadaria que conduzia a seu apartamento particular, no andar de cima, que ele e sua mulher ocupavam. Havia uma quarta porta, de aço, que não era visível, oculta pelo lance de mogno. Ela se abria para um corredor que levava ao jardim onde estava aquartelado o comando de segurança presidencial.

Sentando-se na sua cadeira giratória de couro, Prem Sang se concentrou no único objeto sobre a escrivaninha, além da pilha de documentos. Era uma foto num porta-retratos de prata da sua mulher, Noy, e do filho deles, Den. A seguir seus olhos pousaram nos papéis e sua mente voltou a se ocupar do trabalho.

Como acontecia há meses, o presidente Prem Sang estava absorvido pelo seu dilema. O seu domínio consistia em três ilhas no mar da China Meridional, próximo à Tailândia, Camboja e à ponta sul do Vietnã. A ilha principal, e bem maior do que as outras, era a de Lampang, em cuja capital, Visaka, Sang residia. As duas ilhas adjacentes, Lampang Lop e Lampang Thon eram muito menores,

com selvas quase impenetráveis e colinas e ali residiam os rebeldes comunistas em número preocupante.

O problema imediato do presidente Sang era como satisfazer os dois lados opostos da sua população. Na ilha principal onde as pessoas comuns — que eram democratas, católicas, de língua inglesa — o haviam eleito com base numa plataforma distribuição justa de terras e riquezas, ele se agarrava à sua margem estreita de popularidade. Nas ilhas próximas — Lampang Lop e Lampang Thon -, dominavam os guerrilheiros comunistas sob a liderança de Opas Lunakul, um joguete dos vietnamitas que se infiltravam dia a dia.

Os comunistas vinham fazendo uma propaganda eficaz que o presidente Sang e Lampang eram títeres dos Estados Unidos, de quem recebiam uma considerável ajuda econômica, que a independência de Lampang estava sendo corroída por essa dependência do estrangeiro, alegavam eles. Somente com o comunismo Lampang poderia ser verdadeiramente livre e economicamente sólida.

Os comunistas, contudo, não eram os únicos problemas do presidente Sang. Havia também um problema interno. O chefe do seu exército e seu amigo íntimo, general Samak Nakorn, discordava totalmente dele em relação aos comunistas.

O general queria que qualquer dinheiro proveniente dos Estados Unidos fosse gasto com tropas para liquidar os comunistas. O presidente Sang queria o dinheiro para erguer a sua economia interna, o que acreditava ser o melhor meio de derrotar qualquer ameaça comunista.

O presidente Sang estava revendo mais uma vez as anotações sobre a sua escrivania. A taxa de desemprego em Lampang era de dezoito por cento. Para os empregados a vida era pouco melhor: a família média de cinco pessoas possuía uma renda mensal de cento e dez dólares. Desolador. Se isso pudesse ser melhorado, e a terra distribuída, os comunistas seriam derrotados pacificamente.

Bateram à porta de entrada.

Ele se lembrou, então. O general Nakorn tinha enviado uma mensagem para ser entregue à sua secretária ou ao guarda.

Como a secretária estava lá em cima, o presidente Sang disse: — Pode entrar, tenente.

A porta se abriu, o presidente imaginara ver o seu tenente. Mas não viu ninguém. E, no entanto, havia. O tenente jazia caído no vestíbulo, com uma faca nas costas.

Naquele instante, dois homens uniformizados, que Prem Sang não conhecia, passaram por cima do corpo do tenente, cada um portando um fuzil.

Quando ergueram os fuzis, Sang pôde identificar as armas. Eram fuzis automáticos Kalashnikov, fuzis de assalto soviéticos, e estavam apontados para ele.

Confuso, o presidente se levantou de um salto, gritando: — O que é isso? Que diabos...?

Em resposta, os dois fuzis dispararam sinistramente.

A velocidade com que os projéteis deixaram a boca das armas, somada ao seu impacto, dilacerou parte do rosto de Sang, rasgou seu coração e penetrou no estômago.

A potência dos tiros ergueu-o momentaneamente do chão, arremessando-o de encontro à sua cadeira, onde ele tropeçou e escorregou para o chão, caindo morto no tapete.

Quando uma poça de sangue começou a se formar, os dois assassinos fecharam suavemente a porta e desapareceram.

No andar de cima, no quarto de vestir, a mulher do presidente passava creme no rosto enquanto escutava a secretária de Prem, quando, de súbito, se sobressaltou com os ruídos vindos de baixo. Parou e prestou atenção. Fogos, disse consigo mesma. Ou talvez não. Arrancou o robe de seda de um cabide, vestiu-o e se dirigiu para as escadas.

Descendo-as apressadamente, intrigada, apreensiva, ela irrompeu no gabinete do marido.

Não o enxergou, porém, ao aproximar-se da escrivaninha viu o corpo do marido caído. Então viu o estado em que se encontrava, furado de balas, e a poça escura que devia ser sangue.

Ela soltou uma exclamação abafada, depois gritou. Gritou sem parar. O que se seguiu foi um caleidoscópio de pessoas. A senhorita Kraisri e os criados chegaram correndo. A seguir os guardas do palácio, liderados pelo capitão da guarda, logo a polícia, os médicos e os enfermeiros da ambulância. Alguém a conduziu a uma cadeira de espaldar reto, e Noy Sang ficou sentada, paralisada pelo choque.

Já estava ali há longo tempo quando o general Samak Nakorn e seus oficiais chegaram.

Até naquele momento o atarracado Nakorn estava fardado, ostentando galões e medalhas.

Nakorn interrogava os médicos enquanto o corpo de Prem Sang era levado numa maca. A seguir, Nakorn interrogou o capitão da guarda.

— Dois deles, você diz? A secretária do presidente lhe disse que eu a havia informado para deixá-los entrar e esperar uma mensagem. É mentira! Nunca falei com o presidente sobre uma coisa dessas. Eu não tinha nenhuma mensagem para ele. É uma trama comunista. Quando o legista remover as balas, vocês verão que são de origem russa. Isso é terrível, inacreditável, horrível.

Só muito depois é que Noy Sang percebeu que o general Nakorn estava parado ao seu lado, dirigindo-se a ela. Normalmente um homem áspero, de voz rouca, a sua voz soava estranhamente abrandada. Tentava oferecer condolências.

— Sinto, sinto muito, senhora presidenta — dizia ele.

Foi só então que Noy Sang se deu conta de que não apenas ficara viúva, mas que, como vice-presidenta do marido, era agora presidenta do país.

Na sala de controle envidraçada do escritório da TNTN — a rede de Televisão Nacional -, na M Street, Hy Hasken acomodou o corpo alto e magro numa poltrona ao lado da que estava ocupada por seu editor, Sam Whitlaw.

A visita de Whitlaw de Nova York a Washington, D.C. seria de curta duração. Um dos assuntos iniciais na sua breve agenda era uma conversa com Hy Hasken, o correspondente da rede na Casa Branca.

Depois que Hasken terminara a sua transmissão, Whitlaw telefonara para ele na sala de imprensa da Casa Branca.

— Hy, eu quero que venha ver comigo o noticiário das sete horas.

Hasken chegara bem a tempo de assistir ao noticiário do entardecer e se preparava para observar a si mesmo na tela de televisão à frente deles.

Esperando pelo seu próprio segmento, Hasken tentara bater papo com o seu superior. Mas a concentração de Whitlaw estava voltada para o noticiário, o seu centro vital.

Assim, Hasken esperou em silêncio.

Finalmente, ele se viu na tela, microfone na mão, plantado na Lafayette Square com a fachada da Casa Branca ao fundo.

Hasken tentou se ver como os milhões de telespectadores o viam fazendo a sua apresentação. Na verdade, ele se via como a sua plateia — conhecidos antigos — poderia vê-lo numa sala de estar. Ele era esbelto, com cabelos cor de areia escovados para o lado, uma testa alta obscurecida com maquiagem de estúdio, olhos azuis alertas, nariz comprido, boca pequena e uma voz e tom em staccato, ressonantes, levemente acusatórios.

Observando-se, Hy Hasken ouvia:

"A notícia mais significativa saída da Casa Branca hoje é que o presidente Matt Underwood está se preparando para um encontro com madame Noy Sang, presidenta da ilha de Lampang, uma nação crucial para os interesses imediatos dos Estados Unidos.

"Esta semana faz um ano que o presidente Prem Sang, de Lampang, foi assassinado por desconhecidos, supostamente pistoleiros representando os rebeldes comunistas que vêm crescendo em poder nas duas ilhas vizinhas que estão sob a

jurisdição de Lampang. O assassinato de Prem Sang elevou à presidência a vice-presidenta, que era a sua jovem esposa, Noy Sang. Se isso parece estranho para os americanos, é preciso entender que a política de Lampang possui uma estrutura social conhecida como a família prolongada. Um presidente sempre tem como companheiro de chapa e herdeiro a esposa ou o filho ou outro parente próximo. De certa forma isso faz sentido, pois nenhum estranho chega assim à presidência, já que o substituto é sempre alguém ligado ao presidente, alguém cujo modo de pensar é presumivelmente compatível com o do presidente.

"Isso funcionou bem em Lampang". Por ocasião da morte de Prem Sang, há um ano, a sua viúva, Noy Sang, pôde tomar o seu lugar sem esforço, mantendo-se fiel às ideias e objetivos do marido. Há um ano que Noy Sang vem exercendo a prudência, e nesse período de luto ela não fez nenhuma viagem permanecendo em Lampang para se familiarizar com os negócios internos do seu país.

"Neste ano que passou, Madame Noy Sang tornou-se agudamente consciente da dependência de Lampang dos Estados Unidos. Agora, tendo passado o seu período de luto, madame Sang está fazendo a sua primeira viagem ao exterior, uma visita aos Estados Unidos. Ela chega esta noite. Depois de uma noite de descanso na Blair House, ela virá à Casa Branca amanhã para um almoço de negócios com o presidente Underwood.

"O encontro de amanhã é crucial para os dois lados. Do lado de Lampang, não há dúvida de que madame Noy Sang está buscando um empréstimo na casa dos milhões, empréstimo esse que daria um impulso à sua economia e seria bem recebido pelos seus cidadãos,

que estão procurando ajuda e assistência social no programa de distribuição de terras ora em andamento.

"Os Estados Unidos, por sua vez, precisam de algo mais importante e mais dispendioso. Os Estados Unidos precisam de uma base aérea grande e moderna na ilha de Lampang. Para compreender a importância dessa base aérea, é preciso visualizar a localização de Lampang. A maioria dos telespectadores já ouviu falar de lá, de tempos em tempos.

"Muitos podem esquecer a sua importância estratégica para os Estados Unidos, que perde apenas em importância para as Filipinas, mesma área geral. Lampang fica a oeste das Filipinas, no extremo do mar da China Meridional e próximo ao golfo da Tailândia. A ilha principal, que tem dois terços do tamanho de Luzon, nas Filipinas, fica ao sul do Camboja e do Vietnã, porém ainda nas vizinhanças da República Popular da China. Lampang fica defronte a três países comunistas, dois dos quais recebem abertamente armas e ajuda da União Soviética. Para completar o nosso próprio círculo de ilhas anticomunistas no oceano Pacífico, os Estados Unidos precisam de uma grande base aérea em Lampang.

"Obter essa base aérea crítica será o objetivo principal do presidente Underwood ao se encontrar com madame Noy Sang amanhã. Poderá obtê-la? Existem obstáculos. Madame Sang, como o seu marido anteriormente, sofre uma pressão crescente para manter a sua nação livre da dependência dos Estados Unidos e de exigências e influências americanas. Grande parte dessa pressão provém dos rebeldes comunistas locais que querem assumir o controle de Lampang.

"Ao mesmo tempo, madame Noy é uma política moderada, com uma afeição notória pelos Estados Unidos e o modo de vida americano, que teve início quando cursou o Wellesley College aqui aos vinte e poucos anos. Mas o fato principal é que madame Noy precisa de algo de valor imenso dos Estados Unidos... um grande empréstimo, para dar impulso à sua economia... e ela está bem consciente de que, para receber isso, tem de estar pronta a ceder.

"Portanto, o almoço amanhã entre o presidente Underwood e a presidenta Noy Sang parece ser mais do que um encontro social. É um confronto que envolve uma troca. A troca se efetuará? Esperamos poder informar-lhes o resultado amanhã. Aqui fala Hy Hasken, correspondente da TNTN na Casa Branca."

Sam Whitlaw levantou-se de um salto e desligou o aparelho. Voltando para a sua poltrona, virou-se para Hasken.

— Hy, eu vi o seu segmento duas vezes hoje. Antes eu o vi ao vivo, e acabo de vê-lo novamente em videotape. Eu queria lhe falar a respeito. A pergunta que tenho é... por quê?

— Por que o quê? — indagou Hasken, confuso.

— Por que um segmento inteiro em horário nobre sobre Lampang? Quem está ligando para Lampang?

— Mas você me ouviu — protestou Hasken. — O país é estrategicamente importante. Preenche um grande buraco no nosso perímetro de defesa. Você considera as Filipinas importantes, não é? Bem, está do nosso lado. Lampang é igualmente importante. Só que não está do nosso lado.

Whitlaw sacudiu a cabeça.

— Aposto dez contra um com você que metade dos seus telespectadores não tem a menor ideia de onde se localiza essa ilha.

— Pode ser que não — admitiu Hasken. — Mas é uma história.

— Uma história fraca. E a presidenta Noy Sang vir para cá para discuti-la com Underwood! Entre os líderes mundiais, Noy Sang deve ser uma das menos conhecidas.

— Está no poder somente há um ano — disse Hasken. — Dê-lhe uma chance. Vai ser mais conhecida depois de amanhã.

— Duvido, Hy.

— Além disso, por si só, ela é dramática. Quero dizer, faz apenas um ano que o seu marido foi assassinado. Ela era sua vice-presidenta... o que por si só já é incomum... e assumiu o poder imediatamente. Além do mais... — Hasken hesitou — ela é um pedaço. Pode cair no gosto do pessoal.

— Pode ser, mas não é provável — disse Whitlaw. — Uma mulher bonita na Casa Branca não vai significar grande coisa quando temos uma primeira-dama que já foi Miss América. — Whitlaw deu um suspiro. — Sem dúvida você poderia ter dado uma matéria-chave melhor para o horário nobre.

Espalmando as mãos erguidas, Hasken disse:

— Não há matéria-chave melhor, pelo menos não encontrei nenhuma. Meu problema era e é o presidente Underwood. Como já disse muitas vezes no ar, ele é um presidente preguiçoso. Simplesmente não gera notícias.

Hasken pensou no assunto. Ele conhecia Underwood desde o começo, quando ele próprio era iniciante na TNTN e Underwood chegara a seu ápice na TV como o apresentador de noticiários mais

popular e querido. A cabeleira parcialmente grisalha de Underwood, suas feições bem-desenhadas, um tanto ásperas, certamente bondosas, e sua voz cálida haviam feito dele um nome conhecido em todo o país. O que o tornava ainda mais pitoresco era que se casara com uma antiga Miss América, Alice Reynolds, que fazia programas femininos para a rede.

Quando Hasken se formara na Universidade de Colúmbia, em New York, e conseguira um emprego subalterno na rede, Underwood havia atingido o seu auge. No início, Hasken era grande admirador do famoso apresentador de noticiários.

Aos poucos, enquanto aprendia sobre a televisão, a admiração de Hasken por Underwood foi diminuindo. Hasken era um repórter curioso e agressivo. Ele passara a desrespeitar Underwood pelo fato de o apresentador carecer de curiosidade. Underwood era o que Hasken chama secretamente de "leitor". Descubra o que há por trás de qualquer história, do exterior ou interna: Underwood as lia para a plateia como se a tivesse inventado. A sua força não era a sua originalidade, mas a sua absoluta sinceridade. Hasken considerava o seu superior uma fraude. Um ator. Não tinha nada de burro. Na verdade, era bem inteligente, e com uma ampla extensão de conhecimentos sobre muitas coisas. Sua verdadeira força residia na capacidade de convencer milhões de que aquilo que dizia era escrito por ele e era real. As pessoas acreditavam nele como as crianças acreditam nos pais.

Então, abruptamente, Underwood trocara a TNTN pela política. Quando um senador de Nova York morreu, foi necessário alguém para concluir o seu mandato. O governador, amigo de Underwood e

conhecendo sua enorme popularidade, fizera a escolha ousada de um apresentador de noticiários de televisão.

Pela sua experiência como repórter, Hasken sabia que passar a fazer parte da turma do Congresso muitas vezes obliterava um homem ou uma mulher. Matt Underwood, porém, era diferente. Underwood simplesmente transferiu a sua popularidade da televisão para o Senado dos Estados Unidos. Ele continuou a ser, mais do que nunca, o queridinho da imprensa. Quando chegou a hora de procurarem candidatos à presidência, Underwood foi convocado pelo seu partido. Nas primárias venceu brilhantemente em Iowa e New Hampshire, e na eleição derrotou o adversário fragorosamente.

E assim a Casa Branca foi ocupada por um antigo apresentador de noticiários de televisão e uma Miss América do passado.

Nesse meio tempo, Hy Hasken, com toda a sua iniciativa, tinha subido rapidamente nos escalões da rede, e dois anos atrás se tornara o correspondente na Casa Branca.

Hasken não gostara do presidente Underwood desde o começo. Ele era preguiçoso, tão preguiçoso quanto fora Calvin Coolidge, e não demorou para que Hasken dissesse isso no ar, o que provocou uma reação do presidente e do seu chefe do Gabinete Civil, Paul Blake.

Mas Hasken insistiu nas suas críticas a um presidente que quase não dava entrevistas coletivas e raramente recebia líderes estrangeiros.

Como a sua equipe conseguira que ele ficasse quieto para almoçar com a presidenta de Lampang era um mistério para Hasken. Apesar disso, considerava esse fato uma história e a utilizara hoje.

E o seu editor, Sam Whitlaw, fizera objeções. A história era sem graça demais.

Hasken voltou atrás para procurar o fio da sua conversa com Whitlaw e, depois de alguma dificuldade, encontrou-o.

— Deixe que eu repita — continuou Hasken -, esse presidente simplesmente não gera notícias. Eu tinha que apresentar alguma coisa, então apresentei o que tinha.

— Não havia nenhuma outra matéria-chave? — insistiu Whitlaw.

— Nada, Sam, acredite. A única notícia de verdade que eu poderia imaginar seria a confirmação de que Matt Underwood resolveu se candidatar à reeleição para pegar um segundo mandato. Isso seria notícia. Eu sei que a primeira-dama quer que ele se candidate novamente e Blake, o chefe do Gabinete Civil, também. Daria a ambos um poder continuado. Mas desconfio que Underwood não quer se candidatar de novo. Repito... é preguiçoso demais para o cargo e está farto dele.

— Mas Alice Underwood quer que ele se candidate.

— Ah, sim, ela adora toda aquela atenção e as oportunidades para fotos.

— Bem, por que não diz isso no ar?

Hasken pareceu desanimado.

— Bem que eu gostaria, Sam. Mas não posso provar. Sou um bom repórter de investigação, talvez o melhor, mas a investigação tem de ser provada. Creio que a primeira-dama quer que ele se candidate de novo. No entanto, não tenho a menor prova disso.

Whitlaw pareceu finalmente entusiasmado.

— Então vá à luta e arranje as provas. A primeira-dama quer que ele se candidate. O presidente não quer se candidatar. Esse conflito é a essência de qualquer história que valha a pena. A matéria é que Underwood vai se candidatar de novo ou A história é: o que ele fará? Ora, isso é uma boa história, não uma porcaria qualquer sobre Lampang.

— Farei o possível para consegui-la — disse Hasken, com intensidade.

— Para ter certeza de que vai consegui-la — disse Whitlaw — vou lhe dar um emprego novo. Você não é mais Hy Hasken, correspondente da Casa Branca. De agora em diante é Hy Hasken, correspondente presidencial. Acha que dá pé?

— Posso tentar.

— A partir de amanhã você passa a ser a sombra do presidente Underwood. Siga-o como uma consciência culpada.

Eles dormiam em quartos separados no segundo andar Casa Branca, e já o vinham fazendo há algum tempo, pelo menos um ano.

Havia dois motivos para essa separação. O primeiro era que Alice Underwood sofria de insônia e dormia mal. Ela tomava um comprimido de dosagem baixa vinte minutos antes de deitar, e quando Matt Underwood vinha para a cama, pouco depois, acordava-a inevitavelmente. Isso a deixava de mau humor e emburrada. O segundo era que Matt Underwood se prevenia e tomava duas ou três – geralmente três – doses de conhaque antes de ir para a cama. Quando ele acordava a mulher, ela sentia o seu bafo de conhaque, o que a deixava mais irritadiça e zangada.

— Droga — ela dizia -, você não pode vir dormir pelo menos uma vez sem bafo de conhaque?

Cobrindo-se com a manta, ele respondia:

— Não, essas doses são o meu comprimido para dormir. Eu tolero o seu. Você pode tolerar o meu.

Isso sempre deflagrava um diálogo amargo cheio de velhas recriminações e, depois, os dois tinham dificuldades para dormir.

Alice deu o passo inicial. Mudou-se do Quarto da Primeira Família para a cama com dossel do Quarto da Rainha, descendo o corredor.

Naquela manhã, às sete e meia, o alegre criado pessoal negro do presidente, Horace, bateu à porta várias vezes e entrou. Não precisou sacudir o presidente para acordá-lo.

Underwood ainda estava um pouco sonolento, mas tornava-se gradativamente alerta.

— Vou preparar o seu terno azul-claro de listrinhas, senhor presidente — disse Horace, dirigindo-se para o quarto de vestir. — Creio que tem uma visitante estrangeira para o almoço.

— Ah, merda. — gemeu o presidente. — Tudo bem, vá lá.

O presidente se arrastou para fora da cama espaçosa e se dirigiu ao banheiro. Ali ele tomou uma ducha, escovou os dentes, secou os cabelos com a toalha, escovou-os para trás e borrifou um pouco de água-de-colônia no peito.

Quando voltou de roupão de banho para o quarto, as roupas estavam à sua espera, cuidadosamente arrumadas sobre a cama recém-feita. Enquanto se vestia lentamente, o humor do presidente foi melhorando. Gostava da leveza desse quarto ao lado do seu

gabinete do segundo andar. O papel de parede chinês pintado à mão que representava pássaros em voo, suave, plácido, lhe agradava. Entre as janelas ficava a paisagem de Willard Metcalf que sempre o tranquilizava. Até mesmo o console da lareira de mármore de 1818 era reconfortante. Após dar o nó na gravata, Underwood vestiu o paletó e sentiu-se pronto para o dia.

Saindo para o corredor, Underwood resolveu retomar mais uma vez o seu casamento. Há várias semanas que não tomava o café da manhã com Alice. Essa manhã ele decidiu fazer-lhe companhia. Descendo o corredor na direção do Quarto da Rainha, Underwood tentou recordar — coisa que fazia com frequência — como começara esse seu afastamento de Alice. Ele pusera os olhos em Alice pela primeira vez após ela ter vencido o concurso de Miss América. Na verdade, fora no ar mas não em pessoa. Ele a vira na televisão desfilando no concurso de Miss América, observara-a quando se tornou finalista e aprovara-a quando foi coroada.

Lembrava-se do corpo no maiô branco justo. Era impecável. Um belo rosto grego, pescoço longo, ombros largos, magnífica projeção de seios, cintura fina, quadris arredondados e pernas longas, longas e bem torneadas.

Quando foi trabalhar na TNTN, eles foram apresentados, e Underwood viu-a pela primeira vez em pessoa. De blusa cor-de-rosa e saia, Alice era tão atraente quanto fora no concurso de Miss América.

Na época, era uma celebridade momentânea. Underwood era uma estrela nacional de primeira grandeza. Naturalmente, ela lhe

dedicou tempo e atenção. Ele ficou grudado nela por sua beleza impressionante.

Logo eles foram jantar juntos e ficaram se conhecendo melhor num cantinho discreto de um restaurante italiano entre a 59 Street e a Avenue of the Americas. Depois do jantar, foram para o apartamento dele e fizeram amor. Ele ficou conhecendo-a melhor depois disso. Ela não fora cálida e macia, mas experiente e agressiva. Acima de tudo, incrivelmente bela. Para Underwood, Alice Reynolds era irresistível. Dando-se conta de que jamais encontraria mulher mais bem feita, ele a desejou para si.

Ficou feliz em casar-se com ela. Tiveram a sua única filha, Dianne, no segundo ano do casamento. Nos anos que se seguiram, Underwood continuou se contentando em ser considerado o apresentador de noticiários mais popular dos Estados Unidos. Pode perceber, contudo, Alice estava insatisfeita bancando a mãe e tendo o seu trabalho reduzido na TNTN.

O que a agradou, e estabilizou brevemente o seu casamento, foi a nomeação de Underwood para concluir o mandato no Senado dos Estados Unidos. Underwood a aceitou como a que não se rejeita, especialmente quando tinha uma mulher queria que ele aceitasse o novo cargo e desejava uma mudança.

Depois disso, foi política e Washington. No seu novo papel, Underwood era mais popular do que nunca e Alice recebeu uma atenção maior. Então, as pesquisas para a indicação presidencial começaram a revelar um fato surpreendente. Enquanto os outros candidatos à indicação eram políticos experientes e autênticos, cada um deles bem equipado para vir a ser o presidente dos Estados

Unidos, Matt Underwood se tornara o mais conhecido e popular entre eles.

Ele participara das primárias sem levar a coisa a sério, pois não acreditava que tivesse a menor chance de ser indicado. Mas a sua personalidade afável, suas conversas informais, seu rosto conhecido, que parecia parte da família de todo mundo, fizeram a mágica. Depois de vitórias retumbantes em Iowa, New Hampshire e no sul, Underwood tornou-se o favorito do partido para a indicação. Após ter sido indicado e dar início à campanha, passou a achar cansativas as contínuas aparições em público. Mesmo assim, ele se saía bem lendo os discursos, era muito eficaz, e o povo o adorava. Assim como à Alice. A ideia de ser a primeira-dama dos Estados Unidos a rejuvenescera.

A eleição ocorreu num piscar de olhos. Ainda não tinham sido contados os votos de Illinois, e Matt Underwood já era o próximo presidente dos Estados Unidos.

Alice Reynolds Underwood se tornara a primeira-dama. Eles formavam o casal mais glamuroso da Casa Branca desde John e Jacqueline Kennedy.

Alice se deleitava com sua posição. Adorava a chance de se enfeitar, de conhecer diplomatas, de estar ao lado do marido no centro da atenção da mídia. O problema fora Matt Underwood. Ele não gostava da rotina das horas aparentemente intermináveis, dos detalhes, das conferências tediosas com a sua equipe. Não gostava da obrigação de se relacionar socialmente com pessoas que não lhe interessavam. Acima de tudo, não gostava das desavenças com a mulher. Estavam constantemente em conflito. Aquilo que ela

apreciava, ele achava enfadonho. Havia momentos em que ele considerava a presidência fascinante, com toda a informação em primeira mão que jorrava sobre a sua mesa de trabalho, com todo o conhecimento e o poder recém-adquiridos que chegavam às suas mãos. Mas o que mais lamentava era a falta de privacidade, da oportunidade de se dedicar a um livro empolgante.

A diferença mais grave entre eles aconteceu quando Underwood decidiu que quatro anos eram o bastante. Isso fora um ano atrás. Ele se lembrava do confronto como se tivesse sido ontem. Estava entretido com um noticiário na televisão quando Alice apareceu e desligou o aparelho.

— Quero ter uma conversa séria com você — disse.

Irritado, ele esperou em silêncio.

— Tentei tocar no assunto várias vezes, mas você fica sempre evasivo. Quero resolver isso agora, de uma vez por todas.

— Pode falar — disse ele, desconfiando do que o esperava.

— É sobre os seus planos, e os meus — disse ela. — Quero saber se você vai se candidatar à reeleição. Responda.

— Bem, na verdade, eu ainda não..

— Claro que já — ela interrompeu. — Você já resolveu. Agora eu mereço saber. Você vai concorrer a um segundo mandato?

— Não — disse ele abruptamente. Ficou surpreso com a facilidade com que a palavra saíra. — Não — repetiu -, para mim chega.

Alice ficou aturdida.

— Não posso acreditar. Está falando sério? Matt, o que vai fazer da sua vida?

— Tenho um mundo de coisas com que me ocupar. Você conhece a maioria delas. Acima de tudo, quero me dedicar ao meu Plano Popular de Paz Não-Nuclear. Você já me ouviu falar dele inúmeras vezes.

— Tentar convencer nove líderes de nações que não tem armas nucleares... ou a capacidade de fazê-las... a desistir Matt, você pode fazer isso mais eficazmente como presidente.

— Não posso. Não como líder dos Estados Unidos. Interesses próprios são suspeitos. Agora, como ex-presidente...

Alice não ficara convencida.

Underwood tentara compreender a mulher. Para Alice quatro anos não bastavam. Ela queria oito anos. Era como se fosse Miss América de novo, porém em maior escala. Ela adorava ser celebridade. Iria adorar para sempre.

Além disso, como Underwood sabia, ela era competitiva em relação às primeiras-damas que a haviam precedido. Sabia que Jacqueline Kennedy e Lady Bird Johnson tiveram cada uma, quarenta pessoas na sua equipe de secretaria, como assessoras de imprensa e sociais, e ela esperava ter mais. Durante os mandatos, Pat Nixon fora a anfitriã de sessenta e quatro jantares de Estado e Alice queria igualar aquele recorde, ou superá-lo. Ela gostava de ter um mordomo chefiando os setenta copeiros e criados para os cento e trinta e dois cômodos da Casa Branca, e não queria desistir daquilo.

E assim a discórdia sobre um segundo mandato permaneceu sendo o desentendimento mais forte entre eles. Ele tentou se retrair, evitando tocar de novo no assunto, mas Alice não desistia. Estava

agressiva como nunca, sem deixar passar uma oportunidade de repreendê-lo pela sua falta de vontade de continuar.

Chegando ao Quarto da Rainha, ele estava resolvido a fazer as pazes, aproximar-se mais de Alice, superar as suas diferenças.

Abriu a porta sem bater. Num negligée branco vaporoso, Alice estava confortavelmente instalada na cama de dossel American Sheraton, uma cama que fora usada por cinco rainhas famosas durante suas visitas oficiais à Casa Branca.

— Bom dia — cantarolou Underwood. — Pensei que você gostaria de me fazer companhia no café.

Só então ele notou a bandeja no colo de Alice: ela estava tomando seu desjejum.

— Tarde demais — disse ela alegremente. — Da próxima vez me avise com antecedência. Eu estava ocupada com Monica...

Desviando o olhar, ele se deu conta de que a secretária social de Alice, Monica Glass, também estava no quarto, parada junto às janelas altas. Monica, que estivera remexendo no conteúdo de sua pasta, fitou-o friamente.

Underwood ignorou a secretária social. Monica era feia de mais para se olhar. Era viva e eficiente, mas as suas feições grosseiras desanimavam qualquer um.

— Que pena — resmungou Underwood, aborrecido.

— Está ocupado hoje? — perguntou Alice, fazendo um esforço cortês para parecer amistosa em público.

— Bastante — disse ele. — Até qualquer hora.

Underwood fechou a porta, e não suavemente.

Seguindo para o canto noroeste do corredor, Underwood chegou à Sala de Jantar do Presidente, um aposento pequeno mobiliado com peças federalistas da coleção da Casa Branca. Ele gostava do ambiente histórico da sala, especialmente de um dos três aparadores encostados à parede e que ainda ostentava as iniciais D.W., de Daniel Webster.

A mesa de mogno no centro da sala o secretário de compromissos do presidente, um jovem bem-apessoado chamado John Zadrick, já estava sentado com a sua papelada, esperando enquanto o garçom da sala de jantar, Babcock, servia o café forte, e depois se dirigia ao carrinho de chá para trazer o desjejum do presidente até a mesa. Como sempre, o desjejum do presidente era austero: suco de laranja, uma pequena vasilha de cereal e torrada com manteiga.

Depois que Babcock saíra levando o carrinho, Underwood bebericou o seu suco de laranja e ergueu os olhos para o secretário de compromissos.

— Que tal o dia?

Zadrick disse:

— Uma manhã leve, o senhor tem o seu encontro de costume às nove horas com o chefe do Gabinete Civil Blake e o secretário de Estado Morrison.

Underwood demonstrou a sua surpresa.

— Ezra Morrison? O que Ezra vem fazer aqui?

— Como secretário de Estado, eu desconfio que quer orientá-lo sobre o seu almoço.

— Meu almoço. — Então se lembrou. — Ah, sei, uma diplomata...

— Não é exatamente uma diplomata — Zadrick interrompeu. — A sua convidada, a convidada de honra, é presidenta de uma nação.

— Que nação?

— Lampang, senhor presidente.

— Lamp... o que?

— Uma nação insular que não fica muito longe das Filipinas. O senhor deve almoçar ao meio-dia e meia com a senhora Sang.

Underwood terminou o seu suco de laranja e começou a comer o cereal.

— Noy Sang? Que nome é esse?

— É um nome nativo, senhor presidente. Ela é presidenta há um ano, desde a morte do marido. Reservamos duas horas para ela com o senhor. O senhor Blake e o secretário Morrison ali estarão com os senhores. Desconfio que seja importante.

Underwood engoliu o seu cereal e estendeu a mão para o café e a torrada.

— Que importância pode ter essa tal de Lampang?

— Bem, senhor...

— Deixe para lá — disse o presidente, interrompendo. Agora estou me lembrando direito... Lampang e a mulher que a governa.

— Bufou. — O que há na agenda além disso?

CAPÍTULO 2

Devido ao trânsito do princípio da manhã, o secretário de Estado Ezra Morrison estava oito minutos atrasado.

Quase sempre, era uma viagem bastante curta do Departamento de Estado à sede da CIA em Langley, Virgínia. Na verdade, era uma viagem de menos de dezesseis quilômetros do centro de Washington a Langley.

Embora o seu chofer se esforçasse ao máximo, o trânsito foi intenso o trajeto todo.

Finalmente, o motorista cruzou com a limusine a entrada Dolly Madison da sede da CIA.

Um guarda anotou rotineiramente o nome de Morrison.

Após ser deixado na frente do prédio de vidro e concreto, Morrison parou para ajeitar o terno cinza — embora consideravelmente corpulento, ele estava sempre elegante, — e depois de endireitar as sobrancelhas fartas e pontudas e coçar o nariz semelhante a uma batata, ele entrou no saguão. As paredes e colunas de mármore mostravam a imponência de sempre, ostentando cinquenta e duas pequenas estrelas entalhadas, uma estrela para cada homem da CIA que perdera a vida em serviço. O lema da CIA gravado numa parede isolada deixava Morrison inexplicavelmente inquieto: "CONHECERÁS A VERDADE E A VERDADE TE LIBERTARÁ".

Enquanto cruzava o piso, Morrison notou mais uma vez o emblema da CIA: um círculo contendo uma estrela num escudo e a inscrição "CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY / UNITED STATES OF

AMERICA". [Agência Central de Informações / Estados Unidos da América]

Na extremidade oposta do saguão dois guardas fizeram sinal a Morrison para subir o lance de escadas que levava à sala dos crachás, pois, para desagrado de Morrison, ainda exigiam que ele obtivesse o crachá de identificação.

Havia cinco elevadores à espera, o particular de Ramage, diretor da CIA, e quatro outros; o que Morrison tomou o levou diretamente ao gabinete de cobertura do diretor no sétimo andar.

Dentro da ampla sala, decorada com litografias de Giacometti nas paredes, juntamente com uma série de retratos autografados de quatro presidentes dos Estados Unidos, e janelas que ofereciam uma vista da maior parte dos setenta e três hectares de bosques do Potomac, Morrison percebeu que os outros já estavam presentes. Cumprimentou com a cabeça o chefe de Gabinete do Presidente, confortavelmente sentado do outro lado escrivaninha, onde se encontravam Ramage e a vice-diretora de operações da CIA. Morrison endereçou um breve sorriso à vice-diretora.

Ela era Mary Jane O'Neill, uma moça baixinha e miúda, e o secretário de Estado, Morrison, vinha dormindo com ela há um ano. É verdade que ele tinha mulher e filhos, mas eles não eram problema, já que a sua família compreendia que, no seu cargo, não se cumpria um horário de expediente normal. No ano anterior, da primeira vez em que tratara com Mary Jane, ele não apenas se impressionara com ela como ficara encantado com a amabilidade que demonstrara com ele.

Duas semanas mais tarde, Morrison estava acomodado na cama de casal dela, todo feliz.

— Desculpe o atraso — disse Morrison ao diretor da CIA deixando de lado o chapéu diplomata e a pasta. — Deve havendo uma corrida do ouro, pela quantidade de carro há lá fora.

— Você chegou na hora — disse Ramage, deslocando fios longos de cabelo de um lado do couro cabeludo para outro, numa vã tentativa de cobrir a calva.

Ramage sentava-se ereto, como convinha a um antigo almirante, e como era um texano alto, aquilo lhe permitia olhar de cima para seus visitantes e assessora. Era um homem cortês, a quem os óculos de aro de ouro conferiam dignidade e um ar confiante.

Distraidamente, Ramage remexeu os papéis à sua frente.

— Lampang — anunciou, dando início à reunião. — Ao me consta, Ezra, você e Paul vão instruir o presidente — olhou para o relógio de pulso — dentro de uma hora.

Underwood tem alguma ideia do que está em jogo aqui?

— Tenho certeza de que ele sabe — declarou Blake — mas não diria que está muito interessado.

— Tem que estar — disse Ramage enfaticamente. — Precisam fazer com que ele compreenda.

Morrison fez pouco-caso da preocupação do diretor.

— Não se preocupe, Alan. Temos uma reunião de gabinete marcada para antes do almoço dele com madame Noy Sang. Vamos enfiar os fatos, e o nosso objetivo, na cabeça dele.

— O presidente vai se lembrar — Blake tranquilizou o diretor. — Embora seja displicente, ele vai se lembrar. Era bom nisso na televisão e continua igual na Casa Branca, quando é necessário.

— Espero que sim — disse o diretor.

— Não se preocupe — Blake tranquilizou-o de novo.

— Está certo — disse o diretor -, mas vamos nos assegurar de que tudo está exatamente no ponto antes de tentarmos instruí-lo. — Ramage voltou-se para a sua assessora. Mary Jane, você tem cópias do nosso memorando sobre Lampang. Quer distribuí-los?

Mary Jane se pôs de pé. Não tinha mais do que um metro e cinquenta e sete, Morrison sabia, e um enorme par de mamas para uma mulher pequena. Morrison imaginou-a como mais gostava de vê-la. Nua e acrobática.

Entregou o memorando ao diretor, depois veio entregar um a Blake, deixando Morrison por último. Ao dar-lhe o memorando, permitiu que sua mão tocasse a dele.

Morrison olhou para ela, excitado, e a moça lhe ofereceu um sorriso promissor.

Enquanto ela voltava para a sua cadeira, Morrison fitou o seu traseiro ondulante. Coxins inesquecíveis do amor, pensou Morrison, quando se segurava uma nádega em cada mão.

Morrison estava começando a ficar com ereção, coisa que não acontecia com frequência com a sua mulher, mas sempre com Mary Jane, quando a voz do diretor da CIA o trouxe vivamente à realidade da manhã.

— Lampang — anunciou Ramage. — Vamos direto ao assunto.

— Todos prontos — disse Morrison.

Ramage recostou-se por um momento.

— O presidente sabe alguma coisa a respeito desse país?

Blake, o chefe do Gabinete Civil, debruçou-se para a frente.

— Um pouco. Ele sabe um pouco a respeito de tudo.

Ramage assentiu.

— Então vocês têm de instruí-lo meticulosamente, simples mas meticulosamente.

— Temos duas oportunidades. — disse Blake. — Vou me encontrar com ele daqui a pouco no Salão Oval. Depois, novamente, na reunião com todo o gabinete.

— E ele se encontra com madame Noy Sang ao meio-dia.

— Ao meio-dia e meia — corrigiu Blake -, para almoçarem e conversarem. Eu estarei presente, e o secretário de Estado também.

— Muito bem — disse Ramage. — Logo de cara é para armar a cena. Localizem Lampang para ele.

— Acho que ele sabe onde fica — disse Blake.

— Certifiquem-se — disse Ramage. — Sejam o mais precisos possível. Ele tem de ser informado sobre o relacionamento de Lampang com o Camboja e o Vietnã do Sul, e deve compreender como completará o nosso perímetro de defesa.

— Cuidarei disso — prometeu Morrison.

Ramage estava inseguro.

— O que ele conseguir com madame Sang será vital os nossos interesses. — Começou a folhear os papéis sobre a mesa. — Ao mesmo tempo, é preciso alertá-lo para o tipo de resistência que poderá esperar de madame Noy Sang.

— Você espera muita? — quis saber Blake.

— Não sei dizer. — Ramage encontrou a folha de papel estava procurando. — Percy Siebert, o chefe do posto da CIA em Lampang, traçou um perfil de madame Noy Sang.

Vou ler a vocês a essência do que ele preparou. — Ramage consultou a folha à sua frente. Ela vem de uma boa família, são donos de arrozais e estão bem de vida. Coursou a faculdade aqui. Portanto, ela conhece bem o nosso país. Casou-se com um líder de esquerda chamado Prem Sang, um estudioso de quarenta e dois anos, dez anos mais velho do que ela. Tiveram um filho chamado Den, agora com seis anos de idade. Quando Prem se tornou presidente de Lampang com uma plataforma de reforma agrária, o seu vice-presidente foi a mulher. Isso soa estranho para nós, mas é o costume por aquelas bandas. Eu não diria que Prem era exatamente um amigo dos Estados Unidos mas também não era um inimigo. Na verdade, era um nacionalista. Queria que Lampang fosse livre e independente.

— Qual a posição política da mulher dele? — indagou Blake.

— Não sei ao certo — admitiu Ramage. — Pelo que Siebert me contou, ela segue bastante as ideias do marido. Agora depois de um ano como presidenta, e confrontada com todos os problemas que existem, ela pode ter relaxado a sua posição de independência em relação aos Estados Unidos. Duas coisas certas. O único amigo poderoso que os Estados Unidos têm na ilha é o general Samak Nakorn, chefe do Exército, e seu adjunto, o coronel Peere Chavalit. O único inimigo poderoso que os Estados Unidos têm na ilha, ou ilhas, é o capitão Opas Lunakul, chefe dos rebeldes comunistas que dominam as duas outras ilhas do arquipélago: Lampang Lop e

Lampang Thon. Madame Noy Sang está equilibrada precariamente entre eles.

— Mas ela deve ter uma posição — afirmou Blake.

— E tem — disse Ramage -, com base nas informações que reunimos. Ela precisa de nossa ajuda para pôr em andamento a sua política de reforma agrária. Ao mesmo tempo, não quer que os comunistas façam propaganda de que está se vendendo a um país capitalista que explorará Lampang. Madame Noy Sang tem o apoio do povo... na sua maioria camponeses que não veem com bons olhos o comunismo. Eles querem a terra dividida, a economia melhorada, e para isso aceitariam uma democracia ao estilo americano.

— Sim — disse Blake. — Isso satisfaria à maioria de nós. A questão é como consegui-lo.

— Fitou o secretário de Estado. — Esse é seu departamento, Ezra.

Morrison admitiu a sua responsabilidade. Ficou de pé, abriu a sua maleta, retirou lá de dentro uma pasta de papel. Voltando para a cadeira, remexeu na pasta.

Encontrou por fim o que queria e puxou uma folha. Correndo os olhos por ela, ergueu a cabeça e olhou para os outros.

— É uma permuta — disse Morrison. — Falando sem rodeios, é uma permuta. Damos à madame Noy Sang algo que ela quer para obter o que queremos.

— Ela quer um empréstimo — disse Blake. — Muitos dólares.

— Exatamente — concordou Morrison. — Em troca, queremos uma grande base aérea em Lampang.

Ramage se manifestou.

— É uma decisão difícil para ela tomar — comentou. — Considerando a sua situação política, permitir uma base aérea para nossos jatos e bombardeiros e concordar com milhares de nossos militares fazendo pouso na sua ilha vai criar fortes objeções, não apenas por parte dos rebeldes comunistas, mas por parte do próprio Partido Popular de madame. Se ela resolver fazer isso, vai querer um bocado de dinheiro em troca.

— Se ela não o fizer — disse Morrison com firmeza -, não receberá um centavo.

— Não imagino isso acontecendo — respondeu Blake. — Ela precisa de nós.

— E nós precisamos dela — disse Morrison. — É o que digo que tem de ser uma permuta.

— Bem, vamos começar com a nossa parte — disse — Quanto autorizamos o presidente a oferecer a ela?

— Vamos começar por baixo e ir subindo aos poucos — se Morrison. — Muita coisa vai depender dos números que nos trouxer. Nesse meio-tempo, vou conversar com o secretário da Defesa, Cannon, para saber quanto ele acha que devemos dar-lhe em troca do que queremos. Vamos combinar uma quantia máxima e passá-la para Underwood na reunião do gabinete.

— Voltou-se para Blake. — Acha que pode cuidar do presidente apresentando-lhe fatos, não números, antes da reunião do gabinete? Quero passar algum tempo na Defesa primeiro.

— Dou um jeito — disse Blake.

— Lembre-se, guarde todos os números para a reunião do gabinete, para que o presidente os tenha bem frescos na memória antes do almoço. De qualquer maneira, farei algumas anotações para ele usar como lembrete. Se ele esquecer, estarei presente para apoiá-lo. — Morrison correu os olhos pelos demais. — Isto deve cobrir tudo — disse. — Estamos prontos para Noy Sang?

— Espero que sim — disse Blake, um pouco nervoso.

— Bem, vamos nos certificar de que o presidente esteja pronto — acrescentou Morrison. — Este almoço é importante. Underwood tem que se sair bem. Um pouco de charme não mal.

Blake deu de ombros.

— A questão é... quem vai ser mais charmoso... Underwood ou Noy Sang?

Deixando o prédio da CIA com destino à Casa Branca em sua limusine preta com motorista, Paul Blake, o chefe do Gabinete Civil do presidente, entrara no subsolo ocidental.

Depois de cumprimentar vários oficiais da Segurança Nacional, Blake subiu apressadamente um lance estreito de escadas que levavam à sua própria sala, a duas portas do Salão Oval do presidente.

Lá dentro, três dos assessores de Blake, vestidos informalmente, estavam à vontade discutindo o texto de um discurso que o presidente faria em breve sobre cortes nos gastos internos. Depois de responder aos seus cumprimentos, Blake dispensou-os, adiando a reunião sobre o discurso para mais tarde, naquele mesmo dia.

No momento ele era esperado no Salão Oval do presidente para apresentar ao seu chefe um quadro-geral do almoço com madame

Noy Sang.

Sentado diante do presidente, Blake se sentia à vontade. Conhecia Underwood há muito tempo. Tendo se formado pela Faculdade de Direito de Harvard, Blake acabara se tornando sócio de uma conceituada firma de advocacia de Nova York da qual Matt Underwood era cliente. Blake fora designado para cuidar dos negócios de Underwood desde o início. Era um homem pequeno e redondo com um rosto de querubim. Rosto bem-barbeado, agradável, com uma expressão constantemente benigna, a sua afabilidade convinha a Underwood, assim como o seu intelecto e a sua capacidade de organização.

No momento, Blake tentava explicar ao presidente a situação em Lampang. O presidente parecia estar escutando apenas parcialmente. Aos poucos, conseguiu mudar de assunto e discutir a luta do campeonato dos pesos pesados a se realizar no final da tarde em Las Vegas.

Quem Blake achava que ia ganhar?

Blake não sabia, desconversou, sabendo apenas quem ia perder se ele não fizesse o presidente voltar a se concentrar em Lampang.

O presidente estava impaciente.

— Escute, Paul, vamos falar sobre Lampang depois. Será que tenho de ouvir tudo duas vezes? Vamos repassar o assunto na reunião do gabinete, então ele estará fresco na minha cabeça quando eu for almoçar com madame Sang.

— Como queira, senhor presidente.

— E o que eu quero, Paul.

Em dez minutos, eles concordaram que o desafiante destronaria o campeão em Las Vegas, e o presidente demonstrou algum entusiasmo pela primeira vez naquele dia.

Quando Paul Blake voltou à sua sala, aborrecido com o seu fracasso em conduzir o presidente, chegou a pensar em ligar para os seus assessores para discutirem os cortes nos gastos internos. Examinando a sua sala, divertiu-o pensar que, se os cortes fossem explorados, podiam começar com aqueles que ele fizera na sua própria sala.

Esta era um modesto cubículo apainelado em branco, e a escrivaninha que ele usava era de carvalho, modelo-padrão utilizado pelo governo.

Blake dirigiu-se à escrivaninha, correu os olhos pelos telegramas da noite anterior, concluiu que não havia nenhum que exigisse a atenção imediata do presidente.

Já ia chamar os assessores quando se deu conta de que não havia terminado a sua tarefa de preparar a agenda de Underwood para o resto do dia.

Puxando para si um bloco de papel branco e uma caneta, Blake começou as anotações:

10h00 — Reunião de todo o gabinete.

11h30 — Assinar papéis.

12h30 a 14h30 — Almoço na Sala de Jantar do Presidente com a presidenta Noy Sang de Lampang, na companhia do Secretário de Estado, Morrison, e do chefe do Gabinete Blake. Depois do almoço, a conversa continua na Sala Amarela.

15h15 — Sessão de fotografias no Jardim das Rosas. Prêmios aos Escoteiros da América.

17h00 — Assistir à luta pelo título dos pesos pesados na sala de Estar Vermelha no terceiro andar.

Tendo completado a sua lista de anotações, e depois de relê-la para se certificar de que não esquecera nada, Blake chamou a sua secretária e pediu que ela a datilografasse e distribuísse imediatamente.

Mal a secretária se retirou, o telefone interno da Casa Branca começou a tocar. Geralmente era o presidente. Blake atendeu de imediato.

Não era o presidente, e sim a primeira-dama em pessoa.

— Bom dia, Paul. Peguei você muito ocupado?

Com a maior polidez possível, Blake replicou:

— Nunca estou muito ocupado quando tenho uma chance de falar com você, Alice.

— Quanta gentileza. Há um assunto que quero discutir você. A agenda definitiva do presidente para o dia de hoje está pronta?

— Quase. Está sendo datilografada neste minuto.

— Eu gostaria de vê-la, Paul.

— Será distribuída para você automaticamente.

Blake quase podia ver Alice Underwood fazer biquinho ao telefone.

— Eu gostaria de vê-la antes, por favor — disse ela. Blake ficou imediatamente satisfeito.

Acolhia com prazer qualquer oportunidade de estar na presença da primeira-dama.

- Vai vê-lo ainda antes. Eu mesmo o levarei para você.
- Não pretendo interferir no seu trabalho.
- Absolutamente. Dê-me cinco minutos. Onde você está?
- No Gabinete da Primeira-Dama.
- Daqui a um instante estarei lá.

Fez-se uma pausa.

— A agenda do dia do presidente ainda não foi distribuída, não é?

— Ainda não. Quer que eu a segure por algum motivo?

— Possivelmente. Vamos ver. Quero examiná-la primeiro. Dali a dez minutos, de cabelos penteados, gravata no lugar, agenda na mão, Blake entrava no Gabinete da Primeira-Dama. Ela estava sentada à sua escrivaninha encerada, numa cadeira giratória acolchoada, fitando a Lafayette Square pela janela.

Quando o ouviu, ficou de pé. Começou a cruzar a sala na direção do sofá de chintz sob as gravuras de flores silvestres nas paredes.

Quando ela lhe fez sinal para se sentar na poltrona macia ao lado do sofá, ele hesitou um instante para observá-la caminhar.

Ela era perfeição pura. Nunca, em toda a sua vida, vira uma mulher mais bem feita. Alice estava usando uma blusa de seda branca transparente, o sutiã de renda visível por baixo, e uma saia curta de xantungue. As suas longas pernas, nas meias cor-da-pele, eram de tirar o fôlego.

Até mesmo a sua própria mulher, que tinha pernas bonitas e feições regulares, parecia um pouco inferior e até deselegante, em comparação.

Alice Underwood sentara-se no sofá, cruzando as pernas, e Blake teve dificuldades em se lembrar do que deveria fazer a seguir. Então, com esforço, lembrou-se e cruzou a sala com passos rígidos para se acomodar na poltrona a seu lado.

— Paul, — disse ela — a agenda do presidente... está aí?

Ele colocou a mão no bolso do paletó, retirou o papel e desdobrou-o.

Ela estendeu a mão, com impaciência.

— Posso vê-lo?

Ele o entregou, e ela correu os olhos rapidamente por ele.

— O que me interessa — disse ela lentamente — é o que o presidente tem marcado para depois do almoço. Vejo que vai almoçar com aquela mulher de Lampang.

— Sim, madame Noy Sang.

— Que nome esquisito — disse Alice, distraída. — Esse almoço é um evento social ou o quê? Quero dizer, é um almoço de cortesia?

Blake não via aonde ela queria chegar, mas decidiu ser franco.

— É bem mais importante do que isso. E é por esse motivo que Ezra Morrison e eu também estaremos presentes.

— Estou vendo que reservaram duas horas para ele — Alice. — Não é muito tempo para um almoço?

— O tempo não é reservado só para o almoço — Blake. — Primeiro haverá as amenidades, o processo costumeiro de travar conhecimento. O lado realmente sério do encontro vai ser depois do almoço, quando todos passarmos para a Sala Oval Amarela.

— Esse encontro tem que levar duas horas?

— Bem, não necessariamente — disse Blake, cauteloso. Pode ser reduzido a uma hora e meia.

Alice debruçou-se para ele. Os seus seios balançaram.

Blake ficou momentaneamente desconcertado. Alice perguntou:

— Você pode reduzir a uma hora e meia?

— Não tenho certeza, Alice. O que você pretende?

Alice disse, ansiosa:

— Lembra-se de quando viemos para a Casa Branca e queria que eu tivesse alguma atividade positiva? Achemos que movimentos anti-drogas e anti-álcool e ajuda às crianças retardadas já tinham sido escolhas de primeiras-damas anteriores e você que me sugeriu artes e educação.

— Ainda considero uma boa escolha — disse Blake.

— Tudo bem, você sabe que, entre outras coisas, eu me envolvi muito com o novo Museu Contemporâneo. Bem, vamos fazer um chá para angariar fundos, principalmente para os patrocinadores. Esperam que eu fale e eu falarei. Mas sou muito menos eficaz nisso do que Matt. Quero que ele compareça ao tempo e diga algumas palavras também. Sem dúvida, isso é tão importante quanto Lampang. Quero dizer, ele ainda pode ter a sua conversa com a tal mulher de Lampang e arranjar um tempinho para ser eficaz no museu. Não é possível?

Paul Blake hesitou. Quando envolvera Alice com arte e educação, o seu objetivo específico era fazer coisas pelos pobres carentes. Os patrocinadores e financiadores do Museu Contemporâneo não se enquadravam naquela classe. Não se podia considerá-los necessitados. O chá e a aparição do presidente seriam

apenas confeito adicional a um bolo que já era exageradamente suculento.

— Eu... eu não sei, Alice... — começou Blake.

Alice se pôs imediatamente de pé. Tinha conseguido a brecha e não ia abrir mão dela. — Ora, vamos, Paul querido. É só um favorzinho. Por favor. — Inclinou-se sobre ele e beijou-o no rosto, e ao fazê-lo um de seus seios roçou na mão dele.

Abalado, Blake recuou.

— Bem...

— Vamos — insistiu Alice. Abraçou-o e ele pode sentir os dois seios magníficos. — Faça-o por mim, por minha causa.

Para Blake não havia mais resistência possível. Tentou adaptar-se ao rosto dela acima do seu.

— Bem, suponho que se possa dar um jeito.

— Você é um anjo! — exclamou Alice, apertando os lábios contra os dele. — Obrigada.

— Eu... eu vou refazer a agenda.

— É fácil — disse Alice vivamente, endireitando o corpo. — Matt ainda não viu a agenda definitiva. Ponha a tal mulher de Lampang de meio-dia e meia às catorze horas, depois faça com que Matt me acompanhe ao Contemporâneo por volta das catorze e trinta. — Devolveu a agenda para ele. — Vai fazê-lo imediatamente?

— Imediatamente — disse ele, saindo cambaleante da poltrona funda.

Alice estava de braço com ele e o conduzia até a porta.

— Fico esperando que Matt me apanhe as catorze e trinta.

Ele já estava no corredor. Alice fechara a porta atrás de si.

Blake sabia que fora manipulado.

Aqueles lábios cálidos. Aqueles seios macios. Tinham valido a pena.

Afastando-se, Blake perguntou a si mesmo que importância teria uma hora e meia a mais ou a menos com uma mulher do mar da China Meridional.

Blake falou consigo mesmo que o presidente até poderia ficar agradecido por fugir meia hora mais cedo.

Quarenta minutos antes, Blake, o chefe do Gabinete Civil, fizera outra modificação no horário do presidente e enviara um memorando especial em mãos às partes interessadas.

Ele adiara a reunião do gabinete completo.

Ficara preocupado por não ter podido instruir o presidente sobre Lampang anteriormente, e achara que a reunião na Sala do Conselho deveria concentrar-se inteiramente em Lampang, naquilo que o presidente devia estar pronto para dar e esperar receber. Com essa concentração no assunto imediato em questão, não havia necessidade de se suportar o secretário da Agricultura, o secretário do Comércio, o secretário dos Transportes, o secretário da Justiça e outros membros da equipe do presidente.

Ao entrar na Sala do Conselho, Blake pôde ver de imediato que os funcionários necessários tinham sido alertados e estavam a postos. Blake cumprimentou o secretário de Estado, o diretor da CIA, o secretário da Defesa, os três oficiais do Conselho de Segurança Nacional, e ocupou a cadeira de couro ao lado da cadeira vazia do presidente.

— Como foi a sua pré-instrução com o presidente? perguntou Morrison.

Blake fez uma careta.

— Uma droga.

— O que quer dizer isso? — indagou Morrison.

— Quer dizer uma droga — disse Blake. — O presidente estava se lixando para Lampang. Só queria falar da luta de pesos pesados em Las Vegas no final da tarde.

— Então nosso trabalho tem que ser um só — disse o diretor da CIA.

— Sem dúvida — concordou Blake. — Tem que ser Lampang e mais Lampang. Foi por isso que cancelei os demais assuntos, queria me concentrar no que está esperando o presidente na hora do almoço.

Estavam começando seus relatos ao chefe executivo quando uma porta se abriu e o presidente Underwood entrou.

Alto e ereto, parecia estar de bom humor. Jogou os cabelos para trás com a mão, sorriu amplamente para os presentes sem se dirigir a ninguém em especial:

— O que andou acontecendo pelas minhas costas?

Dirigindo-se para a cadeira de couro, ele cumprimentou todos na Sala do Conselho, chamando-os pelos nomes.

— Estivemos discutindo o seu almoço com madame Sang — Blake disse ao presidente enquanto ele se acomodava

— Vai ser um almoço longo? — indagou o presidente.

— Não precisa ser — tranquilizou-o Morrison. — Depois de uma conversa para travar conhecimento com madame Sang, o senhor

pode encerrar o almoço e nós passaremos para a Sala Oval Amarela. Aí podemos tratar só de negócios.

— Eu só queria saber por que não queria perder a luta — explicou o presidente.

— Vai ter tempo de sobra para isso — prometeu Blake. O almoço e a reunião com madame Noy Sang estão prontos para durar uma hora e meia. A seguir, a primeira-dama espera que o senhor a acompanhe à inauguração do Museu Contemporâneo e diga algumas palavras, talvez uns cinco minutos angariarão muitos fundos. Isso lhe dará tempo de sobra para voltar à luta.

O presidente correu os olhos pela sala.

— Vejo que muitos de nossos amigos estão faltando e que você só trouxe os figurões.

— Deliberado — disse Blake com simplicidade. — Já que o senhor vai barganhar com madame Noy Sang, queríamos que nossa concentração estivesse voltada inteira para um tratado com Lampang.

— E justo — disse o presidente. — Essa senhora com quem vou almoçar... alguém pode me dizer como é ela?

O secretário de Estado inclinou-se para a frente.

— Não sabemos exatamente. Nenhum de nós a conhece. O senhor se lembra de que o marido dela era presidente da ilha quando foi assassinado. Ela era vice-presidenta, como é o costume por aquelas bandas. Assim, herdou o cargo dele.

Underwood assentiu.

— E, eu me lembro. Vi fotos dela nos jornais. Não me parece muito imponente.

Ramage entrou na conversa.

— E não é, senhor presidente. O chefe do nosso posto em Lampang, Percy Siebert, diz que é uma mulher pequena, meiga, e que ficou em estado de choque e em reclusão por muito tempo depois da morte do marido. Na verdade, ela passou um ano de luto e usou esse ano para aprender as responsabilidades do cargo.

— E agora que um ano se passou — disse Morrison -, Noy Sang está saindo do isolamento. A primeira viagem que faz ao exterior é esta aos Estados Unidos. Suponho que seja, principalmente, porque precisa de nós.

— Dinheiro, estou certo — disse o presidente.

— Pode haver um pouco mais — disse Blake -, e pode ser de ordem sentimental. Noy Sang já esteve nos Estados Unidos antes. Há algum tempo. Cursos quatro anos em Wellesley.

O presidente pareceu se reanimar.

— É onde Dianne estuda — disse com orgulho. — Está no último ano.

Todos deviam saber, e sabiam, que Dianne Underwood era a sua filha de vinte e um anos.

— Isso lhes dará algo em comum para conversarem — disse Blake -, antes de irem ao que interessa.

O presidente assentiu.

— Muito bem, e o que é que interessa?

Morrison estivera ocupado desenhando um mapa numa página de um grande bloco de papel amarelo. Arrancou a e rodeou a mesa até o presidente. Dirigindo-se a Curtis Cannon, o secretário da Defesa, disse:

— Curtis, sente-se no meu lugar e me dê o seu. Assim será mais fácil eu explicar um mapa que estive desenhando do Pacífico Sul e além.

A troca foi feita. Morrison se acomodou na cadeira ao lado do presidente e colocou a folha amarela diante dele.

— O que é isso? — quis saber o presidente.

— Um desenho tosco do Extremo Oriente focalizando nossas principais bases aéreas que nos ajudam a conter qualquer excesso de entusiasmo que possa ocorrer na Coreia do Norte, China, Vietnã e Camboja. — Usando a caneta para apontar no mapa, Morrison continuou: — Como pode ver, senhor Presidente, nossa Força Aérea do Pacífico tem três alas. Sem contar o Havaí, que é o QG da Força Aérea do Pacífico para a 15ª. Força Aérea, temos três grandes bases aéreas.

Aqui fica a nossa base aérea no Japão para a 5ª. Força Aérea. Aqui fica a nossa base aérea na Coreia do Sul para a 7ª. Força Aérea. Aqui fica a base aérea nas Filipinas para a 13ª. Força Aérea. Está vendo alguma coisa fora do comum no meu mapa?

O presidente sacudiu a cabeça.

— Não especialmente.

— Bem, olhe aqui para baixo. O que está vendo?

O presidente fitou o mapa.

— Uma ilha, uma ilha grande e duas pequenas.

— Lampang — disse Morrison. — Não temos base aérea lá.

— E vocês querem uma?

Morrison ergueu a cabeça e encarou o presidente.

— Não apenas queremos, mas precisamos ter. Isso seria uma base a curta distância do Camboja, Vietnã e China, todos comunistas.

— Sei. Como vamos obtê-la?

— Contando com o seu poder de persuasão e charme amigável para reduzir madame Noy Sang a um amálgama complacente — disse Morrison. — Vamos fazer um esboço do que queremos dela e do que podemos lhe dar em troca.

— Pode falar — disse o presidente.

Morrison correu os olhos pela mesa.

— Curtis — disse ele para o secretário de Defesa -, vamos trocar de lugar de novo.

Assim o fizeram.

Acomodado firmemente ao lado do presidente mais uma vez, Cannon disse:

— Senhor presidente, vou lhe dizer exatamente o que queremos de madame Noy Sang. Não precisa guardar tudo isso de cabeça. As nossas exigências estão datilografadas em diversos cartões para o senhor. Pode recorrer a eles quando o senhor e madame Sang estiverem acertando os ponteiros.

Retirou diversos cartões de um bolso e passou-os ao presidente, que os colocou no próprio bolso.

— Muito bem, pode continuar — disse o presidente.

— O que queremos é uma base aérea de aproximadamente quarenta mil hectares em Lampang. Cerca de três mil desses hectares serão necessários para diversos prédios e outras

instalações. Deve haver espaço para uns dez mil militares da força aérea e cerca de quinze mil civis nativos e empregados contratados.

— E quanto às pistas de pouso? — indagou o presidente.

— Haverá espaço de sobra para duas pistas vitais — disse o secretário da Defesa.

— Uma comprida pode receber cerca de cinquenta caças... F-5s, F-4Es, F-4Gs e talvez haja espaço para uma dúzia de F-5Es.

— Temos que comprar toda essa propriedade?

— Eu não ousaria sugerir isso, mesmo se fosse possível — disse Cannon. — A base em si, excetuando aviões e construções, seria de propriedade de Lampang. O que eu prevejo, e o que madame Noy Sang sem dúvida vai querer, é um acordo mútuo entre Lampang e nós.

Podemos conseguir um contrato de arrendamento a longo prazo pela base... uns noventa anos, se o senhor puder dar um jeito... em troca de uma ajuda substancial a Lampang em dólares americanos.

— O que é uma ajuda substancial? — perguntou o presidente. Cannon olhou por cima da mesa comprida para Morrison.

— Tem uma quantia, Ezra?

— Tenho duas quantias — disse Morrison. — São baseadas nas indagações que fiz a meus peritos no Extremo Oriente. Alan Ramage também foi útil e me deu muitos dados da CIA. A primeira quantia é a baixa. Pode funcionar, porque Noy Sang está desesperada. Faça render essa quantia, senhor presidente.

— Qual é? — perguntou Underwood.

— Cento e vinte e cinco milhões de dólares.

— A mim me parece substancial o bastante — disse o presidente.

— Ao senhor parece, mas pode não parecer à presidenta Lampang — disse Morrison. Embora ela possa não ser sofisticada, já está no poder a um ano e tem uma ideia do que precisamos. Sabe que o seu trunfo é a base aérea. Com sua importância para a nossa defesa nacional. Assim ela pode ser um pouco intransigente e barganhar por mais. — Morrison pensou no que queria dizer a seguir. — O fato é, senhor presidente, que o senhor pode oferecer mais. Banque o bom e ofereça o empréstimo maior.

— De quanto?

— Podemos oferecer um empréstimo de cento e cinquenta milhões de dólares... tudo isso, nem um centavo a mais, senão ele fica dispendioso demais, considerando-se nossos empréstimos pendentes com outros países. Ah, madame Sang pode pedir mais. Eles sempre pedem. Esses pequenos países estão na miséria e acham que Tio Sam tem bolsos sem fundos. Mas não temos tanto assim para gastar, especialmente com um relativamente obscuro como Lampang. O senhor pode bancar o herói e subir até cento e cinquenta milhões de dólares, repito, esse é o limite.

— E se ela disser não?

— Então o senhor dá adeus à dama. Vamos procurar noutra parte uma outra base e um comerciante mais razoável.

O presidente franziu o cenho.

— Pensei que vocês estavam dizendo que precisam realmente obter essa base em Lampang.

— Nós a queremos, não há dúvida — disse Morrison, no entanto, há limites para o que podemos dar. Não podem permitir que nos chantageiem. — Sorriu para Underwood — O senhor pode obtê-la, senhor presidente. Basta usar o seu charme. Temos sorte de o governante de Lampang ser mulher, algumas palavras de sua parte, um sorriso generoso, e ela derreterá. A diplomacia muitas vezes se resume nisso.

Underwood parecia inseguro.

— Espero que sim.

— O senhor conseguirá — disse Morrison. — Não tenho a menor dúvida. Será o ganhador.

— Farei o possível — disse o presidente e, com essas palavras, a reunião na Sala do Conselho foi encerrada.

No centro de Visaka, capital da ilha de Lampang, Noy Sang encontrava-se sentada no gabinete do marido no Palácio Chamadin, atrás da enorme escrivaninha, transformando papéis em lei com a sua assinatura antes da partida para os Estados Unidos.

O gabinete e a escrivaninha ainda eram, mesmo depois de tê-los ocupado por um ano, o gabinete e a escrivaninha do seu marido. Ele fora brutalmente assassinado, em seu enterro houve uma grande cerimônia, mas para Noy Sang o marido Prem não estava inteiramente morto. Era como se ele tivesse simplesmente ido fazer uma grande viagem, sem se despedir. Algumas lembranças dele tinham desaparecido gradativamente, em especial os detalhes, e nos últimos meses ela se sentira menos solitária porque estava ocupada com o trabalho.

Mas o gabinete e a escrivaninha eram de Prem. Ela não podia ser desleal.

Tudo o que aprendera e sabia — bem, quase tudo — viera de Prem e ela não conseguia acreditar completamente que era auto-suficiente.

O que tudo isso a fazia pensar enquanto assinava os seus papéis era que o período de luto havia terminado e ela estava prestes a deixar Lampang na sua primeira viagem oficial ao exterior.

Verdadeiramente ela agora era... seria... a presidenta Noy Sang de Lampang.

Noy olhou para o mostrador do seu relógio de ouro. Estava na hora de o pequeno Den ir para a escola. Ela ficou imaginando onde ele estaria. Então se deu conta de que a sua própria partida para o aeroporto e o voo para os Estados Unidos com o chefe das Relações Exteriores, Marsop Panyawan, se dariam em meia hora, e que era melhor ela terminar de assinar os papéis.

Continuou a rabiscar a sua assinatura, e tinha acabado o último documento quando ouviu um ruído de passos na escadaria que descia do apartamento da família.

O pequeno Den entrou aos pulos no gabinete, seguido rapidamente pela irmã de Noy, Thida. Den tinha cabelos e olhos escuros, nariz arrebitado e era pequeno, mesmo para a idade. A irmã de Noy, Thida, era três anos mais jovem, mais alta e mais esbelta do que ela, com feições mais angulosas. Estava outra vez solteira após ter feito anular um casamento precoce e era agora vice-presidenta de Lampang — e uma vice-presidenta condigna,

pois possuía tantos conhecimentos políticos quanto Noy e a mesma empatia pelos pobres.

Noy largou a caneta, saiu da cadeira e se ajoelhou para beijar e abraçar o filhinho.

— Vá logo para o carro ou chegará atrasado à escola — disse-lhe Noy. — A minha viagem não vai ser longa. Três ou quatro dias e estarei de volta. Thida vai acompanhar você à escola hoje.

Tinham combinado mandar Thida com ele para que não ficasse pensando na viagem dela.

Normalmente haveria apenas Chalie, um motorista de confiança sempre presente para levar Den à escola pública — Noy não permitiria uma escola particular — e trazê-lo de volta ao palácio.

Noy ficou de pé e abraçou a irmã.

— Você fica no comando enquanto eu estiver fora sussurrou para a irmã. — Seja forte. Não deixe que o g Nakorn comece a tomar nenhuma de suas atitudes anticomunistas. Quero conservar Lunakul e os rebeldes abertos para conversações conosco até podermos chegar a uma solução.

Thida sorriu e deu uma palmadinha na mão da irmã.

— Não se preocupe, Noy. Você deixa Lampang em minhas mãos. Pode ser que eu não consiga controlar Lampang do modo que você controla, mas mesmo assim ainda posso me sair bem a imitando. Quanto ao general Nakorn, não vou tirar o olho dele.

— Obrigada, Thida... Adeus, Den. Eu amo você. Até muito breve.

Ficou olhando Thida pegar a mão do garoto e levá-lo para fora do gabinete.

Já ia voltar à escrivaninha do marido quando viu Marsop Panyawan entrar com passo lépido no gabinete. Ele era um homem tenso e esquelético, de ar grave.

Não apenas Marsop era o seu ministro das Relações Exteriores, como fora o melhor amigo do seu marido, e se tornara agora o seu aliado mais confiável.

Era ligeiramente mais alto do que o homem médio de Lampang, cerca de um metro e setenta, com cabelos castanhos penteados para o lado, olhos encovados, feições esquálidas. Cumprimentando Noy, ele se dirigiu à escrivaninha e sentou-se dela.

— Bem, lá vamos nós para Washington — disse Noy.

— Uma visita vital para os nossos interesses — disse Marsop.

— Fico feliz por você ir almoçar com o presidente Underwood.

— Obviamente não é um almoço social — disse Noy.

— Eu não o caracterizaria dessa maneira. Sabemos que precisamos do dinheiro deles. Eu soube claramente o que eles querem de nós, não em detalhes, mas em linhas gerais.

— Recebemos um empréstimo — disse Noy com simplicidade.

— Damos uma base aérea.

— Tenho certeza de que o arranjo será esse.

Noy ficou pensativa.

— O empréstimo. Quanto queremos dos Estados Unidos?

Marsop resmungou:

— O máximo que pudermos obter, Noy.

— Mas em termos práticos. Você já sondou o embaixador dos Estados Unidos aqui. Sabe o que eles estão pensando.

Marsop sacudiu a cabeça.

— Realmente não sei. Sei o que precisamos. Já me reuni com o gabinete e tenho uma ideia razoável.

— De quanto precisamos?

Ele pegou o maço de cigarros do bolso do paletó e tirou um. Fitou o cigarro antes de acendê-lo.

— Precisamos de duzentos milhões de dólares — disse finalmente.

— Eles podem nos dar isso?

— Podem, mas não vão dar — disse Marsop, tirando baforadas do seu cigarro.

— Eles vão considerar excessivo?

— Só no sentido de que já têm imensos empréstimos feitos ao México, Brasil, Argentina e uma dúzia de outros países. O Congresso vem pressionando o seu presidente para acabar com a distribuição de dinheiro.

Noy demonstrou a sua preocupação.

— Pois bem, eu peço duzentos milhões. E se eles recusarem?

— Você fica encrencada com o nosso programa interno.

Noy estava refletindo sobre outra coisa.

— Será que devo mencionar a União Soviética?

— Não, de modo algum. Nem mesmo como peça de barganha, como ameaça. Eles ficariam horrorizados até em imaginar que você pudesse pensar em deixar os russos entrarem aqui, especialmente com o problema do Pacífico dos Estados Unidos e o motivo deles para se reunirem e negociarem com você. Eles querem uma base aérea exatamente porque seria anticomunista.

— Bem, o que devo fazer se eles recusarem os duzentos milhões?

Marsop apressou-se em responder:

— Você não deve permitir que o façam. Deve exigir os duzentos milhões e permanecer firme na sua exigência.

Noy soltou um suspiro.

— Você está me deixando muito nervosa.

Ele sorriu.

— É a minha intenção. Na verdade, não precisa ficar. Não se esqueça de que o presidente Underwood quer algo de você. Quer muitíssimo.

— Ele pode tê-lo. Já concordamos com isso.

— Não inteiramente — disse Marsop. — Ele vai querer uma base aérea extremamente grande. Não creio que seus partidários aprovariam um negócio desse tipo. Isso a prejudicaria internamente. Você tem de ser muito sovina com relação à base aérea. Vamos conversar mais detalhadamente no voo para Washington. Na verdade, você tem mais uma peça de barganha. E é nessa que mais confio.

— E qual é?

— O seu charme, Noy.

— Por favor, Marsop, isso é impossível. Não posso ser a mulher fatal para um americano.

— Não precisa ser. — Ele abriu um sorriso. — Basta ser você mesma, a Noy natural e corriqueira de sempre. Creio que isso não poderá deixar de impressioná-lo.

— Gostaria de poder crer em você. Como será ele?

— O presidente Underwood? Tenho uma ficha completa dele, que darei a você no avião.

Agora é melhor nos prepararmos para ir e conhecê-lo pessoalmente.

CAPÍTULO 3

Bem acima do oceano Pacífico, Noy Sang e o ministro Marsop Panyawan estavam sentados em um sofá de veludo a bordo do avião presidencial de Lampang, terminando sua ceia. Quando acabaram, e uma aeromoça morena de jaqueta e calças compridas retirou as bandejas, Noy se debruçou para a direita a fim de olhar pela janelinha.

— Acho que estou vendo o litoral da Califórnia — disse ela.

— Ainda não — replicou Marsop. — O horizonte é ilusório.

Ainda demora uma hora para chegarmos aos Estados Unidos.

— Depois seguimos para Washington.

— É, quase mais cinco horas.

Noy estremeceu e se afastou da janela.

— Cedo demais — disse. — Talvez eu possa gastar um pouco do tempo dormindo.

— Um descanso lhe faria bem.

— Preciso de mais do que um descanso. Preciso de um anestésico. Receio não estar pronta para o meu primeiro encontro de relações exteriores.

— Estou certo de que se dará muito bem com o presidente Underwood.

— Quem me dera ter a metade da sua confiança. — Ela estendeu a mão para a bolsa, mas não a abriu. — Que hora mais danada para deixar de fumar! Quer me dar um cigarro?

Ele procurou o seu maço, abriu-o, estendeu-o para ela enquanto ela retirava um cigarro.

Pegando o seu isqueiro, fez rolar o polegar e acendeu-lhe o cigarro.

Ela tragou profundamente, soltou a fumaça, depois fitou o seu ministro das Relações Exteriores através da fumaça.

— Não estou verdadeiramente com medo de tratar com o presidente Underwood — disse ela, devagar. — Só receio ficar cara a cara com ele por duas horas. Com quem estou tratando? Abraham Lincoln? Theodore Roosevelt? Richard Nixon?

Ele deu uma risada curta.

— Dificilmente. Ele não é nenhum desses, como você sabe. Ontem à noite, quando passei uma hora de vídeo-tape de Underwood para você, pôde ver que ele não é assim tão impressionante.

— O que pude perceber por eles? Discursos públicos e entrevistas. Mas nada do ser humano. Fico tentando pensar como um ser humano e imaginar como ele é de verdade. Com quem estarei falando?

— Com uma pessoa que não é diferente de você mas com as suas próprias ambições, frustrações, irritações, preferências. Faça de conta que Prem está a seu lado. Relaxe. Sinta-se segura.

Ela sacudiu a cabeça gravemente.

— O querido Prem não está a meu lado. Eu o vi morto. Não posso mais fazer esse jogo. De agora em diante, estou por minha conta. Sou eu sozinha. — Estendeu a mão e agarrou a de Marsop com força, depois a soltou. — Claro que você estará ao meu lado.

— Estarei. Mas, essencialmente, você estará sozinha. Assim como o presidente dos Estados Unidos terá o seu chefe de Gabinete

Civil e o secretário de Estado ao seu lado, mas, no fundo vocês dois estarão juntos, sozinhos.

— Como é ele? — perguntou ela subitamente. — Como é ele de verdade?

— Tenho uma boa dose de informações sobre ele — respondeu Marsop. — Quer mesmo saber? Deixe eu pegar a minha maleta e ler para você o que tenho. — Destrancou a maleta de couro e retirou uma pasta de papel azul. — Deixe que eu leia para você um pouco mais sobre o presidente Matthew... todos o chamam Matt... Underwood. Espero que o conhecimento a deixe mais à vontade.

— Qualquer luz que você me der será iluminadora. Ele estava abrindo a pasta.

— Muito bem, vamos descobrir o que há para descobrir e rezar para que seja exato.

— Conte-me tudo — pediu ela.

— Tudo, Noy. Ele examinou o conteúdo da primeira página na sua pasta.

Ergueu a cabeça.

— Matt Underwood tem cinquenta e dois anos de idade.

— Pensava que fosse mais velho.

Marsop sorriu.

— É o jeito dele. Um truque de solenidade quando era apresentador de noticiários de televisão. Para parecer mais paternal.

— Ele era astro de televisão, um astro de verdade?

— De verdade. E muito importante, na sua época.

— E muito difícil conceber um astro de televisão tornar-se presidente dos Estados Unidos.

— Todo mundo tem de ser alguma coisa, até mesmo astro de televisão — disse Marsop. — Tiveram um ator de Hollywood antes dele. E também um plantador de amendoins. E um modelo, muito antes disso. É muito difícil nascer político e permanecer político.

— Continue.

Ele consultou suas anotações. Digeriu o que estava lendo e se acercou mais de Noy.

— Segundo o nosso serviço de informações — disse -, Matthew Underwood cursou a Universidade de Colúmbia...

— Eu me lembro. Fica na cidade de Nova York.

— E. Quando rapaz, Underwood era abençoado com uma voz profunda e ressonante e uma presença serena e maravilhosa. Estudou oratória e jornalismo e se tornou chefe da equipe de debates. Colúmbia tirou primeiro lugar em tudo, naqueles anos. Um dos professores de Underwood ficou tão impressionado com ele que, depois da sua formatura, enviou-o a um amigo íntimo que era executivo da rede nacional de televisão, a TNTN, a maior rede a cabo dos Estados Unidos: transmite de Nova York e de Washington. O executivo ficou igualmente impressionado com Underwood e contratou-o para fazer reportagens através dos Estados Unidos, de Pittsburgh, Chicago, Nova Orleans, Los Angeles. Esse foi um daqueles raros casos em que o carisma de um indivíduo afetou todos os telespectadores. Em dois anos Underwood foi contratado como apresentador do noticiário noturno nacional.

Eram a sua personalidade e peso que mantinham no lugar toda uma equipe de repórteres. O apresentador começa o programa todas as noites, e sua pessoa e seu estilo se tornam tão familiares a

tantos milhões de americanos que o recebem nos seus lares, que ele se torna famoso. Antes de Underwood, houve outros na rede CBS, como Edward Morrow e Walter Cronkite. Quando Underwood ficou mais célebre do que estes, tornou-se uma lenda. A palavra dele era lei. Todos acreditavam em tudo o que ele lia. De qualquer modo, o seu nome começou a aparecer nas pesquisas de popularidade.

— É assim que os americanos escolhem seus líderes — admirou-se Noy.

— O nome de Underwood foi lançado contra os principais nomes políticos, nomes cinematográficos, nomes esportivos e sempre saiu na frente como aquele cujo nome era mais facilmente reconhecível e em cuja pessoa todos confiavam. Foi o que o levou à política. Lembra-se de que nos Estados Unidos há dois senadores de cada estado?

— Sim, não se esqueça de que estudei o sistema americano. Estou a par dos senadores em Washington.

— Pois bem — disse Marsop. — Um dos dois do estado de Nova York morreu no meio do seu mandato de seis anos e o governador de Nova York tinha o direito de escolher um substituto para o senador falecido, para concluir o seu mandato.

Noy compreendeu.

— Então ele escolheu o apresentador de noticiários Matthew Underwood, e Underwood aceitou a indicação.

— Sim, ele abandonou a rede e se mandou para Washington para ser empossado como o senador Matthew Underwood. Tornou-se uma celebridade instantânea na sua nova profissão. Era mais conhecido do que qualquer político. Era o favorito dos meios de

comunicação, alguém sobre quem escreviam e informavam, especialmente levando-se em conta a celebridade semelhante de sua esposa.

— Alice Underwood — disse Noy, assentindo. — A mulher com quem ele se casou depois que ela foi Miss América.

— Sabe a respeito da Miss América? — perguntou Marsop.

— Já li a respeito — disse Noy. — Vi muitas fotografias dela. Ainda é muito linda. Não é raro que um presidente americano se case com uma mulher apenas por sua beleza?

— Você está mal informada, Noy. Underwood não era presidente americano quando a conheceu e se casou com ela. Ainda era um apresentador, e Alice fora contratada pela TNTN como repórter. Claro que Underwood se tocou com a beleza dela. Não há como negar. Mas... — ele mergulhou outra vez na sua pilha de anotações — Alice Underwood é conhecida por mais do que a sua beleza. Também é inteligente. Além disso é bem conhecida por ser agressiva, sabe, furona, querendo estar sempre na frente ou providenciando para que o marido permaneça na frente.

— Como você pode saber uma coisa tão particular e pessoal como essa?

— Esse é o propósito de se ter um serviço de informações de primeira. Nosso país pode ser pequeno, tão pequeno quanto Israel, mas o nosso serviço de informações é excelente, assim como o israelense é imbatível.

— Então — disse Noy -, a primeira-dama americana é ambiciosa. Mas até onde ela pode ir? Já é a primeira-dama.

Marsop disse sem rodeios:

— E quer continuar sendo. Quer que Matthew Underwood continue como presidente. Em resumo, quer que ele concorra à reeleição, para um segundo mandato.

— Ele está interessado?

— Não.

— Que surpreendente -disse Noy. — Como é que ele pode não querer isso outra vez? É o cargo mais importante do mundo, muito mais poderoso que o de secretário-geral da União Soviética.

— Mas não é o cargo mais interessante. Pelo menos é o que nossa fonte informa sobre os sentimentos de Matthew Underwood com relação à presidência. Ele é um homem intelectual e curioso, a despeito de sua fachada jovial e expansiva. A presidência dos Estados Unidos não é um cargo para se exercer se você quer se dedicar a assuntos do intelecto. É um cargo que envolve aceitar conselhos, sopesar conselhos e tomar decisões. Tudo me leva a crer que Underwood o acha cansativo.

— Por que ele se candidatou à presidência, então? — perguntou Noy. — Sabemos como me tornei presidenta. O cargo me foi imposto. Mas Underwood teve escolha.

— Não exatamente — disse Marsop -, não exatamente. Ele era um senador popularíssimo e o seu partido precisava de um candidato à presidência. A oferta foi difícil de resistir. E, além disso, havia a sua mulher, Alice.

— Ela queria que ele fosse presidente?

Ele corrigiu Noy com um sorriso.

— Ela queria ser primeira-dama.

— E ganhou.

— Uma vitória esmagadora para ambos — disse Marsop. — Ele teria o mesmo tipo de vitória se concorresse de novo. É imensamente popular.

— É tão duro com o comunismo quanto ouvi dizer?

— Quase todo presidente americano é. Faz parte do cargo. Defender a terra natal contra os comunistas que pretendem destruir o capitalismo e a democracia. É por isso que você foi convidada para a Casa Branca. Eles querem enquadrar você... Lampang, na verdade... como parte do seu círculo defensivo na Ásia contra o comunismo.

— Sinto que vou ser usada.

— Não de verdade — disse Marsop. — Afinal, o comunismo doméstico também é um problema para você.

— Tem razão. No entanto, estou disposta a negociar um acordo.

— Receio que os Estados Unidos não sejam tão cordiais.

— Será que ele confiará em mim? Será que acha que estou sendo mole com o comunismo?

— Ele só vai querer saber se você deseja tornar o país seguro para a democracia.

— Mas desejo — disse Noy, fervorosamente.

— Então lhe diga isso.

— Como posso fazer com que ele me acredite?

Marsop sorriu.

— Sendo você mesma, Noy. Não importa o que Underwood e os outros digam, não ceda simplesmente para agradá-los. — Ele fez uma pausa. — Seja você mesma, Noy, do primeiro ao último minuto que passar com o presidente Matthew Underwood.

O presidente e o chefe do Gabinete Civil estavam junto ao aparador de mogno na Sala de Jantar do Presidente, no segundo andar da Casa Branca, quando a porta se abriu e o secretário de Estado Morrison introduziu Noy Sang na sala.

Underwood ergueu imediatamente os olhos do seu uísque com soda e largou o copo enquanto observava Noy Sang caminhar pelo tapete em sua direção.

Algo nela o surpreendeu. Tentou discernir o que era, provavelmente a sua bela aparência e graça. Ele estava acostumado a mulheres bonitas. Afinal de contas, casara-se com uma miss América.

Mas a beleza de Alice era técnica e mais profissional. Essa mulher de Lampang era totalmente diferente.

Os olhos de Underwood a fitavam. Estivera preparado para uma mulher diminuta, do tipo nativa. Ela era realmente pequena, delicada, na verdade. Sua pele castanho-clara era impecável.

Tinha longos cabelos negros, presos em uma trança na nuca, uma testa alta despida de maquiagem, olhos verdes penetrantes e amendoados, um nariz largo e arrebitado, lábios vermelhos e cheios, abertos num sorriso sem afetação. Moveu-se na direção dele com fluidez e graça.

Usava um vestido amarelo-claro vaporoso. Ele imaginou que ela tivesse posto o vestido por causa do calor de fora. O vestido desconcertou-o brevemente. Grudava-se a cada saliência do seu corpo, acentuando-a: os seios fartos e suavemente balouçantes, e os quadris largos encimando pernas esguias e bem torneadas.

Uma palavra passou de relance pela mente de Underwood, uma palavra com um significado que há anos não sentia: erótica. Essa mulher transpirava erotismo natural.

Como, não sabia, mas estava ali.

Noy estava diante dele, Morrison a seu lado.

— O ilustre Matthew Underwood, presidente dos Estados Unidos — anunciou Morrison. — Sua Excelência Noy Sang, a presidenta da República de Lampang.

Para sua surpresa, e dela, Underwood tomou a mão de Noy, inclinou-se e beijou-a.

— Muito prazer, senhor presidente — disse Noy.

— O prazer é meu, madame presidenta — disse Underwood.

Depois, soltando-lhe a mão, deu uma risada. — Receio que vamos ficar rasgando seda o tempo todo. Tem que haver um meio melhor.

Foi a vez de Noy achar graça.

— Todos me chamam de Noy — disse.

— E todos que me conhecem bem me chamam de Matt — disse Underwood. — Espero que hoje fiquemos nos conhecendo bem.

O olhar de soslaio de Underwood percebeu a expressão do secretário de Estado. Era de dor perante a quebra do protocolo.

Underwood ignorou o seu secretário de Estado e voltou o olhar para Noy.

— Sei que chegou ontem à noite. Fez boa viagem?

— Foi tranquila, mas não consegui dormir. Quando chegamos à Blair House, eu compensei. — Ela acrescentou com entusiasmo: — Que casa de hóspedes maravilhosa! Nunca vi nenhuma tão primorosa.

— Na verdade, são duas casas geminadas construídas antes da Guerra da Secessão. Em 1942, o presidente Franklin Roosevelt comprou-as para o governo dos Estados Unidos.

— Dormi no quarto de hóspedes do segundo andar. A cama de colunas com o dossel dá a sensação de estar envolta numa nuvem. Sei que tudo isso foi preparado de propósito para me enfraquecer para o nosso encontro.

Olhando para trás, fez sinal a Marsop para se reunir a ela, e o apresentou aos demais como o seu ministro das Relações Exteriores.

Girando sobre os calcanhares, ela observou cada aspecto da Sala de Jantar do Presidente.

— Como esse ambiente é lindo e aconchegante — Underwood apressou-se em tomá-la pelo cotovelo e a levou para ver tudo mais de perto. Os móveis, ele ressaltou, eram do período federalista, a mesa de servir era Hepplewhite, e o papel de parede retratava cenas americanas. A mesa de jantar de pedestal e as cadeiras eram Sheraton.

O chefe do Gabinete Civil aproveitou a deixa para intervir:

— Que tal nos sentarmos todos agora para almoçar — sugeriu Blake, dirigindo-se para a mesa de jantar.

— Não antes que eu pergunte a madame Noy...

— Noy — disse ela com firmeza.

— ... sim, Noy... se posso lhe preparar uma bebida.

— Não, obrigada. Falo também em nome de Marsop quando digo que estamos famintos.

Quando o presidente se adiantou e puxou a cadeira para Noy, ele apontou para a inscrição no console da lareira.

— Dá para ler aquilo? "Encontramos o inimigo e ele é nosso".

Noy apertou os olhos e assentiu.

— Sim, do seu comodoro Oliver Perry depois da batalha do lago Erie.

Underwood ficou impressionado.

— Já esteve na Casa Branca antes?

— Uma vez, numa visita turística, quando estava estudando nos Estados Unidos.

Todos estavam sentados: o presidente Underwood na cabeceira da mesa, Noy à sua direita, com Blake ao lado dela, e Marsop à sua esquerda, com Morrison ao lado dele. Depois que os garçons os acomodaram, foram se reunir ao chefe de gorro branco num segundo aparador para começar a servir as saladas.

Underwood se deteve no último comentário de Noy.

— Estudou nos Estados Unidos?

— No Wellesley College, perto de Boston, Massachussets.

— Wellesley! — exclamou Underwood. — Ora veja! Que coincidência! Minha filha Dianne estuda lá. Vai se formar em ciência política. No que você se formou?

Noy ficou satisfeita.

— Também em ciência política. Estudei desde política comparativa e política americana até direito e relações internacionais.

— Ora, vejam só! — repetiu Underwood. — Você deve saber mais sobre política do que eu.

— Duvido, senhor pres... Matt — disse ela, sem jeito. — Não tive a sua experiência. Mas em história e teoria fui uma estudante

ávida. Até fiz um curso como ouvinte sobre Karl Marx.

— Karl Marx — disse Underwood, olhos fitos em Noy enquanto comia a sua salada. — Você sabia que Marx certa vez trabalhou como correspondente estrangeiro de Londres para um jornal de Nova York?

— Ah, sabia.

— Vou lhe dizer uma coisa que me espantou. Contaram-me que Lênin jamais gostou da obra de Marx. Também não suportava Marx, o homem.

— É verdade? Nunca tinha ouvido isso antes.

— Acho que é verdade. Havia mais coisas na vida de Marx do que os seus livros. Sabe alguma coisa da sua vida particular?

— Um pouco.

— Em Londres, creio eu, ele teve um caso com a governanta e ela teve um filho dele.

— Eu sabia disso. — Noy sorriu maliciosamente. — Matt, você está me testando. Agora é a minha vez de testá-lo. Sabia que depois de Marx e Engels terem escrito o Manifesto comunista e o próprio Marx mais tarde ter escrito O capital, ele esperava que suas ideias fossem seguidas na Alemanha? Nunca sonhou que a Rússia se tornaria o primeiro país comunista.

— Para mim é novidade — admitiu Underwood.

Terminando a sua salada, Noy disse:

— Suponho que isso o teria deixado atônito, assim como ficaria atônito ao saber que suas ideias criaram raízes na Nicarágua, e até certo ponto em Lampang, no mar da China Meridional.

O secretário de Estado interrompeu o diálogo. Dirigindo-se a Noy, disse:

— Temos alguma noção do conflito que trava com o comunismo em sua terra natal. É tão grave quanto indicam os relatórios de nosso serviço de informações?

Noy admitiu que sim.

— Os comunistas são guerrilheiros e eles nos causam problemas em duas ilhas, onde estão entrincheirados com ajuda militar e tropas do Vietnã. Estou tentando minar a atração deles por meio de um vigoroso programa de reforma agrária, dividindo as terras dos ricos para dar propriedade e independência aos pobres. Nem mesmo as terras de meus pais escaparão da minha reforma.

— O que o seu pai diz sobre isso? — aparteou Blake.

Noy riu docemente.

— Ele desconfia que passei para o lado dos comunistas.

— E passou? — indagou Underwood depressa.

Noy lançou-lhe um olhar penetrante.

— Claro que não — disse ela, enfática. — Eu negociarei com os comunistas, provavelmente chegarei a um acordo, mas jamais cederei a eles. Jamais deixarei que o comunismo suplante a democracia em Lampang. Acredito firmemente em Jefferson e Lincoln.

Fez-se um breve silêncio enquanto os garçons serviam medalhões de vitela e aspargos.

Os olhos de Matt Underwood continuavam fitos em Noy.

— Jefferson e Lincoln — disse ele. — Considera-os nossos maiores americanos?

— Não — disse Noy, decidida.

— Não? — repetiu Underwood, espantado. — Então, considera o maior americano?

— Thomas Paine — disse Noy, sem hesitar.

— Mais do que Jefferson e Lincoln?

— Foram dois grandes homens. Jefferson foi o mais brilhante de todos os presidentes que ocuparam a Casa Branca antes de você. Lincoln manteve o país unido numa época terrível da história americana. Thomas Paine, porém, deu-lhe a independência...

Underwood franziu o rosto, pensativo.

— Sempre achei que Thomas Paine era instável, um fabricante de coletes falido que veio da Inglaterra para...

— Foi mais, muito, muito mais — insistiu Noy. Voltou-se para Marsop, a fim de esclarecê-lo. — Nenhum colono americano pensava em independência da Inglaterra até que Thomas entrou em cena. Ele escreveu e publicou, por conta própria, "Common sense". Um em cada vinte norte-americanos o leu, mas Paine nunca viu a cor de um xelim pelo seu trabalho. Deu metade dos lucros ao seu impressor e reservou a outra metade para comprar luvas para os soldados do exército americano. Seis meses depois de ter bradado por liberdade, a Declaração da Independência foi assinada.

A essa hora os que estavam sentados à mesa terminavam os seus sorvetes, quando Morrison, impaciente, afastou a cadeira da mesa.

— Acho que está na hora de passarmos à Sala Oval Amarela — anunciou, levantando-se. — Podemos tomar o café ali, e talvez tratar de negócios.

Matt Underwood puxou a cadeira de Noy e, tocando-lhe de leve o braço, levou-a pelo corredor na direção da Sala Oval Amarela, seguido pelos outros.

Entrando na luminosa sala, Noy se deteve um pouco para olhá-la.

— Mais linda ainda do que a sala de jantar — disse.

Conduzindo-a pelo braço, Underwood levou-a até o sofá amarelo que dava para a mesa de mármore que ficava ao lado do console da lareira. Fez sinal a Noy para se sentar entre as almofadas, e se acomodou a poucos centímetros dela. Esperou que Morrison, Blake e Marsop se sentassem e aguardou mais um pouco enquanto os garçons entravam, empurrando um carrinho que trazia o café.

Assim que o café foi servido e os garçons se retiraram, Morrison se inclinou para a frente na sua poltrona estampada de marrom.

— Talvez esteja na hora — disse vivamente — de discutir a agenda de negócios de madame Noy Sang para esta reunião.

O presidente Underwood estava sorvendo o seu café. Deixou a xícara de lado.

— Não tão depressa, Ezra — disse ao seu secretário de Estado. — Temos tempo de sobra. Quero escutar mais de Noy o que ela sabe sobre nossa história e nossa democracia.

— A sua Constituição — começou Noy. — Acho que é o melhor documento do tipo no mundo. Na verdade, meu marido e eu trabalhamos para melhorar a nossa Constituição em Lampang tomando a sua como modelo. Isso não quer dizer que a sua seja perfeita. Sempre achei que havia várias maneiras de aperfeiçoá-la.

Underwood alçou uma sobrancelha.

— Verdade? Fale a respeito.

Imediata e destemidamente, Noy passou a discutir a Constituição americana.

— Quando fizemos a nossa Constituição, usando a sua como modelo, efetuamos mudanças que já deviam ter sido feitas há muito tempo. Abandonamos a cláusula do colégio eleitoral, que consideramos obsoleta. Acrescentamos uma cláusula de direitos iguais, que vocês tinham rejeitado como emenda. A princípio, a nossa Assembleia se inspirou na sua Câmara de Deputados. Ela permitia que os membros fossem eleitos a cada dois anos, como a sua ainda permite. Sabíamos que isso era errado e fizemos uma mudança. Dois anos dão a um novo deputado apenas o tempo de tomar pé no seu cargo e começar a concorrer a um novo mandato. Mudamos isso para quatro anos. E o mais importante, a grande falha na sua Constituição, é a presidência — Noy sorriu. — Ela devia ser abolida nos Estados Unidos, como pretendemos aboli-la e modificá-la em Lampang.

Underwood achou graça.

— Querem se livrar de mim?

— Não exatamente. Queremos nos livrar das primárias e das eleições públicas. Como li em algum lugar, seria mais sensato que o chefe do executivo fosse eleito pelas duas casas do Congresso e o partido dominante em cada casa. Cada senador teria dois votos, e cada deputado um. O chefe do executivo permaneceria no cargo até que seu partido perdesse uma moção de confiança no Congresso. O voto de confiança seria definido e, tendo sido derrotado, o chefe do

executivo renunciaria e haveria uma nova eleição nacional para as duas casas. Depois de empossados, eles votariam para eleger um novo chefe do executivo mais receptivo ao povo. Não haveria vice-presidente. O que acha?

Underwood sorriu.

— Estou começando a me sentir inquieto. Você é uma radical, Noy.

— Só estou tentando melhorar a democracia — disse ela.

Underwood insistiu para que ela expusesse mais ideias e ficou impressionado com a sua originalidade e espírito. Estava atento a cada palavra.

O diálogo continuou e o tempo estava passando.

Na primeira brecha, Blake levantou significativamente a mão e olhou para o relógio de pulso.

— Hã... senhor presidente, permita lembrar-lhe o seu horário para hoje: daqui a dez minutos o senhor deve apanhar a primeira-dama e levá-la à inauguração do Museu Contemporâneo. O senhor se lembra, foi inscrito para dizer algumas palavras.

O secretário de Estado mudou de posição na sua poltrona.

— O senhor pode ir, senhor presidente. Eu fico mais um pouco com madame Noy Sang e discuto com ela a agenda política que queremos cobrir.

Underwood franziu o cenho.

— Não é necessário, Ezra. Prefiro cuidar pessoalmente das questões de política externa. — Virou-se para Blake. — Você pode ir, vá apanhar Alice e acompanhe-a ao Museu Contemporâneo. Diga

a ela que estou ocupado demais com os negócios do nosso país para perder tempo com contribuintes de arte.

Noy tocou o braço do presidente.

— Matt, se você é esperado em outro lugar, por favor, não deixe que eu o detenha. Posso discutir os nossos negócios com o secretário Morrison.

— Não, prefiro fazê-lo diretamente com você. Ezra Morrison pode levar o ministro Marsop ao seu gabinete no Departamento de Estado e fazer um esboço do que pensamos sobre Lampang. Nesse meio-tempo, nós dois podemos ficar discutindo a questão. Por favor, Ezra, pode ir e dar ao ministro algumas informações sobre as nossas necessidades.

Morrison ergueu-se com relutância.

— Se é o que deseja, senhor presidente.

— É o que desejo — disse Underwood com firmeza.

Enquanto o secretário de Estado e Marsop se preparavam para sair, o presidente voltou a se dirigir a Blake.

— Pode ir indo, Paul, apanhe Alice e me represente na tal função do museu. Eu gostaria de continuar a conversa com Noy sozinho.

Ele observou Morrison partir com Marsop e depois esperou que Blake também se retirasse.

Virando-se para Noy, ele disse:

— Finalmente estamos sozinhos. Prefiro a privacidade em reuniões.

Noy sorriu.

— Sinto-me privilegiada — disse.

Underwood examinou-a em silêncio por alguns momentos. Estava encantado com a sua naturalidade em relação a ele, seu jeito sem afetação de dizer o que pensava.

Estava totalmente cativado pelo seu amplo conhecimento e seu habito destemido de contradizer a opinião rotineira, a dele inclusive.

— Há mais uma coisa que eu esperava discutir com você sobre os Estados Unidos, Noy — disse ele com gravidade -, antes de passarmos aos assuntos mais pesados.

— Como queira — disse ela. — Pode falar.

— Gosta de filmes americanos?

— Filmes americanos? — Isso foi tão inesperado que ela caiu na risada. — Está falando sério?

— Claro. Pode-se saber mais sobre um desconhecido pelos filmes que aprecia e os livros que lê do que por qualquer outro assunto mais sério. Quero saber mais a seu respeito.

Ela percebeu que ele não brincava e respondeu, solene:

— Adoro os filmes americanos. A seu modo, são uma forma de arte única. Tenho visto reprises dos filmes antigos na televisão e a maioria é verdadeiramente magnífica.

— Por exemplo?

— Algumas semanas atrás passaram um dos melhores filmes americanos que já vi.

— Qual foi?

— Chamava-se "A floresta petrificada", com Leslie Howard , Humphrey Bogart...

— Ah, Duke Mantee.

— ... e Bette Davis. Foi um filme muito significativo para mim, um eco de como muitas pessoas estão aprisionadas pela vida.

Underwood concordou.

— Lembro-me de tê-lo visto três vezes.

— E você? — quis saber Noy. — Quais os outros que gostou?

— Ainda me lembro de um dos meus favoritos — disse

Underwood. — Uma comédia com Claudette Colbert e Clark Gable chamada "Aconteceu naquela noite". Fiquei tão fascinado com Gable fumando cachimbo que resolvi comprar um. — meteu a mão no bolso superior do paletó. — Ainda o tenho, ou um parecido. — Pegou um cachimbo escuro muito usado. — Está vendo?

— Gosto do cheiro de cachimbo.

— Então vou fumar. — Encontrou o saco de couro, encheu o cachimbo, acendeu-o com o isqueiro. — Pronto. Que lhe parece?

— Doce e suave.

— Outro filme de que gostei — disse ele, soltando baforadas — foi "Cidadão Kane", com Orson Welles.

— Nunca o compreendi muito bem, porque não sabia muito sobre o americano no qual se baseou. "Aconteceu naquela noite" foi mais fácil para mim porque era sobre um homem e uma mulher, e muito divertido.

Continuaram a conversar sobre homens e mulheres e Underwood ficou cada vez mais fascinado pelo senso de humor e vivacidade dela.

O diálogo deles continuou sem pausa e, quando Underwood se levantou para servir-lhes um uísque, percebeu que já tinham passado duas horas e meia desde o almoço. Há três horas e meia

que ele estava com Noy, e parecia que haviam passado apenas dez minutos.

Ao entregar-lhe o copo, ele sabia que lhe devia algo. Ela viajara de Lampang para tratar de negócios com ele, e os negócios nem tinham sido abordados.

Ele desejava conversar mais sobre ela, mas também queria ser construtivo e fazê-la feliz com a questão em pauta.

— Bem, que bom que você veio para cá, Noy — disse ele. — Conhecê-la foi um grande prazer.

— Para mim também, Matt — respondeu ela.

— Por mais que me agradasse continuar a conversar amenidades, sei que não devo — disse ele. — Sei que você veio para cá para tratar de negócios.

Ela pareceu levemente surpresa.

— Tinha quase me esquecido — admitiu.

— Eu também. — Ele a fitou. — Quer discutir aquilo que devíamos discutir?

Ela assentiu, não muito satisfeita.

— Suponho que devamos. A tarde quase acabou. Devo voltar para Lampang amanhã. Tenho que justificar essa viagem discutindo uma questão séria.

Ele assentiu.

— Então vamos terminar logo com ela e voltar a uma conversa mais agradável. Como estou certo de que Marsop lhe disse, do mesmo jeito que Morrison me disse, esperam que nós realizemos uma troca que satisfaça aos nossos dois países.

— Sim, uma troca.

— Eu lhe dou uma coisa que você quer — disse Underwood — e em troca você me dá uma coisa de que preciso.

— Foi o que me disseram.

A atenção de Underwood estava voltada para o seu rosto sério.

— O que você quer, Noy?

— Um empréstimo generoso por uma boa causa. Preciso de dinheiro americano para dar impulso à nossa economia.

— Eu estava mesmo pretendendo lhe conceder um empréstimo. Quer dizer uma quantia de campo de beisebol?

— Uma quantia de campo de beisebol? — exclamou ela, intrigada.

— É uma expressão americana que quer dizer que estamos no mesmo campo de beisebol, não estamos muito afastados, estamos próximos o bastante para chegar a um acordo. De quanto você precisa?

— Para sobreviver, você compreende — disse Noy. — Eu lhe darei a quantia de que preciso para me desviar de duas pressões... dos rebeldes comunistas na extrema esquerda e do meu exército na extrema direita.

— Qual é a quantia? — insistiu Underwood.

— Disseram-me que você poderia me dar uma quantia maior, mas que eu me contentasse com duzentos milhões de dólares.

Underwood não conseguiu reprimir uma risadinha.

— Você é mesmo franca, não é?

— Não sou política — disse. — Tenho de ser sincera. Qualquer outra coisa é perda de tempo. A minha quantia terá sua aprovação?

— É um pouco impressionante — disse Underwood. Deixe-me ser sincero também. Meus assessores me aconselharam a lhe oferecer cento e vinte e cinco, e depois barganhar para terminar com cento e cinquenta milhões de dólares. Você sobreviveria com essa quantia, Noy?

— Infelizmente não, Matt.

— Pois bem — disse ele, deixando de lado a bebida terminada e pousando as mãos no colo.

— Por que não discutimos o assunto? Seremos os dois sinceros.

Normalmente, Underwood não gostava dos aspectos técnicos e barganhas incluídos em reuniões de relações exteriores. Sempre que possível, os evitava. Mas agora, quase com ansiedade, estava esperando uma longa discussão com Noy. Falando com ela, escutando-a, ele estava ciente de que lidava com uma mulher notável. Nunca se sentira mais à vontade.

Debateram o empréstimo amplamente, ele a ouviu explicar a situação em Lampang e os seus problemas como sucessora do seu marido.

Por fim, Underwood chegou a uma decisão e a tomou.

Noy ficou muito satisfeita e até mesmo, espontaneamente, esticou a mão para tocar a dele numa demonstração de gratidão.

— Contudo, é uma troca — disse ela. — Agora você tem que me dizer o que quer.

— É sobre o arrendamento de uma base aérea — disse ele.

— Eu sei, Matt. Mas preciso conhecer os detalhes.

Ele explicou-lhe os detalhes cuidadosamente, consultando os cartões que recebera para ter certeza de que não estava enganado.

Repetiu para ela tudo o que o secretário de Estado e o secretário da Defesa lhe haviam dito.

Noy permaneceu atenta, compreendendo o que ele propunha e quando chegou a hora rebateu com o seu ponto de vista. Ela foi tão lógica que ele teve dificuldades em resistir, mesmo assim continuou a expor as necessidades americanas.

Depois de meia hora, chegaram a um acordo.

— Bem, é isso aí — disse Noy. — Está satisfeito?

— Se você ficar contente, estou satisfeito.

Ela pegou a bolsa.

— Já tomei demais o seu tempo. É melhor eu ir procurar Marsop e voltar para a Blair House a fim de ajudar a empregada a fazer as malas.

Ela começou a se levantar, mas ele a deteve.

— Noy, você precisa voltar para Lampang amanhã?

— Era o meu plano. Não é urgente, mas precisam de mim lá.

Underwood hesitou.

— Num sentido diferente, eu preciso de você aqui, pelo menos por mais um dia.

Ela o encarou.

— Mas por quê, Matt? Já concluímos o nosso negócio.

— Só o nosso negócio de política externa. Ainda não concluí meus negócios pessoais.

Ela franziu a testa.

— O que quer dizer com isso?

— Gostei tanto da sua companhia que detesto a ideia de ter que perdê-la. Gostaria que conhecesse Washington melhor, de levá-

la num passeio turístico. Sei que já estive aqui antes. Viu muita coisa?

— Excetuando a visita turística à Casa Branca, muito pouco.

— Precisa ver mais — disse Underwood, com convicção. — Eu a levarei pessoalmente para dar uma volta por Washington. Depois podemos almoçar, só nós dois, e conversar sobre negócios pessoais.

— Que tipo de negócios pessoais?

— Você — disse o presidente. — Quero saber mais a seu respeito. E quero que você saiba mais sobre mim. Devemos nos conhecer não como chefes de Estado, mas como seres humanos.

Ela inclinou a cabeça e brindou-o com um sorriso.

— Parece atraente. Acho quase impossível resistir a você.

— Então não resista.

— Não tem um programa intenso para amanhã?

Ele abriu um sorriso.

— Tenho: o dia com você. Vou apanhá-la na Blair House às onze e vinte. Daremos uma volta pela cidade, e podemos almoçar lá pela uma hora. Eu a levo de volta à casa de hóspedes no final da tarde, a tempo de seu retorno a Lampang de manhã cedo. O que me diz? Não seria cortês vetar um presidente num assunto desses.

Noy achou graça.

— Quem disse que vou vetar? — Ficou de pé. — Gostei do projeto apresentado. Está aprovado. Espero vê-lo amanhã de manhã.

Depois que Noy Sang se retirou, ele percebeu que ainda dava tempo de ir ao seu gabinete e ver se havia alguma coisa em sua mesa que exigisse atenção imediata.

Dirigindo-se ao elevador para seu gabinete, ele se sentiu muito animado, mais animado do que vinha se sentindo há meses. Não apreciava tanto a companhia de uma mulher desde que se tornara presidente. Tentou racionalizar o efeito que ela tinha sobre ele. Não podia ser só a sua beleza. Ele tinha uma esposa que podia ser considerada mais bela. Pensou de novo em seu jeito e estilo sem afetação, em sua franqueza, seu conhecimento e inteligência, sua naturalidade.

Ela era realmente única. E ele ficou radiante por poder passar o dia seguinte inteiro com ela. Seria um dia memorável, sem dúvida.

Então, ao se aproximar do gabinete, sentiu aparecer uma nuvem. Ele tinha que mandar chamar o seu chefe de Gabinete e o secretário de Estado e informar-lhes o que ocorrera entre Noy e ele. Devia preparar-se para esse confronto.

Entrando no Salão Oval, viu que não teria que mandar chamar o chefe do Gabinete Civil e o secretário de Estado. Já estavam ambos ali, Blake e Morrison, esperando por ele, cada um deles largado numa poltrona que ladeava a escrivaninha do presidente Rutherford B. Hayes.

Ele rodeou a sua escrivaninha fazendo uma continência parcial para Blake e Morrison, e sentou-se na cadeira de couro, ladeada pela bandeira presidencial e a bandeira americana presas à parede.

Lançou um olhar à bandeira presidencial, como que para se lembrar de quem realmente mandava ali.

Remexeu nos papéis no tampo da escrivaninha, e finalmente disse:

— Bem, está feito.

Blake tentou não deixar transparecer a reprovação na voz.

— Levou muito tempo, Matt. Tinha reservado duas horas para ela. Ficou com ela mais de cinco horas. Felizmente não tinha um horário intenso hoje, excetuando a visita ao Museu Contemporâneo. Posso lhe dizer que a primeira-dama ficou bastante aborrecida por você ter faltado. Mesmo assim...

— O que conta é como você se saiu — disse Morrison.

— Foram mesmo cinco horas? — disse Underwood. — Pareceram-me duas. Acho que tínhamos muito para conversar.

— Como se saiu? — repetiu Morrison. — Fez a permuta?

— Ah, sim. Demos e recebemos.

— O que foi que você deu, Matt? — quis saber o secretário de Estado.

— Lampang tem muitos problemas — disse Underwood, evasivo.

— O mundo inteiro tem — disse Morrison. — Quanto ofereceu? Teve que subir até cento e cinquenta milhões?

— Não — disse Underwood. — Isso não a teria ajudado, ou a nós. — Ele acomodou-se. — Concordei em que lhe emprestaríamos duzentos e cinquenta milhões de dólares, sendo que a metade imediatamente.

Morrison estava incrédulo.

— Você o quê?

— Eles precisam de dinheiro lá e nós precisamos deles.

— Mas isso é dinheiro para se pensar em dar a uma nação importante, não a uma ilhazinha.

— Vai ser bem gasto, você vai ver.

— Quero dizer, se você o desse ao general Nakorn, eu ainda poderia compreender — protestou Morrison. — Pelo menos ele está totalmente do nosso lado.

— Ele não está interessado na democracia. Está pouco ligando para o povo. Se estivesse no poder, arrasaria com os comunistas. Haveria um banho de sangue. -

— Mas ele está do nosso lado — implorou Morrison. — É o nosso tipo de ditador. Noy Sang é fraca demais. Não é confiável.

Underwood estava inflexível.

— Na minha opinião, ela é inteiramente confiável. Quando tiver o dinheiro, transformará Lampang numa verdadeira democracia. Teremos uma democracia com que nos relacionar.

Blake aparteou subitamente.

— Matt.

Underwood encarou-o.

— Sim, Paul?

Blake hesitou. Era como se tivesse uma pergunta da qual não quisesse saber a resposta.

— Tudo bem, sabemos o que você deu, mas Matt... o que recebeu?

— Uma base aérea, exatamente como queríamos.

— Exatamente como queríamos — disse Blake, desconfiado. — Quer dizer exatamente o espaço que queríamos.

Distraidamente, Underwood rabiscou com uma caneta.

— Bem, não exatamente. Quase, mas não exatamente.

Morrison debruçou-se para a frente.

— Exatamente seriam quarenta e três mil hectares. Quanto é não exatamente?

— Noy tem obstáculos a superar. Não poderia dar quarenta e três mil hectares e fingir que Lampang ainda era um país independente. Eu tinha que ser sensato.

— O que é sensato? — quis saber Morrison.

— Concordamos numa base aérea de trinta mil hectares.

Durante alguns segundos, Morrison ficou sem fala. Finalmente, conseguiu falar.

— Mas isso é para Piper Cubs — disse. — Não é para jatos da nossa força aérea.

— Daremos um jeito — disse Underwood, levantando — É melhor eu subir e trocar umas palavrinhas com Alice, ela deve estar furiosa por causa de hoje à tarde.

Quando Underwood chegou à porta para entrar na colunata que passava pelo Jardim das Rosas, a voz de Blake o alcançou:

— Você perdeu a grande luta em Las Vegas, Matt.

— Esqueci completamente.

— O seu homem ganhou. O desafiante ganhou o título por nocaute técnico.

— Que bom, que bom — comentou Underwood desinteressado, enquanto abria a porta.

Não saiu. Dirigiu-se ao chefe do Gabinete Civil.

— Paul, qual é a agenda para amanhã?

— Você sabe — disse Blake. — Você e Alice vão receber as esposas dos senadores para um chá. Depois a entrevista coletiva. À noite, o jantar formal para os governadores e esposas.

— Ótimo — disse Underwood. — A noite está de pé. Cancele a parte da tarde, excetuando a entrevista coletiva. Quero dizer, você e Alice podem cuidar daquelas mulheres.

— Cancelar a sua aparição à tarde antes da coletiva? disse Blake. — O que você vai fazer?

— Convenci Noy Sang a passar mais um dia aqui. Vou levá-la para ver a cidade e depois almoçar comigo num restaurante qualquer. — Ele fez uma pausa. — Vamos discutir um pouco mais a base aérea.

Com essas palavras, deixou o Salão Oval.

Depois que ele se foi, deixando-os a sós, Blake e Morrison permaneceram sentados em silêncio.

Fitaram-se após um breve intervalo.

— O que está havendo? — Morrison disse, não propriamente com os seus botões. — Cinco horas em vez de duas com a presidenta de uma coisa chamada Lampang. Um empréstimo imprudente muito maior do que o que havíamos combinado. Em troca, uma base aérea reduzida. Agora, amanhã, mais um dia com aquela mulher. O que aconteceu com o presidente Matt Underwood?

— Fácil — disse Blake. — Até mesmo tem um nome.

— Um nome?

— Para os homens comuns é chamada de síndrome da meia-idade. Por que também não deveria acontecer a um presidente?

CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, Matt Underwood estava resolvido a tirar o dia para si próprio ou melhor, para Noy Sang e ele.

A Casa Branca era um aquário, e fugir dela não foi fácil. Ele começara o dia com uma série de mentiras. Mandou chamar Paul Blake e deu-lhe ordens para informar à primeira-dama que o presidente estaria ocupado à tarde — consultas sérias a Agência Espacial Nacional — e, infelizmente, teria que faltar ao chá das senhoras do Senado.

Esperava que Alice e Blake fizessem o que era necessário. Sim, estaria a postos para a entrevista coletiva. Ordenou a Blake que não dissesse uma palavra a ninguém sobre a sua ausência da Casa Branca.

Depois mentiu a Jack Bartlett, o secretário de Imprensa, sobre o programa da parte da tarde, dizendo-lhe que tinha importantes decisões políticas que precisava tomar em reclusão e esperava que Bartlett inventasse uma mentira plausível para a imprensa.

A sua intenção inicial fora mentir também para Frank Lucas, diretor do Serviço Secreto, mas depois pensou melhor, não se importava de arriscar a própria vida sem o Serviço mas achava que não podia correr esse risco com Noy.

Mandou chamar Lucas e contou-lhe a verdade. Explicou que precisava ter uma reunião confidencial com a presidenta Noy Sang sobre Lampang. No entanto, queria proteção mais para madame Noy do que para si mesmo, e portanto achou seu dever informar Lucas.

— Está agindo corretamente — disse Lucas, um ex-agente de polícia corpulento, com um nariz largo que parecia socado até ficar achatado completamente.

— Mas quero apenas a proteção mínima — acrescentou Underwood. — Dois ou três agentes do Serviço Secreto no máximo, para não chamar a atenção.

— Impossível — disse Lucas. — Vou precisar de uma turma integral de doze homens, inclusive vários para examinar o restaurante que o senhor escolher em busca de dispositivos de vigilância e para supervisionar a preparação da comida na cozinha.

Compreenda, senhor presidente, temos um computador que dá uma listagem de todas as pessoas que já o ameaçaram. Há pelo menos quarenta mil delas, e trezentas e cinquenta nós consideramos ameaças sérias. Agressores descontentes feriram ou mataram dez presidentes e dois candidatos, a despeito de nossa proteção, e perdemos oito agentes no cumprimento do dever.

— Mesmo assim, não quero uma caravana. Não pode reduzir o grupo de proteção a seis?

— Depende. Seis não é muito. — Lucas pensou no assunto, determinado a cumprir o seu dever, mas ansioso para agradar o presidente. — Qual o seu horário e itinerário?

— Terei um carro e motorista no Pórtico Sul pouco antes das onze e quinze. Pretendo ir à Blair House para apanhar madame Noy. Depois, talvez uma ou duas horas de passeio turístico, as atrações óbvias da cidade. E quero que me descubra um restaurante obscuro em Georgetown... não um ponto de encontro de celebridades... um

lugar onde seja menos provável que me reconheçam... e arranje um reservado para madame Noy e eu.

Lucas sacudiu a cabeça.

— Não há restaurantes obscuros em Georgetown. O senhor será reconhecido aonde quer que vá. A não ser que... — ficou refletindo sobre uma possibilidade.

— A não ser que o que?

— A não ser que eu descubra um que possa ser fechado a tarde toda, ostensivamente para obras, e mande afixar um cartaz dizendo isso. Então o senhor e madame Noy ficariam sozinhos no restaurante.

— Isso é possível?

— Qualquer coisa é possível com os contatos certos — disse Lucas. — Na verdade, eu posso ter a solução. Há um pequeno restaurante, o Clube 1776, em Georgetown, que tem pouco movimento para o almoço. Geralmente fica quase vazio nessa hora e é fácil fazer a segurança nele. Conheço o dono e posso falar com ele. É claro que teríamos de arcar com o prejuízo pelos clientes perdidos. Acho que posso convencê-lo.

— Então faça isso. Reserve a mesa para uma hora. Vou precisar de três horas. Talvez um pouco mais.

— Feito — disse Lucas. — O senhor compreende que devo colocar um agente na limusine com os senhores.

— Aceitável — concordou Underwood. — A nossa conversa particular ocorrerá durante o almoço.

— Precisarei de pelo menos dois carros com agente para precedê-los e segui-los. Não há garantia de que alguém o veja.

— Isso não me preocupa. As janelas escurecidas da limusine nos esconderão.

— Não há janelas escurecidas nas casas que cercam o restaurante.

— Vou correr o risco, Frank. Basta providenciar para que seja colocado o cartaz de "Fechado para obras".

— Pode deixar, ele será colocado.

— Ah, mais uma coisa, Frank. Ninguém está sabendo dessa reunião exceto você, meu chefe de gabinete e o secretário de Estado. Eles não vão falar. A imprensa não sabe. Nem a minha mulher sabe. O único vazamento viria de você ou dos seus homens.

— Tem minha palavra, isso não acontecerá — prometeu Lucas. Ficou de pé e se dirigiu para a porta. — Até onze e quinze.

A limusine com chofer e o Serviço Secreto chegaram na hora.

O presidente deixou a Casa Branca pela entrada dos fundos, virtualmente sem ser visto.

Estava o mais elegante possível, num terno cinzento com camisa cinza mais escura, gravata vermelha com bolas brancas.

Na Blair House ele desceu da limusine para acompanhar Noy da casa de hóspedes até o carro.

Aos olhos dele, ela era um sonho de juventude. Usava um suéter Chanel azul, saia de chiffon branca plissada, e apertou a mão dele efusivamente.

Depois que se sentaram no banco de trás, Underwood explicou para Noy aonde iriam, como já dissera ao chofer.

Em cada atração turística eles davam uma breve parada. Os comentários de Underwood eram no seu velho estilo de televisão, e

ele estava brilhante.

— Uma cidade americana estranha — disse, enquanto andavam. — Foi projetada por um francês. A maioria da sua população é negra. Dois terços das pessoas que trabalham aqui nasceram na Virgínia e em Maryland. Ali está a cúpula do Capitólio, que é uma cópia exata da Catedral de Saint-Paul, em Londres. O interior da cúpula é parcialmente decorado com folhas de tabaco trabalhadas, e não há advertência sobre o fumo fazer mal à saúde...

— Ali está o monumento a Washington, um obelisco de mais de cento e sessenta e nove metros de altura e mais de noventa toneladas de peso. A princípio ele se inclinava como a Torre de Pisa, mas foi endireitado em 1880. Não se permite que ninguém suba os oitocentos e noventa e oito degraus. Um elevador leva as pessoas ao topo em setenta segundos, mas pode-se descer e ver as cento e noventa placas de tributo de vários estados, países, da tribo cheroqui e do Deseret de Brigham Young, onde se permitia a poligamia.

O monumento é em homenagem a nosso primeiro presidente, que nos conduziu à liberdade, e, no entanto, ganhou milhões de dólares com trabalho escravo. As cerejeiras japonesas em flor são lindas de se ver, não são? O primeiro carregamento de Tóquio estava contaminado com fungo e teve de ser queimado. As árvores que você vê foram plantadas em 1912... Ficam de frente para um memorial ao revolucionário a quem você se referiu ontem, Thomas Jefferson. Houve uma grande grita quando cento e setenta e uma árvores saudias tiveram de ser destruídas ou retiradas para abrir espaço para o seu memorial.

— Ali fica o memorial a Abraham Lincoln. Imagine, um camponês do Illinois criado numa cabana rústica de madeira, agora sentado num templo de mármore grego que se parece com o Partenon... Ali está o Edifício J. Edgar Hoover, que abriga o FBI. Ele armazena duzentos e cinquenta milhões de impressões digitais para identificar assassinos ou gente sofrendo de amnésia.

Quase no fim do passeio, Noy virou-se para ele.

— Você é mesmo irreverente, senhor presidente.

— O senhor presidente nunca é irreverente. Só Matt Underwood é que é. — Cobriu a mão dela. — Você está passando o dia com Matt Underwood.

A limusine diminuía de velocidade.

— O Clube 1776 — anunciou o chofer.

Underwood adiantou-se, afastando com um gesto o Serviço Secreto.

— Agora passamos a um almoço longo e descansado. Não irreverente, mas certamente particular.

— Por que está fazendo isso, Matt?

— Porque queria conhecê-la melhor sem falar em empréstimos e bases aéreas.

— Conhecer-me melhor. Mas por quê?

Ajudando-a a sair do carro, ele disse:

— Porque espero vê-la mais vezes, muitas mais. Alguma objeção, Noy?

Ela desceu do carro e sorriu para ele.

— Estou lisonjeada e satisfeita.

E eles desceram os degraus que os levavam ao restaurante obscuro e fechado.

Frank Lucas, que liderara em pessoa o destacamento do Serviço Secreto, esperava-os à entrada, junto ao cartaz de FECHADO PARA OBRAS. Conduziu-os pelas mesas vazias do restaurante e levou-os até um reservado bem nos fundos.

Enquanto se sentavam lado a lado, Underwood disse para Noy:

— Tomei a liberdade de perguntar a Marsop o que você realmente come em casa. Ele disse que você gosta de peixe.

— Estou acostumada com peixe — disse Noy. — Somos um país insular, o peixe é nosso principal produto.

— Então o almoço é esse, se você não se importa: bouillabaisse, bolo de salmão assado, batatas fritas, salada de alface e o que você quiser escolher de sobremesa. Por que não começamos com uma bebida?

— Uísque com soda será ótimo.

Underwood ergueu os olhos para o garçom.

— Dois uísques com soda.

Depois que o garçom se retirou, Noy pousou os olhos em Underwood.

— Estou curiosa sobre uma coisa.

— Sim?

— Ontem, Matt, depois que nos despedimos, você voltou para o seu gabinete?

— Voltei.

— Os outros estavam à sua espera?

— Meu chefe de gabinete e o secretário de Estado estavam.

Noy lambeu o lábio superior.

— Imaginei que estariam. Queriam saber como você se saía comigo?

Underwood abriu um sorriso.

— Muitíssimo. — Encarou Noy. — Eu lhes disse, e depois sai.

— O empréstimo maior e a base aérea menor?

— Claro.

— Como eles reagiram?

Underwood deu uma risadinha.

— Como era de esperar. Ficaram furiosos.

O rosto de Noy ficou repentinamente sério.

— Desculpe. — Hesitou. — Se quiser renegociar, podemos fazê-lo.

Underwood sacudiu a cabeça.

— Você é gentil, mas dei minha palavra e vou mantê-la.

— Mesmo com o seu gabinete contra você? Você tem muita... qual a palavra certa... garra, isso você tem.

— É mais do que isso. Nunca faltaria à minha palavra. Bem, quase nunca, e especialmente com você.

— Agradeço a sua gentileza.

— Deixe isso para lá — disse Underwood. — Vamos falar o mínimo possível de negócios de Estado. Vamos falar sobre o outro. Depois da morte do seu marido, ainda lhe restou uma família, não é?

— Não muito grande, o suficiente para ser confortadora. Tenho um filho, Den, de seis anos, que está na escola, como sabe. Tenho uma irmã mais nova, Thida, solteira e mais inteligente do que eu.

Den, Thida e eu somos muito ligados. Também sou ligada a meus pais. Eles moram numa aldeia nos arredores de Visaka. Na verdade, meu pai é dono da aldeia e de tudo o que a cerca. Eu me dou bem com a minha mãe, mas não tão bem com o meu pai. Eu o adoro, mas ele muitas vezes fica aborrecido comigo. No meu país é comum haver casamentos arranjados, mas eu recusei isso e escolhi o meu próprio companheiro. Meu pai não gostou e, além disso, achava Prem liberal demais. Ele também está aborrecido porque desejo cumprir a promessa de meu marido para o povo e dividir as grandes propriedades entre os pobres. Meu pai não gosta dessa ideia. Sabe que a sua propriedade será incluída. Ele acha que isso é comunista demais. Ele sabe que não sou comunista, mas acha que guinei demais à esquerda. Eu digo a ele que, com nossa tentativa de dividir a terra, estamos retirando a única atração que os comunistas têm. De certa forma, estamos preservando o que ele aprecia, a democracia capitalista. Mas meu pai não enxerga isso.

Os drinques tinham sido servidos e Underwood ergueu o seu copo num brinde.

— À democracia capitalista — disse.

Ela ergueu o copo e tocou o dele.

— É. E a dois líderes democratas... nós... que acreditam no povo.

— Muito bem dito — disse Underwood, e bebeu. Noy sorveu o seu drinque.

— Tenho dois tios e uma tia no campo. Também nos damos bem, e sempre nos reunimos nos feriados, especialmente no Natal e Ano-Novo. Há mais uma pessoa que considero como minha família,

embora não pertença a ela. Estou me referindo a Marsop. Ele teria dado a vida pelo meu marido, como estou certa de que a daria por mim.

— Houve outros homens antes do seu marido? — quis saber Underwood.

— Alguns afetos juvenis. E mais tarde, quando estive em Wellesley.

— Deram em alguma coisa?

Noy estava intrigada.

— Como assim?

— Você teve intimidade com algum deles? Fez sexo?

Ela ficou espantada.

— Você é mesmo franco, hem?

— Não é bem assim. Quero saber tudo a seu respeito. Não quero deixar escapar nada.

Noy ficou quieta por um momento.

— Pois bem. Não me importo de lhe contar.

— Não precisa me responder — Underwood apressou-se em esclarecer.

— Eu quero. Na minha classe social, não temos relação sexual quando somos solteiros. Nunca antes de me casar com Prem, e nunca desde a morte dele, tive tal tipo de relacionamento.

— Não pretendia me imiscuir na sua vida íntima.

— Não, Matt, é bom falar sobre essas coisas.

— Há mais que quero saber — disse Underwood. — Você me falou daqueles em Lampang de quem gosta mais. De quem gosta menos?

— Acho que não estou entendendo.

— A sua oposição, seus inimigos — disse Underwood. De quem não gosta, principalmente? — A seguir, respondeu a própria pergunta. — Imagino que seja Lunakul, o chefe dos rebeldes comunistas.

— Está errado — disse ela. — Lunakul não é um comunista estereotipado. É um homem manso, estudioso, que não acredita em violência. Ele a usará, é claro, se for o único jeito de ajudar nosso povo a obter a igualdade, assim como ele usa o que pode do Camboja e do Vietnã para alcançar o seu objetivo. Mas no íntimo ele é decente, e estou convencida de que posso lidar com ele pacificamente sem transformar nossa nação num Estado comunista.

As bebidas tinham sido retiradas, e ela não quis tomar uma segunda dose. Ambos esperaram que a bouillabaisse fosse servida.

Ao experimentar o prato, Noy emitiu sons deliciados de aprovação.

Underwood ficou satisfeito. Já estava na metade do prato quando falou de novo.

— Ainda não respondeu à minha pergunta.

— De quem gosto menos em Lampang? Na verdade, não desgosto de ninguém. Todavia, há alguém em quem não confio. É outra história. Não é pessoal. É política, e acho que é ruim para Lampang.

— Quem é?

— O general Samak Nakorn — disse ela -, o chefe do nosso Exército. É ele o mais respeitado pelo Pentágono.

— Verdade? Por quê?

— Porque tem horror a comunistas. O único comunista bom é o comunista morto, diz ele. Acha que resolveremos os nossos problemas acabando com todos os comunistas, tornando Lampang segura para um aliado como os Estados Unidos.

Underwood refletiu sobre isso.

— Mas você é a presidenta, Noy. Em última instância, o seu Departamento de Defesa tem de acatá-la.

— Não tem, não. — Fez uma pausa. — O seu o acata em tudo, Matt?

— Acho que sim, mas não posso ter certeza.

Eles se recostaram no banco e ficaram quietos enquanto o garçom retirava os pratos à sua frente e servia o prato seguinte.

Depois que o garçom desapareceu discretamente, Noy foi a primeira a continuar a conversa.

— Em quem você pode confiar no seu governo, Matt?

— Bem, isso não é fácil dizer.

— Então deixe que eu torne as coisas mais fáceis — disse Noy. — Você queria saber sobre aqueles que eram ligados a mim, e eu lhe contei. Agora quero saber quem é ligado a você.

— Isso é óbvio — disse Underwood. Mastigou o salmão e experimentou a salada. — Tenho mulher, como sabe, e uma filha crescida.

— Fale-me da sua mulher.

— Não há muito o que contar. Ela foi considerada a mais bela moça do país, Miss América.

— Disso tudo eu já sei — disse Noy. — Conte mais.

— O que há para contar? — disse Underwood, displicente.

Noy inclinou a cabeça para a comida.

— Ouvi dizer que ela é ambiciosa.

— Não tenho certeza do que quer dizer. Para onde pode ir, depois de ser a primeira-dama?

— Pode ser primeira-dama de novo.

Underwood ficou calado por um momento.

— Sim, é verdade. Alice gostaria que eu concorresse à reeleição.

— E você quer?

— Não especialmente. Já fiz o que pude. Defendi e impulsei programas contra a pobreza, o desemprego, o crime. Há tantas outras coisas que precisam ser feitas como aperfeiçoar o serviço nacional de saúde, instigar um programa de bolsas para educação, controlar os empreiteiros que trabalham para a defesa, tornar a nossa política externa menos imperialista... Sei que não vou conseguir isso num mandato, nem mesmo em dois. Existe oposição demais.

E acrescentou: — Já estou farto da televisão e desconfio que estou farto da Casa Branca. Não gosto de acordar todos os dias e ter que tomar decisões. Em geral há algo de positivo nos dois lados de tudo. Não gosto de tentar satisfazer todo mundo, com o Congresso, o meu gabinete, a imprensa no meu pé o tempo todo. Você não acha isso difícil?

— Impossível — disse Noy. — Quando terminar esse mandato, gostaria de me retirar da vida pública. Cá entre nós, não pretendo me candidatar à reeleição.

— A despeito do general Nakorn?

Noy assentiu.

— A despeito dele ou de qualquer pessoa ou qualquer coisa. Quero dizer, não posso promover as minhas políticas eternamente. Alguém vai assumir o meu lugar, mais cedo ou mais tarde e fazer coisas com as quais não concordo.

Underwood pensava do mesmo jeito.

— E isso mesmo o que eu sinto. Já dei o melhor de mim. Depois disso eu gostaria de permanecer jovem lendo livros que nunca tive tempo de ler, e jogando golfe, passando mais tempo ao ar livre, fazendo caminhadas, esquiando, e depois me dedicando a algo que chamo de Plano Popular de Paz Não-Nuclear.

— O que é isso, Matt?

Empolgado, ele explicou.

— Que maravilha, Matt, se você pode fazer com que isso aconteça.

— Posso tentar. Portanto, há tudo isso para me manter ocupado. E gostaria de conhecer melhor a minha filha.

— Não mencionou a sua mulher.

— Conheço bem a minha mulher. Depois de sair da Casa Branca, ficará insatisfeita. Vai querer fazer alguma coisa que a mantenha em evidência. Provavelmente voltará para a televisão. Mas preferiria fazer isso depois de mais quatro anos na Casa Branca. Não consigo me ver reeleito, nem mesmo por ela. Não suporto a ideia de ter que conferenciar com mais um líder estrangeiro enquanto for presidente. Mais tarde, seria outra história, mas não como presidente.

Noy sorriu.

— No entanto, cá estamos nós. Você me dedicou dois dias inteiros.

Ele não ergueu os olhos.

— Você é diferente.

Ela o fitou.

— Como? — E implicou com ele. — Ou quem sabe não me veja como líder.

Ele a encarou.

— Não, você é líder. Não há dúvida alguma. Olhe só o jeito como partiu para cima de mim atrás do empréstimo e barganhou pela base aérea. Dei às nossas diferenças a minha atenção integral porque era o preço de passar mais tempo com você. Gosto de passar o tempo com você porque posso falar-lhe de um jeito que não poderia usar com Alice. Ela está preocupada demais consigo mesma, com seu corpo. Você está interessada em outras coisas, em tudo. Além disso, é sensível e franca.

— Vai ver que é fingimento — disse ela.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não se pode fingir sobre o que se é realmente. Confio nos meus instintos com relação a você.

Noy afastou seu prato. Mudou de assunto.

— Quais são os seus instintos sobre aqueles que o cercam, os membros do seu gabinete?

— Claro que todos são pessoas que escolhi por indicação de outros, e nomeei.

— Mas em quem confia mais e em quem confia menos?

Underwood mexia na sua salada.

— Não tenho certeza. Conto com o chefe do Gabinete Civil, Paul Blake. E bem organizado e eficiente, e um sujeito bem simpático. Quanto a confiar nele inteiramente... não de todo. Ele tem uma queda pela minha mulher.

— Uma queda?

— É uma gíria. Quer dizer que está interessado nela. Eu o observo quando ele observa Alice. Não pode tirar os olhos das nádegas e das pernas dela. Ele sente uma afeição razoável pela esposa, mas é louco por Alice. Um olhar da parte dela e ele se derrete. Assim, como posso confiar nele completamente?

— E os outros?

— São dignos de confiança, de um modo geral, embora eu não tenha pensado muito no assunto. O secretário de Estado, Morrison, é honesto. Nem sempre concordamos, mas ele é competente e honesto. Quanto ao secretário da Defesa, Cannon, são sei. Pode ser um homem do tipo de Nakorn, muito anticomunista, mas para o bem dos Estados Unidos. Não posso pôr defeito nisso. O diretor da CIA, Alan Ramage... quem diabos sabe o que a CIA apronta? Deveriam contar-me tudo, eu deveria saber de tudo, e pode ser que saiba, mas não apostaria nisso. De qualquer modo, isso o torna bom para o seu cargo.

Pediram tortinhas de frutas como sobremesa, comeram-nas devagar, e conversaram mais um pouco.

Momentaneamente, Underwood lançou um olhar ao relógio. O chá com as esposas dos senadores tinha acabado, graças a Deus. Presumivelmente, Alice e Blake haviam cuidado disso. Alice ficaria

aborrecida com a sua ausência, mas mesmo assim curtiria o chá. Ela apreciava esse tipo de coisa.

Então ele se lembrou do resto do seu programa. Haveria uma entrevista coletiva nacional às quatro e meia, que já vinha sendo muito adiada, e posteriormente, após um breve descanso, um jantar com os governadores e suas esposas.

Era melhor ele andar depressa para chegar a tempo para a entrevista coletiva, por mais relutante que estivesse em encerrar a aventura com Noy.

Eram quase quinze e quarenta e cinco quando Underwood levou Noy de volta à Blair House.

A despeito da pressa que tinha agora, despedir-se dela era mais importante do que qualquer outra coisa. Deu ordens ao chofer para permanecer ao volante, muito embora o destacamento do Serviço Secreto, o agente no banco dianteiro e os agentes nos outros dois carros, já estivessem na calçada. Underwood insistiu em abrir a porta traseira da limusine e ajudar Noy a sair.

Segurando-a pela mão, Underwood acompanhou-a até o portão de ferro batido que conduzia à entrada da Blair House. Dois homens do Serviço Secreto o abriram e Underwood e Noy o cruzaram e, de mãos dadas, subiram os degraus brancos íngremes até chegarem ao pórtico entre as colunas que flanqueavam a porta da frente. Mais dois agentes do Serviço Secreto tinham anunciado a sua chegada e um empregado filipino mantinha a porta aberta.

Noy parou e apertou de leve a mão de Underwood e, instintivamente, ele se abaixou para lhe dar um beijo de despedida

no rosto. Em vez disso, ela virou a cabeça para ele e tocou-lhe os lábios com os seus.

— Obrigada por tudo, Matt — disse, sem fôlego. — Você foi mais do que maravilhoso.

— Você também — disse ele, engolindo em seco. — Espero que possamos nos rever em breve.

— Eu também — disse ela, afastando-se.

— Nós nos veremos, Noy — prometeu ele.

Ficou parado vendo-a dirigir-se para a porta da Blair House e, pela primeira vez, tomou consciência de que ela tinha nádegas tão cheias quanto as de Alice, e provavelmente mais macias.

A porta, ela fez uma pirueta a fim de acenar para ele, e Matt observou o seu rosto liso e sedoso mais uma vez antes de retribuir o aceno.

Não é apenas um rosto inteligente, pensou ele. É um rosto sensual, pensou, sentindo-se culpado e, no entanto, satisfeito.

Um tanto atordoado, voltou a entrar na parte de trás da limusine e mandou que o chofer fosse depressa para a Casa Branca.

Ele teve vinte minutos no Salão Oval com Blake para se preparar para a entrevista coletiva e ganhar forças para o combate.

Sentando-se diante dos cartões de perguntas e respostas que Blake aprontara eficientemente para ele, mal correu os olhos por eles antes de fazer, ele próprio, uma pergunta.

— Como foi o chá das senhoras do Senado com Alice?

— Ela ficou um pouco aborrecida porque você não pôde ir, mas compreendeu a prioridade de uma reunião de emergência com a Agência Espacial Nacional. Além disso, como lembrei a ela, você

estaria recebendo pessoalmente todos os governadores e seus convidados no jantar de logo mais à noite.

— Obrigado, Paul. Bem, o que temos aqui? — Começou a examinar os cartões.

— Não é nada demais — disse Blake. — Acho que você não deve deixar de mencionar o novo ônibus espacial, o seu discurso nas Nações Unidas e a reunião bem-sucedida em que adquiriu uma base aérea vital em Lampang.

— Quanto tempo deve durar a entrevista coletiva?

— A moça da United Press prometeu dizer "Obrigada, senhor presidente" depois de uma hora.

De olho no tempo, Underwood ficou absorto com as perguntas e respostas nos seus cartões auxiliares. Underwood tinha boa memória e sabia utilizar bem as anotações que lhe passavam ao se dirigir a um público. Fizera-o durante anos na televisão, muito antes de estar na Casa Branca, e o faria muito bem de novo, mesmo que acontecesse algo inesperado.

Deslizou a mão sobre os cartões, formando uma pilha como um baralho de pôquer e colocou-os no bolso do paletó, como que para se tranquilizar.

— Tudo bem, estou pronto, Paul. Vamos.

As filas e filas de repórteres na Sala Leste levantaram-se numa onda hostil, como que para envolvê-lo.

Underwood fez sinal para que se sentassem.

Resolvera antecipadamente que não faria comunicados políticos. Encaixaria os comunicados no meio de perguntas planejadas.

Insistira nisso para não gastar mais de uma hora e para criar uma atmosfera informal e espontânea.

Além disso, para um presidente que alguns colunistas não consideravam alerta, as suas respostas provariam que ele sabia o que estava se passando.

Uma dúzia de mãos se levantou e Underwood apontou para o correspondente da Casa Branca do The Miami Herald.

— Senhor presidente, sabemos que o novo ônibus espacial à prova de acidentes estará pronto para decolar do Cabo Kennedy brevemente. Quer nos falar dos seus aspectos de segurança aperfeiçoados e da data marcada para o primeiro voo?

Habilmente, e com todos os dados técnicos que conseguira memorizar, Underwood descreveu em linhas gerais os mais recentes aspectos de segurança do novo ônibus espacial. Falou das metas do voo espacial e anunciou que seria realizado dali a quatro meses, a partir do dia seguinte.

Underwood escolheu uma mulher da CBS para a pergunta seguinte.

— Senhor presidente, comenta-se que o senhor pretende se dirigir às Nações Unidas num futuro próximo — disse ela. — E verdade? E, se for, o senhor pode nos dizer qual o seu propósito?

— O que ouviu é verdade — disse Underwood.

— Pretendo me dirigir às Nações Unidas num futuro próximo, provavelmente em seis semanas. A data exata do discurso está sendo objeto de discussões preliminares. Vai depender de quando o secretário-geral da União Soviética discursar na ONU. Meu discurso será uma hora depois do dele, e o que vou dizer dependerá da sua

reação à nossa acusação de uma estocagem de armas soviéticas em países do Terceiro Mundo. Qualquer estocagem nessa parte do mundo poderia ser caracterizada como quebra do nosso Acordo de Desarmamento de Cúpula.

Underwood esperava que a próxima pergunta abordasse o acordo com Lampang.

A pergunta não veio a seguir, nem logo após. As perguntas que se seguiram falaram no estado da economia, emendas do projeto da receita pública perante o Congresso, aumento do desemprego e num novo programa para a defesa civil.

Então, finalmente, veio a pergunta sobre Lampang. Foi feita pelo correspondente da Casa Branca do The New York Times.

— Senhor presidente, ontem o senhor almoçou com a presidenta Noy Sang, de Lampang. Parece que discutiam uma aliança de defesa com Lampang. Está preparado para comunicar o resultado do acordo?

Underwood estava bem preparado.

— Sim, tive uma reunião proveitosa com a presidenta Noy Sang. Estou preparado para comunicar os resultados da reunião.

Promessa de resultados significavam notícias, e Underwood viu a maioria dos quatrocentos correspondentes na sala brandindo lápis e blocos. Deu um tempo a todos para se aprontarem, antes de fazer o comunicado preparado.

— Como todos sabem — disse Underwood -, a ilha de Lampang, no mar da China, é vital para os interesses estratégicos americanos. Até agora, Lampang tem mantido uma política de retraimento em relação às outras nações. Porém a presidenta Noy

Sang, que se tornou chefe do executivo depois do assassinato do marido, considerou útil para Lampang passar a ter uma aliança e amizade estreitas com os Estados Unidos. Como o país está em sérias dificuldades econômicas e sofrendo constantes pressões do continente para ceder ao comunismo, decidimos que, como aliados, poderíamos fortalecer a independência de Lampang concordando com um empréstimo. Informei a madame Sang que faria o possível para que os Estados Unidos emprestassem a Lampang duzentos e cinquenta milhões de dólares e...

Ouviu-se um zumbido de reação na sala ante a enormidade da quantia.

— ... e, como prova de gratidão por parte deles e desejo de cimentar a nossa aliança, Lampang concordou em ceder trinta mil hectares aos Estados Unidos para construirmos nossa segunda maior base aérea no Pacífico.

— Hã... senhor presidente, se eu puder desenvolver a minha pergunta...

— Por favor.

— Qual será a extensão da principal pista de pouso?

Underwood ficou perplexo por um momento, mas então um número que tinha ouvido lhe veio à cabeça.

— Creio que dois mil e quatrocentos metros.

— Não fica um pouco apertado para os nossos F-4s, F-5s e T-33s?

Mais uma vez, Underwood hesitou.

— Não tenho certeza. Ainda não tenho todos os números. No seu devido tempo, na verdade muito em breve, consultarei a força

aérea a esse respeito. Se a pista de pouso for inadequada, estou certo de que o secretário de Estado e eu poderemos renegociar com a presidenta Noy Sang para obtermos o desejado.

Muitas outras mãos se ergueram, uma delas era de Hy Hasken, da TNTN, na primeira fila.

Underwood sabia que era uma regra inflexível jamais ignorar uma indagação de uma rede importante. Já aceitara e respondera perguntas da CBS, NBC, ABC e não ousava evitar a TNTN.

Sentiu-se tentado a evitar Hasken, porque, invariavelmente, Hasken não era gentil com ele — ou, pelo menos, era difícil -, e não estava com vontade de enfrentar o sujeito agora.

Mas viu que não tinha escolha.

— Senhor Hasken — disse, apontando para o repórter da TNTN.

Hasken ficou de pé.

— Senhor presidente, hoje o senhor cancelou uma reunião com as senhoras do Senado por causa de uma reunião de emergência com a Agência Espacial Nacional. Fiquei curioso com essa emergência e liguei para um contato na agência. O contato ficou intrigado com o meu telefonema. Disse que a Agência Espacial não estava se reunindo com o senhor hoje. Concluí que o senhor estava ocupado com outra coisa.

Ao ouvir isso, Underwood sentiu um frio na barriga.

Encrenca.

— Ansioso para saber o que era, fiquei de olho no diretor Frank Lucas e no Serviço Secreto a manhã toda. Vi o senhor sair da Casa Branca no fim da manhã. Usei meu carro para seguir a sua limusine

até a Blair House, onde o senhor recebeu pessoalmente a presidenta Noy Sang de Lampang, e a levou para um passeio turístico por Washington. Depois disso, o senhor a levou a um restaurante pouco conhecido em Georgetown, o Clube 1776, e desapareceu lá dentro com ela por quase três horas.

Sei que isso é verdade porque me postei do outro lado da rua e marquei o tempo. Minha pergunta é a seguinte: por que o senhor a levou secretamente a esse passeio turístico e ao almoço prolongado? O que estiveram fazendo e por que o senhor teve que vê-la durante tanto tempo num segundo dia, especialmente sem deixar que ninguém soubesse?

Hasken esperou a resposta de Underwood.

Durante breves segundos, Underwood ficou paralisado. O sacana havia descoberto e o seguira. O filho da puta o pegara com a mão na massa.

Sentiu-se tentado a mentir para sair daquela. Mas lembrou-se do que um presidente anterior lhe dissera, com severidade. Nunca, nunca minta pessoalmente para a imprensa.

Pode mandar o seu secretário de Imprensa ou outra pessoa qualquer mentir por você, porém nunca, nunca o faça pessoalmente. Não dá pé. A imprensa descobrirá e o destruirá.

Underwood resolveu não mentir. Hasken o encurralara e ele teria que enfrentar o fato da melhor forma possível.

— Muito empreendedor da sua parte, senhor Hasken — replicou Underwood, com um sorriso forçado. — Não nego que tentei despistar todo mundo porque queria uma reunião particular

com a presidenta Noy Sang para melhor explorar fatos de nossa aliança e da nossa base aérea projetada.

— Mas houve um passeio turístico bem descontraído antes, senhor presidente insistiu Hasken.

— Uma coisa bem natural de se fazer — respondeu Underwood lentamente, tateando em busca do que dizer. — Embora a presidenta Noy Sang tivesse estado nos Estados Unidos muito tempo atrás, não conhecia muito sobre o nosso Capitólio. Como ela está ansiosa para continuar a dirigir Lampang tomando como modelo nossos princípios democráticos, achei que era vital para o nosso relacionamento explicar-lhe como a democracia realmente funciona nos Estados Unidos.

Fez uma pausa.

— Durante o nosso pequeno passeio, pude fazê-lo. Ela ficou muito impressionada. — Fez nova pausa. — Quanto ao que o senhor caracteriza como o nosso almoço prolongado...

— Cerca de três horas, senhor presidente.

— Eu poderia facilmente ter gastado mais uma hora, — disse Underwood suavemente — mas sabia que esta entrevista coletiva fora planejada e anunciada. Na verdade, eu insistira com a presidenta Noy Sang para ficar mais um dia, a fim de acertar comigo alguns dos detalhes essenciais do nosso acordo. Para justificar o nosso empréstimo a Lampang perante o Congresso, eu precisava saber como madame Sang pretendia gastar o dinheiro e se era no melhor interesse dos Estados Unidos. Além disso, eu precisava saber mais sobre as prioridades da nossa nova base aérea, e que garantias eu poderia obter de madame Sang.

Com o canto do olho, Underwood enxergou Blake indicando a correspondente da United Press.

Underwood desviou o olhar de Hasken e fez um gesto de cabeça para a mulher da United Press.

Ela ficou prontamente de pé.

— Obrigada, senhor presidente — disse.

Ele encontrou Alice no Quarto de Vestir da Primeira-Dama, no segundo andar.

Ela estava sentada diante do aparelho de televisão, assistindo matéria de destaque no noticiário vespertino. Via Hy Hasken, da TNTN, contar como questionara longamente o presidente, citando a réplica menos do que satisfatória de Underwood.

Quando Underwood entrou e Alice o viu, ela ficou de pé, desligou o aparelho e se postou diante dele.

— Fico surpresa de ver que teve a coragem de vir aqui — disse, zangada.

Ele permaneceu calado.

Então Alice explodiu.

— Seu filho da puta mentiroso! Pensar que você me deu o bolo, estragou o meu dia, para levar sorrateiramente uma piranha dos mares do Sul para conhecer a cidade! Quem você está pensando que é? Não o presidente dos Estados Unidos, isso eu lhe digo! E quem é essa dançarina de hula-hula, ou lá o que seja, para ser preferida à sua mulher? Quando estiver pronto para me dizer, me diga, e não fale comigo de novo até estar pronto para parar de mentir e tomar juízo!

CAPÍTULO 5

Estavam todos se acomodando no pequeno auditório dourado do Palácio Chamadin, em Visaka, capital de Lampang.

Aproximadamente vinte repórteres e noticiaristas estavam presentes para assistir à primeira entrevista coletiva da presidenta Noy Sang desde o seu retorno dos Estados Unidos.

Em destaque, na primeira fila, estavam repórteres do Journal de Visaka, do News de Lampang, e do Bandeira Vermelha, o jornal comunista local que estivera fechado por muito tempo, mas fora reaberto pelo presidente Prem Sang antes do seu assassinato.

O Bandeira Vermelha também circulava no Camboja, no Vietnã e na China.

Espalhados pelas filas posteriores estavam repórteres da Tailândia, Filipinas, Formosa e Japão.

Notícias dos resultados obtidos por Noy nos Estados Unidos tinham chegado a Lampang imediatamente, mas mesmo assim a imprensa estava ansiosa para ouvir a versão dela de sua visita a Washington.

Marsop chegara à tribuna, e a entrevista coletiva estava prestes a começar.

Olhando para os jornalistas reunidos, Marsop começou a falar.

— Senhoras e senhores da imprensa e outros meios de comunicação, — começou ele — como sabem, a presidenta Noy Sang voltou de Washington ontem. Em vez de dormir bastante e se recuperar dos distúrbios do fuso horário, ela está ansiosa para lhes relatar os resultados de sua visita ao presidente dos Estados Unidos.

Depois das palavras de abertura, a presidenta responderá a perguntas da plateia.

Marsop se afastou para a direita, inclinando-se ligeiramente a fim de permitir que Noy Sang subisse ao palco e passasse por ele.

Quando ele se afastou, Noy Sang se posicionou atrás do pódio.

Ela parecia pequena, mas sua postura ereta lhe dava uma estatura impressionante.

Quando começou a falar, sua voz era forte e firme.

— Todos vocês noticiaram que me reuni com o presidente Underwood duas vezes, e longamente, na Casa Branca e num almoço privado numa localidade de Washington conhecida como Georgetown. Como acontece em todas as reuniões desse tipo entre dois países independentes, espera-se que cada lado queira algo do outro e, por sua vez, esteja preparado para entregar algo.

Noy Sang fez uma pausa e olhou para a plateia.

— Era vital para os interesses de Lampang que eu obtivesse um empréstimo considerável dos Estados Unidos. Haviam prevenido que isso não seria fácil porque a dívida interna naquele país é astronômica. Os Estados Unidos estavam preparados para cooperar fazendo um empréstimo a Lampang, mas a ideia deles do que tinham disponível e a minha ideia do que necessitávamos variavam consideravelmente. O presidente Underwood estava preparado para aprovar um empréstimo de cento e cinquenta milhões de dólares. Disse-lhe sem rodeios que sua oferta era generosa, mas não o bastante para nos ajudar a solucionar nossos problemas econômicos. Debatesmos longamente o que ele estava preparado para dar e o que eu desejava.

Noy Sang fez nova pausa e examinou os presentes.

— Finalmente, pude convencer o presidente Underwood de que um empréstimo substancial dos Estados Unidos ajudaria muito a construir uma Lampang independente, que poderia permanecer fiel aliada dos Estados Unidos. O empréstimo que combinamos, no final, era quase o dobro da quantia inicial que o presidente Underwood se dispunha a conceder. Os Estados Unidos nos estão emprestando duzentos e cinquenta milhões de dólares, e o acordo formal será assinado dentro de um ou dois meses.

Aplausos ecoaram no auditório. Noy Sang surpreendeu-se com eles e ficou piscando de prazer.

— Agora — continuou -, vamos falar do que nós em Lampang temos que dar aos Estados Unidos em troca. Muito pouco, na verdade. Há muito tempo que eles querem uma base aérea aqui, e foi inevitável que cooperássemos. O único fator em jogo era o tamanho da base aérea que os Estados Unidos desejavam. Falando simplesmente, eles queriam uma base grande imponente para seus caças a jato e aviões de carga, enquanto nós queríamos lhes arrendar uma base razoavelmente menor que não ocupasse muito da nossa terra e não fosse uma invasão de nossa independência.

Noy Sang correu os olhos pela sala.

— Ganhamos essa questão, também. Chegamos a um acordo satisfatório para Lampang e para os Estados Unidos. Eles construirão uma base aérea que não ocupará mais de trinta mil hectares. Dentro dessa área haverá uma instalação estritamente americana de três mil e trezentos hectares rodeada por uma cerca de segurança. Essa cidade dentro de uma cidade, contendo duas mil e quinhentas

construções, será guarnecida por trinta e cinco mil pessoas, das quais vinte mil serão cidadãos de Lampang.

Essa base acrescentará cem milhões de dólares à economia de Lampang anualmente, através de mercadorias, serviços, suprimentos, salários e o aluguel de quinze milhões de dólares dos Estados Unidos. Para Lampang, o arrendamento dessa base nos custará muito pouco em soberania e nos fará ganhar muito, inclusive um braço de defesa acrescido aos nossos militares, que poderia nos servir bem em tempo de crise.

Noy Sang correu os olhos pela plateia mais uma vez.

— Acredito sinceramente que alcançamos mais do que podíamos ter imaginado nessa aliança com uma democracia que todos respeitamos e admiramos.

Fez nova pausa.

— Agora, se têm alguma pergunta, farei o possível para responder a ela.

O repórter alto e magro do Bandeira Vermelha pôs-se imediatamente de pé, com o braço erguido.

— Madame presidenta.

— Pois não.

— A senhora disse que se reuniu duas vezes com o presidente Matt Underwood para debater e barganhar essa permuta. A senhora o achou francamente anticomunista?

— De modo algum — respondeu ela prontamente.

— Bem, não importa como ele se tenha apresentado à senhora, sabe-se bem que ele se cercou de fomentadores de guerras que estão ansiosos por retalhar territórios pela sua causa imperialista. Se

ele lhe mostrou uma face, para enganá-la, deve haver uma outra que ele não lhe mostraria. A senhora quer nos contar o que percebeu dessa outra face que, até agora, encarou com menos do que bondade os pobres e carentes de outras nações? Conte-nos, com toda a sinceridade, o que puder dessa outra face.

Em pé ali no pódio, ela pensou num modo de responder a esse repórter dedicado ao comunismo em Lampang.

Tomou cuidado. Sabia que cada palavra que dissesse seria lida ou vista por Matt Underwood ou mostrada para ele por Blake, Morrison e outros assessores.

Vá com calma, pensou. Então, disse a si mesma o que era mais importante: Seja sincera.

Expresse seus verdadeiros sentimentos.

— Em pouco tempo aprendi a conhecer muito bem o presidente Matt Underwood — começou. — Posso dizer isso do fundo do coração: ele é um homem bom. E um verdadeiro democrata no sentido mais amplo da palavra, no sentido em que democrata e democracia abrangem todos os melhores aspectos tanto do capitalismo quanto do comunismo.

Claro que os Estados Unidos estão presos a uma política de contrabalançar avanços feitos pela União Soviética. Apesar disso, o presidente Underwood não é pessoalmente anticomunista e nem persegue os comunistas. Ele ama as pessoas. Ama a liberdade e a segurança para elas. Ele é exatamente o que disse no começo. É um homem bom, gentil. Excetuando o meu falecido marido, nunca conheci um homem melhor.

O repórter do Bandeira Vermelha não escondeu o seu ceticismo.

— Como pode ter certeza disso após ter se reunido com ele duas vezes?

— Tenho certeza absoluta.

O homem corpulento do Journal de Visaka ficou de pé, com a mão levantada.

— Madame presidenta.

— Pois não — disse Noy Sang.

— A senhora nos pede que confiemos na sua avaliação. O general Samak Nakorn também confia nela?

— Acho que pode confiar. Ainda não sei ao certo. Não me encontrei com o general Nakorn desde que voltei. Saberei mais depois desta noite, quando comparecerei a um jantar de boas-vindas, na residência do general.

O repórter do Journal de Visaka fitou Noy Sang.

— Talvez eu possa lhe dar algumas informações que a ajudarão esta noite — disse ele.

— Quais são?

— Estive com o general Nakorn no café da manhã hoje cedo, antes desta entrevista coletiva. Interroguei-o sobre o resultado de suas reuniões com o presidente Underwood. O general Nakorn me pareceu menos confiante do que a senhora nos resultados que obteve.

Essa era difícil, Noy Sang sabia, e talvez fosse uma armadilha, mas havia aberto a porta e agora tinha de permitir que a opinião de Nakorn fosse ouvida.

— Terei prazer em ouvir o que o general Nakorn lhe disse — replicou Noy Sang debilmente, já que não tinha prazer em ouvir em

público as opiniões de Nakorn. — Por favor, continue.

— O general Nakorn acreditava que não era sensato dar aos americanos menos do que eles queriam para uma base aérea — começou o repórter do Journal de Visaka. — Ele achava que seria mais sensato dar aos Estados Unidos a base aérea maior do que eles desejavam, não apenas para nossa auto-proteção futura, mas para cimentar um relacionamento com um aliado com que talvez precisemos contar. Quanto ao empréstimo, o general Nakorn ficou satisfeito com ele, achando que o dinheiro seria de grande valor para modernizar nosso exército e fortalece-lo com armas convencionais para o momento de enfrentar e dizimar a oposição comunista.

Noy Sang enrubesceu ante as últimas palavras.

— Não pretendo dizimar os comunistas — disse Noy Sang vivamente. — Estou disposta a gastar parte do empréstimo na modernização de nossa força aérea como defesa contra quaisquer inimigos externos, mas tenciono gastar a maior parte do dinheiro em educação para os jovens e ajuda para a saúde e independência dos velhos.

— Acho que o general Nakorn ficará surpreso.

— Não devia ficar — disse Noy Sang. — Ele sabe muito bem que providenciei para que o ministro Marsop tivesse uma reunião com os comunistas, especificamente com Opas Lunakul, numa tentativa de trazer a unidade e a paz ao nosso país.

O repórter sacudiu a cabeça.

— O general Nakorn não acha que isso possa acontecer. Ele crê que negociações prolongadas com os comunistas podem nos ser nocivas e apenas antagonizar nossos aliados americanos.

Noy Sang manteve-se firme.

— Acredito que as negociações serão bem-sucedidas e que o presidente Underwood ficará satisfeito com o resultado.

— A senhora dirá isso ao general Nakorn?

— Esta noite — replicou Noy Sang. — Direi a ele exatamente isso esta noite. — Correu os olhos pela sala. — Mais alguma pergunta?

Noy Sang não gostava da sala de jantar do general Nakorn, no prédio da Defesa Nacional de Lampang. Exceto por um retrato de corpo inteiro de Nakorn usando uma farda carregada de medalhas e um retrato menor da presidenta Noy Sang, as decorações nas paredes faziam com que ela parecesse um museu de armamentos. Duas das paredes estavam cheias de espadas antigas, cruzadas e reluzentes, e na terceira parede havia rifles do século passado.

Um ajudante-de-ordens do general conduziu os convidados aos seus lugares à longa mesa da sala de jantar. A cabeceira sentava-se Noy Sang, como chefe da nação. A sua frente sentava-se o general Nakorn, como chefe do exército e anfitrião da noite. Ao lado de Noy Sang estava sua irmã, Thida; ao lado desta Marsop, e a seguir, diversos dos ministros do gabinete.

Ao lado de Nakorn estavam o coronel Peere Chavalit e vários de seus assessores militares em uniforme de gala.

Brincando com o seu copo, Nakorn dirigiu-se a Noy Sang.

— Seja bem-vinda a Lampang, madame presidenta, após sua bem-sucedida viagem aos Estados Unidos, segundo eu soube. Marsop me manteve pessoalmente informado das medidas que tomou junto ao presidente Underwood.

— Medidas que, ao que me consta, não foram inteiramente do seu agrado — replicou Noy.

Nakorn fingiu surpresa.

— Por que diz isso?

— Porque fiquei sabendo como se sente em relação às minhas atividades diplomáticas — retrucou Noy Sang. — Dei uma entrevista coletiva esta tarde. O cavalheiro do Journal de Visaka declarou francamente que o acompanhara no café da manhã e que o senhor deixou bem claro seu ponto de vista sobre meus feitos diplomáticos. Não gostou deles.

Nakorn franziu o cenho.

— Deve ter havido algum mal-entendido.

— Vamos descobrir — disse Noy Sang, sorrindo. — Por exemplo, fiquei sabendo que o senhor achou que eu devia ter sido ainda mais generosa com o espaço que cedi aos Estados Unidos para uma base aérea.

Nakorn franziu ainda mais o cenho.

— Não estou certo de ter emitido essa opinião. Mas estou disposto a emití-la agora, a não ser que prefira tratar do assunto depois do jantar.

— Prefiro discuti-lo agora.

— Pois bem. Os Estados Unidos precisam da base aérea grande como ponto crucial de defesa, e nós precisamos dos Estados Unidos como um parceiro poderoso para nossa própria defesa. Por que lhes negar o que reivindicam?

— Não lhes neguei o que reivindicam — disse Noy Sang. — O presidente dos Estados Unidos está bem satisfeito com o nosso

arranjo. Ele percebeu o que eu estava tentando deixar bem claro. Que era absolutamente essencial que Lampang não apenas parecesse, e sim permanecesse, um Estado independente. Que concessões em demasia a qualquer potência estrangeira, mesmo um aliado leal, enfraqueceriam a nossa posição interna, junto ao nosso próprio povo. Se a oposição aos nossos ideais democráticos, neste caso os comunistas, pudesse demonstrar que estávamos dando muito da nossa terra preciosa aos estrangeiros, em vez de ao nosso próprio povo, isso nos enfraqueceria em nosso próprio país, onde temos de manter o controle. Entende isso, não?

— Na verdade, a base aérea não é a minha principal preocupação — disse o general Nakorn. — Uns milhares de hectares a mais ou a menos não afetarão nosso futuro. Nosso futuro reside no empréstimo que a senhora obteve dos Estados Unidos.

— Foi o que ouvi dizer — disse Noy Sang, com ironia.

— Deixe-me dar-lhe os parabéns pelas proporções do empréstimo que conseguiu obter do presidente Underwood. Superou minhas expectativas.

— Obrigada, general.

— É algo com que eu sonhava e que esperava — continuou Nakorn. — Com esse dinheiro podemos modernizar nosso exército e adquirir novos armamentos convencionais para nos dar a melhor força combatente nesta parte do mundo. Sem dúvida, depois que o dinheiro for gasto adequadamente, teremos força para atacar os rebeldes comunistas e dizimá-los numa ofensiva combinada.

— O senhor quer o empréstimo para obliterar os comunistas — disse Noy Sang, suave.

— Exatamente. Não pode haver um propósito melhor.

— Sabe que discordo do senhor, general.

— Discorda de mim?

— Sobre como gastar o empréstimo. Já discuti isso longamente com o ministro Marsop. Não vamos usar o dinheiro para assassinar comunistas. Vamos gastá-lo com saúde, educação e bem-estar de todo o nosso povo em Lampang.

— Mas a ameaça comunista...

— Não haverá ameaça. Marsop vai se reunir com Lunakul para chegarem a um acordo pacífico que absorverá os vermelhos no seio da nossa sociedade.

Nakorn ergueu-se parcialmente da cadeira.

— Impossível. Não se pode confiar neles por um momento sequer. Marsop é mole demais para eles... Desculpe, ministro, mas o senhor não é um militar e não tem a minha experiência nessas questões. Lunakul e sua quadrilha só entendem a força, a deles e a nossa. Se nossa presidenta ainda insiste em se reunir com eles...

— Insisto — interrompeu Noy Sang.

— ... então devo acompanhá-lo. Os comunistas sabem que não devem brincar comigo.

Noy Sang sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Isso jamais daria certo, general. Lunakul conhece a sua ficha e os seus desejos. A sua presença apenas o antagonizaria. — Fez uma pausa. — Marsop é o único com possibilidade de reconciliar os dois lados.

Nakorn deu de ombros.

— Como queira... Bem, vejo que estão prontos para servir nosso jantar. Isso exige um brinde. Coronel Chavalit, que providenciar para que seja servido o champanhe?

O coronel tocou uma campainha e logo veio um sommelier, seguido por um garçom que trazia duas garrafas geladas de champanhe num balde de gelo de prata reluzente.

Enquanto o primeiro prato era servido, o garçom rodeou a mesa lentamente, servindo a bebida.

Quando o champanhe foi servido, o general Nakorn se levantou, de taça à mão.

— Deixem-me fazer um brinde à presidenta Noy Sang e seu notável sucesso nos Estados Unidos.

Noy Sang concentrou-se no general enquanto erguia sua taça para retribuir o brinde. As outras taças estavam erguidas: todos participaram do brinde e beberam.

Dali a um momento, Noy Sang ouviu uma exclamação abafada e se voltou na direção de onde partira.

Deu-se conta de que a exclamação abafada partira de Thida, que sua irmã estava pálida e tossia, e que oscilava, tonta.

— Thida, o que foi? — perguntou Noy Sang.

Thida teve um forte acesso de tosse. — Eu... eu estou sufocando, me sinto mal. E melhor eu me deitar.

O general Nakorn ficou de pé de imediato.

— O que foi? — quis saber. Rodeou a mesa parcialmente para chegar a Thida.

— Eu... eu não sei — arquejou Thida. — Vou desmaiar.

Nakorn agarrou-a para sustentá-la e gritou para o outro lado da mesa:

— Vamos levá-la para o quarto e colocá-la na cama. Chamem o médico da residência!

Enquanto Nakorn, com a ajuda de Noy Sang, erguia Thida e quase a carregava para fora da sala de jantar, o coronel Chavalit falava ao telefone com o médico militar.

— Venha imediatamente! — exclamou. — Ao quarto do general! Uma emergência!

Mal ele desligara, o general Nakorn irrompeu na sala.

— Chamem uma ambulância! — gritou. — Precisamos levá-la imediatamente ao hospital!

Duas horas e vinte minutos mais tarde, Thida morria.

O seu champanhe estava envenenado.

Enquanto Noy Sang caía em prantos, descontrolando-se completamente, Marsop tentava consolá-la e o general Nakorn saía às pressas para começar a investigação.

Noy Sang estava de olhos secos e exausta quando, dali a uma hora, o general voltou. Tinha um ar sombrio.

— Descobri tudo — anunciou. — Interroguei pessoalmente o pessoal da cozinha. Finalmente arranquei a verdade de dois deles. Foi o sommelier o responsável.

É membro do Partido Comunista. Detesto que tenha de ficar sabendo desse jeito, mas todos os comunistas assassinarão até os inocentes para conseguirem os seus objetivos.

Noy Sang olhou para o general e pestanejou.

— Mas... por que Thida? O que tinha a ver com os comunistas?

— Não sei. Só sei que a senhora não deve ter mais esperanças de negociar com eles.

— Veremos — disse Noy Sang. — Agora quero interrogar esse assassino comunista.

O general Nakorn ergueu as mãos, desalentado.

— Infelizmente é tarde demais, madame presidenta. Ordenei que ele fosse executado imediatamente. É melhor que esteja morto.

O general Nakorn mandou-os de volta ao palácio numa limusine do hospital militar.

Marsop fechou a divisória de vidro que separava o chofer dele próprio e de Noy Sang, sentados no banco de trás.

Queria falar com Noy com alguma privacidade.

— No que está pensando, Noy? — começou.

— É terrível, simplesmente terrível. É inacreditável.

Marsop estava pensativo, segurando a mão de Noy. Por fim soltou a sua mão e se voltou para encará-la parcialmente.

— Noy...

— Sim?

— Noy, foi um acidente.

O rosto dela expressava perplexidade.

— O que foi um acidente?

— A morte de Thida.

— Eu... eu não estou entendendo.

— Deixe-me explicar — disse ele. — Você viu Thida e eu participarmos do brinde?

— Não tenho certeza. Acho que não. Como o general estava fazendo brinde, acho que olhava para ele.

— Provavelmente. Mas se estivesse olhando para Thida e eu, saberia que foi um acidente.

— O que quer dizer?

— Lembra-se do modo antigo como nossos pais costumavam brindar?

— Não... não tenho certeza — disse Noy, hesitante.

— Durante o brinde eles se davam os braços, ou melhor cruzavam os braços e bebiam não de seus próprios copos, mas um do outro.

— Você está dizendo...?

— Estou dizendo que Thida e eu rimos e brindamos daquele modo antigo. Ela segurou sua bebida na minha frente e eu segurei a minha diante dela. Depois bebemos o champanhe do outro. O champanhe dela estava ótimo e não fui afetado. Mas quando ela engoliu o meu, engoliu veneno.

Noy estava começando a perceber.

— Quer dizer...?

— Quero dizer que o veneno se destinava a mim. Era eu quem devia morrer, não Thida. Por acidente ela bebeu o meu champanhe e morreu. Eu deveria estar morto, não Thida. Minha bebida deveria me eliminar.

— Meu Deus..

— É isso.

— Mas quem desejaria matá-lo?

— Não sei ao certo. Talvez alguém que não me quisesse vivo para negociar com os comunistas. O que acha?

— Estremeço só de pensar nisso.

— Pense nisso — disse ele baixinho, e voltou a se acomodar no assento para esperar a chegada deles ao palácio.

A notícia da morte de Thida Sang chegou a Washington, não muitas horas mais tarde.

Foi anunciada por Anuthra, embaixador de Lampang nos Estados Unidos, que se apressou a visitar o Departamento de Estado e entrar em contato com o secretário Ezra Morrison.

— Eu sabia que o senhor desejaria saber o mais breve possível acerca desse fato grave — disse Anuthra -, já que Thida era a sucessora de Noy Sang na presidência de Lampang. Achei que era um assunto oficial, e que o presidente Matthew Underwood gostaria de enviar um representante ao funeral.

— Sem dúvida — disse o secretário de Estado. — Permita que mais uma vez eu lhe transmita o meu mais profundo pesar e minhas condolências. Transmitirei imediatamente ao presidente esse triste ocorrido.

Matt e Alice Underwood estavam no solário no terceiro andar da Casa Branca, tomando um drinque antes do jantar e assistindo ao noticiário quando Ezra Morrison telefonou.

Underwood atendeu ao telefone e fez sinal a Alice para baixar o volume do aparelho.

— Más notícias de Lampang — começou Morrison.

— Que más notícias? Tem algo a ver com Noy Sang?

— Não, não exatamente. A irmã dela, Thida, foi envenenada num jantar e morreu quase imediatamente. Noy Sang estava presente.

Underwood suspirou de alívio porque Noy estava bem, mas ficou surpreso.

— A irmã dela? Conte-me Ezra.

Morrison relatou o que o embaixador lhe contara.

Ao terminar, Underwood disse:

— Isso não está me parecendo um acidente. Sabe de mais detalhes?

— Não pelo embaixador.

— Como Noy Sang está reagindo?

— Não tenho ideia, Matt. Não muito bem, suponho.

— É melhor eu descobrir por mim mesmo. Você ou Blake podem conseguir uma ligação para Lampang, para que eu possa falar com Noy Sang? É uma da manhã em Lampang. Se ela estiver dormindo, acordem-na. Quero falar com ela o mais rápido possível.

— Vou providenciar — prometeu Morrison. — Fique a postos. Devo ligar de volta em dois ou três minutos.

Underwood desligou e ficou fitando o telefone.

— Do que se trata? — quis saber Alice.

— Noy Sang, a presidenta de Lampang...

— Ah, sei, aquela com quem você teve tanta coisa a discutir.

Underwood ignorou a alfinetada.

— Ela acaba de perder a irmã. Aparentemente, por envenenamento premeditado.

— São mesmo uns bárbaros por lá.

— Não estou a par das circunstâncias. Só sei que a irmã Thida era a próxima na linha sucessória. Obviamente, vamos ter que tratar o assunto com seriedade.

— Mais uma viagemzinha gostosa para o vice-presidente?

— Pode ser. Não sei se Trafford é a pessoa certa.

O telefone tocou, e Underwood o agarrou.

Ouviu-se o ruído característico que geralmente acompanha as ligações ultramarinas, seguido de uma voz masculina.

— Presidente Underwood?

— É, aqui é Underwood.

— Quem fala é Marsop.

— Alô. Eu soube da terrível notícia. Como está Noy?

— O senhor poderá saber por ela mesma. Espere um momento.

Mesmo a distancia, Underwood pôde ouvir a voz suave e clara de Noy.

— Matt, é você?

— Noy, eu soube da terrível notícia. Será possível?

— Eu sei, é inacreditável, mas aconteceu na minha presença.

— Conte-me o que aconteceu com suas próprias palavras.

— Bem, foi num jantar oferecido pelo general Nakorn, no prédio da Defesa Nacional. Ele propôs um brinde...

Ela continuou, arrasada, e contou a Underwood como Thida morrera.

Ao terminar o relato, Underwood disse com voz sombria:

— Disseram-me que o envenenamento não foi um acidente.

— Foi e não foi. O envenenamento era intencional, mas foi um acidente Thida ter se tornado a vítima, o destinatário era Marsop.

Ela repetiu as circunstâncias em que Thida e Marsop haviam trocado de taça.

— Quem cometeria um assassinato desses?

— Alguém que não queria que Marsop se sentasse com os comunistas e negociasse a paz.

— Conhecemos a posição do general Nakorn.

— Ele culpa outra pessoa, um sommelier a seu serviço que, comunista no íntimo, não queria conferências de paz.

— O sommelier foi interrogado?

— Somente pelo general. Convenceu-se de que o assassino fora descoberto. Mandou executá-lo imediatamente.

— Isso tem sentido para você?

— Não sei. — Noy se descontrolou por um momento. — Só sei que Thida está morta. — Fez uma pausa. — Não pretendia envolvê-lo nesse assunto de família, Matt.

Underwood protestou:

— É mais do que um assunto de família. Thida era a sua sucessora. Isso por si só seria importante para nós. — Ele hesitou. — Geralmente, nesses casos, arranjamos alguém para nos representar. Meu vice-presidente, Blake ou Morrison. Mas acho que isso é mais importante.

— É um assunto de pouca importância para os Estados Unidos. Ele se aproximou mais do bocal do telefone.

— Para mim é um assunto de muita importância, e um assunto pessoal. — Num impulso, continuou: — Pretendo ir a Lampang para o funeral.

— Ah, não quero que passe por isso...

— É uma coisa que quero fazer, Noy. Quero lhe dar apoio. Você vai precisar. Aceite.

— Você é tão bondoso. Não quero que faça uma viagem tão longa por alguém que não conhecia.

— Quero fazê-la por alguém que conheço.

— Se insiste...

— Sim, insisto. Quero estar entre os que estarão ao seu lado.

— Agradeço. Isso me confortaria muito.

— Então pode contar com minha presença.

Quando Underwood desligou, Alice tentou falar-lhe, mas ele já estava de novo com o telefone na mão.

— Quero falar com Paul Blake — disse telefonista. — Esteja onde estiver, localize-o para mim.

Alice tentou falar mais uma vez, porém Underwood ergueu a mão, pedindo que ficasse calada.

Dali a segundos, Blake estava ao aparelho.

— Sim, Matt.

— Já sabe das notícias de Lampang.

— Sei.

— Pois bem, vou para lá às nove da manhã para estar presente ao enterro de Thida. Mande aprontar o Força Aérea Um.

— Acha que isso é sensato, Matt? Estou certo de que o vice presidente Trafford podia tratar disso. Você tem uma longa série de compromissos marcados para amanhã. Teríamos de cancelar todos. E a imprensa, como é que fazemos?

— Os jornalistas podem seguir no avião da imprensa. Mas tente fazer com que o pacote seja simples.

— Não posso, Matt. Antes disso, preciso despachar um avião cheio de técnicos da Agência de Comunicação da Casa Branca para

instalar os dois sistemas de telefones especiais. E tem de ter o avião militar de reserva, para substituir o Força Aérea Um se algo sair errado, e para levar o seu assessor de segurança nacional, o seu ajudante-de-ordens, seu médico, mais agentes do Serviço Secreto. Você vai ficar muito em evidência. — Hesitou. — Não quer pensar melhor?

— Não, Paul. Faça o que for preciso, mas eu vou. Pretendo estar em Lampang para o enterro. Mexa-se.

Dessa vez, Alice ficou de pé e se dirigiu a ele.

— Não me mande calar a boca de novo — disse, com voz estridente. — Ouvi tudo, e digo que você está maluco para dar a volta ao mundo para assistir ao enterro de alguém que nem conhece.

— Eu prometi.

— Quebre essa promessa cretina. É uma loucura correr atrás de uma nativa esperta que está tentando seduzi-lo. Vai parecer horrível.

Underwood olhou feio para a mulher.

— Não se você vier junto. Você está convidada, Alice.

— Isso é ridículo, se deslocar até aquele buraco por causa de um assunto que não é de importância para você, para nós, para o país. Se quiser bancar o idiota, então banque... sozinho.

Na Sala de Imprensa da Casa Branca, Hy Hasken ouviu o comunicado feito pelo secretário de Imprensa, Bartlett. Antes do fim do comunicado, Hasken percebeu do que se tratava.

Levantou-se, passou por entre os outros correspondentes da Casa Branca sentados atrás deles, e correu para o telefone mais próximo.

Usando o seu cartão de telefone, Hasken apertou os botões do número interurbano de Washington para a linha particular de Sam Whitlaw no escritório editorial central da Rede Nacional de Televisão, em Nova York.

Whitlaw atendeu imediatamente.

— Pronto?

— Hy Hasken, chefe. Estou na Sala de Imprensa. Acabam de comunicar que o presidente vai voar para Lampang amanhã de manhã, para o funeral.

— Vi a cobertura telegráfica — disse Whitlaw. — A irmã de Noy Sang foi envenenada. Está dizendo que Underwood vai se deslocar até lá para assistir ao enterro? Por quê?

— Ainda não sei. Talvez para reforçar o nosso relacionamento com Lampang. Talvez para dar continuidade ao seu relacionamento com Noy Sang, após as duas reuniões aqui. Para falar a verdade, não sei.

— Isso não tem sentido.

— Faça lá o que fizer, — disse Hasken — Underwood está provocando um grande agito. Vai mandar um avião da imprensa na frente.

— E você quer estar nesse avião, Hy?

— Acho que devo estar.

— Não é nem uma matéria importante — resmungou Whitlaw.
— Por que perder tempo?

— Você me pediu para ficar na cola de Underwood. Disse para eu ignorar a Casa Branca e dedicar a minha atenção ao presidente.

— É, disse.

— Essa viagem é estranha. Sinto que devo estar lá. Quero saber mais a respeito.

Whitlaw ficou calado por um momento.

— É estranho o presidente deixar tudo de lado para voar até aquela lonjura para o enterro da irmã de Noy.

— Talvez não esteja indo pela irmã de Noy — disse Hasken. — Pode ser que esteja indo por Noy.

— O que quer dizer com isso?

— Não tenho certeza. Aviso você logo que descobrir. Pode arranjar alguém que cubra a Casa Branca por mim? Deixe me ficar com o presidente. O que me diz, Sam?

— Digo que é absurdo. — Fez uma pausa. — Mas a ideia me agrada. Vá em frente.

CAPÍTULO 6

O Força Aérea Um chegou ao Aeroporto de Muang, em Lampang, vindo de Washington, sob uma névoa de calor e umidade do começo da tarde. Pousou suavemente na longa pista, freou e foi diminuindo de velocidade. Um jipe com três funcionários do aeroporto surgiu diante dele e o foi conduzindo, primeiro em frente, depois a uma saída que levava a um amplo espaço reservado para o avião.

No campo próximo, os onze repórteres da Casa Branca e suas equipes, que tinham chegado uma hora antes no avião da imprensa americana fretado pelo grupo, estavam isolados por uma corda e mantidos em seus lugares por guardas de segurança, vestidos de azul. Ao lado deles, a imprensa local e outros repórteres estrangeiros estavam contidos de modo semelhante. Hy Hasken, seu operador de câmara e o técnico de som tinham arranjado uma posição privilegiada na primeira fila.

Hasken conferenciou com Gil Andrews, o operador.

— Pegou bem o Força Aérea Um pousando?

— O bastante para cobrir três programas seus.

— Pois bem, agora estão abrindo a porta. A seguir o presidente Underwood vai aparecer. Pegue-o a uma distância média saindo e descendo a escada. Posso ver uma delegação ao pé da escada. Quando e se Noy Sang se adiantar para recebê-lo... e há uma boa possibilidade de que o faça... quero um close-up dela cumprimentando Underwood. Isso vai ser importante. Entendeu, Gil?

— Entendi, Hy.

Nesse momento, a porta do Força Aérea Um se abriu e os funcionários rolaram até ela a escada de alumínio.

Hasken olhava fixamente para a porta aberta. Vários homens do Serviço Secreto saíram, correram os olhos pelo lugar e esperaram. Dali a momentos, o presidente Underwood apareceu e se postou atrás do Serviço Secreto. Underwood parecia descansado e em forma — sem dúvida dormira durante a travessia — e estava usando um terno cinza-escuro de algodão recém-passado.

Desceu a escada, seguido por mais agentes do Serviço Secreto — Eu o peguei — disse o operador.

— Pegue-o no chão quando Noy Sang, o ministro Marsop e a delegação o cumprimentarem.

Hasken examinou a área abaixo e a delegação oficial, buscando um sinal de Noy Sang.

Não a encontrou.

Alguém, um homem relativamente moço, deixou a delegação e se aproximou de Underwood, de mão estendida.

Hasken achou que conhecia o homem, mas não tinha certeza.

— Onde está Noy Sang? — indagou Andrews, o operador,

— Não faço ideia — disse Hasken. — Aqui eu sei que não está. Provavelmente no palácio, preparando-se para o enterro,

Então Hasken ouviu uma voz aguda e familiar. Era a do secretário de Imprensa, Bartlett.

— O presidente está de partida para o Hotel Oriental. Vocês seguirão em dois ônibus. Não podem se queixar. Ficarão no mesmo hotel. Terão acomodações quase tão boas quanto as do presidente. Logo que chegarmos, serão conduzidos aos seus quartos. Terão uma

hora para trocar de roupa e se arrumar, depois voltarão aos ônibus para irem ao funeral. Tentem demonstrar um pouco de decoro. Afinal, é um enterro.

Preocupado, Hasken se virou para ir tomar o ônibus. O fato de Noy Sang não ter aparecido transformava a sua matéria numa não-matéria. Se não houvesse mais nada, sentiria a ira de Whitlaw.

Dirigindo-se para o ônibus, rezou por algo mais.

No saguão do esplêndido e antigo Hotel Oriental, lotado com o resto da imprensa em meio aos móveis de rathan, Hasken ficou observando enquanto o presidente e seu contingente do Serviço Secreto eram levados até um grupo de elevadores, depois da escadaria.

Uma autoridade de Lampang os conduzia, e tão logo se encontraram em segurança atrás das portas do elevador, a autoridade se retirou.

Foi então que Hasken o reconheceu.

A autoridade, o mesmo homem que dera as boas-vindas ao presidente quando ele saíra do Força Aérea Um, era Marsop, o ministro das Relações Exteriores de Noy Sang.

Os membros do corpo de imprensa americano não o reconheceram e o ignoraram, mas Hasken se adiantou rapidamente para interceptá-lo.

— Ministro — chamou Hasken.

Marsop apertou os olhos, inseguro, e parou.

Hasken aproximou-se dele.

— Pode não se lembrar de mim, senhor, mas sou Hy Hasken. Sou da televisão americana. Fiz a cobertura de sua visita com a

presidenta Noy Sang a Washington na semana passada.

Um clarão de reconhecimento perpassou pelo rosto de Marsop.

— Ah, sim, acho que me lembro.

— Não quero incomodá-lo agora, mas há duas perguntas que gostaria de fazer. A primeira é relativamente simples.

— Sim?

— Pode me dar uma ideia de como é a suíte do presidente.

— É grande, mais de novecentos metros quadrados. Chama-se a Suíte do Líder, tem uma sala de visitas, sala de jantar, sala de recepção, dois quartos e três banheiros. Todas as janelas são feitas de vidro a prova de bala. Na verdade, é a cobertura. Há um corredor que vai do elevador até uma caixa de escada para os guardas do Serviço Secreto. No topo há um detector de metal protegendo a cobertura. Os dois andares abaixo são para comitiva do presidente e a imprensa.

— Obrigado, senhor ministro. Mais uma pergunta, se possível.

— Pois não.

— O presidente Underwood veio a Lampang prontamente para o enterro de Thida Sang. Foi inesperado. Eu não sabia que Underwood conhecia Thida tão bem.

— Ele não a conhecia pessoalmente — disse Marsop.

— Quer dizer que o presidente Underwood nunca a vira?

— Ao que me conste, nunca.

Hasken não conseguiu dissimular a sua surpresa.

— Mas, então, por que se deslocou até aqui para assistir ao enterro?

— Porque queria dar apoio à presidenta Noy Sang. Queria consolá-la.

— Não há política nisso?

— De modo algum. Isso é pessoal. O seu presidente é um homem compassivo.

Hasken ficou olhando para Marsop enquanto este desaparecia no meio da multidão em direção à sua limusine.

Mordiscando o lábio inferior, Hasken ficou pensando no que ouvira.

O presidente Underwood estava aqui para ver Noy Sang e por nenhum outro motivo.

Ele nem conhecera a falecida.

Mas aparentemente conhecia a viva muito bem. Hasken sorriu consigo mesmo.

Whitlaw não ficaria desapontado. Podia haver uma história, e muito boa, ao alcance dos dedos de Hasken.

Ele resolveu ficar perto dela, o mais perto que fosse humanamente possível.

Para Hasken era mais um enterro, só isso. Talvez um pouco mais chamativo, considerando-se os representantes de várias nações, em especial as asiáticas.

Do seu ponto de observação privilegiado no cume de um morrinho no cemitério, a cinco quilômetros de Visaka, Hasken tinha uma boa visão dos túmulos abaixo.

Ao lado do caixão estavam Noy Sang, seu filho Den, Marsop e algumas pessoas de idade, provavelmente parentes de Thida e Noy.

Dentre os estrangeiros presentes, o presidente Matt Underwood era o que se encontrava mais próximo da família enlutada.

Da distância onde estava, isolado com outros jornalistas pelos soldados do exército, Hasken não podia ouvir uma palavra.

Podia ver os lábios do sacerdote cristão se movendo.

És pó, ao pó retornarás, ele tinha certeza.

O caixão fechado estava sendo conduzido para uma cova profunda. Hasken pôde ver Noy se ajoelhar e colocar um buquê de flores sobre o caixão, quando ele começou a ser baixado.

Embora respeitoso, Hasken estava basicamente desinteressado.

Não conhecera Thida. Fora um nome para ele, nada mais.

Mas, afinal, ela não fora ninguém para Underwood, exceto a irmã de Noy. Hasken tentou ficar atento.

De repente, quando o caixão desapareceu, Noy pareceu se descontrolar. Seus ombros se curvaram e ela desabou. Marsop estendeu a mão para segurá-la enquanto a cerimônia caminhava para sua conclusão.

Hasken tinha certeza de que Noy agora estava chorando e então viu o presidente Underwood relaxar a sua rigidez solene e sair da fila das personalidades.

Pôde ver Underwood passar pelo pequeno Den e por Marsop e se posicionar ao lado de Noy. Pôde ver Underwood tomar-lhe a mão frouxa, murmurar-lhe alguma coisa e puxar-lhe a cabeça para o seu ombro.

Então, ficou espantado ao ver Underwood abaixar a cabeça e beijar Noy no rosto, não uma, mas diversas vezes.

Que tomada, pensou Hasken, empolgado.

Puxa, que prato suculento para o noticiário das dezoito horas nos Estados Unidos!

Hasken voltou-se bruscamente para Gil Andrews, e então se deu conta de que ele não estava ali. Nenhum operador fora admitido ao enterro.

Sem operador de câmara, nada de imagem. Hasken soltou um palavrão por seu azar.

Isso não faria efeito num simples noticiário. Tinha que haver uma imagem. No entanto, não houvera jeito de captá-la.

Agora o enterro havia terminado, e todos se afastavam do túmulo.

Underwood, envolvendo com o braço a cintura de Noy, afastava-a dali.

— Aonde será que vão? — perguntou-se em voz alta.

— Vão a uma vigília — respondeu uma voz americana atrás dele, com autoridade. — É um costume de Lampang. Vão voltar para o palácio. Noy Sang será a anfitriã de um bufê para pessoas convidadas.

Hasken virou-se parcialmente.

— E quanto à imprensa?

— Convidados especiais apenas, gente especial — respondeu a voz. — Você sabe que não somos gente.

Hasken soltou outro palavrão, baixinho.

Noy e Underwood ficariam a sós, e ele não poderia chegar perto deles.

Desculpas não vão funcionar, não com Sam Whitlaw.

Mas alguma coisa tinha que acontecer. Tentou especular sobre o que Noy e Underwood conversariam.

Não tinha a menor ideia, mas sabia que, mais cedo ou mais tarde, ia descobrir.

A vigília se realizou no final da tarde na Sala do Pavão, uma sala de recepção menor no Palácio Chamadin.

Matt Underwood voltara ao Hotel Oriental para tomar banho, vestir um terno escuro. Ao entrar na sala de recepção lotada, pôde ver Noy Sang na outra extremidade da sala; ela também tinha trocado de roupa e vestia um sari púrpura que batia nos tornozelos.

Pôde ver também que ela recobrou a serenidade e estava apresentando os convidados uns aos outros, na sua maioria asiáticos de países amigos vizinhos.

Underwood caminhou diretamente para ela, entrou na fila, apertou-lhe a mão, enquanto ela murmurava:

— Obrigada, Matt. Deixe que eu o apresente a alguns dos nossos vizinhos.

Ela assim o fez; Underwood os cumprimentou cortesmente e seguiu o seu caminho.

Separado momentaneamente dos outros, Underwood correu os olhos em busca de outro rosto conhecido. Além da sua coleção de homens do Serviço Secreto espalhados discretamente pela sala, ele reconheceu apenas dois outros americanos. Um deles era Bartlett, o seu secretário de Imprensa, e o outro era o curvado e impassível Percy Siebert, cujos olhos de um azul pálido estavam fitos nele agora. Siebert era o chefe do posto da CIA na embaixada dos Estados Unidos em Visaka, e estivera aguardando-o na suíte após

sua chegada ao Força Aérea Um. Antes do enterro, eles haviam conversado um pouco, o suficiente para o presidente considerá-lo um amigo.

Num canto, Siebert reparara na chegada do presidente e estava abrindo caminho ao seu encontro em meio à multidão.

O chefe local da CIA segurou Underwood pelo braço e sussurrou:

— Há alguém que precisa conhecer, senhor presidente, um bom amigo meu e dos Estados Unidos. — Indicou ao presidente um homem atarracado, mais velho, num uniforme garboso cheio de medalhas. Siebert fez a apresentação. — Presidente Matthew Underwood, este é o general Samak Nakorn, chefe do exército de Lampang. General, o presidente dos Estados Unidos

Underwood estendeu a mão e apertou a do outro com firmeza.

Após trocarem algumas amenidades, Underwood buscou Noy Sang de novo, avistou-a não muito longe, e mais uma vez encaminhou-se em sua direção.

Quando chegou junto a ela, ficou satisfeito ao ver que estava sozinha momentaneamente, e viu o seu rosto se iluminar.

Tomando-a pelos braços, debruçou-se e — sem se sentir embaraçado pela presença dos outros — beijou-a na testa.

— Como está, Noy?

— Passou. Vou sobreviver — disse ela. Depois acrescentou:

— Quanta bondade sua, mas quanta bondade mesmo, ter se deslocado até aqui para expressar as suas condolências.

— Era algo que senti necessidade de fazer, Noy.

— Fez muito por mim. Não vou esquecer — Ela apontou para uma grande mesa cheia de comida. — Deve estar com fome. Experimente o prato daquela vasilha branca: Gai Tom Ka. É a galinha ensopada em leite de coco. Verdadeiramente deliciosa. — Ela o empurrou para a mesa, abaixando a voz para dizer: — Vamos arranjar um tempo para conversar mais tarde.

Underwood separou-se dela, dirigiu-se obedientemente para o bufê, pegou um prato grande, um garfo e um guardanapo e começou a encher o prato com galinha, arroz frito, caril, peixe e uma minúscula omelete de ervas.

Já estava deixando a mesa quando reparou que o general Nakorn se encaminhava para ele, vindo da direção oposta. Antes de Underwood se decidir a falar com ele, Percy Siebert, o chefe da CIA, se meteu entre eles.

— Senhor presidente — sussurrou Siebert rapidamente.

— Sim?

— Será que o senhor poderia dispensar um momento para falar com o general Nakorn? Ele está muito ansioso para conversar mais um pouco com o senhor.

— Tem ideia do que se trata?

Siebert assentiu.

— Eu diria que seria útil para o senhor ouvir o que ele tem a dizer. É um grande amigo dos Estados Unidos. O que ele tem a dizer pode ser do nosso interesse.

— Nesse caso, tudo bem.

Underwood permaneceu no seu lugar enquanto Siebert foi buscar Nakorn.

— Deseja falar comigo? — disse Underwood.

— Esperava falar — disse Nakorn. — O senhor é um dos motivos pelos quais vim a esta recepção.

— Por favor, pode falar.

— Diz respeito ao nosso problema comunista aqui em Lampang — disse Nakorn. Sem dúvida, o senhor tem ciência dele por meio do seu Departamento de Estado e de suas reuniões com a presidenta Noy Sang.

— Acho que tenho uma ideia da situação — disse Underwood serenamente.

— Talvez o senhor não saiba quanto é grave — continuou Nakorn ansiosamente. Temos inimigos do outro lado mar que estão literalmente resfolegando no nosso pescoço. Refiro-me ao Camboja e Vietnã. Eles estão derramando guerrilheiros nas duas ilhas adjacentes, equipados com as armas mais modernas. Se permitirem que continuem a agir assim sem intervenção, logo serão poderosos demais para que meu exército possa dar conta deles. Acabarão por vir para Lampang, dominá-la, derrubar a presidenta Noy Sang. Esmagarão a nossa democracia aqui, assumirão o controle total. Lampang se tornará comunista, um satélite da União Soviética no Pacífico Sul. Isso tem que ser detido pela força enquanto ainda há tempo, enquanto temos a superioridade militar.

Underwood estivera ouvindo atentamente, e sentiu uma pontada de apreensão: se fosse verdade, o regime de Noy e sua própria vida podiam correr perigo.

— Disseram-me que os comunistas estavam dispostos a entrar num acordo disse Underwood.

O general sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não é possível. Assim pensam alguns dos nossos liberais que foram enganados. Na verdade, a própria presidenta Noy acha que pode haver negociações e acordos. Ela não conhece verdadeiramente a força e a intenção dos comunistas. Está sendo acalmada por palavras doces, mas se admitir os comunistas na nossa sociedade, será engolida.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Peça a opinião do senhor Siebert.

Underwood encarou Siebert, que estivera escutando em silêncio.

— O que acha, Percy?

Antes que ele pudesse responder, Nakorn interrompeu.

— Vou deixar os senhores sozinhos. Obrigado por terem me escutado.

Underwood observou Nakorn sumir no meio dos convivas e voltou a encarar Siebert.

— E então? — perguntou a Siebert.

O chefe do posto da CIA balançou a cabeça.

— Eu diria que, de modo geral, ele tem razão. Não estou confiando apenas nas fontes particulares do general. Estou confiando nas minhas, baseado no que soube por nossos informantes pagos. Não importa o que ocorra numa reunião entre Marsop e Lunakul na superfície, ela levaria a uma tomada do poder pelos comunistas, no final das contas. — Siebert fez uma pausa.

— O senhor entende, senhor presidente, estou pessoalmente envolvido nisso. Minha tarefa é dar informações objetivas a Langley e ao senhor. É minha opinião que será melhor para os Estados

Unidos se madame Sang não permitir que os comunistas se tornem um partido legítimo em Lampang. Madame Sang não percebe que sua atitude daria à União Soviética uma posição que jamais teve nesta parte do mundo.

Abalado, Underwood disse:

— Você está sendo bastante inequívoco quanto a isso, Percy.

— E a minha intenção é ser. Não temos escolha senão acompanhar o general Nakorn. Não se pode nem pensar num acordo. O exército de Lampang deve empurrar os comunistas mais para dentro da selva, retirar-lhes a força e depois eliminá-los.

— Por que está me dizendo isso agora?

— Acho que deve dizer a madame Noy Sang exatamente o que estou lhe dizendo.

— Está sugerindo que eu fale com ela sobre questões de Estado sem consultar o nosso próprio Departamento de Estado? Na verdade, por que não está conduzindo isso pelos canais regulares?

— Porque, se madame Sang vai escutar alguém, escutará o senhor. Somente o senhor teria a maior influência sobre ela. Acaba de concordar em emprestar-lhe milhões para manter Lampang livre e do nosso lado.

Underwood soltou um suspiro.

— Verei o que pode ser feito.

Despachou Siebert e terminou a sua refeição, que ficara de repente sem gosto.

Após deixar o prato de lado, ele correu os olhos pela sala e enxergou Noy Sang apertando as mãos e despedindo-se de alguns dignitários estrangeiros.

Finalmente, notando que estava sozinha, Underwood passou por vários grupos e se acercou de Noy.

Ela o viu chegar e sorriu.

— Estava esperando revê-lo.

— Estou aqui. Tem um tempinho para mim? Preciso falar-lhe a sós... bem, o mais particularmente possível nesta sala.

Noy franziu a testa, tentando entender a preocupação dele.

— Marsop, — disse por sobre o ombro — o presidente Underwood e eu gostaríamos de passar alguns minutos juntos. Quer ser bonzinho e providenciar para não sermos interrompidos?

— Eu me livrarei de todo mundo — prometeu Marsop.

— Pois bem — disse Noy, puxando Underwood para um canto, quase os escondendo atrás de uma seringueira alta e frondosa. — Vamos conversar. Matt, nunca o vi tão sério antes. Diga o que o preocupa.

— Acabo de ter uma conversa com o general Nakorn.

— Sabe qual é a minha opinião a respeito dele.

— Estou menos preocupado com o que Nakorn me disse do que com o que Siebert, nosso chefe da CIA, me contou.

— E o que foi que ele contou, Matt?

— Aparentemente, você arrumou uma série de conversas entre Marsop e o líder rebelde, Opas Lunakul. O general Nakorn se opôs enfaticamente a elas. — Ele fez uma pequena pausa, depois acrescentou: — E Percy Siebert também.

A fisionomia delicada de Noy enrijecera.

— Quer me dizer o que lhe contaram?

— Vou repetir cada palavra. — Ele hesitou. — Parece que são cabíveis.

A voz dela era baixa.

— Diga-me, o que é cabível?

Da melhor forma possível, Underwood tentou relatar o que ouvira do general Nakorn e o que Percy Siebert havia confirmado.

Noy ouvia sem demonstrar emoção.

Quando chegou ao fim da sua récita, Underwood arquejou e acrescentou:

— Sabe que estou do seu lado, Noy. Foi sem hesitação que aprovei o empréstimo que você queria para Lampang, na verdade uma quantia bem maior. Eu pretendia que fosse usado para o que você queria, tornar Lampang independente e a sua democracia forte. Achei que isso também era de interesse da minha nação.

— Mas agora está menos certo disso — disse Noy, rigidamente.
— Quer dizer que o seu empréstimo incluía condições.

— Condições? — disse Underwood, ligeiramente confuso.

— Que o seu empréstimo inclui a exigência de que rompamos com os comunistas, de que os liquidemos, e provemos que somos um país anticomunista digno de ser um aliado de confiança dos Estados Unidos?

— Noy, você entendeu mal. O empréstimo é seu para fazer com ele o que achar melhor para o seu povo. Mas deve reconsiderar uma coisa: que você pode estar se permitindo ser tolerante demais com os rebeldes comunistas que a querem destruir.

Noy ficou um tempo calada, de olhos fitos em Underwood. Quando falou, foi com paixão contida:

— Matt, nossos comunistas não são treinados em Moscou. São camponeses simples, gente simples, lavradores, que querem fazer três refeições por dia e ter um teto seguro cobrindo sua cabeça e a de seus filhos. Meu marido compreendeu isso quando se candidatou a presidente. Ele achava que esses comunistas que queriam a reforma agrária acima de tudo podiam ser integrados a todos os nossos camponeses e aprender a conseguir o que queriam, mas lentamente e sem derramamento de sangue. Sempre acompanhei Prem no que ele acreditava. Hoje eu represento o que ele representava. Não quero massacres.

— Quero mediação. Quando os comunistas ouvirem meus planos, ficarem sabendo que são exatamente os seus, sem matanças, estou certa de que abandonarão as armas e nos acompanharão.

Mentalmente, Underwood recuou. Suas palavras eram tão razoáveis quanto as de Nakorn e Siebert. Talvez mais.

Ele tinha uma pergunta:

— O seu marido e sua irmã Thida não foram assassinados pelos comunistas?

Ela respondeu sem hesitar:

— Não tenho a mínima prova disso. Naturalmente ficamos desconfiados e fizemos uma investigação exaustiva, mas não encontramos nenhuma ligação com os comunistas.

Lunakul nega-o sem reservas. Pode ser que ele esteja mentindo. Talvez esteja dizendo a verdade. Matt, temos que dar uma chance à verdade antes das balas.

— Bem, talvez você esteja certa. Talvez valha a pena dar uma chance à verdade.

Noy tocou o braço de Underwood.

— Matt, preciso me despedir de nossos outros convidados. Mas antes quero lhe pedir um favor. Quando estive em Washington, você me convidou para ficar mais um dia para poder me mostrar a sua capital e ficar me conhecendo melhor. Eu o fiz.

— E eu gostei muito.

— Agora quero que você retribua o favor da mesma maneira — disse ela. Quero que fique mais um dia em Lampang para que eu lhe mostre o meu povo e como ele vive. Além disso, quero que fique me conhecendo ainda melhor para se convencer da minha sinceridade. Pense em passar mais um dia aqui comigo. Não tente responder agora, mas volte ao hotel e consulte o travesseiro. Pode me comunicar a sua decisão amanhã, na hora do café. Espero que fique mais um dia.

— Por questões políticas? — indagou Underwood.

— Por questões pessoais — respondeu Noy. — Quero curtir um dia com você, sozinhos no meu ambiente. Por favor, por favor, pense no assunto, e seja qual for a sua decisão, eu compreenderei.

Matt Underwood voltara à sua suíte no Hotel Oriental. Recusando-se a ver Siebert ou a imprensa, ele jantou sozinho, depois tentou dormir, mas atirou-se inquieto na cama do hotel. Em sua mente revia o convite de Noy, desejando desesperadamente aceitá-lo, mas ainda inseguro.

Por fim, a fadiga de voo o alcançou e ele dormiu profundamente.

Acordado por um empregado, ele tomou banho, barbeou-se e se vestiu, dirigindo-se ao Palácio Chamadin antes das oito.

Na sala de jantar, bebericando suco de laranja, estavam Noy, seu filho Den, Marsop e Bartlett, o secretário de Imprensa, o único de sua comitiva presente.

— Bom dia, senhor presidente — disse Noy um tanto formal. — Dormiu bem?

— Oito ou nove horas, e sem sonhos — replicou Underwood. Ele se dirigiu a Bartlett: — Para que horas foi marcada nossa volta para Washington? — O Força Aérea Um vai decolar às onze. O avião da imprensa sai ao meio-dia — informou Bartlett.

Underwood concentrou sua atenção em Noy Sang, que estava ao lado dele.

— Estive pensando em sua oferta, Noy — disse. — Ainda está de pé?

— Claro, Matt.

— Então está resolvido.

— Deixei tudo de lado para isso — disse ela. — Estou encantada. Primeiro vamos dar um passeio por Visaka e arredores. Nosso destino será a minha casa de verão, Vila Thap. Tem uma linda praia onde podemos nos refrescar. Podemos trocar de roupa e nadar lá.

— Eu não estava preparado para isso.

Noy sorriu.

— Eu estava. Temos calções de banho de todos os tamanhos. Pode escolher. Providenciarei para levarmos uma cesta com um almoço leve. Que tal lhe parece?

— Perfeito — disse Underwood.

Bartlett parecia perplexo.

— Existe alguma coisa que eu deva saber?

— Sim — respondeu Underwood. — Diga à imprensa que estou no horário. Mande o avião deles partir ao meio-dia. Mas não vou partir uma hora mais cedo. Fingirei que vou e passarei mais um dia aqui; provavelmente partirei à meia-noite.

— Isso vai alterar muitos planos, senhor presidente. Essa permanência aqui é imperativa?

— Oficialmente, vou passar mais um dia para me aprofundar na situação comunista em Lampang com o auxílio de madame Noy. E isso o que você poderá dizer à imprensa quando pousar em Washington e eu só aparecer no dia seguinte.

Bartlett continuava aflito.

— Existe uma razão não-oficial? — indagou.

Underwood sorriu para Noy e depois para Bartlett.

— Existe, mas não para ser divulgada, somente para sua informação.

— Muito bem — disse Bartlett.

— Quero esse dia a mais para descansar um pouco, e para ficar conhecendo um pouco melhor nossa aliada do sudeste asiático.

— Obrigada, Matt — disse Noy, baixinho.

— Logo que o café da manhã terminar — Underwood acrescentou para Bartlett -, você pode sair e providenciar tudo. Informe ao Serviço Secreto que vou passar mais um dia aqui e que espero que eles também permaneçam. Não quero me meter em encrencas com aqueles sanguessugas. Mas, quanto a você,

arrebanhe os correspondentes no avião da imprensa e decole com eles. Diga-lhes que já fui. Isso acabará com qualquer suspeita.

— O que digo à primeira-dama?

— A versão oficial — retrucou Underwood, com uma pequena careta.

Deixando o Palácio Chamadin, o secretário de Imprensa Jack Bartlett parou para falar com o primeiro agente do Serviço Secreto no corredor.

— Smitty — disse -, houve uma mudança de planos. O presidente não vai partir ao meio-dia, mas sim lá pela meia-noite. Além disso, é melhor vocês fazerem planos para se deslocarem hoje à tarde. Sei que o presidente vai fazer um passeio pela cidade e arredores depois das onze e meia. Acho que o destino dele... vai acompanhar a presidenta Noy Sang... é Vila Thap, casa de verão dela.

Onde está o seu chefe?

— Da última vez que soube dele, tinha ido até o portão do palácio falar com o capitão que é chefe de segurança de Lampang.

— E melhor eu ir procurá-lo — disse Bartlett. — Quer informá-lo o novo horário do presidente.

Bartlett saiu do palácio e se encaminhou para o portão, onde podia ver Lucas conversando com um agente de segurança de Lampang.

Bartlett os interrompeu.

— Frank, preciso falar com você um minuto.

O portão estava aberto, e Bartlett fez um gesto para que o chefe do Serviço Secreto passasse para o lado de fora.

Havia duas pilastras, e Bartlett levou Lucas para a mais próxima, onde o agente de Lampang não podia ouvi-los.

— Frank, o presidente vai mandar a imprensa seguir viagem depois que ele partir. Só que ele não vai partir no horário marcado. Eles não devem saber que ele resolveu passar aqui o resto do dia e conhecer um pouco da cidade com a presidenta Noy Sang. Depois ele vai para o campo com Noy. Ela tem uma casa de verão chamada Vila Thap. Quer que o presidente nade um pouco antes do almoço, e se refresque antes de seguir para Washington.

— Obrigado por me contar — disse Lucas. — Vou dar um pulo nessa Vila Thap e examiná-la antes de o presidente chegar lá. Ele deve chegar por volta das duas da tarde?

— Aproximadamente — disse Bartlett. — Vou deixar o presidente inteiramente nas suas mãos.

— Não precisa se preocupar.

— Mantenha a imprensa local a distância. Nossa própria imprensa vai estar a caminho de casa. Mas os daqui podem criar problemas. Quero que o presidente tenha alguma privacidade.

— Ele terá toda a privacidade que desejar — garantiu Lucas

Depois disso, Bartlett pegou um carro oficial de gabinete de Lampang para voltar ao Hotel Oriental, enquanto Lucas cruzou o portão e entrou no palácio para avisar os seus agentes

Mal eles desapareceram, Hy Hasken saiu de trás da pilastra.

Acendendo um cigarro, ficou refletindo.

A Vila Thap era agora o seu destino.

Mas onde diabos ficava?

Resolveu ir até o portão e perguntar ao agente de segurança de Lampang.

Então o presidente Underwood queria este dia a mais em Lampang, sozinho com Noy Sang?

Hasken resmungou. Não exatamente. Não se ele pudesse se manifestar.

A Vila Thap ficava a treze quilômetros de Visaka.

Com seu carro alugado, Hasken pegou seu operador de câmara, Gil Andrews, e o técnico de som no Hotel Oriental, e seguiu na direção que lhe fora indicada.

Assim que a encontrou e estacionou o carro, ele e sua equipe examinaram a situação da vila. Como a maioria das casas de verão, a Vila Thap era uma mansão elegante e arejada, construída num morro. Provavelmente porque ali era fresco e sombreado.

Hasken subiu na beirada do morro e espiou para baixo, para a casa de verão de Noy. Podia ver uma boa parte dela, até os degraus que levavam à porta da frente. Havia um atalho que conduzia a um espigão, de onde descia uma escada que levava a uma praia particular, escondida lá embaixo.

— Quer fotos do presidente e sua dama — disse Andrews.

— Não vai ver nada daqui, especialmente se eles forem nadar na praia.

— Tem razão — concordou Hasken. — É um lugar escondido. Pode apostar que o Serviço Secreto vai manter a gente aqui em cima com a imprensa local. Não vamos poder enxergar nada. — Deu meia-volta e acrescentou: — Talvez.

Atrás deles, do outro lado da estrada, ficava uma fila de apartamentos de praia modernos, de cinco ou seis andares de altura.

— Aquele prédio que fica bem atrás de nós tem seis andares, disse Hasken. O andar de cima deve ter uma visão perfeita da praia. Vamos descobrir.

Os três atravessaram a rua e se dirigiram ao prédio, tocando a campainha para chamar o senhorio.

Em menos de um minuto ele apareceu. Era um homem idoso e mal-humorado que não media mais de um metro e meio, de pele cor de oliva e farto bigode grisalho.

— Sim? — perguntou.

— Gostaríamos de alugar um apartamento — disse Hasken.

— Estão todos alugados — disse o senhorio, com voz rouca.

— Só por algumas horas — disse Hasken. — O andar de cima, de frente para a praia.

— Também está alugado, para um banqueiro de Visaka. Ele vem da cidade para cá por volta das seis da tarde.

— Nós sairemos às cinco — disse Hasken. — Não vamos mexer em nada. Queremos só tirar algumas fotos da janela do sexto andar.

— Não sei — disse o senhorio. — É o apartamento dele...

— Mas o senhor o aluga para ele — disse Hasken. Abriu o paletó e tirou a carteira. — Podia sublocá-lo por três quatro horas. — Hasken tirou algumas notas da carteira. — Eu posso lhe pagar em dólares americanos.

O senhorio fitou as notas com cobiça.

— Dólares americanos?

— Cem — disse Hasken, começando a separar as notas. — Só por algumas horas.

— Não sei — disse o senhorio. Mas a essa altura já sabia. — Não vão mexer em nada?

— Nem num grão de poeira — prometeu Hasken entregando-lhe as verdinhas.

Dali a minutos eles estavam dentro do apartamento do sexto andar.

Gil Andrews encaminhou-se diretamente para a janela e estreitou os olhos.

— Perfeito — murmurou.

— A praia — disse Hasken.

— Cada centímetro dela. Clara como tudo. Com a minha lente zoom vou poder contar os grãos de areia.

Hasken abriu um sorriso.

— Arme o seu equipamento.

Matt Underwood e Noy Sang estavam sentados confortavelmente no banco traseiro do Mercedes dela, e o seu chofer Chalie, com o rosto marcado pela varíola, os conduzia, cercado por uma escolta de motociclistas.

— Estamos perto da rua principal? — quis saber Underwood.

— Quer dizer o centro da cidade, como nos Estados Unidos? — disse Noy. — Visaka não tem centro da cidade. Assim como não tem ruas, também. Só estradas e números nos prédios.

Underwood voltou a olhar pela janela do carro.

— Acho que o que me confunde é a mistura de templos e igrejas. Como foi que isso aconteceu? Noy riu.

— Estou vendo que a nossa história não é tão bem ensinada quanto a sua. Deixe-me explicar-lhe. Duzentos anos atrás meus ancestrais, os antecessores de nosso povo, moravam na Tailândia. Ali o rei decretou o budismo como religião oficial. Contudo, havia uma grande seita de tailandeses que haviam sido convertidos ao cristianismo por missionários. Eles resolveram sair da Tailândia e estabelecer um novo lar, com maior liberdade religiosa, em Lampang. Foi assim que surgiram as igrejas. Quando Lampang prosperou, outros na Tailândia quiseram se mudar para cá e então vieram. Ainda eram budistas, e assim construíram os templos. De um modo geral, a influência tailandesa é muito grande. Muitos cristãos ficaram impressionados com a democracia nos Estados Unidos e a democracia se tornou mais uma influência. Todos falam inglês aqui e o governo segue o modelo do sistema que Jefferson criou e que teria aprovado. Matt, olhe ali à esquerda.

— Sim?

— O Museu Nacional. Fundado em 1784, é o maior museu do sudeste asiático. Podemos entrar, se você quiser, mas estou certa de que já viu o suficiente de museus, por toda parte em que andou.

— Obrigado, eu passo — disse Underwood. — Mas é um prédio impressionante.

— Existe algo igualmente impressionante não muito longe daqui. Diferente de qualquer coisa que vocês têm em Washington.

Logo a comitiva chegou ao Hotel Dusit Thani, e Noy levou Underwood, cercado por guardas de segurança, até uma arena do tipo fosso.

— Nossa criação de cobras — disse Noy.

Underwood olhou para as paredes íngremes. O centro estava coalhado com um monte de cobras, de todo tipo, desde serpentes muito grandes e extremamente venenosas, encontradas no sudeste asiático, até víboras russas.

— Todas as manhãs — disse Noy -, nossos cientistas descem até o fosso e extraem o veneno dos répteis para preparar antitoxinas contra mordidas de cobra nas áreas mais primitivas fora da cidade.

— Ela o examinou. — Sua camisa está grudada ao corpo, e logo o paletó também estará.

— Bem, está quente e abafado.

— É, e você já viu pontos turísticos que cheguem. Vamos para o carro. Daqui a uns vinte minutos você estará na Vila Thap e na praia. A ideia lhe agrada?

— Mal posso esperar.

— Você pode vestir um calção.

— E você um biquíni.

Noy sorriu.

— Lampang ainda não está preparada para o biquíni. Um sarongue o satisfará? Ele não cobre muito mais do que um biquíni.

— Você vai usar um sarongue?

— No minuto em que chegarmos lá.

Ele tentou visualizá-la.

— Não estou podendo esperar.

Noy pegou-lhe o antebraço.

— Então não vamos perder nem mais um minuto.

De uma janela lateral do apartamento do sexto andar que dava para a rua e a Vila Thap, além dela, Hy Hasken examinava a cena.

A estrada logo abaixo, a essa altura, fora invadida pela imprensa local, que estava sendo afastada pelos guardas de segurança de Lampang. Por trás deles estavam os moradores curiosos da vizinhança.

Underwood e Noy Sang tinham chegado meia hora antes e haviam sido escoltados imediatamente pela íngreme escadaria que levava à vila.

Hasken, a olho nu, e o operador com sua teleobjetiva zoom estavam sozinhos para testemunhar o que viria a seguir. O técnico de som fora dispensado — não haveria vozes para detectar na praia a essa distância; — Hasken o enviara de volta ao Hotel Oriental para fazer as malas dos três e providenciar o primeiro voo comercial para os Estados Unidos, fosse por que rota fosse, contanto que o último local de pouso fosse Washington.

— Você está vendo melhor do que eu — disse Hasken para Andrews. — Nossos presidentes já saíram da vila?

— Ainda não.

— Será que você não viu direito?

— Com esta lente? Tudo está em close up. Além disso, não há ninguém na praia, exceto dois homens do Serviço Secreto americano.

— Não é isso o que estou procurando — disse Hasken. — Fique de olho nos degraus que descem da vila.

Os dois ficaram olhando em silêncio por um minuto, e de repente o operador disse:

— Eles acabam de sair da vila — comunicou. — Ela está usando um sarongue vermelho e ele está de calção branco justo.

— Ótimo! Eu os estou vendo, mas sem a sua lente não estão bem nítidos.

— Eles estão descendo para a praia. Estão na areia. Puxa, aquele sarongue.

— O que quer dizer?

— Ela podia ter escondido mais com um biquíni.

— A sua câmara está rodando?

— Pode crer que está. Minha lente está praticamente de olho arregalado.

— Ei, calma — disse Hasken.

— Deixe eu me concentrar — disse Andrews, sem fôlego.

— Eles vão entrar na água.

— Fique com eles — disse Hasken, excitado. Dali a alguns minutos, o cinegrafista comentou:

— Eles estão brincando.

— Brincando?

— Bem, nadando, pulando para cima e para baixo como golfinhos, rolando na água. Ele... — fez uma pausa. — Acho que estão saindo, agora.

— Mantenha a câmara firme neles.

— Pode deixar. Uau!

— Você parece um lobo — disse Hasken.

— Gostaria de ser um e pegar um pedaço daquilo. É de Noy que estou falando, no sarongue. Está grudado no corpo dela como se tivesse sido posto com cola, e praticamente dá para se ver o corpo todo como se ela estivesse nua. Puxa, uma mama está praticamente

de fora. Tenho certeza de que estou vendo o mamilo, é grande e marrom...

— Você está vendo?

— Puxa, o que eu daria para estar no lugar dele.

— Mas não está. Ele é o presidente dos Estados Unidos.

— Bem, ela é mais do que isso. Acredite no que estou dizendo.

Ele a está enxugando com uma toalha. Que bunda que ela tem, a maior, a mais macia que já vi.

— Contenha-se, rapaz. Ela é a presidenta de Lampang.

O cinegrafista sacudiu a cabeça, incrédulo.

— A presidenta de Lampang tem a bunda maior e mais arredondada dos mares do Sul.

Impaciente, Hasken se adiantou e o empurrou.

— Deixe eu dar uma olhada com esta lente.

O que Hasken viu foi Noy de perfil, de frente para Underwood. Andrews tinha razão. Um dos seios estava parcialmente exposto e o sarongue molhado subira até o alto de uma das nádegas. Hasken prendeu a respiração. Ela era uma escultura.

Noy sentara-se numa toalha amarelo-viva. Underwood se acomodara a seu lado. Ela lhe ofereceu comida tirada da cesta. Underwood estava falando com ela.

— Eu daria qualquer coisa para saber o que ele está falando — murmurou Hasken. Eles agora estão conversando. — Ele recuou. — Que conferência de cúpula! É melhor voltar para cá. A câmara pode precisar de um ligeiro ajuste.

Andrews voltara à sua lente e estava ajustando o foco.

— Aquele sarongue me perturba — disse, quase que si mesmo.
— Será que ela está usando alguma coisa por baixo?

— É melhor que esteja — disse Hasken -, caso contrário Underwood vai ficar por cima dela num minuto.

— Praticamente já está — disse o operador. — Está se encostando nela. Passou o braço esquerdo ao redor da cintura dela e podia jurar que está lhe cobrindo o seio.

— Duvido. Não com os homens do Serviço Secreto na praia também.

— Parece que está. Agora ele está.

— Está o quê?

— Beijando-a!

— Apaixonado ou casto?

— Na face. Ela acaba de se levantar. — Ele ajustou a câmera mais uma vez. — Ela está se dirigindo para a escada que leva à vila. Nosso presidente ficou de pé e não está longe dela.

— Estão indo embora?

— Já foram.

Hasken se afastou da janela.

— Então também está na hora de nós irmos. Vamos voar para o Oriental. O seu garoto já deve ter uma reserva de avião para nós, a esta altura. Quero mandar brasa e voltar para Washington antes de Underwood. Esta aqui é quente, e quero levar ao ar o mais depressa possível.

Andrews começou a guardar seus apetrechos, primeiro a câmara e as lentes, depois o tripé.

Quando terminou, reuniu-se a Hasken na porta.

— Hy — disse o operador -, você acha que ele a está comendo?

— Não seja maluco. Presidentes não fazem isso.

— Ah, não? Harding? Cleveland? Kennedy?

— Claro. Mas do contrário, absolutamente não. Os presidentes não transam com as presidentas.

— Tem certeza disso, Hy?

— Absoluta. Nem pense nisso. Já vamos criar bastante encrenca para o velho Matt sem isso. Agora, vamos indo para casa botar isso no ar.

Quando o presidente Underwood voltou para Washington e para a Casa Branca, procurou a mulher antes de ir para o seu quarto.

Alice estava no Quarto da Primeira Família, sentada num sofá, pernas cruzadas, fitando o aparelho de TV desligado.

— Bem, cá estou eu — disse Underwood. — Foi uma viagem danada de comprida.

Ele atravessou o quarto para beijá-la, mas ela desviou o rosto.

— Não, obrigada, você já fez isso o bastante.

— Do que está falando?

— Quer dizer que não viu a televisão ou o jornal?

— Por quê? Devia ter visto? Acabo de saltar do avião. Alice, que história é essa?

— É a história do seu dia a mais em Lampang, da sua curtição.

— Você sabe que eu precisava daquele dia com a presidenta Noy.

— Discutindo o perigo vermelho? — Olhou com ferocidade para ele. — Os comunistas? Ou o sarongue dela?

— O que deu em você?

— A mesma coisa que deu em todos os noticiários e na imprensa. O que leva a uma pergunta melhor: O que deu em você?

— Ela pegou o controle remoto. — Hy Hasken esteve no ar há poucas horas com um relato completo do seu dia a mais em Lampang.

Underwood ficou confuso.

— Não podia estar. Ele voltou no avião da imprensa um dia antes de mim.

— Isso é o que você pensa. Gostaria de dar uma olhada no que ele viu em Lampang? Hasken ficou por lá e filmou tudo. E eu gravei tudo para lhe mostrar que idiota burro e devasso você é. Sente-se e olhe para a tela.

Confuso, Underwood se acomodou numa cadeira, os olhos fitos na televisão, enquanto Alice apertava um botão de controle remoto.

O rosto de Hy Hasken preencheu a tela. Ele segurava um microfone e estava parado diante da Casa Branca.

"— Aqui fala Hy Hasken, de volta às atividades em Washington. Retornei da ilha de Lampang há duas horas, onde permaneci com o presidente Underwood durante o seu dia a mais na ilha, que não estava no programa. Conquanto o presidente tivesse a intenção de retornar à Casa Branca mais cedo, e até tivesse enviado a imprensa de volta na frente, eu soube que ele ia permanecer em Lampang mais um dia, para uma reunião secreta com a presidenta Noy Sang. Depois da reunião com ela a que não pude comparecer, o presidente foi com madame Noy para a sua vila de verão fora da capital, Visaka. Nosso operado encontrou um local de onde pudemos cobri-lo. Agora, exclusivamente para vocês, um flash do presidente

Underwood e da presidenta Noy Sang na praia em frente à vila, aproveitando alguns minutos de descontração."

Havia tomadas de Underwood e Noy brincando na água. Havia tomadas de Underwood e Noy saindo da água.

Underwood ouviu a voz de Alice.

— O que é aquilo que ela está usando? Bem que podia estar nua.

— É um sarongue, Alice. É o que todas as mulheres usam no sudeste asiático.

Alice ficou calada.

A tela mostrava tomadas de Underwood secando Noy com a toalha.

Mais tomadas deles sentados na praia.

Uma tomada de Underwood com o braço ao redor dela.

— O que a sua mão está fazendo no seio dela? — quis saber Alice.

— Eu não tinha ideia de que estivesse ali.

Uma tomada de Underwood beijando Noy na face.

— E estão discutindo o comunismo — disse Alice, com amargura.

Underwood engoliu em seco. Hasken, aquele sacana sujo!

Underwood engoliu em seco de novo.

— Estou tentando consolá-la pela morte da irmã.

Alice apertou o controle remoto e desligou a televisão.

Calmamente, ela ficou de pé.

— Ela ainda estava sofrendo, não é? Babaquice, Matt. Da pior espécie. Ela estava tentando usá-lo do jeito que podia. Não vou

aguentar mais isso, Matt. Não vou deixar que você seja feito de bobo novamente. Ficou feio, muito feio para nós dois. Depois que Hasken liberou a sua fita exclusiva para todas as estações de TV e a imprensa, ela passou em horário nobre nas três redes principais, saiu na primeira página de todos os jornais que vi, e Blake me disse que duas revistas de atualidades vão usar Noy na capa. Matt, pelo amor de Deus, você é o presidente dos Estados Unidos. O mundo todo está desabando ao seu redor, mas você não está interessado nem disponível por que está ocupado demais perdendo tempo com a líder acidental de uma ilha ridícula e insignificante do fim do mundo. Se você passar mais um segundo sozinho com aquela mulher, eu o deixarei, senhor presidente. Não se esqueça disso. Eu o deixarei. Portanto, mantenha as calças abotoadas e se comporte. Caso contrário, estará encrocado de verdade.

CAPÍTULO 7

O telefonema, na linha particular, era do Departamento de Estado para a Casa Branca.

O secretário de Estado estava falando com o presidente Matthew Underwood.

— Matt — disse ele, com urgência -, estou com um problema. Preciso vê-lo imediatamente.

Underwood ficou irritado com o telefonema.

— Tenho muita coisa para fazer hoje, Ezra. Mas suponho que possa dar um jeito de atendê-lo se for realmente urgente.

— É urgente — assegurou-lhe Morrison.

— Dê-me uma pista do problema.

— Está dividido em duas partes — disse Morrison. — A primeira é que você está escalado para se dirigir às Nações Unidas na sexta-feira, depois que o secretário-geral Izakov o fizer.

— E o que há de urgente nisso? — mencionou Underwood. — Esse discurso está na agenda há meses.

— Bem, você vai discutir os papéis que os Estados Unidos e a União Soviética têm nos países do Terceiro Mundo. Para tornar possível o nosso pacto de cúpula, tem que ser garantido pelos dois lados que não estamos interferindo em outros países. Não estamos promovendo a democracia pela força ou uso de nossas armas, e os comunistas não estão fazendo o mesmo.

— Claro. Já conversamos sobre isso uma dúzia de vezes.

— Mas não contávamos com acontecimentos subsequentes.

— Que acontecimentos? — indagou o presidente.

— Acabo de ficar sabendo que a União Soviética está interferindo ativamente em outro país. É uma coisa que você pode querer incluir no seu discurso.

Underwood franziu o cenho.

— Sem dúvida. Qual é o outro país com que a União Soviética está se metendo?

— Lampang — disse Morrison.

Underwood teve um choque.

— Está brincando.

— Eu tive notícias diretas de Visaka.

— O que aconteceu?

— Prefiro não falar por telefone. Quero discutir isso pessoalmente, o mais cedo possível.

— Venha já para cá.

— Meia hora — pediu Morrison.

— Abrirei um espaço na minha programação — prometeu Underwood. Olhou incrédulo para o telefone, pestanejando. — Problemas em Lampang, é?

— Aguarde as pontas. Eu lhe contarei tudo.

— Sim, Lampang — repetiu Morrison, sentando-se na cadeira diante da escrivaninha do presidente.

Underwood afastou para o lado, com impaciência, os papéis que estavam sobre a escrivaninha.

— Vá direto ao assunto.

Morrison abriu uma pasta e estava revendo diversos memorandos.

— Os comunistas saíram do seu reduto da ilha de Lampang Thon e invadiram Lampang propriamente dita ontem à noite. Ainda não conheço a força da invasão. Pode ser uma companhia, várias companhias, ou até um batalhão. Sei que eles invadiram e conquistaram três aldeias antes que o general Nakorn pudesse ser inteiramente alertado e correr com as suas tropas para lá.

— Há combates, ainda? — Underwood quis saber.

— Sim, mas acho que, a esta altura, é só uma operação de limpeza. Muito embora os comunistas estivessem mais bem equipados do que nunca e causassem baixas consideráveis, o exercito de Lampang conseguiu controlá-los e até repeli-los.

— Estou surpreso — admitiu Underwood -, surpreso de verdade. Madame Noy me assegurou que fora marcada uma reunião para um acordo entre Marsop e Lunakul.

— A reunião foi uma impostura — disse Morrison. — Os comunistas não tinham a menor intenção de fazer acordo. Pretendiam pegar Nakorn desprevenido e resolver a situação pela força.

— Incrível — disse Underwood. — Quem lhe deu essa informação?

— O general Nakorn. Tentei falar com o posto da CIA, Siebert e seu assessor tinham ido para as montanhas. Tudo vem de Nakorn. Ele está ansioso para seguir em frente e subjugar os comunistas de uma vez por todas. Eu disse a ele para não fazê-lo até receber instruções diretas suas.

— Muito bem pensado.

— Você pode querer incluir isso no seu discurso nas Nações Unidas. Mas só depois de obtermos informações mais completas. Acho que você tem de enfrentar os soviéticos diretamente com essa história.

Underwood estava imerso em pensamentos.

— Deixe-me pensar no assunto e me mantenha atualizado. Vou decidir o que fazer.

Mesmo durante a sua conversa com Ezra Morrison, o presidente já decidira o que fazer.

E agora estava fazendo.

Mandou chamar Paul Blake e disse-lhe:

— Está havendo encrenca em Lampang.

— Eu já soube.

— Quero falar com madame Noy Sang. Localize-a para mim e peça para ela atender o telefone.

Dali a dez minutos, ele ouvia a voz dela.

— Noy, como vai?

— Bem, Matt, perfeitamente bem agora. Já soube dos nossos problemas aqui?

— Soube pelo secretário de Estado. Ele falou com o general Nakorn. Eis o que eu soube. — Contou-lhe rapidamente, então perguntou: — É isso mesmo, Noy?

— Sim e não — disse ela. — Não tenho certeza. Ainda não ficou claro. Estamos baseando tudo no relatório do general Nakorn. Fomos atacados por agressores comunistas. Nós os rechaçamos. Por outro lado, Marsop falou ao telefone com os comunistas, com Lunakul, e Lunakul nega categoricamente. Insiste que foi tudo ao

contrário. A versão dele é que Nakorn e nossas tropas passaram para o outro lado a fim de atacar uma guarnição comunista, e que os comunistas retaliaram e lutaram com eles até a ilha principal. Ainda não sei quem está sendo sincero nesse caso.

— É possível que Nakorn esteja certo?

— Ah é. Depois da escaramuça final, depois que os comunistas recuaram, encontramos muitas de suas armas. O seu arsenal era quase totalmente russo.

— Armas da União Soviética?

— Duvido que tenham vindo diretamente. Acho que vieram através do Vietnã e do Camboja.

— Você sabe que vou me dirigir às Nações Unidas no final da semana, juntamente com o secretário-geral, para tratar da nossa política de não-interferência.

— Estou sabendo.

— Morrison quer que eu mencione essa possível quebra de palavra. O que você acha?

— Você não faria mal se a mencionasse.

— Meu instinto me diz para não fazer isso. — Ele hesitou. — Noy, acho que seria mais sensato que o relatório viesse de você.

Noy pareceu insegura.

— De mim? Quer que eu proteste às Nações Unidas?

— Eu poderia facilmente conseguir isso com o presidente da Assembleia da ONU. Você falaria da luta, que o agressor não está definido, mas que uma coisa está bem definida: os comunistas de Lampang têm armas soviéticas. Eu também poderia tocar no assunto, posteriormente. O seu discurso tornaria o meu mais eficaz,

porque eu poderia repreender os soviéticos por romperem um acordo verbal para não dar apoio a comunistas locais em parte alguma.

— Não sei, Matt.

— Eu sei — insistiu Underwood. — Meu gabinete arranjará um hotel para você em Nova York e marcará o seu discurso à Assembleia Geral. Seria muito útil para nós dois.

Ela hesitou.

— Talvez, eu possa fazer isso.

— Isso precisa ser ventilado. Quanto mais cedo, melhor. Forçará os comunistas a se tornarem mais contidos e facilitará o caminho para as suas conversações de paz com eles em Lampang.

— Está certo, eu faço. Vou ver você?

Underwood soltou um risinho abafado.

— O que você acha? Nas Nações Unidas, mais formalmente. E informalmente, jantar juntos quando se encerrar a Assembleia Geral.

— Estarei lá — disse Noy.

Depois que o comunicado da apresentação de Noy Sang às Nações Unidas fora feito, o embaixador soviético nos Estados Unidos, Berzins, não perdeu tempo em procurar Morrison no Departamento de Estado.

— O seu presidente está mesmo apoiando o discurso da mulher Noy Sang à Assembleia Geral?

— Sim, ao que me consta.

Berzins ficou indignado.

— O seu presidente está procurando encrenca. Tivemos tanta dificuldade em conseguir que o secretário-geral Izakov e o

presidente Underwood falassem perante as Nações Unidas como um passo na direção de um pacto para garantir que não haveria mais agressões de parte a parte, e agora o seu presidente resolve mexer com ele convidando madame Noy para fazer acusações contra nós. Isso não pode dar em boa coisa.

— Bem, senhor embaixador, o problema aqui é que o presidente Underwood acredita, assim como madame Noy, baseada numa investigação em andamento, que a União Soviética tomou uma atitude agressiva, por meio dos comunistas de Lampang, contra o governo local.

A indignação do embaixador Berzins não diminuiu.

— Uma bobagem completa. Não estamos apoiando comunistas locais em parte alguma para tomar atitudes agressivas contra qualquer governo, muito menos o de Lampang. Não há provas de que a escaramuça em Lampang tenha sido instigada por comunistas. Bem que poderia ter começado com o general Nakorn e forças do governo de Lampang.

Morrison deu de ombros, desamparado.

— Isso pode ser verdade. Por outro lado, Lampang descobriu provas de que as armas soviéticas mais recentes foram usadas contra ela.

— As armas podiam ter vindo de qualquer parte — retrucou Berzins bruscamente. — Podiam ter sido trazidas da Síria ou de cem mercados que negociam com armas soviéticas assim como com armas americanas.

— O presidente talvez queira que o senhor prove isso.

— Isso não requer prova. Só lógica e boa-fé. — O embaixador Berzins se levantou.

— Tenho uma mensagem para o senhor levar ao presidente Underwood. Nosso governo quer que ele cancele a tentativa de fazer madame Noy se dirigir à Assembleia Geral. É a única maneira de continuar o progresso que está sendo feito por nossas duas nações com vistas a um plano de paz.

Morrison se pôs de pé.

— Relatarei o seu pedido ao presidente. Não posso prometer nada. Sou simplesmente o secretário de Estado, não o presidente. Caberá a ele decidir. Mas farei o possível.

— Obrigado — disse o embaixador Berzins friamente e deixou a sala.

Assim que ficou sozinho, Morrison ligou para Blake, o chefe do Gabinete Civil, e pediu para que ambos se reunissem com o presidente dentro de uma hora, se possível.

Blake logo voltou a ligar. Era possível, e Morrison era esperado no Salão Oval dentro de uma hora.

Cinquenta minutos mais tarde, Morrison estava no gabinete de Blake na Casa Branca, comunicando-lhe em rápidas palavras o protesto e a solicitação do embaixador soviético.

Dali a pouco, Blake e Morrison estavam sentados diante do presidente, no Salão Azul.

— Qual é o problema? — quis saber Underwood.

— Estou preocupado com uma visita que recebi ainda há pouco do embaixador soviético.

E Morrison passou a expor o protesto e a solicitação de Berzins.

O presidente ouviu num silêncio impassível.

— Em resumo, o que ele está querendo é que eu cancele a apresentação de madame Noy perante a Assembleia Geral?

— Ele acha que, como aliado de Lampang, você pode fazê-lo. Temos dois pontos a considerar aqui, senhor presidente.

— Pode falar.

— Primeiro — disse Morrison -, Berzins acha que os motivos para a apresentação de madame Noy são duvidosos. Evidências de que os comunistas de Lampang instigaram o ataque são questionáveis e possivelmente sem fundamento. Evidências de que os comunistas usaram armas soviéticas também são questionáveis, já que as armas podiam ter vindo de muitas fontes que não a União Soviética. O embaixador acha que a apresentação de madame Noy certamente esfriará quaisquer negociações de paz entre você e o secretário-geral soviético. Esse é o primeiro ponto.

— Qual é o segundo?

Blake interveio para ajudar Morrison.

— O segundo ponto envolve o nosso próprio interesse. Já afirmamos nossa posição antes, e é evidente que devemos reafirmá-la.

— Madame Noy — disse Morrison — quer condenar os comunistas de Lampang para forçá-los a voltar à sua mesa de paz.

— E isso — acrescentou Blake — é algo que não queremos.

— Acho que é uma ideia admirável — disse Underwood.

— Perdoe-me, mas é uma ideia terrível — disse Morrison — especialmente do ponto de vista dos Estados Unidos. Madame Noy está cheia de noções idealistas e pouco práticas, possivelmente

obtidas do seu falecido marido. Mas são noções que não funcionam no mundo real.

Blake deu seu apoio mais uma vez.

— Elas não podem funcionar, Matt, porque os comunistas darão um banho em madame Noy em qualquer reunião ou série de reuniões. Eles são durões e bons nisso. Ela não é. Matt temos um grande investimento em Lampang. Estamos começando a construção de uma gigantesca base aérea ali. Não podemos nos arriscar com os comunistas locais.

Eles são capazes se infiltrar sob a capa de um partido democrático e depois tentar enfraquecer a posição americana. O discurso de madame Noy nas Nações Unidas servirá aos comunistas de duas maneiras. Obstruirá nossas conversações de paz com os soviéticos. Obstruirá nossa própria força em Lampang.

Blake ficou calado por um momento. — Matt, reflita no que Ezra lhe contou no que eu disse. Você precisa ligar para Lampang e falar com madame Noy. Precisa informar a ela que houve uma mudança política por aqui. Precisa dizer-lhe nos termos mais fortes que ela não pode falar na ONU. Vai fazer isso?

Underwood fitou Blake, depois desviou o olhar firme para Morrison. Finalmente, disse:

— A resposta é não. Não direi a madame Noy que não é bem-vinda nas Nações Unidas. Acho que ela deve falar. Sou plenamente a favor disso, e não quero mais tocar nesse assunto. Bom dia, senhores.

No dia seguinte no final da tarde, Matt Underwood estava sentado no Salão Oval com Blake, repassando o seu discurso nas

Nações Unidas, quando o inter-comunicador tocou.

Era a secretária.

— Sim, Emily?

— Um telefonema de sua filha em Wellesley. O senhor atende ou peço a Dianne que ligue mais tarde?

Underwood ficou imediatamente entusiasmado. Não falava com Dianne há quase duas semanas, e estava ansioso para ouvir-lhe a voz. Além do mais, um telefonema à tarde era de surpreender. Ela geralmente ligava para Alice ou ele à noite, nos aposentos da família, no andar superior.

— Claro que atendo. Pode completar a ligação.

Blake ficou de pé.

— Vou deixá-lo a sós — disse. — Estarei na sala ao lado, se você quiser repassar o discurso mais uma vez.

— Obrigado, Paul.

Depois que o seu chefe de gabinete se retirou, Underwood preferiu falar ao telefone em vez de no alto-falante.

— Dianne, que prazer!

— Oi, papai. Como vai?

— Dianne, de onde está telefonando?

— Aqui mesmo do dormitório.

Underwood pôde visualizá-la no momento em que ouviu sua voz. Ela possuía cabelos longos e louros que alcançavam os ombros, um rostinho meigo com um nariz tão arrebitado quanto o de Alice. Não havia dúvidas de que puxara a mãe. Underwood jamais se considerara bonito, embora talvez Dianne tivesse herdado um certo calor e franqueza que se encontravam na sua fisionomia.

— Como vai, querida? Tudo bem?

— Não podia estar melhor, papai. Estou estudando muito, e ainda saio algumas noites com Steve.

— Ótimo.

— Quero lhe contar que o meu tema para tese foi aprovado. "Grandes líderes femininas do século XX." O que acha?

— Acho ótimo. Você quer dizer Margaret Thatcher, Indira Ghandi, Golda Meir e outras?

— E como elas afetaram seus países e o mundo de maneiras que os líderes masculinos talvez não o fizeram.

— Estou me sentindo um pouco relegado a segundo plano — disse Underwood, alegre.

— Vocês já receberam atenção suficiente. Acho que as mulheres devem ter a sua parte.

— Concordo inteiramente com você, Dianne.

— É por isso que estou telefonando. Preciso de um favor.

— Diga.

— Eu sei, é claro, que você e os russos vão se dirigir às Nações Unidas no final da semana. Mas li no New York Times de hoje de manhã que madame Noy Sang, de Lampang, estará presente para falar à Assembleia Geral.

— Exatamente.

— Ela é uma pessoa simpática? — quis saber Dianne.

— Muito. Você iria gostar dela.

— Bem, então é isso aí — disse Dianne. — Quero ir para Nova York entrevistá-la. Você pode dar uma mãozinha?

Underwood hesitou por um momento.

— Possivelmente. Não conheço os planos dela, exceto o discurso na ONU. O que você pretende?

— Para mim seria um barato conhecê-la — disse Dianne empolgada. — Não apenas porque a admiro, mas porque falar com ela pessoalmente daria um fecho de ouro para a minha tese sobre as líderes modernas.

Underwood concordou que era uma boa ideia. Dianne acrescentou rapidamente:

— Que dizer, se ela estiver disposta a falar comigo.

Underwood lembrou-se de Noy e teve certeza de que não haveria problema.

— Claro que estará — disse Underwood. — Mas há um outro obstáculo. Como já disse, não sei o que ela planejou para depois da ONU, quando... — Underwood interrompeu-se. Mas o que estou dizendo, Dianne? Claro que sei o que ela vai fazer depois da ONU. Eu a convidei para jantar... ela e vários membros do gabinete vão jantar comigo no The Four Seasons e ela aceitou. Você pode nos fazer companhia. Farei você se sentar ao lado dela.

— Verdade? Isso seria memorável.

— Pode contar como feito — disse Underwood, contente. — Escute, Dianne, o que acha de ouvir o seu velho falar na ONU? Você também pode estar presente para o discurso de Madame Sang.

— Eu adoraria!

— Vou reservar um lugar para você na tribuna. Quando a sessão da ONU terminar, podemos nos encontrar na Sala de Estar dos Delegados e depois ir para o United Nations Plaza e conversar um pouco antes do jantar.

— Não, você vai estar ocupado depois dos discursos — replicou Dianne. — Tenho que ver alguns amigos em Nova York. Encontro você no The Four Seasons. Que tal?

— Ótimo. Às oito horas.

— Como devo me vestir, papai?

— E eu lá entendo dessas coisas, Dianne? Você é linda com qualquer coisa que vestir.

— Deixe para lá. Eu estarei lá, toda produzida e com um caderno. Tem certeza de que ela não se importa?

— Tenho — disse Underwood. — E tenho certeza de que madame Noy ficará satisfeita.

— Até sexta, então.

Underwood mandou chamar Blake e trabalhou por mais uma hora no seu discurso da ONU e, quando se deu por satisfeito, eles o deram por terminado e ele foi jantar com Alice.

Ele saiu do Salão Oval e cruzou o terraço de colunatas, em forma de L, até a entrada do térreo, e tomou o elevador para o andar de cima.

Encontrou Alice tomando o seu martini de vodca na Sala de Jantar da Família.

— Vou tomar um drinque desses também — disse Underwood, falando com o criado, e sentando-se em frente à mulher.

— Acabo de receber um telefonema de Dianne — disse Alice. — Ela queria saber o que usar quando for se encontrar com você e aquela tal de Noy para jantar em Nova York, depois do seu discurso.

— Claro, você também está convidada.

Alice ignorou o comentário.

— Eu lhe disse, quando você bancou o idiota em Lampang, que não quero você se encontrando com essa tal de Noy.

— Sozinho, foi o que você disse.

Alice deu de ombros.

— É verdade.

— Você sabe que não vou ficar sozinho com ela. Madame Noy estará acompanhada de membros do seu gabinete. Eu irei com a minha equipe. Tem certeza de que não quer vir também?

— Não conte comigo. Eu gostaria de ver Dianne, mas posso fazê-lo a qualquer hora. Quanto à tal Noy com o seu papo político, seria tremendamente chato. Portanto, não, obrigada. Fico esperando você me contar o que aconteceu.

— Se insiste... Mas não quer pensar melhor, Alice?

— Parece enfadonho — disse ela. — Não, obrigada de novo. — Ela terminou a sua bebida e levantou-se. — Vou me vestir para o jantar. E veja se pode ser tão divertido com a sua mulher quanto estou certa de que será com aquela dona de sarongue.

Ela deixou a sala e os olhos de Underwood a acompanharam, com tristeza.

Dianne Underwood já estava no The Four Seasons quando o pai chegou, acompanhado de Paul Blake (Morrison estava ocupado numa recepção oferecida por seu equivalente soviético), Noy Sang, Marsop, agentes do Serviço Secreto, e os guardas da segurança pessoal de Noy.

Underwood beijou a filha e logo a trouxe até o grupo para fazer as apresentações.

— O seu discurso foi muito bom — disse Dianne ao pai

— Você é suspeita — disse Underwood à filha. — Meu discurso não foi nem a metade do de madame Noy... Você realmente impressionou a todos, Noy. A sua franqueza e sinceridade deram muita validade às minhas próprias palavras.

— Você me lisonjeia, Matt — disse Noy. — Mas admito que o discurso me empolgou. Eu, ali sozinha na tribuna de orador no Salão da Assembleia Geral, entre os dois murais de Léger naquele gigantesco local abobadado, dirigindo-me a duas mil pessoas que estavam ouvindo o meu discurso em seis idiomas. Admito que foi emocionante.

Enquanto o maitre os conduzia pela escadinha que levava ao nível inferior do restaurante, em direção à fonte central, Dianne ouviu Noy dizer a seu pai:

— Sua filha, Matt, é lindíssima.

— Obrigado, Noy. Se ela for tão bonita quanto você, e ficarei mais do que satisfeito.

Quando chegaram à mesa principal, Blake se encarregou de sentar os convivas.

Ajudou Noy a se sentar, indicou a Dianne uma cadeira ao lado dela, e a Underwood a outra, e a seguir acomodou a Marsop e a si mesmo.

Todos sentados, o sommelier anotou os pedidos de bebida e Blake combinou com o maitre o jantar.

Underwood escutou a voz de Dianne:

— A senhora foi verdadeiramente maravilhosa por me deixar estar aqui e fazer-lhe perguntas.

— Sinto-me lisonjeada de ser parte da sua tese — replicou Noy.

Dianne se debruçou na direção de Noy.

— Meu pai já lhe deu os parabéns pelo seu discurso de hoje, mas quero fazê-lo de novo. Observei o rosto das pessoas para quem estava falando. Pude ver que estavam impressionadas

Noy deu uma risada.

— Todas exceto os russos, creio eu.

— A sua compreensão de política é admirável — prosseguiu Dianne.

Noy ficou imediatamente séria.

— Se tenho essa compreensão, ela se deve ao meu falecido marido. E, é claro, desde então, a Marsop.

Underwood interveio:

— Não se deixe enganar pela modéstia dela, Dianne. Claro que ela deve muito ao marido e a Marsop. Mas jamais conheci uma mulher com um instinto político tão perfeito... é, instinto além de lógica e bom senso. Ela é um assombro. Pode citar as minhas palavras, Dianne.

Com o caderno na mesa à sua frente, Dianne anotava as informações. Ergueu os olhos.

— Não estou atrás de fatos — explicou a Noy. — Tenho páginas e páginas a seu respeito de outras fontes, o que me interessa é o que posso obter somente da senhora. — Seus olhos se encontraram com os de Noy. — Quero dizer, o que sente a respeito de tudo.

— O que sinto? — disse Noy, parecendo espantada.

— Por exemplo, vamos falar de Wellesley — replicou Dianne. — Não faz muitos anos que estudou lá, onde eu estudo atualmente. De todas as universidades, o que a fez escolher essa?

Noy sorriu.

— Como eu estava crescendo numa democracia, quis estudar na principal democracia do mundo. Disse isso a meus pais e não houve objeções. Minha mãe mandou buscar dúzias de catálogos de universidades. Wellesley me pareceu a mais atraente.

Mais uma vez Underwood interveio:

— Não é bem assim Dianne, não é bem assim. Noy está sendo deliberadamente evasiva e até frívola. Novamente a sua modéstia. Eu sei, por haver conversado com ela, que escolheu Wellesley porque tinha feito um estudo quase científico dos cursos ali e viu que eram superiores aos outros.

— Ah, Matt... — apartou Noy.

— Não negue, sei que é verdade — disse Underwood. — Foi a sua sensibilidade, a sua capacidade mental, Noy. Já conheci muitas mulheres dinâmicas, mas nenhuma com o seu tipo de cabeça.

— A senhora foi feliz na universidade, madame Noy? — perguntou Dianne.

— Fui. Por que pergunta?

— Bem, eu me sinto à vontade lá. Mas sou americana. É o meu lugar, a minha casa. Mas a senhora veio de muito longe, uma estrangeira do sudeste da Ásia. Como se sentiu quanto a esse respeito?

Noy ficou pensativa, recordando.

— A princípio me senti uma estranha, isolada — disse. — Com medo. Logo fiz amizades. Descobri que éramos todos gente, com muita coisa em comum. Comecei a me sentir à vontade, americana, como você se sente hoje em dia.

— O jantar está sendo servido agora, Dianne — interrompeu Underwood. Guarde suas perguntas para mais tarde.

— Deixe que ela continue, Matt — disse Noy. — Dianne você pode continuar fazendo perguntas enquanto comemos. Dá para eu fazer duas coisas de uma só vez.

— Só mais uma perguntinha, agora — disse Dianne.

— Por favor, diga.

— Uma que tem a ver com o que sente, ou melhor, o que sentiu, madame Noy, bem mais tarde, recentemente.

— O que você quiser, se eu puder responder.

— A senhora é a única que pode responder — disse Dianne. — É sobre o período atual, em que a senhora se tornou presidenta de Lampang, após o assassinato de seu marido.

— Essa pergunta é necessária, Dianne? — indagou Underwood.

— Não, está tudo bem, Matt — disse Noy para Underwood.

— Deixe sua filha continuar. — Virou-se parcialmente para Dianne. — Qual a pergunta que quer fazer?

Dianne estava tendo certa dificuldade, mas finalmente formulou o que queria dizer.

— Depois que a senhora perdeu seu marido e ficou sozinha, desejou algum outro homem?

Noy fitou a moça, seriamente.

— Outro homem — repetiu. — Está se referindo a necessidades sexuais ou companheirismo?

Dianne ficou meio desconcertada com a franqueza dela.

— Eu... eu acho que quis dizer companheirismo. Talvez as duas coisas. Vamos falar de companheirismo.

Noy assentiu.

— Durante os quinze meses desde o assassinato, nunca encontrei outro homem com quem gostasse de estar, exceto um. Correndo o risco de deixá-lo encabulado, estou me referindo ao seu pai.

Dianne pestanejou, lançou um olhar ao pai e de novo a Noy.

— Gostou de verdade de estar com meu pai?

— Não leve madame Noy a sério — disse Underwood depressa.

— O negócio é outro. Dianne, você pode me levar a sério quando digo que, de todas as mulheres que conheci desde que cheguei à Casa Branca, madame Noy é sem dúvida aquela com quem mais tive afinidade. Em todas as ocasiões em que nos encontramos pedi mais um tempo para ficar em sua companhia.

Dianne olhou para Noy, achou que esta podia estar corando, depois fitou o pai.

Perguntou:

— Por quê?

— Por que eu quis passar mais tempo com ela?

— É, eu quero saber. Quero saber como ela parece aos olhos de alguém como você.

— Existem motivos óbvios — disse Underwood. — Por exemplo, ela é inteligente. Também é interessante. Além disso, possui certas qualidades que não podem ser definidas exatamente.

— Tais como? — Dianne insistiu com o pai.

— É simpática, é atraente. E tem algo indefinível. Uma qualidade magnética.

Noy sorriu e se dirigiu a Dianne.

— É assim mesmo que vejo o seu pai. Agora acho que devemos jantar. Experimente a salada, está deliciosa. Essa fruta doce é manga, que dá em Lampang.

— Eu sei — disse Underwood. — Mandei o The Four Seasons encomendá-la de Lampang. Para fazer você se sentir em casa, Noy. Agora, vamos comer.

A essa altura, estavam todos com fome e deram início ao jantar. Falaram pouco, exceto Dianne, que continuou a fazer perguntas, a que Noy tentou responder o mais sinceramente possível.

Underwood prestou atenção ao diálogo entre a filha e Noy, o tempo todo.

Ao final do jantar, como que temendo perder a oportunidade, Dianne continuou a bombardear Noy com perguntas.

— Você está exagerando, Dianne — Underwood protestou suavemente.

— Estou? — Dianne perguntou a Noy. — Estou perguntando demais?

— De modo algum — disse Noy.

Dianne guardou uma última pergunta para o fim.

— Pode achar atrevimento de minha parte, madame Noy, mas será que teria tempo para visitar Wellesley amanhã e deixar que eu lhe mostrasse o campus? Houve algumas mudanças.

— Gostaria muito — disse Noy instantaneamente. — É uma questão de tempo. Eu poderia estar em Boston amanhã de manhã e depois dar um passeio pelo campus com você por uma hora ou duas. Tenho que estar em Washington antes do anoitecer para me

preparar para meu retorno a Lampang. É, eu adoraria essa pequena excursão. Estou até empolgada com ela.

Terminado o jantar, Underwood ficou de pé e ajudou Noy a se levantar.

— Você deve descansar um pouco hoje à noite antes de ir à universidade e em seguida viajar a Lampang.

— Pode deixar — disse Noy pegando a bolsa.

— Dianne — disse Underwood -, vamos deixar madame Noy no Pierre, depois eu a levo até a escola.

— Você não precisa vir junto — disse Dianne. — Tem de voltar para Washington.

— Mas eu quero — insistiu Underwood.

Blake se adiantou.

— Posso lhes fazer companhia?

— Se desejar — replicou Underwood.

Então, tomando Noy possessivamente pelo braço, Underwood saiu com o grupo do The Four Seasons.

Após deixar Noy Sang e Marsop no Hotel Pierre, sem ligar para a presença da filha, Underwood dera um beijo de despedida em Noy e aceitara os seus agradecimentos.

Underwood, Dianne e Blake foram levados até o Aeroporto John F Kennedy. Ali eles tomaram o Força Aérea Um para o voo da cidade de Nova York até o aeroporto Logan, em Boston.

Em Logan, outra limusine presidencial os aguardava, assim como dois carros repletos de agentes do Serviço Secreto.

Dirigiram-se para o Wellesley College. Underwood não teve muita oportunidade de falar com a filha. Conversou quase o tempo

todo com Blake, que estava tentando pôr o presidente em dia com as solicitações que lhe eram feitas.

Ao entrar no campus, Underwood tentou imaginar como era quando uma jovem de dezoito anos chamada Noy, com seu rosto ansioso, corpo flexível, dedicação a democracia, era estudante ali, há tanto tempo. Concluiu que não havia mudado. Hoje o campus era um manto verde macio, e havia um ar de serenidade entre as estudantes de rosto vivo que faziam seu passeios noturnos.

Aproximando-se do dormitório de Dianne, Underwood disse ao chofer:

— Pare aqui. Vou caminhar com minha filha até o dormitório. Quero fazer um pouco de exercício.

Quando Blake começou a saltar da limusine com eles, Underwood ergueu a mão.

— Espere por nós, Paul. Tenho algumas coisas que quero discutir com minha filha. — Underwood se voltou para os dois agentes do Serviço Secreto que se preparavam para segui-los. — Jim, Ed, mantenham alguma distância entre nós, o máximo que acharem seguro. Minha filha e eu temos de conversar sobre alguns assuntos pessoais.

Underwood tomou Dianne pela mão e começaram a percorrer um dos passeios do campus.

— Lamento não termos tido uma chance de conversar, Dianne. Blake está sempre às voltas com o trabalho.

— Não se preocupe, papai. Foi fantástico. Todas aquelas coisas que Noy me contou estão bailando na minha cabeça.

— Que maravilha. Fico satisfeito por ter conseguido o que queria.

— E mais — disse ela, enigmática.

Tinham chegado à entrada do dormitório de Dianne.

Underwood se demorou mais um pouco com a filha.

— Estou curioso — disse. O que achou dela, Dianne?

— De madame Noy?

— Sim, de Noy.

Dianne fitou os olhos do pai.

— Não importa o que eu ache dela. Você sabe o que penso. A pergunta de verdade é... o que você acha dela?

— Isso é fácil — disse Underwood. — Também gosto dela. Gostei desde o começo, e ainda mais agora.

Dianne sacudiu a cabeça.

— Isso é minimizar a coisa. Você não gosta dela. Quer um bem profundo a ela.

Underwood pareceu desconcertado.

— Bem, isso é bastante extravagante. Ainda mal a conheço.

— Papai, vou lhe dizer uma coisa que você pode não querer ouvir. Especialmente sendo um homem casado. Não acho que você queira um bem profundo a ela. Nem mesmo acho que sinta afeição por ela. — Inspirou fundo. — Vou dizer logo. — E disse. — Acho que você está apaixonado por Noy.

Ela jamais vira o pai tão espantado. Ele mal podia encontrar as palavras.

Quando as achou, disse:

— Isso é ridículo, Dianne. Apaixonado? Meu Deus, não amei mais ninguém desde a sua mãe e você. Dianne, essa mulher é praticamente uma estranha para mim. Como eu poderia amá-la?

Dianne estava convicta.

— Mas ama.

— O que lhe deu tal ideia?

— O fato de conhecer você tão bem — disse Dianne. — Por mais gentil que seja com mamãe e outras pessoas, você basicamente não se interessa por elas. Mas ganhou vida com Noy. Estava mais jovem e cheio de vida. Estava interessado nela, em tudo o que tinha a dizer.

— Mas isso é comum quando me reúno com o presidente de outro país.

Dianne não engoliu essa. — Ela não é uma presidenta para você. É uma mulher jovem. E impressionantemente linda, delicada, simpática, inteligente, muito inteligente, e quase tudo o que diz é interessante. Não posso culpá-lo se apaixonou-se por ela.

— Que tolice! — exclamou Underwood. — O que deu em você? Não vamos mais tocar nesse assunto.

— Se você não quer, não falamos mais sobre isso. — disse Dianne. — Mas observei você com ela, papai. Você estava atento a cada palavra que ela dizia. E quando falava com ela, cada vez era como uma carícia... — Ela fez uma pausa. — Se você não quer mais tocar nesse assunto, eu paro. Só mais uma coisa. Quando tiver tempo, pense nisso. Estou me referindo aos seus verdadeiros sentimentos por Noy. Você pode achar que sou jovem, inexperiente e hostil para com mamãe e criadora de casos. Esqueça isso. Basta

dar um pouco de atenção ao que estou lhe dizendo. Reflita sobre isso.

— Com que finalidade?

— A de saber que ainda é jovem e cheio de vida, e que pode se emocionar. Acho que isso é revigorante e sadio.

Underwood tentou ser firme.

— Já lhe disse que é uma tolice completa. Não quero que fale mais nisso. Eu, apaixonado por Noy Sang? É loucura. Esqueça. Eu sem dúvida pretendo esquecer.

Porém, no Força Aérea Um, a caminho de Washington, ele fingiu estar dormindo para fazer com que Blake ficasse quieto e ele pudesse meditar no assunto.

De olhos fechados, pensou.

Por mais que respeitasse a inteligência e percepção da filha sabia que aqui ela estava passando longe do alvo.

Ele lhe dissera que ela estava louca e que esquecesse aquilo porque ele sem dúvida esqueceria.

Contudo, por mais que se esforçasse, não conseguia.

Mentalmente visualizou Noy, depois a ouviu, e seu coração bateu mais rápido.

Será que a filha tinha razão?

Será que ele podia estar apaixonado pela presidenta de Lampang?

Não podia ser.

Mas, durante a maior parte da viagem de volta a Washington, ele pensou naquilo, e se questionou.

Pela manhã, tendo interrogado Matt na noite anterior sobre as Nações Unidas e o The Four Seasons e tendo ouvido a sua versão do dia e da noite, Alice Underwood decidiu ouvir a versão da filha sobre o jantar da véspera.

Ainda na cama, Alice ligou para o Wellesley College e ficou satisfeita de encontrar Dianne no quarto, antes que ela saísse para se encontrar com Noy Sang.

— Alô, Dianne. Senti vontade de bater um papo. Como está?
Dormiu um pouco?

— Dormi perfeitamente, mamãe.

— Perguntei a seu pai sobre o discurso dele na ONU. Ele me disse que correu bem. Mas você sabe como ele minimiza as coisas. Então achei melhor perguntar a você. O que achou do discurso dele?

— Vigoroso. Melhor do que nunca. Ele mandou brasa contra os russos.

— Que maravilha. Fico contente por saber que ele se portou à altura.

— Posso lhe assegurar que sim, mamãe.

Alice tocou no assunto seguinte com cautela, agindo com naturalidade.

— E o jantar no The Four Seasons, que tal foi?

— Não podia ter sido melhor. Eu dei sorte, graças a papai. Ele me sentou ao lado de madame Noy Sang.

— Que bom. Conseguiu o que queria para a sua tese?

— Tudo e mais um pouco, novamente graças a papai.

— Como assim... graças a papai?

— Quero dizer que ele foi muito prestativo e bondoso. Consegui que madame Noy falasse com toda a sinceridade. E ela falou. Papai foi maravilhoso com ela, e ela correspondeu. Tratou-me como se eu fosse filha dela.

— Sei — disse Alice. — Quer dizer que você ficou impressionada com o jeito como seu pai tratou madame Noy?

— Ele foi um amor.

— Um amor?

— Mamãe, o que posso dizer? Ele sabia exatamente como devia tratá-la.

— E como foi?

Alice pressentiu que Dianne reparara no seu tom de voz e estava recuando ligeiramente.

— Ele... ele a tratou com carinho, deixou-a à vontade comigo. Foi uma grande oportunidade para mim. E a visita de madame Noy hoje aqui ainda é uma oportunidade maior. Eu não podia estar mais feliz.

— Então eu também estou feliz — disse Alice.

Após desligar, Alice estava tudo, menos feliz.

Ela ouvira o que Dianne dissera e lera nas entrelinhas.

Matt dera em cima de Noy.

Aquele garanhão cretino.

Aquele filho da puta.

Alice agora estava desconfiada. Não podia deixar isso em brancas nuvens.

Era melhor tomar uma providência, disse com seus botões, e rapidinho.

Ela gostava de ser primeira-dama e pretendia continuar sendo.

CAPÍTULO 8

Alice Underwood reviu o que Matt lhe contara sobre o encontro com Noy e o que Dianne lhe contara sobre o mesmo jantar.

Alice não estava gostando do que ouvira.

Cada palavra indicava que Matt estava sendo exageradamente atencioso para com a dona de sarongue. Mais ainda, ele ganhava vida quando estava na sua presença.

Aquilo só podia significar encrenca. Nesse último ano ele fora frio com ela, refletiu Alice.

Talvez essa palavra fosse forte demais. Falando com mais precisão, fora desinteressado.

Mas não havia dúvida de que estava interessado numa mulher mais jovem chamada Noy, do sudeste asiático.

Era impossível de conceber. No entanto, era verdade.

Inteira e desperta, Alice se deu conta de que fora displicente demais com relação à outra mulher. Estava na hora de ficar sabendo mais sobre madame Noy Sang e o tipo de ameaça que ela representava.

Imediatamente pensou em Paul Blake.

Ele podia ser o seu melhor informante. Sabia o máximo possível sobre Noy.

Conhecera-a na Casa Branca. Até estivera na noite anterior com ela, Matt e Dianne no The Four Seasons.

Alice refletiu sobre como abordar Blake.

Na verdade, não apresentaria nenhuma dificuldade. Há muito tempo que Alice sabia como Blake se sentia a seu respeito. Podia

fazer o que quisesse com ele. Tinha uma gamação quase infantil por ela.

Convidaria Blake para ir ao Quarto de Vestir da Primeira-Dama, que ficava ao lado.

Estaria o mais atraente possível. Vestir-se-ia para ele. Melhor ainda, despir-se-ia para ele, significando que usaria lingerie para a noite.

Saltando da cama, tomou banho e borrifou o corpo com água-de-colônia. Depois remexeu no armário de lingerie e escolheu uma camisola vaporosa e decotada cor de pêssego e um penhoar que combinava, e vestiu-os. Dirigindo-se à penteadeira, maquiou-se cuidadosamente. Satisfeita, virou-se para o espelho de corpo inteiro e ensaiou como se sentar da melhor maneira para mostrar a Blake o máximo de pernas e coxas que a decência permitisse.

Assegurando-se de que as pernas e coxas cheias, bem torneadas, rosadas, eram admiráveis e irresistíveis para qualquer homem exceto o seu marido, concluiu que estava pronta para receber o visitante.

Telefonou para o gabinete de Blake, foi atendida pela secretária, e dali a segundos o chefe do Gabinete Civil estava na linha.

— Bom dia, Paul. É Alice.

— Que surpresa agradável. Um bom dia para você, Alice.

— Está com tempo livre agora?

— Se não estivesse, daria um jeito, se é para você.

— É para mim. Tente vir até aqui.

— Quando?

— Agora — disse Alice. — É um assunto pessoal e eu preferiria que o presidente não soubesse que você vem para me ver.

— Compreendo.

— Estarei no Quarto de Vestir da Primeira-Dama. Ficaremos a sós.

Alice imaginou que podia sentir Blake tremer.

Ela entrou na sala de estar, pediu um pouco de chá, esperou até que fosse servido, depois se sentou num sofá baixo e fez pose. A camisola e o penhoar se abriram e a sua bela perna esquerda e parte da coxa ficaram nuas e expostas. Então, lembrando-se de Noy com Matt no teipe de Hasken, recordou que um pouco do seio de Noy estivera claramente visível.

Eficaz. Um verdadeiro convite. Ela soltou o cinto de cetim, e afrouxou ainda mais o decote. Debruçou-se para a frente para ver o que acontecia.

O que aconteceu foi que os seus dois seios magníficos se libertaram. Firmes, mas libertos.

Ela sabia que, se Blake olhasse para lá, poderia ver-lhe os mamilos.

Bem, e por que não? Ela queria descobrir uma coisa e utilizaria qualquer meio para fazê-lo.

Sorvendo o chá, satisfeita consigo mesma, esperou.

Dali a minutos, Paul Blake chegou à porta e entrou. Ele a fitou, prendendo a respiração de um jeito que ela sabia ser mais do que amoroso.

Alice permaneceu sentada, convidando-o a cruzar o aposento e vir cumprimentá-la.

Quando ele se acercou, ela se debruçou na sua direção, estendendo a mão.

Pôde sentir os seios caindo para diante. Teve certeza de que ele vislumbrara os mamilos.

Sem dúvida, pegando a mão dela, os olhos dele quase saltaram do rosto.

— Formal demais — disse ela, oferecendo a face. Blake palpitou, inclinou-se e beijou-a na face com lábios secos. Depois, lambendo-os, deu-lhe outro beijo, molhado, e ela sorriu.

— Assim está melhor, Paul. Por que não puxa uma cadeira? Quando ele começou a fazê-lo, ela sabia que seria confrontado com a perna e a coxa dela durante toda a conversa.

Ele se sentou.

— Você está maravilhosa — disse. — Absolutamente fantástica.

— Obrigada, querido Paul, obrigada. Faz muito bem a uma mulher ouvir isso.

— Você deve ouvir um bocado.

— Não o bastante — disse Alice, fazendo biquinho. — Graças a Deus por você e alguma galanteria. — Mudou de assunto. — Há algumas coisas que quero discutir com você. Entenda que são pessoais e que isto é confidencial.

— Fica entre nós — disse Blake. — Tem a minha palavra.

— Sempre soube que podia confiar em você. Paul, quando algo confuso acontece, especialmente quando diz respeito a Matt, não há ninguém a quem recorrer... exceto você, é claro.

Os olhos dele se desviaram dos dela e desceram até o decote.

— Diga o que quiser, Alice — disse brandamente. — Diga o que a preocupa.

Alice assentiu.

— É sobre o jantar de ontem à noite em Nova York. Você estava lá com Matt, Dianne e aquela... como se chama? aquela tal de Noy Sang, não estava?

— Durante o jantar, depois no avião com eles até Boston.

— Estou interessada na noitada — disse Alice. — Ouvi duas versões dela. Matt, é claro, não me conta nada. Quero dizer, como se não houvesse nada a relatar. Dianne, por outro lado, foi mais franca, portanto tenho uma noção do que ocorreu. Estava esperando que você pudesse me contar mais.

— Como o quê, Alice?

— Quero saber se o presidente se comportou.

Blake ficou confuso.

— Se se comportou?

— Especificamente, quero saber como ele se comportou com madame Noy. Foi efusivo com ela? Foi atencioso? Dianne diz que ele foi atencioso. Eu tenho a impressão de que o foi, mais do que o normal. Você concorda?

— Sim, suponho que se possa dizer que ele foi atencioso.

— Há duas maneiras de se ser atencioso com uma mulher, Paul. Educada ou especialmente.

Blake refletiu. Por fim, respondeu:

— Foi mais do que educadamente. Na verdade, ele a elogiou muito para Dianne.

Escutando, Alice sentiu que não estava obtendo o suficiente de Blake. Podia obter mais.

Podia atordoá-lo e excitá-lo, levando-o para o quarto, para a cama, mas isso era inconcebível, embora ela tivesse pensado no assunto.

— Vou perguntar de outro jeito — disse Alice. — Você acha que o interesse do meu marido por madame Noy é apenas político? Ou é algo mais do que isso?

Blake estivera fitando o joelho e a coxa de Alice. Tentou se concentrar no que ela dizia. A atenção lhe fugia, mas ele fez força.

— Para falar a verdade — pegou-se respondendo -, não acho que Matt esteja nem um pouco interessado em Lampang.

— Então está dizendo que ele está interessado em madame Noy?

— Estou só dando um palpite, Alice. Mas, sim, eu diria que o seu interesse em Lampang está ligado a Noy. Não política, mas a Noy.

— Está certo disso?

— Vamos levar em conta as evidências — disse Blake. — Desde o começo, logo que ela chegou aqui, quando a conheceu, ele desmarcou todos os compromissos e o seu programa inteiro, naquele dia inicial com ela. Deveria dar-lhe um empréstimo limitado, deu-lhe um empréstimo imenso. Deveria obter dela uma base aérea grande. Ela queria permitir apenas uma pequena, e ele aceitou aos seus desejos. Ela deveria voltar para casa naquela noite. Ele cancelou tudo e passou mais um dia com ela. Quando a irmã dela morreu... alguém que Matt nem conhecia... ele largou tudo para se

deslocar até Lampang para os funerais. Depois, estou certo de que você assistiu à televisão e viu que ele foi nadar com ela...

— Eu vi — disse Alice, rígida. — Eu a vi naquele sarongue.

— Isso não indicaria que o seu interesse por ela é pessoal e especial? — Os olhos dele voltaram a fitar a coxa de Alice.

Depois, disse com indignação: — Você não merece isso, Alice.

— Bem, então o negócio é mesmo Noy. Suponho que eu deva saber mais a seu respeito, e o que há nela que o interessa.

— Estou certo de que há pouca coisa que eu saiba que você não saiba.

— Ela é linda, não é?

— Acho que sim, de um jeito exótico. Mas, sem dúvida, não é tão linda quanto você, Alice.

— Obrigada, Paul. — Fez uma pausa. — Essa Noy é viúva, não é?

— É viúva, sim.

— Se essa tolice com o meu marido continuar, eu também poderei ser considerada uma viúva. Pelo menos, uma pessoa solitária. Paul, como morreu o marido de Noy?

— Foi morto a tiros no seu gabinete por pessoas desconhecidas. Dizem que foram os comunistas.

— Como poderiam ter sido eles? — perguntou-se Alice. — Lembro-me de Matt dizer que o marido dela tinha simpatia pelos comunistas.

— Não é bem assim — disse Blake. — Prem Sang estava tentando um acordo com eles, absorvê-los no seu governo. Muita gente estava impaciente por causa disso.

— Paul, isso não me soa bem. Gostaria de saber como ele realmente morreu. Cada detalhe.

— Não creio que ninguém tenha uma informação precisa, Alice, embora eu pudesse tentar descobrir o que se sabe até agora.

— Como?

— Ezra Morrison deve saber. Quer que eu fale com ele?

— Você seria um amor. Poderia fazer isso? Interrogue-o confidencialmente, é claro.

— Farei isso imediatamente.

— Quando?

— Agora — disse Blake, desviando os olhos dela pesarosamente e se levantando. — Entrarei em contato com você tão logo saiba de alguma coisa.

Assim que recebeu a sua incumbência, Blake decidiu que seria mais seguro ir ver Ezra Morrison no Departamento de Estado.

No vasto gabinete de Morrison, Blake teve dificuldade em se acomodar. Ficou andando de um lado para o outro, esperando que Morrison assinasse alguns papéis, e quando ele terminou, Blake se largou na poltrona de couro na frente dele.

— O que posso fazer por você, Paul? — indagou Morrison. — É alguma coisa para o presidente?

— É para a primeira-dama.

— E?

— Um assunto pessoal. Confidencial. É um favor.

Morrison bufou.

— Eu faria qualquer favor para ela, se ela fizesse um para mim. Eu adoraria foder com ela.

— Quem não adoraria? — disse Blake.

— Você também? Não que eu goste dela tanto assim. Só tenho o palpite de que ela seria divertida entre os lençóis.

— Bem, você pode esquecê-la, assim como eu — replicou Blake. — Alice só está pensando no marido.

— Como assim?

— Ela quer conservá-lo. Quer ser a primeira-dama, não a segunda, e está um pouco nervosa com o tempo que ele anda passando com madame Noy Sang.

— A madame também não é nada má — disse Morrison.

— Se eu pudesse chegar lá, também não me importaria de trepar com ela.

— Receio que seja nisso que Alice está pensando, com relação a Matt.

— Acha que ele faria alguma coisa? — indagou Morrison.

— Já fez um bocado.

— Então a primeira-dama está preocupada com madame Noy. O que isso tem a ver com você?

— Alice quer saber mais sobre madame Noy Sang. Acho que do jeito que um técnico de futebol quer saber mais sobre o adversário.

— O que há para se saber que o público já não saiba?

Blake sentou-se mais para a frente na poltrona.

— Como morreu o marido de Noy. Como ele realmente morreu.

— Esse assunto não me agrada, Paul. Ele foi morto por assassinos.

— Isso parece ser um fato. O que está faltando é... como ele realmente morreu? Alice quer saber o que estava por trás do

assassinato. — Blake fez uma pausa. — Talvez ela queira saber se Noy estava implicada. Embora isso seja duvidoso. Mesmo assim...

— A palavra oficial é que foram os comunistas.

— Também é duvidoso — replicou Blake. — Quem, na verdade?

Morrison deu de ombros.

— Sinceramente não sei. Se alguém aqui sabe, seria alguém em Langley. Pergunte a Ramage. Dizem que a CIA sabe de tudo.

— Ramage lhe contaria?

— Não. De maneira alguma.

— Há algum jeito de você descobrir?

Morrison se retorceu na cadeira giratória, pouco à vontade.

— Poderia haver. Talvez. — Ele fitou Blake. — Abra o jogo comigo, Paul. Qual a importância disso para você?

— Qual a importância da primeira-dama para nós?

— Entendo, então é isso — disse Morrison.

— Alice quer saber — confirmou Blake. — Ela insiste. Eu disse a ela que achava que podia descobrir. Posso?

Morrison estava pensativo.

— Possivelmente.

— Quer se aprofundar nisso, Ezra?

— Posso tentar.

— É uma promessa?

Morrison pousou os braços na escrivaninha e fitou os olhos ansiosos de Blake. Ficou de pé.

— Dê-me algumas horas.

Não muito depois de deixar Paul Blake, Ezra Morrison entrou no apartamento luxuoso na Wisconsin Avenue, em Georgetown, que pertencia a Mary Jane O'Neill. No primeiro olhar, era difícil associá-la com Alan Ramage, o diretor da CIA.

Para uma vice-diretora de operações, esperar-se-ia uma moça vigorosa, eficiente, com um jeito um tanto masculino. Medindo um metro e cinquenta e sete, ela era inteiramente feminina, buliçosa, divertida e intensa no jeito de fazer amor.

Morrison encontrou-a no quarto de dormir rendilhado, como esperava. Ela estava numa poltrona junto à cama, vendo televisão. Numa mesa ao lado da poltrona havia hoje, como sempre houvera a cada semana, dois copos de uísque com soda.

— Alô, doçura — cumprimentou-a Morrison, inclinando se para beijá-la nos lábios.

O beijo prolongado produziu uma ereção imediata, o que raramente acontecia em relação à sua mulher, e o tranquilizou enquanto estendia a mão para a bebida.

Ambos beberam, conversando fiado, e no momento em que Mary Jane terminou a sua bebida, ficou de pé e tirou o roupão de seda. Já se despindo, Morrison ficou fascinado pelos seios pequenos e firmes dela e a quantidade de grossos pêlos púbicos entre suas pernas.

Ela foi direto para a cama e Morrison, acabando de se despir, seguiu-a e deitou-se a seu lado. Ele perdeu pouco tempo com as preliminares. Estava pronto.

Mary Jane foi ativa e enérgica como sempre, e Morrison ficou satisfeito com a sua resistência.

Ao terminarem, ele permaneceu de costas, arfando, e Mary Jane, satisfeita, enroscou-se contra o corpo dele.

— Você é bom, Ezra, muito bom. É o melhor que conheço. Está me estragando para todos os outros homens. Feliz?

— Hã-hã.

— Por que não larga a sua mulher e se muda para cá para fazermos isso todos os dias?

— Mary Jane...

— Só estou brincando, você sabe. — Ela se deitou de costas — Gostaria de fazer alguma coisa igualmente especial por você. Até então ele nem pensara na sua conversa com Blake. No entanto, ela ficara num cantinho na sua cabeça como algo que ele não podia esquecer. Satisfeito, voltando a pensar, lembrou-se de Blake e do que precisava descobrir para ele e para a primeira-dama.

— Algo especial por mim? — repetiu Morrison. — Já fez, meu amor. Ei, espere, tem mais uma coisa que você pode fazer.

— Pode falar.

— Bem, Mary Jane, estou metido numa situação em que tenho de saber mais a respeito de madame Noy Sang.

Mary Jane ficou intrigada por um momento.

— Aquela mulher de Lampang?

— Exatamente.

— Não consigo imaginar outra pessoa que saiba mais a respeito dela do que você.

— Mas é algo específico — disse Morrison. — Preciso descobrir como Prem Sang foi assassinado. Exatamente quem o matou, e por quê.

Mary Jane sentou-se na cama, franzindo a testa.

— Mesmo que eu soubesse a resposta, não posso discutir essas coisas, você sabe disso.

— Não estou pedindo um alto segredo oficial.

— O máximo que posso fazer é dar um palpite, pelo que ouvi contar — disse Mary Jane. — Os Estados Unidos estavam preocupados com o presidente Prem e seu relacionamento com os comunistas. Acho que o que se pensava, pelo menos em Langley, era que, se alguém pudesse se livrar de Prem, a mulher dele poderia se tornar presidenta. Mas ela é uma amadora, indefesa, inútil, inexperiente. Quando concorrer à próxima eleição, é quase certo que o general Nakorn, um tipo durão, a derrote com facilidade. No que diz respeito à CIA, Nakorn é o nosso homem.

— É, ele tornaria a vida mais fácil para nós.

— Ele faria o que mandássemos — disse Mary Jane. — Entraria em ação, dizimaria os rebeldes comunistas e nos daria a maior e melhor base aérea e defesa no Pacífico sul. Assim eu diria que a estratégia, o sonho estratégico, seria livrar-se de Prem, deixar que Noy tomasse o poder, depois derrotá-la legitimamente numa eleição às claras.

Morrison estava se sentando.

— Muito bem. No entanto, alguém tinha de correr o risco de se livrar de Prem.

— Mesmo que eu soubesse, Ezra, não discutiria isso. Por tanto, vamos esquecer essa parte. — Ela fitou Morrison. — Você está com boa cara. Ezra, pode fazê-lo ficar em pé de novo?

— Já está em pé.

Ela meteu a mão entre as pernas dele.

— Está ótimo. Agora é hora de colocá-lo em uso. Posso pensar muito melhor quando estou relaxada.

— Pensar no quê?

— No que você andou me perguntando.

— Quero que tente mais uma vez.

— Depois que nós tentarmos mais uma vez — disse ela.

— Deite-se, Mary Jane. Chega de falar.

Imediatamente, ela ficou de costas. Morrison beijou-lhe os seios e enfiou-se entre as pernas dela.

Essa foi prolongada, melhor do que a primeira e barulhenta. Os dois gozaram ruidosamente, com diferença de segundos.

— Que tal? — perguntou ele, saindo de cima dela.

— Um barato — arquejou. — Sou sua. Pode conseguir o que quiser de mim. Ainda quer saber quem matou Prem.

— Seria útil.

— Eu lhe conto, seu estuprador. Estou à sua mercê. Conto tudo o que você quiser saber.

— Quem matou o presidente Prem?

A respiração dela estava se normalizando.

— O chefe sabe. Ramage sabe. Foi ele quem pôs tudo em andamento. Não foi nada que ele fez ou que a CIA faria. Estou quase certa de que ele falou com Percy Siebert, nosso chefe da CIA em Lampang.

— E Siebert?

— Não sei ao certo. Logicamente, creio que Siebert transmitiu nossos desejos ao general Nakorn. Provavelmente disse a ele que

era ideia do presidente Underwood. Como é, seu sedutor, isso ajuda?

— Ajuda, doçura.

— Onde foi que você ouviu tudo isso? Não foi de mim. Um passarinho lhe contou. Não se atreva a me envolver.

— Nem a conheço.

— Ótimo... Ainda tem mais uma sobrando?

Ele não tinha certeza, mas ficou agradecido.

— Pode ser. Dê-me uns vinte minutos.

— Vou lhe dar mais uma bebida e vinte minutos. Não se esqueça, estou contando o tempo no relógio.

Ainda um tanto exausto de suas acrobacias com Mary Jane O'Neill, Ezra Morrison se preparou para ligar para Blake.

Hesitou ligeiramente antes de pegar o telefone para se assegurar de que Mary Jane estava certa. Teve que se lembrar de que ela era a vice-diretora de operações da CIA, sob as ordens de Ramage, e que estaria certa.

Ligou para Blake imediatamente.

— Paul, você está sozinho? — quis saber Morrison.

— Relativamente.

— Não estou me referindo ao seu pessoal, e sim ao presidente.

Ele está por perto?

— Ele foi até à Colina [ao Capitólio, que fica em uma colina. (N.T.)] com o secretário do Tesouro. Vai demorar algum tempo. O que é que há? Tem alguma coisa para mim?

— Tenho. Posso até ter tudo.

— A sua fonte?

— A mais bem colocada possível dentro da CIA.

— Pode me contar? — Blake estava ansioso. — Quero saber o mais cedo possível.

— Não por telefone — disse Morrison. — Sugiro que você venha até aqui bater um papo tranquilo com o secretário de Estado.

— Já estou indo.

— Estarei aqui, e sozinho — disse Morrison.

Dali a quarenta e cinco minutos, Blake estava no gabinete de Morrison.

Morrison ligou para a sala de sua recepcionista.

— Não atendo a nenhum telefonema, Suzie — avisou. — Aviso quando estiver livre.

Morrison se encaminhou para o sofá e se sentou ao lado de Blake.

— Tenho o máximo que podemos obter — disse Morrison.

— E tem certeza da sua fonte?

Morrison sorriu.

— Só seria mais ligado à minha fonte se a fodesse.

— Estou escutando, Ezra.

Lentamente, escolhendo as palavras com cuidado, Morrison contou ao chefe do Gabinete Civil o que ouvira de Mary Jane O'Neill — sem tocar no nome dela.

Ao terminar, disse:

— É isso aí, Paul.

— Mas você não sabe exatamente quem foi o responsável.

— Quer dizer, quem mandou os pistoleiros? Isso não é importante. Basta saber que foram mandados para matar Prem com

conhecimento total de Ramage e com uma autorização do presidente. Afinal de contas, a CIA notifica o presidente de tudo o que está em andamento no seu livro de informações matinal.

— E se Underwood não sabia?

Morrison resmungou.

— Prefiro pensar que sabia. De qualquer forma, a responsabilidade principal é do presidente.

— Incrível.

— O que vai fazer com essa informação?

Blake levantou-se do sofá.

— Vou contar à primeira-dama. Não sei se isso a deixará suficientemente feliz.

A porta, ele refletiu no que ia dizer.

— Talvez deixe — disse Blake. — Obrigado, Ezra. Estou lhe devendo essa.

Tendo recebido o telefonema de Blake, Alice Underwood se aprontou para a sua próxima chegada ao Quarto de Vestir da Primeira-Dama.

Ela posou diante do espelho de corpo inteiro usando apenas calcinhas pretas transparentes do tipo biquíni e um sutiã meia-taça rendado. Colocou um vestido preto que ela sabia que deslizaria acima dos joelhos quando se sentasse. Calçou escarpins de salto alto e sentou-se para esperar a vinda de Blake.

Quando ele entrou, ela fez sinal para que se sentasse na cadeira à sua frente.

Após cumprimentá-la, Blake acomodou-se na cadeira baixa e não fez nenhuma tentativa de fingir que estava olhando para algum

lugar acima do decote dela.

O vestido era curto, e quando ela descruzou as pernas, ele pensou ter enxergado um pedacinho de suas calcinhas. Ele estava certo de que eram as suas calcinhas, e havia um triângulo escuro por trás delas.

Alice permitiu tranquilamente que ele se divertisse.

— Tem alguma coisa para mim, Paul? — disse suavemente.

O que ele queria dizer-lhe é que tinha algo melhor do que conversa. Estava com uma ereção embaraçosa. Ele se perguntou se ela estaria enojada o bastante do marido para dar uma chance ao chefe do Gabinete Civil. Então, com relutância, deixou de lado as suas fantasias eróticas e tentou se concentrar nas notícias que Alice estava esperando.

— Tenho uma ideia de quem pode ter sido o responsável pela morte do presidente Prem — disse Blake.

— Quem?

— O seu marido, Alice. Num certo sentido, ele é o responsável. Alice demonstrou estar chocada.

— É impossível.

— Escute o que tenho a dizer, depois decida.

— Matt? — disse ela. — Ele não é esse tipo de pessoa. É melhor você me contar tudo.

— Agente aí e me escute — disse Blake. — Prem não queria uma base dos Estados Unidos em Lampang. Mas queria fazer acordo com os rebeldes comunistas. Queria trazê-los para o seu governo. Como você sabe, isso era contrário à política dos Estados Unidos.

— Estou a par disso.

— Surgiu a ideia num certo escalão da CIA de que, se Prem pudesse ser removido, Noy o substituiria, e, como Noy não estava à altura do cargo, ela seria manipulada pelo general Nakorn, que é amigo dos Estados Unidos.

— E então alguém tomou a decisão de se livrar de Prem. Blake assentiu. Foi enunciando os nomes dos jogadores. Primeiro Ramage. Depois Siebert. Mesmo assim, explicou, o sinal verde tinha de vir do presidente dos Estados Unidos.

— Matt vê todos os relatórios da CIA no seu livro de informações diário. Nada acontece sem que ele saiba.

Alice permanecia incrédula.

— Não posso imaginá-lo autorizando um assassinato. Quero dizer, conheço Matt. É mole demais para isso. Talvez nunca tenha visto o relatório da CIA.

Blake ergueu os ombros.

— As probabilidades são de que viu, de uma forma ou de outra. Não consigo imaginar ninguém passando por cima da autoridade dele.

— Tem certeza da fonte que informou isso?

— Soube que é a melhor.

— Quer dizer que Matt é responsável? — Alice se animou, de repente. — Noy é viúva por causa dele.

— É.

— Que maravilha!

Ela se recostou, rindo, o fio de biquíni entre as pernas claramente visível.

Os olhos de Blake saltaram das órbitas e ele ficou sem fôlego.

— O que... — murmurou Blake — o que é uma maravilha? O que vai fazer a respeito?

— Vou contar a Noy Sang.

— Você vai o quê?

— Por que não? — disse Alice. — Noy ainda está nos Estados Unidos, em Wellesley, na verdade. Quero que faça com que Morrison localize Noy e diga que deseja que ela venha tomar um chá no fim da tarde no Departamento de Estado. Para discutir maiores detalhes da base aérea, ou seja lá o que for. Ela virá para essa reunião com Morrison que não vai haver. Será apenas um pretexto para que ela se encontre comigo. Sim, Paul, comigo, cara a cara. Vou abrir o jogo com ela. Quando eu acabar, acho que terei dado um fim ao flerte do meu marido com a viúva de Prem. Quer tomar as providências?

Noy Sang fora encontrada em Wellesley, e concordara em voltar a Washington e adiar a sua volta a Lampang para ter uma reunião com o secretário de Estado.

Reunira-se com Morrison para um chá com canapés no gabinete do Departamento de Estado, e ele discutira a possibilidade de aumentar a base aérea americana em Lampang.

Ela resistira e, para sua surpresa, ele cedera com certa facilidade.

Subitamente, ele ficara de pé e dissera:

— Madame Sang, tenho uma reunião com o ministro egípcio de Assuntos Exteriores e devo sair, mas há uma pessoa que deseja falar consigo e lhe rogo que fique aqui dez minutos mais.

— Como queira — respondeu Noy Sang.

Estava surpresa pela repentina saída de Morrison, deixando-a só, e se perguntava quem queria falar com ela. Continuou tomando o chá e aguardou. Momentos depois a porta se abriu dando passagem a uma mulher muito atraente que se acercou dela.

Ela recordava alguém a Noy Sang.

— Madame Noy Sang — disse a desconhecida -, permita que me apresente. Sou Alice Underwood, a esposa do presidente Underwood. Podemos falar?

— Naturalmente — respondeu Noy Sang, perplexa. Alice sentou-se em frente de Noy Sang.

— Permita-me que lhe sirva outro chá; eu também tomarei um — disse a primeira-dama começando a servi-lo. — Quero aproveitar esta ocasião para vê-la porque quero lhe falar de um assunto que a afeta pessoalmente.

Noy Sang a mirava em silêncio, tratando de imaginar a que se referia e de que assunto pessoal queria falar Alice Underwood. Agora via que tudo fora um disfarce e que Morrison não queria falar com ela; tinha sido só um pretexto para fazê-la ir à Casa Branca encontrar-se com a primeira-dama.

Sentada, observando os movimentos de Alice Underwood enquanto servia o chá, Noy Sang pode admirá-la e se sentiu incômoda por ter pensado que o presidente sentira uma inclinação especial por ela tendo uma esposa tão atraente. Pensou que o rosto de Alice era um camafeu grego pela perfeição e simetria de traços, e que era uma mulher de grande compostura e altivez.

Frente a ela, Noy se sentia fisicamente complexada; como se fosse pequena, diminuída, sem comparação com a beleza estilizada

de marfim da primeira dama.

Contemplando-a, Noy tratou de imaginar a que se devia aquela entrevista, mas não sabia a que atribuí-la.

Alice Underwood se dispôs a tomar a palavra.

— Queria vê-la a sós — disse -, porque tive por acaso informações sobre o assassinato de seu esposo.

— Sabe algo sobre Prem que eu ignoro?

— É algo que me senti na obrigação de dizer-lhe, de mulher para mulher.

— Mas o que...? — A perplexidade de Noy Sang estava aumentando.

— Vou dizer-lhe a verdade sobre a morte de seu esposo e por que o assassinaram.

— Você fala do assassinato de Prem? Sabe alguma coisa? — A surpresa a fez gaguejar.

— A verdade — disse Alice deixando a xícara na mesa. — Sei a verdade e como sucedeu.

— Se eu não pude averiguar, como você, a mais de doze mil quilômetros...?

— Em seguida entenderá — replicou Alice. — Tem direito a saber por que ficou viúva. Não queria incomodá-la, mas estou certa de que não gosta desse mistério.

— Não, desejo saber a verdade se você a conhece — respondeu Noy Sang.

— Muito bem, prepare-se para escutá-la — falou Alice. — Você viu várias vezes meu marido e estou certa de que lhe terá causado boa impressão.

— Me parece um homem muito bom.

— É — replicou Alice, endurecendo -, mas não tenha ilusões.

Com você tem se mostrado agradável, até amável, porque se sente culpado e tem remorsos. Para conhecer meu marido, deve saber que ele ama seu país acima de tudo e que faria por ele o que fosse. Mesmo se isso significa sacrificar quem se interponha em seu caminho.

Noy Sang se sentia francamente abatida e se ruborizou.

— Insinua...

— Madame Sang, o que quero lhe dizer é que seu marido se interpunha no caminho do meu. O presidente Prem se opunha a essa base que nós necessitávamos, e o que é pior, o presidente Prem defendia uma reconciliação com os rebeldes comunistas de seu país, o que preocupava ainda mais ao presidente Underwood. Quando a CIA decidiu desfazer-se de seu marido, vendo que a única solução era liquidá-lo, Matt não fez nada para impedi-lo. Como sabe, a CIA não pode fazer nada sem o consentimento prévio do presidente dos Estados Unidos. Independente de como levaram a cabo, diretamente ou por inibição, o presidente Underwood aprovou o plano da CIA... e seu marido foi eliminado. Foi eliminado para franquear o caminho para a senhora, que era considerada inexperiente. E parte do plano é que seu sucessor será alguém mais complacente com a política dos Estados Unidos.

Noy ficou arrasada.

— Não posso crer nisso.

— Pois creia, madame Noy Sang.

— Como a senhora ficou sabendo de uma coisa dessas?

— Nosso secretário de Estado ficou sabendo pela CIA, e providenciou para que a informação chegasse a mim.

— Mas depois de um comportamento tão horrendo por que fui convidada a vir para cá? Por que o seu marido foi tão bondoso comigo?

— Já lhe disse. Culpa. O comportamento de Matt pode parecer escabroso, mas ele tem uma fraqueza, debaixo de todo o resto. Matt Underwood é essencialmente mole. Faz uma coisa execrável, e depois recua e se arrepende. Não pode mudar o que fez, mas lamenta. Ele vem tentando compensá-la pelo que aconteceu.

Noy ficou sentada em silêncio por um longo tempo. Finalmente disse:

— Por que me contou tudo isso?

Alice não replicou imediatamente. Examinou Noy.

— Não por qualquer complexo de culpa. Eu não fiz nada errado. Lamento o que aconteceu, naturalmente, mas não posso trazer o seu marido de volta. Há um outro motivo...

— Sim?

— A senhora é uma mulher jovem e extremamente interessante, atraente e muito simpática aos olhos dos homens, tenho certeza. Tem muitas características que eu não tenho. Pelo menos para o meu marido. — Ficou quieta durante alguns segundos, depois encarou Noy de frente. — Meu marido parece ter uma gamação infantil pela senhora. No começo era culpa, depois ele passou a conhecê-la e se sentiu atraído. Isso me diz respeito, é claro, Matt é meu marido e quero conservá-lo. Quero continuar sendo a mulher dele e a primeira-dama dos Estados Unidos. Não

quero nenhuma interferência infantil ou adolescente. Se meu marido está momentaneamente impressionado pela senhora, madame Sang, não quero que seja tola o bastante para ficar impressionada por ele. Quero que saiba como ele pode ser, realmente. Ele pode ser insensível e egoísta, até o sacrifício de vidas humanas. Queria que a senhora soubesse disso, soubesse como Matt realmente é. Tinha certeza de que, depois que a senhora soubesse tudo sobre o assassinato do seu marido, não encorajaria mais as investidas de Matt. Pretendo pôr um fim a qualquer relacionamento entre vocês. Se o que lhe contei fizer com que isso aconteça, por mais doloroso que seja para a senhora e para mim, então não me arrependerei. Espero que isso acabe com qualquer coisa entre a senhora e meu marido, exceto a nível mais oficial.

Noy retribuiu o olhar de Alice.

— A senhora foi muito franca e reveladora.

— Era o único meio que eu conhecia para pôr um fim a isso.

Noy ficou de pé.

— Já chegou ao fim — disse, brandamente. — Quer ter a gentileza de me levar até a saída?

Quando o presidente Underwood deixou o secretário do Tesouro e desceu a Colina até a Ala Leste da Casa Branca, ficou surpreso ao ver que Hy Hasken surgira da sala de imprensa e estava esperando por ele.

— Estou ocupado demais para conversar — disse Underwood bruscamente.

Hasken não se mexeu.

— Pode não estar ocupado demais para me contar o que madame Noy Sang andou fazendo no Departamento de Estado.

Underwood parou de chofre.

— Ela está em Washington? Deveria estar em Wellesley com a minha filha. Depois voará de Boston para Lampang.

— Ela está aqui — insistiu Hasken. — Pelo menos em Foggy Bottom. Ou esteve há pouco tempo. Pretende vê-la?

— Como eu não tinha a menor ideia de que ela vinha para cá, como poderia pretender vê-la? Obrigado pela informação, Hasken. Agora tenho de voltar ao trabalho.

Mas quando chegou ao Salão Oval, o presidente não voltou ao trabalho.

No momento em que se sentou à escrivaninha, o presidente mandou chamar Paul Blake imediatamente à sua sala.

Quando Blake chegou, Underwood nem mandou que ele se sentasse.

— Que história é essa que ouvi contar sobre madame Noy Sang? — interpelou-o.

— O que foi que ouviu contar, Matt?

— Que ela está na cidade. É verdade?

— É verdade — disse Blake. — O secretário Morrison queria vê-la e me pediu para localizá-la em Wellesley. Foi o que fiz e ela atrasou a viagem de volta a seu país para vir aqui. Eu a levei ao Departamento de Estado.

— Uma visita de um chefe de Estado e não me notifica? — replicou Underwood, irritado.

— O senhor estava no Capitólio almoçando com os senadores. Não quis interrompê-lo.

— Se entrevistou com Morrison?

— Sim, eu a recebi e a levei lá.

— E que queria Morrison?

— Entendi que se tratava de uns esclarecimentos sobre a base aérea de Lampang.

— Isso faz tempo que estava acertado — replicou Underwood franzindo o cenho.

— Ademais — acrescentou Blake um tanto nervoso, — creio que a primeira-dama queria vê-la e tomar um chá com ela.

— Alice encontrou Noy Sang?

— Assim creio.

— Mas o que é tudo isto? — inquiriu Underwood enrugando a fronte.

— E eu que sei, Matt. Não tenho a menor ideia.

— De acordo. Obrigado, Paul, pode ir. Já averiguarei o que aconteceu.

Assim que Blake saiu, deixando-o a sós no escritório oval, Underwood disse pelo intercomunicador a sua secretaria que o ligasse com a presidenta Noy Sang na Blair House.

Um minuto depois falava por telefone com ela.

— Soube com grande surpresa que estava aqui — disse Underwood. — Segundo meu assessor, se encontrou com minha esposa.

— Assim foi.

Underwood advertiu imediatamente a inesperada reticência em sua voz.

— Gostaria de vê-la um momento para que me diga o que conversou com Alice. Pode receber-me agora?

— Não, não posso. Estou fazendo um lanche e logo Marsop e eu temos que sair para Lampang. Estou muito ocupada.

— Tão ocupada que não pode me ver? — replicou Underwood num tom dolorido. — Não me diga que não tem um minuto...

— Não posso — respondeu cortante Noy Sang.

— Não parece você, Noy — disse Underwood desconcertado. — Parece aborrecida.

— E estou.

— Por que? Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu muita coisa.

— Não vai me contar?

Fez-se um silencio no outro extremo do fio, e logo Noy Sang voltou a falar.

-Sim, creio que deveria vir e lhe explicarei exatamente o que aconteceu . Melhor que seja por mim de que por terceiros.

Depois de ordenar aos do serviço secreto que saíram e rodearam Blair House, o procedimento habitual em visitas inesperadas como aquela, o presidente Underwood chamou à porta.

Foi Marsop quem abriu e o fez entrar. Nem por sua expressão nem por suas palavras o ministro deixou entrever nada. Se limitou a dizer:

— Entre, senhor presidente. Madame Sang sairá em seguida.

Underwood entrou na ampla sala de estar em que ninguém estava, buscou um lugar para sentar-se e optou por fazê-lo na borda de uma poltrona de couro.

A espera foi breve; em seguida apareceu Noy Sang, séria e com o cenho franzido. Underwood se pôs em pé de um salto para saudá-la como sempre com um beijo na face, mas ela não parecia disposta a isso, e nem sequer lhe ofereceu a mão; passou ao largo e se acomodou em outra poltrona a certa distancia dele.

— Já vejo que aconteceu alguma coisa -hdisse Underwood voltando a seu assento. — Noy, creia-me que não sei de que se trata nem o que eu tenho a ver.

— Eu lhe direi. Trata-se do assassinato de meu marido. Por fim soube quem é o responsável pela morte de Prem.

Era algo tão inesperado, que Underwood só conseguiu dizer:

— Quem?

— E vai me dizer que não sabe? — replicou Noy Sang com uma frieza totalmente contraria a sua natural afabilidade.

— Não. Não sei a que se refere — respondeu ele, tentando entender aquela reserva de Noy Sang, mas a expressão dela nada revelou. Underwood insistiu: — Quem foi o responsável pela morte de Prem?

— Você! — explodiu Noy. — Você, senhor presidente, foi o responsável pelo assassinato do meu marido!

Underwood teve certeza de que não estava ouvindo direito.

— O que... o que está dizendo?

Noy repetiu a acusação.

— Você, senhor presidente, foi o responsável pela morte terrível do meu marido.

Underwood estava estupefato.

— Ouvi você duas vezes. Nunca ouvi uma loucura maior.

— É verdade.

— É absolutamente louco. Noy, sabe o que está dizendo?

Ela sentou-se muito ereta.

— Sei exatamente o que estou dizendo, Matt. Sei de fonte limpa que você providenciou, através da CIA, a eliminação do meu marido... porque era conciliatório demais com os comunistas. Você deu a ordem para que seus inimigos o eliminassem.

Underwood levantou-se.

— Noy, não sei quem botou essa coisa totalmente falsa na sua cabeça. Onde ouviu essa história maluca?

Noy se recusou a recuar.

— Ouvi-a da boca de sua mulher. Encontrei-me com ela hoje. Ela me contou cara a cara. Acha a sua mulher uma mentirosa?

— Ela não é mentirosa. Mas está sendo, nessa acusação. O que ela lhe disse é uma absoluta insanidade.

— É? — disse Noy. — Bem, ela soube diretamente pelo seu secretário de Estado. Ficou perturbada com isso e quis ser compassiva comigo. Também quis me avisar para não ter envolvimento futuros com você. Disse para eu não confiar em você porque colocaria a sua posição, o seu país, acima da vida humana, da vida de qualquer um.

— Noy, não sei do que ela está falando. Não é verdade sobre a morte de Prem. Nem uma só palavra é verdade. Ela está maluca

contando-lhe isso e você maluca acreditando nela, mesmo por um minuto. — Ele continuou desalentado: — Qual poderia ser o motivo dela ao lhe contar tamanha mentira?

— Ela foi franca a respeito — disse Noy. — Achou que estávamos ficando muito íntimos, e que você estava demonstrando interesse demais por mim. Queria que eu soubesse que pessoa egoísta e cruel você realmente é.

— Você sabe que não é assim — protestou Underwood.

— Não, não sei — replicou Noy, sacudindo a cabeça. — Eu não o conheço profundamente. Não vejo motivo para a sua primeira-dama revelar tudo isso, a não ser que houvesse um fundo de verdade. Matt, eu acredito nela. Também acredito... vou falar com franqueza... que você possa estar mentindo, porque isso o abalou. Se não está mentindo, então está ignorando o fato de que estava no comando, como presidente dos Estados Unidos, e que a CIA o mantém informado de suas tramas. Por negligência você pode ter deixado que esse assassinato acontecesse, porque não estava atento, o que é igualmente horrível. De qualquer forma, foi o culpado. Meu marido está no túmulo por sua causa.

Underwood se acercou dela.

— Noy, seja justa.

— Como posso ser justa?

— Dê-me uma chance para examinar isso. Vou falar com Alice. Vou falar com Alan Ramage. Vou lhe provar que tudo o que você ouviu é um monte de mentiras. Minha esposa é uma mulher ciumenta e também não gosta muito de mim. Quando eu acabar, poderei lhe provar... não meramente lhe dizer, mas lhe provar, que

você foi enganada. Eu não fui o culpado pela morte de Prem e, ao que eu saiba, ninguém sob as minhas ordens foi responsável.

Noy ficou de pé, olhou-o com ferocidade, depois passou por ele e se dirigiu à porta interna.

— Matt, não precisa se dar ao trabalho de me provar coisa alguma. — Ela segurava a maçaneta. — Acredito que você é o culpado por essa tragédia na minha vida, e nunca mais quero vê-lo. — Em seguida abriu a porta e desapareceu.

CAPÍTULO 9

Ao deixar a Blair House e voltar para a Casa Branca, a cabeça de Matt Underwood fervilhava.

Chegando ao Salão Oval, o seu primeiro impulso foi procurar Alice e não lhe dar descanso até que ela lhe contasse onde obtivera a informação falsa a seu respeito, e por que a passara adiante para Noy. A seguir, pensou em localizar Blake e Morrison e descobrir mais sobre toda essa confusão.

Sentado à sua escrivaninha, ficou pensando na sua perda. Não conseguira convencer Noy de que era inocente no tocante à morte do marido dela, e estava arrasado ao se dar conta de que ela talvez nunca mais falasse com ele.

Por que se sentia assim com relação a Noy? Underwood pensou em Dianne, na certeza de sua filha de que estava apaixonado. Não podia ser, continuava a se dizer.

Era um homem casado e sensato. Era presidente dos Estados Unidos, com uma centena de outros assuntos a ocupá-lo.

Mas agora a perda de Noy sobrepujava todo o resto.

Só havia uma coisa a fazer. Precisava chegar ao fundo dessa falsidade sobre o seu envolvimento no assassinato de Prem.

Precisava procurar a verdade e, logo que a encontrasse, poderia afinal provar a Noy que não tivera participação no assassinato de Prem.

Que Alice quisesse lhe atribuir a responsabilidade a fim de virá-la contra ele não era toda a história.

A parte da história que faltava era como Alice pusera as mãos naquela acusação contra ele.

Precisava começar por Alice e ir andando para trás até chegar à fonte daquela maldosa falsidade.

Lançando um olhar ao relógio sobre a escrivaninha, viu que era quase meia-noite e Alice já podia estar dormindo. De qualquer modo, ele iria descobrir, começando por ela.

Empurrando para um lado os papéis sobre a escrivaninha, ele se levantou e se encaminhou para fora da casa, onde foi seguido por um agente do Serviço Secreto.

Caminhou pelo passeio de colunatas e voltou a entrar na Casa Branca, onde tomou o pequeno elevador, dispensando com um gesto o agente do Serviço Secreto.

Alice estaria no Quarto das Rainhas, ele sabia.

Entrando sem fazer barulho, viu que ela estava estendida sob o cobertor da cama com dossel.

Ele foi ver se ela estava acordada. Sentou-se na beirada da cama e se inclinou sobre ela.

Ela se mexeu. Tinha os olhos fechados, mas abriu-os brevemente e disse, sonolenta:

— Alô, Casanova.

Era o tipo de comentário estúpido que ela fazia depois de tomar o seu comprimido para dormir e estar prestes a pegar no sono, e ele resolveu conter a sua raiva e tentar falar com ela antes que apagasse de vez.

— Alice, sou eu. Pode me ouvir?

— Um pouco.

— Sei que você se encontrou com madame Noy hoje.

— Quem?

— Madame Noy — ele repetiu.

Alice acordou ligeiramente, mas estava confusa e hesitante.

— É — disse finalmente. — Eu a vi. Ela veio até aqui. Tomamos chá...

— Por que se encontrou com ela? — insistiu Underwood.

— Sua amiga... eu quis conhecê-la. — Um lapso, um esforço para acordar. — Ela... ela é bonita mesmo. Não posso culpá-lo.

Ele tentou refrear a impaciência.

— Não há nada do que me culpar.

— Ah, não?

— Nada — disse ele com firmeza. — Mas eu tenho algo de que culpar você.

— O quê?

— Alice, está me ouvindo?

— Não grite.

— Alice, por que contou a madame Noy uma história tão ridícula? Sabe que não sou responsável pela morte do marido dela. Sabe que isso não é verdade.

Fez-se um longo silêncio. Alice se mexeu sob o cobertor.

— Eu ouvi dizer — disse finalmente.

— Ouviu dizer que eu matei Prem Sang?

— Nunca disse que você o matou. Você é... é covarde demais para atirar em alguém. Eu disse que você era o responsável pelo assassinato... seja lá o que for.

Ele lutava contra a ação do comprimido para dormir de Alice.

— Onde ouviu essa história absurda?

— Eu ouvi — sussurrou ela.

— De quem?

— Não posso dizer. Segredo de Estado. Por favor, vá embora e me deixe dormir.

Underwood agarrou-a pelo ombro e sacudiu-a um pouco.

— Tenho que saber a verdade. Quem fofocou essa sujeira? É melhor você me contar. Não vou deixar você dormir até me contar.

Fez-se outra longa pausa.

— Blake — ela resmungou.

— Blake lhe contou isso? Ele é apenas o chefe do Gabinete Civil. Não sabe porra nenhuma que eu não saiba. Onde ele obteve essa informação?

— O secretário de... — Ela soltou um suspiro. Morrison. Ezra. Ele contou a Blake.

— Qual foi a fonte de Morrison?

— Não sei. Por favor, me deixe em paz.

Ele a sacudiu de leve mais um pouco.

— Alice..

— O quê?

— É uma mentira, e você deve saber disso. Eu não sei nada, absolutamente nada sobre a morte de Prem Sang. Por que foi falar sobre isso com Noy? Que coisa terrível para dizer a ela... e pior que foi minha culpa.

Ela estava semi-consciente.

— Talvez... sua culpa.

— Não foi minha culpa — disse ele em voz alta. — Não tive nada a ver com isso; no entanto, você acreditou na primeira coisa que ouviu e passou adiante. Por quê, Alice, pelo amor de Deus? Por quê?

Havia ainda um vestígio de consciência, e Alice fez um esforço para se agarrar a ele, embora a sua voz estivesse indistinta.

— Eu... eu queria que aquela dona de sarongue parasse de... dar em cima de você. Ela é uma criadora de caso. É viúva e quer que eu também fique viúva, tirando você de mim. Não vou deixar, especialmente porque ela é viúva por sua causa. Foi você quem fez aquilo com ela, não eu. Pergunte a Morrison. Agora vá embora e me deixe... me deixe ter um pouco de sossego.

No dia seguinte, de manhã cedo, Underwood se encontrava no Salão Oval, de banho tomado, barba feita, muito bem arrumado, pronto para guerrear, quando Ezra Morrison apareceu em resposta à sua severa convocação.

Underwood esperou que o secretário de Estado se sentasse.

Assim que Morrison se acomodou, Underwood não perdeu tempo.

— Ezra, você me causou um monte de problemas. Eu devia demiti-lo.

Morrison bancou o inocente:

— Meu Deus, chefe, que conversa dura para esta hora da manhã! Especialmente quando não sei de que diabos está falando.

Underwood fixou nele o olhar zangado.

— Você me causou problemas com madame Noy Sang, me causou problemas com a primeira-dama, me acusou de um

assassinato. Que diabos você deixou de fazer?

Morrison desabou na cadeira como que aliviado.

— Ah, isso — disse. — Eu quase havia esquecido. — Sentou-se ereto. — É simples, e vou falar com franqueza. Ao que me consta, por algum motivo que desconheço, Alice queria saber com detalhes como Noy ficara viúva. Ela encarregou Blake de descobrir. Blake me procurou, disse que a primeira-dama estava muito insistente. Ele queria saber a verdade sobre a morte de Prem para Alice. Blake estava tão ansioso pela história toda que entrei em contato com a pessoa mais discreta que conheço na CIA. Falei com alguém e descobri o que podia descobrir.

— Alguém? — perguntou Underwood.

— Confidencial, Matt. Certas coisas são confidenciais. De qualquer maneira, não é importante quem era esse alguém. Alguém que presumivelmente sabia o que estava por trás da morte. Eu soube que foi trama da CIA. Não estou dizendo que alguém ali o fez pessoalmente. Foi só uma coisa para pôr na agenda. Uma coisa que beneficiaria os Estados Unidos. Que diabo, você recebe informes presidenciais reservados e relatórios diários da CIA. Eu tinha certeza de que você estava a par.

Underwood controlou sua indignação.

— Bem, eu não estava a par. Liquidar Prem? Não, isso nunca apareceu em qualquer relatório que eu tenha lido.

— Talvez o papel da CIA fosse secundário, não fosse importante o bastante para ser levado a seu conhecimento.

— Besteira, Ezra. Um assassinato político, até mesmo uma insinuação de assassinato, não ter importância o bastante para ser

relatado ao presidente dos Estados Unidos? O plano nunca me foi relatado. Eu não recebi nenhum comunicado da CIA. Você está me dizendo que eles, deliberadamente, me ignoraram e agiram por conta própria? Que me fizeram responsável quando eu não tinha responsabilidade? Isso é uma sujeira das grossas. Ezra, vou obter as respostas a tudo isso, e bem depressa. Vou mandar chamar Ramage aqui na próxima hora e arrancarei a verdade do diretor da CIA.

— Boa sorte — disse Morrison, ficando de pé. — Você sabe que Ramage administra a loja por conta própria.

Underwood também se levantou.

— Pode ser que sim, mas eu sou o senhorio, não se esqueça disso.

Assim que Morrison se retirou, Matt Underwood ficou sentado à escrivaninha por algum tempo, sem atender o telefone, vendo como poderia lidar com Alan Ramage.

Logo concluiu que não havia opções. A única maneira de abordar o diretor da CIA era direta e francamente. Mas não poderia ser uma conversa ao telefone. Teria de ser feito de homem para homem.

Finalmente, Underwood ligou para Langley. Quando o diretor veio atender, ele disse:

— Aqui é Matt Underwood.

— Foi o que a sua secretária anunciou. Como vai, senhor presidente? A que devo este prazer?

— Alan, quero vê-lo aqui na Casa Branca.

— Parece urgente.

— É urgente, Alan. Quero que se mande para cá imediatamente.

— Dê-me vinte minutos — disse Ramage.

Para Underwood, atendendo a telefonemas novamente, os vinte minutos passaram com rapidez.

Por fim, anunciaram a entrada de Ramage no Salão Oval.

— Bom dia, senhor presidente.

Sem sorrir, Underwood indicou uma cadeira do outro lado da escrivaninha.

— Sente-se, Alan.

Desconcertado pelos modos distantes do presidente, Ramage se acomodou na cadeira e esperou.

Underwood disse:

— Trata-se de Lampang.

— Lampang — disse Ramage. — Pensei que isso tudo estava sob controle.

— Não inteiramente, não inteiramente — disse Underwood.

Inclinou-se para diante, apoiado no cotovelo, olhos fitos no diretor da CIA. — Há um negócio pendente que quero discutir.

— Claro, seja lá o que for.

— Diz respeito ao assassinato do presidente Prem Sang.

Ramage se remexeu na cadeira.

— O que quer saber a respeito?

— Quem foi? — perguntou Underwood, com aspereza.

— Quem foi? — ecoou Ramage. — Os comunistas, claro. O general Nakorn fez uma investigação, e foi isso que apurou.

— O general Nakorn é um mentiroso.

— É? — disse Ramage, parecendo surpreso.

— Eu sei quem foi. Fomos nós.

— Nós? Quer dizer os Estados Unidos? Não pode estar falando sério.

— A CIA — disse Underwood. — Acho que ainda faz parte dos Estados Unidos.

— A CIA? Está na pista errada, senhor presidente. Não nos metemos em assassinatos políticos, o senhor sabe disso.

— Mas se meteram numa situação muito feia em Lampang, e antes de você se retirar espero estar sabendo de tudo.

— É melhor esclarecer o que quer saber.

— Eu sei uma parte, Alan, portanto chega desses poréns. É a hora da verdade. Fui informado de que estivemos envolvidos na eliminação do presidente Prem Sang. Bem, quero saber se isso é verdade, meia verdade, ou mentira. Chega de se esquivar. Você está falando com o seu presidente. Agora é a minha vez de escutar.

Alan Ramage não disfarçou o seu desconforto. Seus olhos evitavam os do presidente, enquanto iam de uma bandeira a outra, atrás da escrivaninha deste.

Escolheu as palavras com cuidado.

— A Companhia teve algum envolvimento, é claro — disse. — O que o senhor ouviu pode ser uma verdade parcial, mas eu lhe asseguro que não é completa. Vou colocá-lo a par de tudo o que sei. — Ele tirou um maço de cigarros do bolso do paletó e ergueu-o. — Importa-se?

O presidente não se importava.

Ramage apanhou um cigarro e acendeu-o com o isqueiro.

— Pois bem — disse. — Pois bem — repetiu. — Sabíamos que tínhamos alguns inimigos em Lampang. Sabíamos que Prem não nos daria a base aérea que queríamos e, mais importante ainda, que ele não eliminaria os rebeldes comunistas. Sabíamos que, se Prem não estivesse mais no cargo...

— O que isso quer dizer? — interrompeu Underwood. — O que quer dizer "se não estivesse mais no cargo"?

— Não que estivesse morto, se é o que está pensando. Não, em vez disso, se tivesse sido forçado a renunciar. Talvez alguma coisa debilitante que o fizesse renunciar. Então a sua esposa, Noy, tomaria o seu lugar, e ela seria mais fraca, mais fácil de controlar. Haveria uma nova eleição e, se ela se candidatasse, estaria concorrendo com o general Nakorn, um amigo certo do nosso país. Ele venceria facilmente e obteríamos dele o que quiséssemos. Então consultei o nosso chefe em Visaka... Percy Siebert, acho que o senhor o conheceu...

— Sim, o conheci.

— ... e eu disse a ele... não tive outra escolha senão dizer a ele, depois de numerosas reuniões com Morrison... que não estávamos satisfeitos com o presidente de Lampang e que preferiríamos a mulher dele como presidente.

— Mas não houve instruções para assassinar Prem.

— Absolutamente nenhuma. Eu disse a Siebert que tínhamos de achar um meio de nos livrarmos de Prem Sang de um modo aceitável. Disse a Siebert para fuçar e tentar descobrir o que pudesse sobre Prem que o forçasse a jogar a toalha.

— Por que não fui informado disso no seu livro de informações diário?

Ramage se remexeu, contrafeito.

— Era uma operação dissimulada num estágio preliminar. Não gosto de envolvê-lo em operações dissimuladas até saber ao certo o que a CIA vai fazer. Achei que seria melhor lhe contar depois que tivéssemos uma orientação, soubéssemos que ia dar certo e que o general Nakorn logo estaria no comando.

— O que aconteceu a seguir? — perguntou Underwood.

— Sei que Siebert se dirigiu ao general Nakorn e pediu a sua cooperação para descobrir um meio de tirar Prem do cargo.

— E Nakorn escolheu o caminho mais rápido... o assassinato.

Ramage ergueu a mão.

— Calma, senhor presidente, não temos certeza disso.

— Sabemos que o assassinato ocorreu. Disso temos certeza. Quem mais, exceto Nakorn, poderia tê-lo cometido ou ordenado?

Ramage tinha menos certeza.

— Qualquer um de uma dúzia ou mais de homens sob as suas ordens. Ele pode ter sugerido que investigassem Prem, e alguém pode ter achado que devia se livrar de Prem. Pode ser até que Nakorn tenha feito a notícia chegar aos comunistas, e eles o tenham feito.

— Eles não tocariam em Prem. Você mesmo disse que ele estava do lado deles.

— Não totalmente. Ele estava disposto a conversar com eles, mas não necessariamente ceder às suas exigências. Eles podem ter

querido deixar o caminho livre para um alvo mais fácil, mais mole, ou seja, Noy Sang.

— Duvido. Duvido muito. Não acho que os comunistas tenham sido os responsáveis.

— Então eu não sei quem foi — disse Ramage. — Não sei onde está a responsabilidade, e acho que Siebert também não sabe. O assassinato nos leva a um beco sem saída.

Underwood estava pensando no assunto.

— Não inteiramente. Foi uma decisão da Companhia e sou responsável por todas as decisões da CIA. — Ele fechou a cara. — Isso foi feito em meu nome. Só que eu simplesmente não fui informado. Se eu soubesse o que estavam pretendendo, eu os teria detido. Teria desconfiado de que o bando deixaria a coisa fugir ao controle e acabar em assassinato. Isso foi feito pelas minhas costas.

— Perdoe-me — disse Ramage. — Não sei como lhe dizer isto... — Pôs-se de pé, com dificuldade, e começou a andar de um lado para o outro diante da escrivaninha do presidente. Depois parou e fitou Underwood nos olhos. — Senhor presidente, preciso lhe falar sem rodeios. Não estou certo de que vá gostar.

— Pode falar — disse Underwood.

— Acho que isso tem a ver com o modo como o senhor está ocupando o cargo. Está delegando questões de Estado e defesa a outros, à Segurança Nacional e gente sob as suas ordens. Eu estava a par disso. Por esse motivo não lhe enviei o nosso relatório no seu esboço experimental. Era algo que eu tinha todos os motivos para crer que o senhor delegaria a alguém com menos competência do que a CIA para tomar uma atitude.

Ele voltou para a sua cadeira e agarrou o encosto do móvel.

— De qualquer forma, senhor presidente, é tarde demais para mudar alguma coisa. Isso já é passado. Não há mais nada que se possa fazer a respeito.

O presidente ficou de pé.

— Nisso você está errado, Alan. Há algo que se pode fazer a respeito, e vou fazer. Não vou delegar essa questão. Bom dia, Alan. Não vamos mais discutir isso.

Sozinho à sua escrivaninha no Salão Oval, comendo o hambúrguer que o garçom trouxera para o seu almoço, Matt Underwood refletiu no que podia ser feito para consertar a confusão em que se metera com Noy Sang.

Só havia uma saída, em sua opinião, e ele tinha que segui-la.

Quando o seu chefe de gabinete voltou à própria sala, dali a uma hora, Underwood mandou que viesse à sua presença.

Paul Blake entrou, uma pergunta estampada no rosto, e Underwood lhe indicou a mesma cadeira que Ramage ocupara aquela manhã.

Depois que Blake se sentou, Underwood pegou três folhas de papel da sua escrivaninha e correu o indicador por cada uma delas, em silêncio.

Finalmente, ergueu os olhos.

— A sua programação provisória para os pontos de destaque das quatro próximas semanas... — disse Underwood.

— Espero que tudo esteja satisfatório, Matt.

— Está ótimo. Sem problemas. — Ele achou o que estava procurando na segunda folha. — Exceto por uma alteração.

— Qual?

— O convite para a China. Diz aqui que fui convidado para comparecer a um festival de aniversário em Pequim e me reunir com os líderes da República Popular da China. — Ergueu a cabeça. — Isso ainda está de pé?

— Está e não está — disse Blake. — O convite ainda está, é claro. Mas quando toquei no assunto com você... bem, você o recusou. Achava que era longe demais para ir assistir a umas danças e conversar com líderes chineses sobre coisas sem gravidade. Sugeri que mandássemos o vice-presidente em seu lugar. Eu ainda não tinha revisto isso porque achei que você devia ter mais tempo para pensar melhor.

Underwood assentiu.

— Tinha razão, Paul. Eu precisava mesmo de mais tempo para pensar melhor, e pensei.

— Bem, senhor, e o que resolveu?

— Mudei de ideia.

Blake ficou ereto na cadeira.

— Vai à China?

— Decididamente. O vice-presidente não tem influência bastante para tratar de uma reunião como essa. Quanto às festividades, não quero insultar nossos amigos chineses. Temos que permanecer nos melhores termos de amizade.

— Ótimo. Ainda bem que você percebeu isso, Matt.

— Pode marcar para mim dois dias em Pequim.

— Vou providenciar.

— Mais uma coisa, Paul. De igual importância para mim, pessoalmente. — Podia ver pela expressão no rosto de Paul que o seu chefe de gabinete já imaginava o que ele diria a seguir. Mesmo assim, ele o disse. — Quero partir cedo para Pequim. No caminho, quero parar em Lampang por dois dias para acertar o mal-entendido com madame Noy Sang.

Era o que Blake esperava, mas ele não ofereceu reação.

— Quero que informe madame Noy Sang de que estarei em Visaka com o propósito expresso de me encontrar com ela, particularmente. Você providenciará esse encontro?

— Imediatamente.

— Mas antes do meu encontro com Noy Sang quero que me dê tempo de ter outra conferência, também particular, com Percy Siebert, o chefe da CIA na nossa embaixada em Visaka. Quero que ele se apresente à minha suíte no Hotel Oriental o mais breve possível, depois de minha chegada. Diga-lhe que ele também deve me acompanhar ao compromisso que terei a seguir.

— Cuidarei para que Ramage tome as providências para Siebert imediatamente.

— Obrigado, Paul. Vá tratar disso.

Depois que Blake se retirou, Matt Underwood pôs-se de pé e se espreguiçou, sentindo-se melhor. A estrada à frente era árdua, ele o sabia. Siebert não seria fácil e Noy poderia ser até mais difícil.

Mas tinha de ser feito.

Reparo de danos, podia-se chamar assim.

Danos da primeira-dama.

Ou da CIA.

Uma semana mais tarde, o presidente Underwood estava no Força Aérea Um a caminho da República Popular da China, com uma escala na ilha de Lampang.

Depois de pousar em Visaka, Underwood, com Marsop a acompanhá-lo, foi conduzido à Suíte do Líder no Hotel Oriental. Marsop fora enviado por Noy Sang para recebê-lo e acompanhá-lo como formalidade. Marsop não tocara no nome de Noy, exceto para dizer que ela esperava atender ao pedido dele para um encontro no seu gabinete no Palácio Chamadin.

Sem conseguir tirar nada de mais promissor de Marsop, Underwood separou-se dele no Hotel Oriental e, cercado pelo seu destacamento do Serviço Secreto, entrou para um encontro ainda menos promissor e mais difícil — com o chefe da CIA em Lampang, Percy Siebert.

O encontro com Siebert foi tão difícil quanto Underwood previra. Somente invocando o poder do seu cargo foi que ele conseguiu superar a relutância em cooperar do agente da CIA. No final das contas, Underwood venceu o árduo confronto e, depois de uma hora e meia de persuasão — na verdade, de comando, — conseguiu forçar Siebert a acompanhá-lo ao encontro com Noy no Palácio Chamadin.

Underwood e Siebert estavam esperando no gabinete de Noy quando ela entrou.

Ela cumprimentou Siebert e a seguir Underwood, este com frieza.

— Estou surpresa de vê-lo aqui tão cedo — disse a Underwood.
— Por favor, sentem-se.

Depois que Underwood e Siebert se sentaram, Noy rodeou a escrivaninha e se dirigiu a sua cadeira.

— Por que está aqui? — disse ela, diretamente para Underwood.

— Você tinha me acusado de ser responsável pela morte do seu marido — disse Underwood. — Eu lhe disse que iria investigar a acusação e chegar ao fundo da questão.

— Realmente, acho que não há mais nada a se discutir a esse respeito — disse Noy.

— Há muito que discutir — disse Underwood -, especialmente quando você não está de posse de todos os fatos. Por favor, quer ouvir o que tenho a dizer?

— Claro — disse Noy, com voz cansada -, se você tiver alguma coisa a acrescentar.

— Eu lhe disse que descobriria a verdade sobre o assassinato do seu marido. Eu fora culpado injustamente por ele. Tentei lhe dizer que não gosto de sangue nas mãos, especialmente quando ali não é o lugar dele. Agora quero acertar toda essa história. Percy Siebert é membro da nossa embaixada e, como você sem dúvida sabe, chefe da CIA em Lampang.

Noy mexeu a cabeça.

— Estou a par disso, senhor presidente.

— Bem, o senhor Siebert, de uma forma secundária, esteve envolvido na morte do seu marido, e depois de saber disso vim para cá a fim de vê-lo, conversar com ele, e agora estou forçando-o a lhe contar o que realmente aconteceu.

A atenção de Noy voltou-se para o agente da CIA.

— Pois não, senhor Siebert?

— A senhora compreende, madame Sang, que não sou o principal ator nesse triste caso — começou Siebert. — Tive um papel porque estava em Lampang. Mas as ordens vieram de Alan Ramage, o diretor da CIA. Ele me informou que o presidente Prem Sang estava obstruindo a política dos Estados Unidos no sudeste asiático. Mandaram que eu encontrasse um meio de transformá-lo num aliado mais estreito dos Estados Unidos.

— Ele era um aliado — exclamou Noy.

— Não exatamente, madame. Os Estados Unidos e Lampang tinham objetivos diferentes — replicou Siebert.

— E o assassinato político era o meio de alcançar o seu objetivo? — quis saber Noy.

— Nunca ouvi essa palavra nas minhas instruções.

Aconselharam-me que descobrisse um meio não-violento. Talvez um escândalo. É importante que a senhora saiba que o presidente Underwood não tinha conhecimento da minha tarefa, conhecimento algum. Estava totalmente inocente quanto às minhas ordens. Elas não lhe foram mostradas. Nem mesmo no relatório confidencial do presidente. Previu-se que ele objetaria. O diretor Ramage ordenou sigilo, e obedeci às ordens do diretor.

Noy virou a cabeça para Underwood e, pela primeira vez desde que se separaram na Blair House, a expressão no rosto dela se suavizou e ficou amistosa.

— É... é bom ouvir isso, Matt.

Underwood nada disse para Noy, mas fez um gesto para Siebert.

— Continue, Percy.

— Tentei imaginar a quem pedir ajuda, e finalmente escolhi o general Samak Nakorn. Encontrei-me com ele. Falei-lhe dos desejos do meu governo. Não lhe disse para fazer mal ao presidente Prem, muito menos para matá-lo, mas para encontrar algum meio de calar-lhe a boca ou afastá-lo do cargo o mais breve possível. Posso até ter dito coisas como tentar descobrir se o presidente Prem estava envolvido em algum escândalo do governo. O general Nakorn me prometeu que veria o que era possível fazer. Disse que mandaria o seu pessoal do serviço de informações do exército se aprofundar nos negócios do presidente Prem. De qualquer forma, ele providenciaria para que a resistência de Prem à política americana fosse neutralizada. — Siebert arquejou. — A notícia seguinte que tive foi que, várias semanas mais tarde, dois homens haviam entrado neste gabinete e atirado no seu marido. Não era nossa ideia nem nosso desejo. O presidente estava totalmente alheio ao que andara acontecendo. Não que fosse desatento. Simplesmente não sabia.

O olhar de Noy pousou em Underwood.

— Matt, lamento tê-lo culpado. Desculpe-me.

— É só isso o que eu queria ouvir de você — disse Underwood.

— Que está convencida de que não tomei parte nisso

— Tenho certeza disso, agora — disse Noy.

Siebert concluiu:

— O assassinato não era desejo da CIA. Mas aconteceu. É só o que sei.

Noy fitou Siebert.

— Acredita que ele foi cometido por ordem do general Nakorn?

Siebert deu de ombros.

— Possivelmente. Não tenho a mínima prova.

— Apesar disso — disse Noy -, acho que o general Nakorn deve sofrer uma investigação pública. Ele pode ser o único que nos pode dizer como ocorreu o assassinato. Senhor Siebert, quer cooperar?

Siebert sacudiu a cabeça, lenta e pesadamente.

— Não posso cooperar, madame Noy, por mais que queira. Dediquei lealdade à CIA e fiz um juramento ao tomar posse. Não posso contar minha história em público, e não posso ser forçado a fazê-lo. Como membro da embaixada dos Estados Unidos, tenho imunidade diplomática. Simplesmente não posso revelar o que é feito na CIA. Espero que compreenda isso, madame Noy.

Underwood aparteu.

— Talvez possa se abrir uma exceção nesse caso, Percy.

Siebert sacudiu a cabeça de novo.

— Sabe que é impossível, senhor presidente.

— Não importa, Matt — interrompeu Noy. — Compreendo a posição dele. Sem um julgamento, sem um interrogatório, terei que agir da melhor forma possível.

— O que fará, Noy? — perguntou Underwood.

— Amanhã vou anunciar que pretendo concorrer à eleição contra o general Nakorn. Ele anunciou a sua candidatura há uma semana. Os Estados Unidos acreditavam que, se eu substituísse Prem no cargo, seria fraca demais para derrotar Nakorn numa eleição. Essa suposição foi derrubada. Não houve objeções à base aérea. Ela é encarada como uma proteção à nossa democracia. E o povo está disposto a deixar que eu me reúna com os comunistas, seus conterrâneos, afinal de contas, e os incorpore ao nosso

sistema. Como resultado, as últimas pesquisas demonstram que sou muito mais popular do que o general Nakorn. Vou concorrer com ele e vou derrotá-lo. Esta agora é a minha ambição. Aposentar o nosso ambicioso general da vida pública. Você aprova, Matt?

— Aprovo, Noy. De todo o coração.

Noy ficou de pé e levantou-se, deu a volta à escrivaninha para tomar a mão de Underwood nas suas.

— Perdoe-me, Matt. Eu devia ter sabido que estávamos do mesmo lado. Tenha sucesso na China. Graças a Deus que você veio para cá primeiro. E não deixe de voltar de novo, logo que possível.

Quando Underwood voltou para a sua suíte no Hotel Oriental, Paul Blake já estava lá, de malas feitas e pronto para viajar para a China com ele.

Enquanto Underwood trocava de camisa e vestia um terno de gabardine, e seu criado particular refazia as malas para a última parte de sua viagem, Blake se postou atrás dele para interrogá-lo.

— Pelo seu bom humor, concluo que teve uma reunião satisfatória com madame Noy Sang — disse Blake.

Underwood sorriu.

— Muito. Com a presença de Siebert pude esclarecer a coisa toda e Noy pediu desculpas por ter me culpado de qualquer coisa.

— Ela culpa o general Nakorn?

— Ela desconfia dele — disse o presidente. — Não pode provar que ele foi o responsável pela morte de Prem, mas quer Nakorn fora do caminho. Na verdade, resolveu não se retirar da vida pública depois deste mandato. Amanhã ela vai aparecer numa cadeia de

televisão para comunicar que concorrerá à reeleição. Espera derrotar Nakorn e, se for eleita, fará com que ele fique fora do caminho.

Blake ficou olhando em silencio enquanto o criado terminava de refazer as malas. Finalmente, disse:

— Matt.

— Sim, Paul.

— Você sabe que Nakorn é o nosso homem em Lampang.

Podemos contar com ele.

Underwood trancou a sua mala e ergueu a cabeça.

— Não confio nele — disse Underwood. — Confio em Noy Sang.

— Ezra Morrison já está em Pequim. Não ficará contente.

— Sou o comandante-em-chefe dele — disse Underwood. — Sou o único que deve se sentir contente. — Fez uma pausa — E neste momento eu me sinto.

CAPÍTULO 10

O Hotel Grande Muralha se erguia imponente nos arredores de Pequim. Chegando à sua entrada, o presidente Underwood se impressionara com a quantidade de chineses isolados por cordões pelo caminho, suas bicicletas enfileiradas caprichosamente em suportes cromados. Quando ele e sua comitiva entraram no hotel, ficou ainda mais impressionado com o tamanho e o brilho de seu vasto saguão.

O gerente do hotel e os membros do Politburo chinês tentaram conduzir Underwood aos elevadores de vidro, mas quando ele enxergou a escadaria ricamente acarpetada logo ao lado, insistiu em subir a pé até o terceiro andar, onde ele e Ezra Morrison ocupariam suítes adjacentes. Underwood queria caminhar porque estava cansado da sensação de confinamento que tinha nos voos de avião e desejava fazer exercício para obter a energia resultante dele.

Estava se sentindo mais elástico e revigorado quando chegou ao terceiro andar.

A metade do seu contingente de homens do Serviço Secreto viera antes com Morrison, no avião da imprensa, e já estava em posição.

Underwood foi conduzido à sua suíte e o criado particular se encaminhou diretamente ao quarto para desfazer as malas.

Obedientemente, Underwood se permitiu ser levado para conhecer a suíte.

Depois de mostrá-la ao presidente, o gerente disse:

— Senhor, o secretário de Estado Morrison está na suíte adjacente, aguardando a sua chegada.

— Ótimo — disse Underwood -, estou ansioso para vê-lo.

Diplomaticamente, o gerente e as autoridades chinesas se retiraram, e tão logo o seu criado particular saiu, Underwood bateu à porta que ligava as duas suítes.

A porta se abriu e Morrison apareceu. Apertaram-se as mãos.

— Boa viagem? — perguntou Morrison, entrando na suíte presidente.

— Perfeita. O que você andou fazendo?

— Hoje de manhã fui à Praça T'ien An Men. Ainda é espetacular... em seguida tive uma reunião preliminar com o primeiro-ministro Li Peng no Grande Salão do Povo, e revimos o programa de amanhã. Haverá diversos oradores, mas você será o principal. Peng vai apresentá-lo no Grande Salão: você se dirigirá aos mil e novecentos delegados e a seguir Peng encerrará a cerimônia. Isso é para amanhã. Hoje à tarde haverá a sessão de fotos na cidade. Você será levado para visitar as atrações que já visitou dúzias de vezes antes. A imprensa chinesa e a imprensa americana vão adorar.

— Parece bem fácil. Vamos tomar alguma coisa.

Estavam ambos parados diante do pequeno bar quando Morrison continuou:

— Como foi o seu desvio até Lampang? Viu Noy?

— Vi e levei Percy Siebert comigo. Pudemos resolver tudo. Noy e eu somos amigos de novo.

— Foi o que concluí — disse Morrison. — Acabo de ver Noy.

— Você a viu? — indagou Underwood, espantado.

— Na televisão. Na televisão chinesa. Pude entender por que ela falou em inglês.

Os chineses colocaram legendas para o discurso dela.

— Que tal ela estava?

— Muito eficaz, em minha opinião — disse Morrison. —

Comunicou que concorrerá à reeleição. Calculei que você podia ter tido algo a ver com essa decisão. Até então, só o general Nakorn anunciara a sua candidatura. Até agora Noy negara qualquer intenção de se candidatar. Então você aparece para vê-la e de repente ela vai concorrer. Underwood assentiu.

— Eu posso ter tido um pouco a ver com isso, mas a decisão foi dela. Assim que Siebert terminou a sua explanação dos fatos, ela estava praticamente convencida de que Nakorn era o responsável pela morte do seu marido.

— Surpreendente, mas possível.

— Ela não pode provar, Ezra. Então quer esmagá-lo numa eleição, removê-lo do seu posto como chefe do exército e reduzi-lo a um João-ninguém.

Morrison estava ocupado com um charuto.

— Compreensível. — Ele estava com o charuto pronto e acendeu-o. — Ao mesmo tempo, Matt, você sabe que o general Nakorn é homem nosso.

— Claro que sei. Blake enfatizou isso em Lampang.

— Não gostaríamos de vê-lo derrotado — disse Morrison. — Sabemos que é de confiança. Ele acredita na bandeira americana.

— E Noy Sang também — disse Underwood, intensamente. — Tenho certeza disso.

— Eu não tenho — replicou Morrison, abrupto. — Os seus sentimentos a respeito dela podem estar sendo coloridos pela personalidade dela. Ela é frouxa com os comunistas. Precisamos de alguém que seja duro com eles.

Underwood bufou.

— Você enxerga comunista até embaixo da cama. Joe McCarthy está morto há muitos anos. Deixe-o descansar.

— É o meu serviço, Matt. Sou o seu secretário de Estado. Não confio neles nem aqui, nem ali, nem em parte alguma.

— Sou o seu presidente, Ezra. Confio neles mais do que nunca agora que estamos num mundo em que podemos obliterar um ao outro.

— Eu me sentiria seguro, muito mais seguro, — Morrison insistiu — com Nakorn na presidência.

— Noy encabeça as pesquisas. Estou certo de que assumirá a presidência por conta própria. Teremos que confiar nela, e lhe asseguro que podemos fazê-lo.

Morrison soltou um suspiro.

— Espero que tenha razão. Não podemos nos dar ao luxo de estar errados. Precisamos de força no sudeste asiático. O que me lembra outra coisa. Li o discurso chinês que sua equipe preparou para você. Imagino que também tenha lido.

— Sabe que li. Cuidadosamente. — Ele hesitou. — Eu o amaciei um pouco.

— Por que fez isso? Eu gostava do jeito que estava.

— Os chineses estão se dirigindo para o capitalismo e a democracia. Aposto nisso. Não quero que os tratemos eternamente como inimigos.

Inquieto, Morrison se afastou do bar.

— Espero que não esteja cometendo um erro, Matt. Não sabemos onde a China estará, a longo prazo. A curto prazo, hoje, a China é um Estado comunista. E do jeito que você está jogando a bola, Lampang também poderá ser.

— Você é pessimista demais, Ezra.

— Pode ser que sim, pode ser que não — disse Morrison, fumando o seu charuto. — Minha principal preocupação imediata é Lampang. Correndo o risco de ofende-lo, chefe, eu detestaria perder uma coisa certa porque você está enrabichado por alguém com belas mamas num sarongue.

Underwood abriu um sorriso.

— Não está me ofendendo, só que parece a minha mulher falando. Você está absolutamente certo: Noy é um pedaço de sarongue. E aposto que tem belas mamas sem o sarongue. Prefiro apostar em mamas a apostar em alguém que carrega... e chacoalha... um sabre.

— Não estou certo de que o amor tudo vença.

Underwood se reuniu a Morrison.

— Não estou certo de que isso tenha alguma coisa a ver com o amor. Só que, historicamente, o amor tudo vence. Vamos arriscar, Ezra. Deixe eu fazer a coisa a meu modo. Sei o que está em jogo, mas vamos fazer a meu modo.

Noy Sang não previra que o seu comunicado na televisão de que concorreria à eleição causaria tal furor. O general Nakorn fizera o seu comunicado na semana anterior, depois de uma convenção do Partido Nacional Independente, e houvera pouca empolgação. Era dado como certo que Noy não concorreria, e portanto a presidência seria de Nakorn quase automaticamente.

O comunicado inesperado de Noy da sua candidatura excedera qualquer expectativa. Telefonemas, apoio da imprensa e manifestações de alegria por todo o país seguiram-se a ele.

Ela estivera tão envolvida e ocupada com a empolgação que, naquela manhã, fora tomada por um sentimento de culpa de estar negligenciando os que a cercavam. O que estava sendo mais negligenciado, ela sentia, era o seu filho de seis anos, Den.

Normalmente, Noy tomava o café com Den antes que ele fosse levado de carro para a Escola St. Mary. Desde o começo Noy insistira em que Den fosse criado, o máximo possível, como qualquer outra criança da cidade. Ela se recusou a mandá-lo para uma escola particular, optando pela escola pública. Essa decisão deu a ele a oportunidade de se relacionar com as crianças comuns da sua idade, e não apenas com os rebentos de famílias abastadas. Além disso, Noy insistira para que ele fosse para a escola todos os dias no seu Mercedes pessoal, com o seu próprio chofer, Chalie, dirigindo e acompanhando-o. Sabia que, se ela própria o acompanhasse, isso significaria confusão e ostentação, com pelo menos meia dúzia de guardas de segurança precedendo-os e seguindo-os. Noy não queria isso. Não queria que Den pensasse que era uma pessoa especial.

Então ela o mandava diariamente para a St. Mary com Chalie dirigindo o Mercedes.

Naquela manhã, porém, impulsionada por sua culpa, ela acompanhara Den e Chalie à escola. Estava sofrendo de um sentimento de culpa pelo tempo passado longe do menino, e queria aproveitar toda oportunidade para estar com ele e demonstrar o seu interesse nele e em suas aulas.

Ela se dirigiu com Den até a entrada principal do playground da escola, onde seus três amigos — Toru, seu melhor amigo, e dois outros — estariam esperando. Den beijou rapidamente a mãe, saltou do carro e correu pela calçada ao encontro dos amigos.

Um breve aceno e logo estava com eles no pátio de cascalho que dava para o prédio da escola.

Satisfeita, ela se sentou calada no Mercedes enquanto Chalie a levava de volta ao portão de entrada do Palácio Chamadin.

Saltando do carro, ela disse:

— Chalie, apanhe Den às duas horas, como de costume. Vou estar ocupada a tarde toda. Está bem?

— Como sempre, madame — respondeu Chalie.

Entrando no palácio, só havia uma pessoa que Noy queria contatar no exterior com a informação da grande recepção que tivera o comunicado televisado de sua candidatura.

Essa pessoa, é claro, era Matt Underwood. Olhando para o seu relógio de pulso, ela se lembrou de que, àquela hora, Underwood estaria no Grande Salão do Povo, em Pequim, e fora do alcance de telefonemas frívolos.

Prometeu a si mesma que ligaria para ele dali a alguns dias, quando ele tivesse terminado a sua visita oficial à China e estivesse de volta à sua escrivaninha no Salão Oval em Washington.

Por sobre o ombro ela pôde ver Chalie dirigindo-se para a garagem subterrânea, onde podia deixar o carro até a hora de ir apanhar Den.

Descendo a rampa da garagem, Chalie estacionou o sedã na área reservada para os carros presidenciais.

Ele abriu a porta, saiu do Mercedes e se afastou dele. Ao fazê-lo, percebeu um movimento às suas costas.

Girando para ver o que era, enxergou de relance um grosso bastão de beisebol na mão de alguém. Ele veio descendo sobre a sua cabeça antes que pudesse se desviar ou defender.

O bastão acertou-o em cheio e com força na parte de trás do crânio. Seus joelhos cederam e ele apagou.

O Mercedes estava esperando do lado de fora da Escola St. Mary, às duas horas, quando Den e seus amigos saíram correndo pelo pátio em direção à saída.

— Lá está o seu carro — disse Toru.

— Ele está sempre ali — disse Den. — Chalie chega na hora todos os dias. Ele tem medo da minha mãe.

— E por que tem medo? — quis saber Toru. — Só porque ela é presidenta?

— Acho que sim — disse Den. — Puxa, mas que aula de geografia chata!

— Não é tão ruim quanto a de história — disse Toru.

— Até amanhã de manhã — disse Den. — Não se esqueça do filme de hoje na televisão. Casablanca. Eu li que foi o mais popular na televisão americana. A gente conversa sobre ele amanhã.

Den saiu correndo do pátio, deixando os amigos para trás, agarrou a porta da frente do Mercedes, escancarou-a e se jogou para dentro, ao lado do motorista. Seus olhos ainda estavam nos amigos enquanto acenava para eles, e o carro arrancou.

Rodaram por meio minuto com Den olhando para a frente, através do pára-brisa.

Imerso em pensamentos, Den disse:

— Puxa, outro dia chato na escola, menos a aritmética.

— Hã-hã — disse o motorista.

Haviam chegado ao fim do quarteirão quando o carro dobrou bruscamente à direita.

— Ei, o que está fazendo? — exclamou Den. — Você sempre dobra à esquerda aqui.

Ele se virou no banco para ouvir a resposta de Chalie. Porém, havia algo errado.

Não era Chalie que estava no lugar do motorista.

Chalie tinha o rosto marcado pela varíola. Aquele motorista tinha um rosto liso, gorducho, moreno, com um nariz longo e pontudo. — Você não é Chalie — disse Den, acusadoramente. — É outra pessoa. O que está fazendo aqui?

— Chalie ficou doente — disse o chofer. — Ele me pediu para apanhar você.

— Mas este é o caminho errado.

— Não, não é! — disse uma voz do banco traseiro. Den rodopiou no banco a fim de olhar para trás. Viu um homem de bigode agachado ali, alguém que devia estar se escondendo no chão do carro quando ele fora apanhado. Den viu que o homem empunhava um revólver prateado, exatamente como aqueles nos filmes. Ele encostou o cano da arma na cabeça do garoto. — Agora fique quietinho, rapaz, se não quiser um buraco na cabeça... Mexa-se. Vá para perto do chofer e abra espaço para mim. — Ele empurrou Den. — Ande!

Den começou a tremer, o que nunca acontecia no cinema.

O homem de bigode era baixo e atarracado. Subiu pelas costas do banco do carro e se espremeu ao lado de Den, na frente.

O garoto ficou ensanduichado entre eles.

— Agora feche os olhos porque vou vendá-los — ordenou o homem de bigode.

Rapidamente, o homem colocou um pano diante dos olhos de Den e amarrou-o atrás com um nó duplo.

— Quero ver a minha mãe — disse Den, com voz trêmula.

O homem experimentou a venda e ficou satisfeito.

— Vai ver a sua mãe. A não ser que crie problemas. Aí, nunca mais vai vê-la ou a qualquer outra pessoa. Agora fique quieto. Vamos levá-lo num instante aonde tem que ir.

Marsop estava no gabinete presidencial de Noy, diante da escrivaninha, remexendo em seus papéis à procura de um documento de que necessitava.

Levou um susto com o soar estridente de um dos três telefones sobre a escrivaninha. O primeiro soar, e os subsequentes, vieram do

telefone branco, aquele que Noy permitia que fosse usado apenas para ligações dos membros do seu gabinete, ou para emergências.

Estava claro que o telefonema era para Noy, e Marsop gritou o seu nome. Não houve resposta. Onde quer que estivesse, não estava escutando.

Mas o telefone continuou a tocar com urgência, e Marsop decidiu que devia atender.

Tirou o fone do gancho.

— Alô, gabinete da presidenta Sang.

A voz do outro lado era um resmungo profundo.

— Quem está falando?

— Aqui é o ministro Marsop.

— Preciso falar com a presidenta Noy Sang.

— Lamento, mas ela não está no gabinete.

Fez-se uma pausa.

— Pode dar um recado a ela?

— Naturalmente.

— Imediatamente?

— Sim, claro. Quem é?

— Faço parte do gabinete do exército.

Marsop pensou ter reconhecido a voz. Era um baixo forte que o impressionara em reuniões de gabinete e reuniões militares. Era uma voz que parecia a do coronel Peere Chavalit, o segundo homem em influência no exército e o auxiliar mais chegado a Nakorn.

Embora Marsop não pudesse ter certeza.

— É o coronel Chavalit? — quis saber Marsop.

— Isso não tem importância. Quero falar com a presidenta Noy. Se ela não está, falarei com você. Pode transmitir a ela o meu recado.

Marsop assentiu, ao telefone.

— Farei isso. — O tom da voz, o que ela estava dizendo, começaram a parecer de mau agouro para Marsop. — Estou pronto para lhe dar qualquer recado. Pode falar.

— Diz respeito ao filho dela, Den Sang.

Isso era decididamente de mau agouro, e Marsop segurou o aparelho com força.

— Algum problema? Ele está bem?

— Perfeitamente bem.

Isso era enigmático.

— Está ligando da escola?

— Ele saiu da St. Mary há meia hora, como pode ver pelo seu relógio.

Marsop procurou o relógio sobre a escrivaninha de Noy e o encontrou. Eram catorze e trinta e dois. Den devia ter sido apanhado — como sempre — às catorze por Chalie, o motorista de Noy.

Marsop engoliu em seco.

— Den... onde está Den?

— Conosco. Com amigos.

— Onde está você?

— Logo chegaremos lá.

— Como vou saber se Den está aí?

— Quer ouvir a voz dele?

— Quero — disse Marsop.

Houve uma consulta sussurrada a certa distância do telefone, ele ouviu passos, depois Den.

— Marsop — disse Den com voz estridente -, estou aqui.

Estou...

Tiraram-no abruptamente do telefone. Marsop imaginou que ele fora arrancado do fone.

A voz profunda estava novamente ao telefone.

— Você o ouviu.

— Ele está bem? — perguntou incisivamente Marsop.

— Perfeitamente, se você cuidar com presteza do recado que eu quero que transmita à presidenta Noy.

— Sim, prometo — disse Marsop. — Qual é o recado?

— Quero ver a presidenta Noy imediatamente.

— Pode vir ao palácio...

— Não seja idiota. Quero vê-la nas minhas condições, aqui onde estou.

— Se puder ser feito.

— Tem de ser feito se a presidenta Noy deseja ver o filho com vida.

O coração de Marsop deu um salto. Tentou manter o tom de voz normal. Leve isso a sério, disse consigo mesmo, mas não entre em pânico.

— Qual... qual é o seu recado, senhor?

— Escute com cuidado. Tem um lápis? Anote o que tenho para lhe dizer.

— Tenho um lápis.

— Muito bem. Anote direito... a presidenta Noy Sang precisa ir à esquina de... a esquina sudoeste da... Khan Koen com a Bot, e precisa ir sozinha. Entendeu? Leia para mim.

Marsop engasgou. Repetiu:

— Esquina sudoeste da Khan Koen com a Bot. Sozinha.

— Exatamente. Mande que ela faça isso dentro de uma hora e verá o filho com vida e bem.

Marsop gaguejou.

— Po... po... pode ser difícil para a presidenta sair do palácio sozinha. Ela tem uma guarda de segurança que acompanha cada passo seu. Não sei se ela vai conseguir.

A voz do outro lado estava mais profunda, agora, e zangada.

— Ela descobrirá um jeito. Precisa vir sozinha ou o garoto morre.

— Espere! Vocês estão com o carro dela...

— O carro dela está na garagem do palácio...

— Deixe que eu guie!

— Não. Ela tem que vir sozinha de táxi, e ninguém deve segui-la. Terá que descer a três quadras de distância. Está ouvindo?

— Estou...

— Repito: sozinha. Ou o menino morre.

O telefone foi desligado ruidosamente e ficou ecoando no ouvido de Marsop.

Ele ficou segurando o aparelho mudo por um momento e depois também desligou.

Era chocante. A primeira coisa a fazer era encontrar Noy e conversar com ela.

Permaneceu à escrivania, remexendo nos papéis dela apressadamente, até achar a programação do dia.

Ela estava numa reunião com meia dúzia de assessores de agricultura na Sala Rama.

Marsop foi procurá-la, abriu a porta da sala e viu que estava sentada a uma mesa redonda, ouvindo o relatório que um dos assessores lia para ela.

Atravessou a sala até alcançá-la e então, fazendo-lhe um sinal, inclinou-se até junto do seu ouvido.

— Preciso falar com você imediatamente — sussurrou. — É uma emergência.

Ela o fitou, temerosa.

— Lá fora — disse Marsop.

Pedindo licença, ela se ergueu da mesa e acompanhou Marsop para fora da sala.

No corredor, Noy agarrou o braço de Marsop.

— O que é?

— Não fique nervosa...

— O que é? — interpelou-o Noy de novo. — Diga logo.

— Den... — começou ele.

Ela levou a mão à boca.

— Está ferido?

— Não — disse Marsop rapidamente. — Ao que eu saiba, está bem. Noy, ele foi sequestrado. A palavra não foi usada, mas não há dúvida de que é sequestro. Estão dispostos a libertá-lo, mas querem um resgate.

— O que eles querem?

— Você — disse Marsop. — Acho que estão dispostos a trocar Den por você.

Noy ficou atônita.

— Por mim? O que querem comigo? Marsop não tinha certeza.

— Querem falar com você.

— Quem são eles?

— Não sei, Noy. O homem que ligou... na verdade, estava ligando para você...

— Eu atendi o telefone... tinha uma voz profunda, que não reconheci.

— Marsop, me diga exatamente o que lhe foi dito ao telefone.

Ele tentou se lembrar de cada palavra para ela. Depois lhe entregou um pedaço de papel.

Ela estreitou os olhos para ler.

— Khan Koen Road com Bot Road — leu ela. — Desça três quadras até a Uhon Square, depois caminhe de volta a esta esquina.

— Ela ergueu a cabeça. — Tem certeza de que foi a voz de Den que ouviu ao telefone?

— Tenho. Ele falou muito pouco. Mas era Den.

— Podia ser uma brincadeira.

Marsop hesitou.

— Duvido, Noy. Den ainda não chegou da escola.

Noy puxou os braços de Marsop, e a sua voz ficou embargada.

— Vamos até a garagem! — exclamou.

Precedendo-o na escada, entrando na garagem, Marsop ouviu sua exclamação abafada.

— Chalie! — gritou.

Caído no chão ao lado do Mercedes estava Chalie. Noy correu até ele e se ajoelhou, tomando-lhe o pulso.

— Ele está vivo — disse ela, por cima do ombro. — Meu Deus, veja quanto sangue está saindo da sua cabeça. Ligue para a minha sala e mande alguém chamar um médico. Espere aqui por ele.

De volta à sua sala, Noy esperou impaciente que Marsop voltasse, tentando imaginar o que tinha acontecido, e o que ela devia fazer a seguir. Dali a minutos, Marsop voltou.

— Chalie está bem — anunciou. — Uma pequena fratura, mas estará de pé amanhã.

Noy escutou, depois sacudiu a cabeça.

— Acho que não é brincadeira. Eles estão com Den. Preciso cumprir a exigência deles.

— Eu gostaria de ir com você — suplicou Marsop.

— Segundo você, o homem disse que, a não ser que eu vá sozinha, Den morre. Não foi?

— É verdade.

— Então preciso ir sozinha, Marsop. Não posso me arriscar com esses lunáticos.

— Pode ser perigoso.

— Não tenho escolha. Sou eu ou é Den. Para mim, Den é tudo.

— Ela acenou com a cabeça para Marsop. — Como vou fazer isso sozinha, com seis guardas de segurança me seguindo a cada passo?

Marsop não sabia o que dizer.

— Não sei.

— Bem, eu sei. Venha comigo até a cozinha. — Enquanto cruzavam a sala de jantar, ela prosseguiu: — A cozinheira, Juliellen,

tem mais ou menos o meu corpo. Todos os dias, — Noy olhou para o relógio de pulso — mais ou menos a esta hora, ela vai ao mercado. Desta vez não irá. Mas eu irei.

Quando entraram na cozinha, Juliellen, que estivera lendo um jornal, deixou-o de lado e ficou respeitosamente de pé.

— Juliellen.

— Sim, madame presidenta?

— Você usa esse suéter, essa saia e esse avental quando vai ao mercado?

— Sim, madame.

— Tem um jogo igual a esse que eu possa usar?

— A senhora, madame? Claro que tenho, mas...

— Não importa, Juliellen, preciso de suas roupas...

imediatamente. Não diga uma palavra a ninguém. Quero usar o que você usa para ir ao mercado.

— Também uso um xale na cabeça.

— Melhor ainda. Vá buscar as roupas. Espero-a na despensa.

Dali a quinze minutos, quando Noy saiu da despensa, estava usando um suéter cinza e uma saia azul de brim idênticos aos de Juliellen. Tirando o xale da mão de Juliellen, amarrou-o na cabeça e tentou ocultar o rosto nas suas dobras.

— Que tal estou?

— Não muito presidencial — replicou Marsop.

— Com isso eu devo passar pelo portão da frente. Onde posso pegar um táxi?

— Uma quadra ao sul do palácio. Sempre há vários diante da igreja.

— Então tenho que andar depressa.

Marsop estava atrás dela quando ia saindo.

— Noy — implorou -, não posso deixar que vá sozinha.

— Mas precisa. Qualquer outra coisa colocaria Den em perigo.

— Isso pode colocar você em perigo.

— Não importa. Basta ficar à minha escrivadinha. Entrarei em contato com você. Quer me dar algum dinheiro?

Marsop enfiou a mão no bolso do paletó.

— E se você não telefonar?

— Se não tiver notícias minhas dentro de uma hora, avise a polícia. Eles conhecem bem aquela área. — Ela foi saindo. — Marsop, fique a postos e reze por nós dois.

Um táxi levou-a até a Uhon Square, ela pagou rapidamente a corrida e saltou do carro.

Examinou a área, confusa, interceptando um rapaz que carregava uns pacotes para perguntar como chegar à Khan Koen com a Bot Road.

O rapaz apontou para o oeste.

— Três ou quatro quadras naquela direção.

Olhando para o relógio de pulso, Noy viu que ainda estava dentro do prazo marcado.

Começou a andar o mais depressa que podia. A caminhada parecia interminável.

De repente, se deu conta de que tinha chegado ao seu destino. Atravessou a Khan Koen até a esquina sudoeste e parou, dando as costas a um grupo de árvores, apreensiva e se perguntando se os sequestradores de Den o entregariam.

Percebendo que estava usando as roupas de Juliellen e que poderia não ser imediatamente reconhecível, tirou o xale da cabeça para que seu rosto pudesse ser logo identificado.

Esperou cinco minutos, e começava a se enervar quando escutou passos leves às suas costas. Rodopiou e deparou com Den, que tirava uma venda dos olhos e vinha tropeçando em sua direção, chamando:

— Mamãe!

Noy correu até ele com uma exclamação de alívio e caiu de joelhos quando ele veio para seus braços. Ela o abraçou com toda a força.

— Den! — exclamou. — Você está bem? O que houve? Eles o machucaram?

— Não, mamãe, estou bem, mas você deve tomar cuidado.

A essa altura, porém, quando ela ergueu os olhos, deparou com duas outras pessoas junto a eles. Eram jovens robustos de óculos escuros, vestindo uniformes de serviço do exército. Na cintura por entre as jaquetas cáqui folgadas, ela podia ver as pistolas nos coldres.

Um dos soldados bateu no ombro de Den.

— Solte-a, garoto. Você pode ir. Ela fica.

— Não... — protestou Den.

O outro soldado arrancou Den dos braços dela.

— Vá enquanto ainda pode!

— Mas para onde... ?

Noy se levantara.

— Faça o que eles estão mandando, Den. Caminhe naquela direção. Você vai achar um táxi. Mande que ele o leve ao palácio. — Ela vasculhou o bolso da saia à procura de uns trocados. — Leve isto para pagar o táxi. Quando chegar ao palácio, vá diretamente para o meu gabinete. Lá você encontrará Marsop. Diga a ele que vou tentar vê-lo logo.

— Chega de conversa — disse o segundo soldado, asperamente, levando a mão ao revólver. Com a mão livre, deu um empurrão em Den. — Vá embora, imediatamente!

Den se virou e começou a correr.

Noy o observava, os olhos cheios de lágrimas de alívio.

Os soldados agora a flanqueavam. Cada um lhe segurava um braço. Com brutalidade, eles a viraram para o lado das árvores.

— Venha, madame — disse um deles.

— Aonde vamos?

— Ter uma conversa com alguém que está esperando pela senhora — respondeu o primeiro soldado. — Agora trate de ir andando, mais depressa, mais depressa!

Den Sang encontrara um táxi e pedira que ele o levasse direto ao palácio.

Assim que chegou, correu para o gabinete da mãe e encontrou Marsop sentado a um canto da escrivaninha, com os olhos no telefone.

No segundo em que Den entrou, Marsop se levantou e o abraçou.

— O que aconteceu? — Marsop quis saber. — Onde está a sua mãe?

— Eles a levaram, dois homens levaram mamãe. Mandaram eu ir me encontrar com ela na esquina, depois me seguiram, agarraram ela e me soltaram. Ela disse para eu pegar um táxi e vir para cá.

— Mas para onde a levaram? — Marsop suplicou ao menino.

— Não sei. Eles me fizeram correr para ir pegar o táxi. Depois começaram a levar mamãe para as árvores...

— Que árvores?

— Árvores na beira do parque. Eu pude ver as árvores depois que tiraram a minha venda.

— Você estava com os olhos vendados?

— Estava. Depois eles tiraram a venda e lá estava a mamãe.

Depois agarraram ela.

— Tinham armas?

— Tinham, Marsop, os dois tinham armas debaixo da farda do exército.

Marsop estava parado ao lado do garoto; inclinou-se para Den e segurou-o pelos ombros.

— Pois bem, Den, agora me conte tudo desde o começo. Você estava na escola. Saiu.

— Com meus amigos. Corri para o carro e entrei.

— Aquele não era o seu carro, o seu carro ainda está aqui.

Den ergueu as mãos.

— Era o mesmo carro, Marsop.

Marsop compreendeu.

— Eles o substituíram por outro igualzinho. E depois?

— Logo no começo eu não vi Chalie, estava distraído me despedindo dos amigos.

O chofer deu partida no carro e então vi que não era Chalie.

— Não, não era. O que aconteceu depois?

— A gente se afastou da escola. Um homem grandão que devia estar escondido no chão na parte de trás do carro se levantou, passou para o banco da frente e me empurrou para o meio. Ele pegou um lenço e vendou os meus olhos.

— Ele disse alguma coisa? Os homens falaram?

— Não. Eles foram guiando e guiando e depois pararam.

— Quanto tempo demorou a corrida?

Den não sabia.

— Arrisque um palpite — disse Marsop.

— Muito tempo. Talvez uns quinze minutos. Talvez mais.

Marsop tentou analisar a corrida, as distâncias para além da Khan Koen Road e da Bot Road, mas era impossível.

— Então o que aconteceu? — indagou Marsop.

— Parecia que a gente estava descendo numa garagem como a nossa. Eles me tiraram do carro. Atravessamos uma porta que dava para uma escada. Eles me ajudaram a subir a escada.

— Um lance? Dois?

— Dois lances. Eu contei os degraus. Eles me empurraram para dentro de uma sala.

Quando eu estava lá dentro, tiraram a venda dos meus olhos.

— Conte o que viu — pediu Marsop. — Tente se lembrar, Den.

— Quatro homens na sala, fardados.

— Reconheceu algum deles?

— Não.

— Eles usaram os nomes uns dos outros?

— Não, eles ficaram calados, menos um deles. Ele pediu o número do telefone particular da mãe. Disse que me mataria se eu não desse. Eu dei, e ele foi para outra sala telefonar.

— É, eu atendi o telefonema — disse Marsop. — Era para a sua mãe ir se encontrar com você sozinha.

— Depois eles puseram a venda de novo e desceram a escada até onde ficava a garagem, eu acho. Dobramos muitas esquinas. Então paramos, e eles me arrastaram para fora e me puseram atrás de umas árvores, até soltarem a venda. E então eu vi a mãe.

Marsop soltou um suspiro.

— E eles a levaram embora. E fizeram com que você saísse correndo.

— É. Por que eles queriam a mãe?

Marsop fitou o telefone na escrivaninha de Noy.

— Imagino que logo saberemos.

Ficaram conversando sobre coisas inconsequentes, sobre a escola, as aulas de Den, futebol — embora Den estivesse preocupado com a mãe.

Quando o telefone branco na escrivaninha de Noy tocou, os dois tiveram um sobressalto.

Marsop rodeou rapidamente a escrivaninha, sentou-se na beira da cadeira giratória e tirou o fone do gancho.

— Gabinete da presidenta Noy — disse.

— Aqui é Noy — disse a voz tensa do outro lado.

— Graças a Deus! — exclamou Marsop. — Você está bem?

— Estou ótima. O importante é Den. Ele voltou em segurança?

— Está aqui comigo. São e salvo.

— Diga a ele que o amo.

Marsop disse para Den, por sobre o telefone:

— Sua mãe diz que o ama. Diz que está bem. Noy, há alguém ouvindo você?

— Sim e não. Na sala, não numa extensão.

— Reconhece alguém?

Fez-se silêncio.

Marsop insistiu:

— O coronel Chavalit é um deles?

— Não.

— Você foi sequestrada?

Noy hesitou.

— Disseram que estão me mantendo sob custódia.

Marsop pôde ouvir uma voz masculina indistinta vindo de algum lugar atrás de Noy.

Imediatamente, ela disse para alguém:

— Sim, sim, vou me apressar. Marsop.

— Estou escutando.

— Serei libertada, — disse Noy — mas há uma condição. Você tem de fazer o que eles querem que faça. Com a minha aprovação, é claro.

— Fale — disse Marsop — ansioso.

— Você tem de anunciar na televisão e à imprensa que não me candidatarei à reeleição disse Noy. — Por problemas de saúde — acrescentou. — Informará ao general Nakorn que, como presidenta, mandei que se realizasse uma eleição especial de hoje a uma semana. Entendeu bem?

— Infelizmente entendi — disse Marsop, apático. — Você não concorrerá à reeleição contra Nakorn por problemas de saúde. Devo ligar para ele e dizer que você deseja que seja realizada uma eleição especial dentro de uma semana. Quando devo fazer isso, Noy?

— Agora — disse ela. — Ligue para o general Nakorn agora mesmo para falar da eleição. Providencie para aparecer no horário nobre da televisão amanhã à noite com uma declaração curta de que estou nas mãos de meus médicos.

— Quando você será libertada?

— No dia seguinte à eleição — disse Noy.

Marsop se perguntou se ousaria dizer mais alguma.

— Há mais alguma coisa que quer que eu faça?

— Seria bom se você pudesse conseguir que alguém de fora visitasse o palácio e confirmasse ao mundo que... — ela fez uma pausa — que... que estou doente.

— Alguém? — ecoou Marsop. — Quem?

Nesse instante, o telefone foi desligado.

Marsop colocou o fone no gancho lentamente.

Ele estava por sua própria conta e com medo.

Recebera instruções para dar uns telefonemas, mas havia um que merecia prioridade.

Porque ele compreendera Noy. Sabia quem era aquele alguém. A pessoa que devia chegar de visita.

Imediatamente, ele pegou o telefone.

Em Pequim, o presidente Underwood estava sentado na primeira fila do Grande Salão do Povo com membros do Comitê Permanente do Politburo chinês.

Acabara de terminar o seu discurso, um discurso bem-sucedido, na sua opinião, quando viu Ezra Morrison vindo apressadamente em sua direção.

Morrison chegou à sua frente, ajoelhou-se e disse:

— Senhor presidente, há um telefonema interurbano para o senhor.

— Washington?

— Não, Lampang.

— Quem é? Noy?

— É o ministro Marsop. Ele disse que é extremamente urgente. Underwood levantou-se imediatamente, preocupado.

— Onde posso atender?

Desculpando-se com os que o cercavam, ele seguiu Morrison para fora do salão até uma porta lateral, onde um funcionário chinês os esperava.

Os três se dirigiram apressadamente a uma saleta, vazia exceto por uma mesa e uma cadeira, com um telefone sobre a mesa. O fone estava fora do gancho.

Underwood pegou-o.

— Marsop?

— Sim, senhor presidente. Desculpe interromper, mas preciso lhe falar. Sobre Noy. Ela...

O aparelho ficou mudo.

Underwood demonstrou a sua irritação.

— Caiu a ligação.

O funcionário chinês pegou o aparelho, apertou um botão, comunicou-se com alguém, presumivelmente a telefonista, e

começou a falar em chinês.

Finalmente, desligou.

— Se quiser fazer o favor de esperar aqui, senhor presidente, a telefonista vai tentar entrar em contato com Lampang de novo.

— Puxa — disse Underwood para Morrison -, o que poderia ser? Bem, só nos resta esperar.

— Tenho certeza de que vai ser só um minuto — disse Morrison.

Passaram-se mais cinco minutos além de um minuto antes que o telefone tocasse de novo.

Underwood agarrou o fone.

— Marsop?

— Estou aqui de novo.

— Você estava começando a falar em Noy. — Underwood fez sinal para que Morrison e o funcionário chinês saíssem da sala e, quando a porta se fechou, agarrou o fone com força.

— Marsop, há alguma coisa errada?

— Há uma coisa errada, sim.

— Não estamos numa linha segura. Isso tem importância?

— Não posso entrar em detalhes. Mas falei com Noy. Ela não pôde falar livremente, exceto uma coisa. Tive receio de interromper, mas...

— Você agiu certo — disse Underwood. — Noy não pode falar comigo, no entanto você falou com ela. Não compreendo.

— O senhor compreenderá quando eu puder explicar.

— Quer que eu vá para Lampang?

— Se possível, antes de voltar para Washington. Estarei aqui no palácio esperando pelo senhor. Quando estiver aqui, explicarei tudo pessoalmente. É melhor.

Underwood sentiu um aperto no peito. Não estava gostando daquele telefonema.

Ficou muito ansioso.

— É alguma coisa que eu possa ajudar?

— Não sei, senhor presidente. De qualquer maneira, Noy parecia pensar que sim. Ela acha que o senhor pode ser útil.

— Então irei para aí imediatamente.

— Quando poderei esperá-lo, senhor?

— De hoje para amanhã — disse Underwood. — Eu ia sair da China hoje à noite. Ainda vou. Mas irei direto para Lampang, antes de seguir para Washington.

— Ficaríamos muito agradecidos — disse Marsop.

— Pelo jeito, é realmente urgente.

— É, sim.

Underwood resfolegou.

— Eu o verei pela manhã.

Ficou imóvel por uns instantes, tentando imaginar o que poderia estar acontecendo.

Estava desconfiado, mas não muito certo. Mas tinha certeza do que devia ser feito a seguir.

Levantou-se, saiu da sala e foi para o corredor do Grande Salão, onde Morrison andava de um lado para o outro, inquieto.

Morrison aproximou-se dele imediatamente.

— O que foi, Matt?

— Não sei exatamente. Mas tem alguma coisa errada por lá.

— Algo urgente?

— Marsop não deixou dúvidas a respeito. Precisam de mim ali o mais cedo possível.

— Quer dizer que vai com o Força Aérea Um para Lampang antes de ir para Washington?

Underwood segurou o braço do seu secretário de Estado e foi descendo o corredor com ele.

— Tenho de fazer isso — disse Underwood. — Não tenho escolha. É uma coisa que eu queria fazer, de qualquer forma.

Morrison demonstrou a sua consternação.

— É um passo drástico, Matt. Atrapalha um bocado de coisas. Esperam você em Washington.

— Também me esperam em Lampang. Para mim, é prioridade.

— Bem, você tem uma ideia do que está acontecendo, eu não. Portanto, será como você quiser.

— É o que eu quero, Ezra. Lampang em primeiro lugar. Escute, você supervisiona a nossa volta programada. Você e Blake tomam o avião da imprensa e decolam. Ajam como se nada tivesse acontecido. Eu tomo o Força Aérea Um logo depois, junto com o Serviço Secreto.

— Vai haver um bocado de perguntas — disse Morrison, taciturno. — Insiste nisso, Matt?

— Insisto — disse Underwood.

CAPÍTULO 11

Hy Hasken tomara um táxi de volta ao Hotel Grande Muralha, em Pequim, e na privacidade do seu quarto de solteiro fez uma ligação para Sam Whitlaw nos escritórios da Rede Nacional de Televisão, em Nova York.

Ainda sofrendo os efeitos da mudança de fuso horário devido ao voo interminável até a China, Hasken estava confuso quanto à diferença de horas entre Pequim e Nova York.

Quando um editor noturno avisou-o de que estava contando as horas para trás e que Sam Whitlaw estava em casa, Hasken consultou a sua agenda e encontrou o telefone de Sam em Manhattan.

Mais uma vez Hasken fez a sua ligação interurbana e, após um punhado de segundos, Whitlaw atendeu. Não parecia sonolento, então Hasken se lembrou de que o seu chefe raramente ficava sonolento. Estava acostumado a ser acordado a qualquer hora da madrugada, sempre alerta para algum furo de reportagem.

— Alô.

— Sam, é você? Aqui é Hy Hasken, de Pequim. São sete horas da noite de amanhã, onde estou. Está me ouvindo direito?

— Onde? — disse Whitlaw, menos alerta, momentaneamente confuso, e então Hasken confirmou que ele estava dormindo.

Hasken levantou a voz.

— Estou na China. Pequim, China.

— Ah, sei. Com a imprensa. Como foi o discurso dele?

— Excelente. Ele é bom nisso, você sabe.

— Então ele os impressionou — disse Whitlaw. — Até aí nada de novo. Por que está ligando para mim, com o preço das ligações?

— A imprensa — disse Hasken. — Ele está fazendo aquilo de novo.

— Aquilo de novo o quê?

— Mudando o seu itinerário sem contar para ninguém. Ele deveria sair de Pequim para Washington hoje à noite. Está mandando o avião da imprensa na frente e fingindo que já partiu para a Base Aérea de Andrews. Só que não partiu. Está fazendo um desvio. Vai para Lampang antes de seguir para Washington.

— Para Lampang? Numa programação que não anunciou? Hasken confirmou.

— Como fez da última vez. Lembra-se de quando ele foi para Lampang, para os funerais da irmã de Noy? Lembra-se de que ele se deu um dia a mais para visitar a cidade com Noy e foi nadar com ela? Lembra-se daquelas imagens sensacionais que conseguiu?

— Claro que me lembro. Foi um grande trabalho — disse Whitlaw.

— Só porque me recusei a tomar o avião da imprensa de volta aos Estados Unidos. Bem, vou fazer isso de novo. Vou seguir os passos do presidente. Terei que tomar um avião comercial para voltar, mas estou certo de que você concorda que o investimento vale a pena. Talvez custe um pouquinho mais, porém pode valer a pena.

Whitlaw ficou calado por um momento. Depois disse:

— Por que Underwood vai para Lampang fora da programação?

— Não sei, Sam. Mas estou desconfiado.

— Como você descobriu isso? — indagou Whitlaw.

— Eu vi Ezra Morrison entrar no Grande Salão. Conversou aos sussurros com o presidente. Depois os dois se retiraram. Eu saí do setor de imprensa e os segui. Na verdade, eu estava apenas interessado numa entrevista exclusiva sobre os resultados da viagem à China. Raciocinei que, se não pudesse pegar o presidente sozinho, encurralaria Morrison.

Os dois entraram numa sala, aparentemente para atender a um telefonema. Eu me escondi dentro de uma cabine telefônica, deixando a porta parcialmente aberta.

— Uma cabine telefônica na China?

— A chegada da democracia. Quando Underwood e Morrison saíram da sala, subiram juntos o corredor, conversando. Pude ouvi-los. Foi aí que ouvi que o presidente faria um desvio para Lampang, mandando o avião da imprensa na frente para Washington. Ouvi o presidente dizer a Morrison para acompanhar a imprensa e levar Blake junto com ele. Depois disso, Morrison comunicou que o presidente estava ocupado demais para dar uma entrevista coletiva e que ele próprio daria uma coletiva no avião da imprensa. Prometeu responder a todas as perguntas sobre a viagem do presidente à China. A imprensa aceitou o fato como rotineiro. Menos eu. Já sabia sobre Lampang e concluí que ali poderia haver uma história melhor.

— Então, você vai deixar a imprensa ir na frente, mas não vai com eles.

— Quero ir para Lampang.

— Sem noção do que está acontecendo.

— Sem uma noção real — disse Hasken. — Mas deve ter alguma coisa a ver com Noy. Tudo o que envolve o presidente nesta parte do mundo tem. E há algum tempo, você me disse para grudar no presidente, aonde quer que ele fosse, o que quer que fizesse.

— Eu disse isso? Acho que disse.

— Então, agora que ele está se dirigindo inesperadamente para Lampang, creio que eu deva estar lá para recepcioná-lo.

— Ele vai receber você?

— Vai depender do motivo por que ele vai para lá. Se não me receber, eu fico bem por perto.

— Se acha que pode...

— Você me conhece, Sam.

— Então por que está ligando para mim?

— Sem avião de imprensa — disse Hasken — tenho que fazer isso por minha conta, o que significa que a TNTN paga.

— Um voo comercial comum não deve custar muito.

— Só há um voo comercial, no final da noite. Eu chegaria a Visaka depois da chegada do presidente. Será mais difícil vê-lo.

— O que está sugerindo?

— Um voo fretado da China para Lampang. Se eu partisse logo, estaria lá para dar as boas-vindas a Underwood.

— Ei, isso pode custar um dinheirão.

— É verdade — admitiu Hasken. — Se der em alguma coisa, é uma pechincha. Se não der em nada, é dinheiro perdido. O que você acha?

— Não sei direito. Você sente que alguma coisa está acontecendo em Lampang?

— Sinto nas minhas entranhas — disse Hasken.

Fez-se silêncio do lado da linha de Whitlaw.

— Estou pensando.

— Como quiser, chefe.

Um silêncio mais longo. Finalmente, Whitlaw se manifestou:

— Tudo bem, uma palavra.

— Diga.

Whitlaw disse:

— Vá.

O presidente Underwood chegou a Visaka no Força Aérea Um à noitinha.

Tentara tirar um cochilo no voo de Pequim a Lampang, mas ficou acordado, num torvelinho de especulações. Marsop, um homem quieto, conservador, pedira que ele fosse para Visaka imediatamente, o que significava algum tipo de emergência. O fato de Marsop ter dado o telefonema, em vez de Noy, significava que ela não estava disponível — a não ser que estivesse doente — e que algo drástico estava ocorrendo.

Inteiramente desperto, Underwood tentou imaginar o que podia estar se passando.

Sem uma pista sequer, era impossível adivinhar. Ele simplesmente teria de ser paciente e esperar uma explicação de Marsop.

Noy estaria presente? Se ela não dera pessoalmente o telefonema, era improvável que estivesse disponível.

Se não estava disponível, onde se encontrava?

Assim que o Força Aérea Um pousou, o presidente ficou na expectativa de que Marsop estivesse à sua espera. Mas nem sinal de Marsop. Em vez disso, havia a postos uma limusine e dois Fords: a limusine para ele e os outros carros para os seis agentes do Serviço Secreto precederem-no e seguirem-no. Além disso, Underwood reparou, dois carros de guardas do exército, a força de segurança pessoal de Noy, flanquearam-no na viagem até a cidade.

Já que, a pedido de Underwood, não havia batedores nem sirenes, a viagem do aeroporto até Visaka foi mais lenta, e o grupo demorou três quartos de hora para chegar ao Hotel Oriental.

Quatro dos homens do Serviço Secreto subiram antes para examinar a suíte do presidente. Os outros dois agentes acompanharam Underwood enquanto este entrava no hotel.

Quando Underwood entrou no hotel, viu hóspedes enfileirados dos dois lados, mantidos à distância pelos guardas de segurança de Noy, para ver que tipo de celebridade estava chegando. Um homem se destacou do grupo de espectadores, numa tentativa de se acercar do presidente. Foi imediatamente agarrado por um guarda de segurança e bloqueado por um dos agentes do Serviço Secreto.

Assim que Underwood viu quem quisera interceptá-lo, surgiu no seu rosto uma expressão de desalento. Apesar disso, ele ordenou ao agente que se afastasse e permitiu que Hy Hasken se adiantasse.

— Que diabo está fazendo aqui? — disse o presidente, zangado. — Você devia estar no avião da imprensa a caminho de Washington.

Sem recuar ante o tom do presidente, ele se manteve firme.

— Morrison disse que eu podia obter uma entrevista com o senhor ou com ele sobre a viagem à China — revelou Hasken. — Já que Morrison está dando a entrevista aos outros correspondentes no avião da imprensa, achei que eu devia ficar e tentar obter uma entrevista exclusiva com o senhor.

— Nem pensar — disse Underwood, com fúria crescente. — Estou ocupado demais para isso.

— Senhor presidente, Lampang não estava na sua agenda.

— Não estava porque eu não pretendia vir para cá. Surgiu uma emergência.

— Negócios ou prazer?

— Certamente não é prazer — disse o presidente, com veemência. — É um assunto de Estado.

— Estou curioso para saber.

O presidente cruzara o saguão, com Hasken ao lado. Agora o presidente se deteve de chofre e se voltou para o jornalista.

— Hasken, quando é que basta para você? Da última vez que inventou uma dessas invadiu a minha privacidade, tentou me impedir de tirar um dia de folga. Conseguiu mostrar a presidenta Noy num close-up da pior maneira possível, vestindo um sarongue, o que nos fez parecer frívolos e levou a conclusões erradas. Agora está tentando invadir a minha privacidade de novo, e eu não vou deixar.

— Senhor presidente, o meu trabalho é cobrir a sua pessoa, aonde quer que vá. Estou meramente cumprindo a minha missão, como tenho certeza de que o senhor está. Espero que seja mais compreensivo.

— Só que não o quero perto de mim — explodiu o presidente. — Tenho mais coisas com que me preocupar que com uma ridícula entrevista. Fique longe de mim, e que eu não o veja enquanto estiver aqui. Obrigado. Um bom dia para você... e, deixe-me acrescentar, que bons ventos o levem!

Na sua suíte no Hotel Oriental, Underwood começou a desfazer suas malas, depois parou de fazê-lo. Não tinha ideia de quanto tempo ia demorar — uma hora, várias horas, um dia ou mais. A coisa a ser feita, e o mais rapidamente possível, era descobrir por que fora chamado e o que estava se passando.

Telefonou para o Palácio Chamadin, pediu para falar com o gabinete da presidenta, e Marsop atendeu.

— Que bom que está aqui disse Marsop. — Precisamos do senhor.

— O que está acontecendo? — Quis saber Underwood.

— Pode vir já para cá — pediu Marsop -, ou prefere que eu vá até o hotel?

— Vou já para aí — disse Underwood.

Meia hora mais tarde, no Palácio Chamadin, ele era levado ao gabinete de Noy. Ao entrar, ficou surpreso ao ver que Marsop não estava só. O filho de Noy, Den, estava com ele.

Underwood apertou a mão do garoto.

— Que prazer em vê-lo, Den.

— Prazer em vê-lo, senhor presidente.

Marsop se adiantou e segurou a mão de Underwood.

— Que bom que está aqui, senhor presidente.

— Vim o mais depressa que pude — respondeu Underwood.

— Nem posso lhe dizer quanto lhe agradecemos — disse Marsop. — Sente-se, por favor.

Underwood sentou-se e correu os olhos pelo gabinete. Viu que estava sozinho com Marsop e Den. A cadeira giratória à escrivaninha executiva encontrava-se vazia.

— Onde está Noy? — indagou Underwood.

Marsop disse, com dificuldade:

— Foi sequestrada.

Underwood ficou claramente chocado. Não sabia o que esperar, mas jamais imaginaria isso.

— Sequestrada? — repetiu com incredulidade. — Noy foi sequestrada? Por quê? Por quem?

Marsop ergueu a mão para indicar que não tinha uma resposta satisfatória.

— Não sabemos por quem. Podemos arriscar um palpite, mas não é uma certeza.

Quanto ao motivo, fica mais fácil. Os raptos de Noy permitiram que ela falasse ao telefone comigo. Ela me deu ordens para dizer à nação que não concorrerá à eleição.

— Mas é um absurdo! — explodiu Underwood. — Eu esperava que a oposição não ficasse satisfeita, mas não esperava que eles fossem tão longe assim!

— Eles falam sério — disse Marsop.

— O que aconteceu? Conte desde o começo.

Marsop apontou para Den no sofá.

— Começou com Den, no início da tarde de ontem.

Underwood se virou na cadeira.

— O que aconteceu, Den? Pode me contar?

A resposta do garoto foi negativa.

— Eu me confundo, talvez porque esteja com medo. É melhor Marsop contar.

Underwood voltou a atenção para Marsop.

— Pois bem, então conte-me.

Marsop assentiu.

— Muito bem. Noy leva o filho à escola quando pode. Ontem de manhã ela resolveu fazê-lo. Levou-o no Mercedes com Chalie guiando.

— Quem é Chalie?

— O chofer. Era o motorista da família antes de Den nascer, quando Prem ainda estava vivo.

— É de confiança?

— Inteiramente. Não tomou parte nisso, como o senhor vai ver. Bem, eles deixaram Den na escola e voltaram ao palácio. Chalie devia ir buscar Den na escola, como fazia diariamente às duas da tarde. Chalie trouxe Noy de volta ao palácio e foi estacionar na garagem subterrânea. Alguém estava escondido ali e lhe acertou uma pancada na cabeça que o deixou inconsciente. Nós o encontramos mais tarde. Está vivo, mas com o crânio fraturado.

-Então um outro motorista o substituiu no Mercedes.

-Sim e não. Outro motorista, mas num Mercedes que era réplica daquele que estava na garagem. Esse carro estava esperando Den quando ele saiu da escola. O garoto cruzou o pátio com seus três coleguinhas prediletos e entrou no carro, como sempre fazia. Só

depois que se afastaram foi que ele percebeu que estava com outro motorista e que havia algo errado.

Underwood olhou para o menino.

-Quer dizer que você foi raptado primeiro. Tem alguma ideia de para onde o levaram, de onde esteve?

Den fez uma careta.

-Não, só que o motorista dobrou para um lado diferente.

-Um lado diferente?

-A gente sempre dobrava à esquerda para vir ao palácio. Esse motorista dobrou à direita.

-Então o que foi que você viu?

Marsop interrompeu:

-Den não pôde ver nada, senhor presidente. Aparentemente havia um homem escondido no chão, na parte de trás do carro. Ele se levantou, passou para o banco da frente e colocou uma venda nos olhos de Den.

— Quer dizer que ele não podia ver para onde estava sendo levado? — disse Underwood.

— Só que levou cerca de vinte minutos. É difícil saber exatamente.

— Então, talvez vinte minutos — disse Underwood para o menino.

— Eu não poderia afirmar — replicou Den. — Pareceu mais tempo.

Underwood compreendeu.

— Pareceria, uma vez que os seus olhos estavam cobertos.

Marsop passou a explicar que a venda do garoto fora retirada assim

que o conduziram ao que parecia ser um aposento no segundo andar. O aposento se assemelhava a uma sala de visitas escassamente mobiliada e lá estavam quatro homens com fardas do exército.

Underwood escutava, procurando alguma pista. Não havia nenhuma. Os sequestradores não eram amadores.

— E então eles ligaram para mamãe — disse Den. — Disseram-me que eu podia ver a minha mãe de novo se ela fizesse o que eles mandassem.

Você pede ouvir o que eles mandaram?

— Ela não estava. Eles falaram com Marsop. Ouvi um pouquinho. Era para ela ir sozinha a um lugar para ser trocada por mim.

Underwood mordiscou o lábio inferior.

— Marsop achou que eles estavam mentindo e que não estavam com você?

— Acho que sim, porque um deles, com uma voz profunda, disse que Marsop queria me ouvir, me ouvir falar. Eles me levaram até o telefone. Disseram que eu podia dizer "Marsop, estou aqui". Disseram-me que se eu falasse mais alguma coisa eles me matariam. Fiquei com medo. Fiz o que mandaram.

— E Marsop ficou sabendo que você estava com eles?

— Ficou, sim.

Underwood voltou-se para Marsop.

— Conte-me como ocorreu a troca.

Marsop descreveu como Noy conseguiu sair do palácio com as roupas da cozinheira, sozinha e sem ser notada. Explicou como ela

chegou à esquina marcada, presenciou a libertação de Den, mas antes que pudesse segui-lo, foi agarrada e levada por dois homens.

— Depois foi forçada a ligar para mim.

— Ela foi clara no que disse?

— Foi exata. Obviamente fora ensaiada de antemão.

— Ela parecia assustada?

Marsop exibiu a sombra de um sorriso.

— O senhor a conhece. Não se assusta facilmente. Noy parecia muito calma.

— Repita mais uma vez as condições para a sua libertação.

— Ela não concorrerá à eleição contra Nakorn. Eu devo anunciar isso numa cadeia de televisão amanhã à noite. Devo dizer que ela está muito doente, doente demais para concorrer. Devo dizer que a eleição, a pedido dela, será realizada dentro de uma semana.

— E depois disso?

Depois que Nakorn for eleito, Noy será libertada.

Agitado, Underwood levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Você acredita nisso, Marsop?

— Por que não?

— Você pode estar sendo ingênuo. — Underwood lançou um rápido olhar a Den e voltou os olhos para Marsop, falando em voz baixa: — Eles talvez prefiram não soltá-la.

Marsop nem sequer pensara nessa possibilidade.

— Não soltá-la?

Underwood baixou a cabeça, assentindo.

— Isso mesmo. Ela poderia ser um embaraço para seus raptos. Falar a verdade. Contar como foi coagida.

— Alguém pensaria que esse sequestro poderia ter sido possível?

— O suficiente para encenar Nakorn, criar-lhe uma oposição de verdade.

Marsop ficou desalentado.

— Mas o que fariam com ela?

Underwood olhou para Den, que começara a choramingar, e disse:

— Você sabe.

— Eles fariam uma coisa dessas? Mesmo que cumpríssemos as suas condições?

— É uma parada e tanto, Marsop. Diga: quando Noy falou com você, como soube que ela me queria aqui?

— Ela não o mencionou pelo nome, é claro.

— Claro que não. Não poderia.

— Ela sugeriu que eu mandasse buscar alguém de fora para visitar o palácio e confirmar que estava doente.

— Tem certeza de que ela se referia a mim? — indagou Underwood.

— A quem mais de fora poderia se referir... especialmente porque o senhor estava relativamente próximo na China?

Underwood ficou imóvel, ligeiramente intrigado.

— O que ela imaginou que eu poderia fazer?

Marsop ergueu as mãos espalmadas.

— Não tenho a mínima ideia. Talvez a sua importância e chegada aqui dessem aos seus raptores um tempo para pensar no que estavam fazendo.

Underwood duvidava disso.

— Ninguém sabe que estou aqui.

— Amanhã a sua imprensa publicará a notícia. Não por que está aqui, mas que está aqui. Além disso, os espiões... nosso exército tem um monte de espiões... já estarão sabendo de sua chegada a Lampang e hospedagem no hotel. Logo a notícia se espalhará por toda parte.

— Você acha que a minha presença em Visaka poderia influenciar os raptores de Noy?

— Pessoalmente, acho que não — admitiu Marsop. — Todavia, o senhor tem um relacionamento com Noy. Ela o considera esperto. Deve estar imaginando que o senhor começará a procurar pessoas que poderão ter alguma ideia de quem a está mantendo cativa e de como poderá ser salva.

— Procurar pessoas — refletiu Underwood. Subitamente, sentou-se muito ereto e estalou os dedos. — Pode haver alguém.

— Alguém?

— Percy Siebert.

— O chefe da CIA na embaixada dos Estados Unidos?

— É, Siebert. Ele conhece Noy. Estava comigo quando eu o trouxe até Noy para falar da morte do seu marido.

— É claro.

— Além do mais, ele tem inúmeros outros contatos em Visaka. Ele pode ser a direção que devemos tomar. Pode me dar uma pista

de onde começar.

— O senhor vai procurar Siebert?

— O mais cedo possível. — Underwood se dirigiu à cadeira giratória de Noy e puxou para mais perto um telefone negro. Discou para a embaixada dos Estados Unidos em Visaka.

Uma telefonista atendeu.

— Percy Siebert, por favor — disse Underwood.

— Quem deseja falar?

— O presidente dos Estados Unidos.

A voz da telefonista demonstrou dúvidas.

— O presidente?

— Você me ouviu — retrucou Underwood bruscamente. — Preciso falar imediatamente com Siebert.

— Ele não está na cidade, senhor. Não sei quais são os seus compromissos. Não sei onde pode ser encontrado. Ele estará de volta à embaixada pela manhã. Posso dar-lhe um recado, senhor.

— Dê a ele este recado — disse Underwood. — Diga a Siebert que o presidente dos Estados Unidos telefonou e que quer vê-lo no Hotel Oriental amanhã bem cedinho.

— A seguir, enfaticamente, Underwood acrescentou: — Diga a ele que é prioridade um. Preciso vê-lo o mais breve possível.

Na manhã seguinte, bem cedo, Matt Underwood engolia um rápido desjejum enquanto esperava a chegada de Percy Siebert.

Uma batida à porta, e entraram o diretor do Serviço Secreto e dois de seus agentes, em vez de Siebert.

— O seu visitante está aí fora — disse Lucas.

— Mande-o entrar — retrucou Underwood.

— Tudo bem, mas eu gostaria de deixar dois de meus agentes no quarto contíguo.

A resposta do presidente foi enfática:

— Estou prestes a ter uma conversa particular com o chefe do posto da CIA em Visaka. Prefiro não ter ninguém por perto para ouvir. No corredor, lá fora, está bom.

— Bem, eu preferiria... — começou Lucas.

— Eu preferiria que não houvesse ninguém por perto — interrompeu-o Underwood. — Trata-se da CIA, e não quero que nenhuma palavra seja ouvida. Só quero saber se você varreu esta sala e os demais quartos e os deixou limpos.

— Estão limpos, senhor presidente. Não há escutas. Pode falar livremente.

— Ótimo. Você e seus agentes se posicionem do lado de fora. Depois disso, pode mandar Percy Siebert entrar.

Enquanto Lucas e os agentes se retiravam, Underwood tentou organizar o que diria para Siebert quando o homem da CIA chegasse.

Dali a um minuto, Siebert estava na sala de estar.

O presidente empurrou para o lado a bandeja com o café da manhã, levantou-se e estendeu a mão para o homem da CIA.

— Que bom vê-lo por aqui de novo, senhor presidente — disse Siebert. — A sua chegada me pegou de surpresa. O seu recado indica que há alguma urgência neste nosso encontro.

— E há. Sente-se naquela cadeira.

Siebert sentou-se, alerta e curioso, e Underwood puxou uma cadeira à sua frente.

— Diz respeito à presidenta Noy, mais uma vez — disse Underwood. — Da última vez que falei a respeito dela com você, era um assunto pessoal. Desta vez é mais sério.

— O que é?

— Sabe que a presidenta Noy está desaparecida?

— Desaparecida? Infelizmente não estou entendendo.

Underwood examinou a fisionomia de Siebert para tentar detectar qualquer contradição no que ouvia e o que já sabia. Concluiu que Siebert estava genuinamente confuso.

— Noy foi sequestrada — disse Underwood, sem rodeios.

Os olhos de Siebert saltaram das órbitas.

— Não posso acreditar.

— É melhor acreditar porque é verdade. — Continuou estudando o homem da CIA. — Eu estava certo de que você saberia algo sobre o assunto.

Siebert ainda estava atônito.

— Estou ouvindo isso pela primeira vez.

— Pensei que a CIA pusesse o dedo em tudo.

— Antes fosse verdade. Não é. Isso é uma falácia de ficção.

Tentamos saber um bocado e sabemos um bocado, mas somos apenas tão bons quanto nossas fontes. Ninguém sequer insinuou um sequestro. O que aconteceu com madame Noy?

Vivamente, Underwood começou a contar o que sabia. Começou com o telefonema de Marsop para Pequim.

— Ela me queria aqui, então vim imediatamente.

A seguir, Underwood narrou o que ficara sabendo tanto por Marsop quanto por Den Sang. Voltou atrás rapidamente para contar

como ocorrera o sequestro. Falou do rapto de Den, da troca por Noy e do telefonema de Noy para Marsop, ordenando-lhe que a retirasse da eleição para garantir a sua libertação, sã e salva.

Siebert escutou tudo e pronunciou uma palavra.

— Incrível.

— É incrível, sequestrar a governante de um país em plena luz do dia — concordou Underwood. — Agora que você já ouviu tudo, estou esperando que possa me lançar alguma luz sobre o caso.

Siebert fez um gesto de rendição.

— Estou tão no escuro quanto o senhor.

— Pense no passado. Nem mesmo uma insinuação de alguém, a qualquer hora, de que isso pudesse vir a acontecer?

— Juro, senhor presidente. Não tenho a menor ideia.

Underwood refletiu no que Siebert estava dizendo.

— Então, pode ter ideia de outra coisa. Quem poderia tê-lo feito e com que motivo?

Siebert respondeu instantaneamente:

— Acho que é bastante óbvio.

— Também acho que é, mas gostaria de ouvi-lo da sua boca.

— Pois bem. Noy muda de ideia e comunica à nação que vai concorrer à eleição contra o general Nakorn, e imediatamente.

— Segundo as suas informações, ele venceria uma eleição dessas? Você estava presente quando ela demonstrou a sua confiança na vitória.

— As pesquisas mostram-na dando um banho, os meus melhores contatos também. O povo gosta dela. Claro que Nakorn tem o seu eleitorado, mas não igual ao de Noy.

Underwood ficou satisfeito.

— Muito bem. Vamos voltar ao que você começara a dizer. Noy anuncia que vai se candidatar e imediatamente... imediatamente o quê?

— É sequestrada. O resgate é puxado. Ela tem que se retirar da eleição.

— E quem lucra com isso?

— O general Samak Nakorn. Teria o campo todo para si. Sem adversários, ele seria o novo presidente. Grande parte do povo de Lampang, a maioria, ficaria descontente. Mas as pessoas do seu governo, com exceção do senhor... quero dizer, Ramage e Morrison ficariam satisfeitíssimos. Poderiam ter um aliado para massacrar os comunistas e manter-se fiel aos Estados Unidos.

Underwood piscou os olhos ante as últimas frases.

— Não está sugerindo que o diretor Ramage ou o secretário de Estado Morrison planejaram esse sequestro?

— Santo Deus, não! Ramage e Morrison são capazes de muitas coisas, mas não de um ato desses, especialmente quando sabem como o senhor se sentiria a respeito.

— Então você está dizendo que o verdadeiro ganhador nessa história, a única pessoa a instigar o sequestro e exigir a retirada de Noy da eleição é o chefe do estado-maior do exército de Lampang.

— O general Nakorn. Ele seria o ganhador nessa história.

— Está acusando Nakorn de fazer isso?

— Não estou acusando ninguém, senhor presidente. Estou meramente sugerindo quem tem a ganhar com isso. Talvez Nakorn não o tenha feito. Talvez um de seus ajudantes-de-ordens super-

zelosos tenha decidido fazer-lhe um favor. É uma possibilidade. Porém, o mais provável é que tenha sido o próprio Nakorn. Ele é um filho da puta implacável, capaz de qualquer ato de violência.

— Então, se eu quiser chegar ao fundo e salvar Noy, todos os caminhos levam a Nakorn.

— Não tem outro lugar para ir. Todos os outros caminhos levam a um beco sem saída. É Nakorn ou nada.

Underwood sopesou a possibilidade. Não estava gostando dela.

— Acha que um encontro com Nakorn daria alguma esperança?

— Como presidente dos Estados Unidos, dê-lhe o sinal verde para eliminar os comunistas pelo seu bem, e dê-lhe as armas adicionais para fazê-lo, e ele pode ser cooperativo o bastante para investigar esse sequestro. Mas não é uma certeza. Ele ainda quer ser presidente.

— E eu quero conservar a presidenta que foi sequestrada.

Difícil.

— Acho que não há outra coisa a fazer, a não ser me encontrar com o general Nakorn.

— O senhor pode ter sorte — comentou Siebert secamente. — Mas não conte com isso.

O presidente Underwood estava no gabinete de Noy no Palácio Chamadin, sentado rigidamente na cadeira de couro giratória de Noy, à sua escrivaninha, esperando o seu visitante.

Um pouco antes, Underwood dera o seu passo seguinte. Ligara para Marsop no Palácio Chamadin e falara com ele.

— Quero ver o general Nakorn — dissera Underwood. — No gabinete de Noy no palácio, em uma hora. Acha que pode conseguir

isso?

— Posso tentar, senhor presidente.

— Acho que Nakorn virá. Estarei esperando por ele.

— Hã, senhor presidente.

— Sim?

— Se Noy ligar de novo para saber como estamos progredindo, o que devo lhe dizer?

— Tente dizer-lhe que cheguei da China e estou fazendo o que posso. Melhor ainda, para contentar os que a estão mantendo prisioneira, diga-lhe que vai cumprir a exigência do resgate. Diga-lhe que vai se dirigir à nação amanhã à noite e retirar o nome dela da eleição... mediante uma condição: que, não mais de meia hora depois do seu pronunciamento, os seus raptos a libertem, sã e salva, na mesma esquina em que foi sequestrada.

Marsop permanecera calado.

— Eles podem prometer qualquer coisa.

— Vale a pena tentar.

— Senhor presidente, ainda pretende que eu faça aquele pronunciamento à nação pela televisão?

— Prepare-se para ele, planeje-o. Cá entre nós, ainda estou longe de descobrir quem a sequestrou. Mas continuarei tentando.

— Por favor.

— Então o próximo passo é o general Nakorn. Faça com que ele venha falar comigo.

— Farei — prometeu Marsop.

Agora, o presidente Underwood estava sentado no lugar de Noy, esperando o seu visitante.

Mais de uma hora se passara desde que Underwood sugerira o encontro, e ele começava a ficar apreensivo.

Naquele instante, o telefone interno tocou. Underwood agarrou o fone.

— Sim?

— O seu visitante está aqui, senhor — anunciou a secretária de Noy.

Aliviado, Underwood disse:

— Mande-o entrar.

Ergueu-se quando a porta lateral da ante-sala se abriu e o general Samak Nakorn entrou, em uniforme de gala.

O presidente havia se esquecido de que, conquanto Nakorn fosse muito mais baixo do que ele, era muito mais largo. Era um homem atarracado, imaculadamente fardado, com o peito cheio de barretes, que segurava o seu quepe bordado.

Nakorn cruzou a sala com rapidez, apertou a mão estendida de Underwood e, atendendo ao gesto deste, sentou-se ao lado da escrivaninha.

Underwood retornou à cadeira de Noy, desconcertado por Nakorn não ter atribuído nenhum significado ao lugar em que o presidente resolvera se sentar

— Não está surpreso por me encontrar aqui? — indagou Underwood.

— Não — replicou Nakorn calmamente. Um sorriso lhe perpassou pelo rosto. Temos um serviço de informações muito bom em Lampang. Mesmo que não fosse tão bom, é impossível ignorar o Força Aérea Um.

— Não está curioso em saber por que estou aqui? — perguntou Underwood.

— Estou muito curioso — disse Nakorn. — Não tenho a mínima ideia. — Seu olhar percorreu o gabinete. — Eu estava esperando que a presidenta Noy Sang estivesse com o senhor.

— Se o seu serviço de informações é tão bom, o senhor deve saber que ela está desaparecida.

Nakorn estivera fleumático, mas pareceu momentaneamente desconcertado.

— Desaparecida? O que quer dizer com isso?

— Sequestrada — disse Underwood, serenamente. — Ela foi raptada.

— Não posso acreditar. Quem teria a coragem...

— É por isso que quis vê-lo. Para descobrir se o senhor pode me dizer quem teria a coragem de fazer isso.

— Eu? — exclamou Nakorn. — Não sei nada sobre nenhum sequestro. Por que deveria saber?

Underwood estava inflexível.

— Porque o senhor é quem mais tem a ganhar com ele.

— De que forma?

— O senhor comunicou que vai concorrer à eleição. A seguir ela comunicou que concorrerá contra o senhor. Se ela não puder concorrer, o senhor será eleito.

Pela primeira vez Nakorn demonstrou alguma vivacidade.

— Está insinuando que mandei sequestrá-la?

— Estou dizendo que poderia lucrar com isso.

Nakorn fechou a cara.

— Por mais que respeite o cargo que ocupa, senhor presidente, acho que mereço um pedido de desculpas. O senhor me faz uma grave injustiça, me insulta.

— Pedirei desculpas quando estiver convencido de que o senhor não está envolvido. No momento, não tenho tanta certeza. Os sequestradores mandaram avisar que manterão cativa a presidenta Noy até que ela se retire publicamente da disputa presidencial.

— Isso é novidade para mim. Espero ansiosamente a campanha eleitoral contra ela. Não quero que se retire.

A irritação de Underwood aumentara. Levantou-se da cadeira giratória.

— Então a encontre — disse com aspereza para Nakorn.

O general não se alterou.

— Tem alguma pista do seu paradeiro?

Underwood pensou em informar a Nakorn como tudo ocorrera, mas achou melhor não fazê-lo.

Se Nakorn estava envolvido, não seria interessante deixá-lo ouvir o que já era conhecido.

— Não tenho pistas — disse Underwood. — Sem dúvida, com os seus vastos recursos militares, o senhor poderia achar um meio de localizá-la.

Nakorn ficou de pé.

— Em sequestros há meios limitados de busca. Para começar, temos que nos dirigir aos inimigos da vítima. Neste caso, através de nossos computadores, posso descobrir uma lista de pessoas que a ameaçaram em cartas e discursos. Também posso interrogar membros dos partidos de oposição, que teriam muito a ganhar com

a sua retirada. Até descobrir uma pista útil, é o máximo que posso fazer. Mas vou tentar.

— Pode tentar mais uma coisa — disse Underwood.

— E qual seria?

— Interrogue minuciosamente seus ajudantes-de-ordens e assessores, aqueles que gostariam que o senhor fosse eleito, acima de qualquer outra pessoa.

— Eu não poderia fazer isso. Todos, sem exceção, são leais a mim... e à sua presidenta, Noy.

— General Nakorn, falo ao senhor como comandante-em-chefe dos Estados Unidos e como aliado de Lampang. A não ser que eu saiba que o senhor está fazendo tudo ao seu alcance para salvar madame Noy, receio que nosso futuro relacionamento seja gravemente prejudicado. Está compreendendo?

— Estou compreendendo. Só posso fazer o que é possível. Não tenho certeza de que salvar a presidenta Noy seja de todo possível, antes que ela retire a sua candidatura.

— O senhor fará o que puder — disse Underwood, gelidamente.
— E farei o mesmo, pode ter certeza. — Fez uma pausa.

— O senhor sabe onde me encontrar se de repente descobrir que o impossível... é possível. Bom dia.

Voltando ao Hotel Oriental, Matt Underwood sentia-se enrascado. Estivera com Siebert e não tivera sorte. Encontrara-se com o general Nakorn e este não cedera.

Perguntou-se a quem poderia se dirigir a seguir. Pensou em voltar ao Palácio Chamadin depois de um breve descanso e interrogar Marsop meticulosamente. Eles poderiam fazer juntos uma

lista — a lista à qual se referira o general Nakorn — dos inimigos de Noy e sua oposição.

Discutiria os nomes e possivelmente tentaria se encontrar com vários deles.

No hotel, mais uma vez acompanhado pelo Serviço Secreto, Underwood tomou o elevador até a sua suíte de cobertura.

Descendo o corredor em direção à suíte, podia ver o diretor Frank Lucas postado no poço da escada que levava à sua porta e alguém, de costas, falando com ele ou interrogando-o.

Ao se aproximar, Underwood pôde identificar o segundo homem. Era Hy Hasken, o correspondente da televisão.

Lucas se adiantara e destrancara a porta do presidente e a abriu, e quando o presidente se dispunha a entrar, Hasken tentou segui-lo. Lucas barrou-lhe o caminho.

— Pensei que podíamos conversar — disse Hasken, apesar do diretor do Serviço Secreto.

— Acho que não — replicou Underwood. — Estou muito ocupado para falar sobre a China.

— Não é sobre a China — disse Hasken.

— Não? Então é sobre o quê?

— Lampang — disse Hasken calmamente.

— O que é que tem Lampang?

— É uma coisa que descobri. — Hasken lançou um olhar a Lucas e aos outros homens do Serviço Secreto. — O senhor quer discutir o assunto aqui no corredor... ou prefere discuti-lo comigo em particular?

Underwood fitou o repórter rapidamente, com um desgosto indisfarçável.

Dirigiu-se a Lucas:

— Deixe-o entrar por um minuto, Frank. Quero ver o que ele quer.

Lucas abriu passagem para Hasken e o fez passar pelo detector de metais.

Hasken foi atrás do presidente, fechando a porta às suas costas.

Os dois ficaram parados no meio da sala de visitas.

— O que é? — indagou Underwood.

— Isso pode levar algum tempo — disse Hasken. — Posso me sentar?

— Sente-se — disse Underwood, brusco.

Hasken se acomodou num canto do sofá e Underwood sentou-se, irritado, na poltrona ao lado.

— Vou lhe dizer por que queria falar com o senhor — começou Hasken.

— Mal posso esperar.

— O senhor não está aqui por causa de negócios de Estado — continuou Hasken. — Tenho um bom palpite de que é algo pessoal.

— É para me dizer isso que está tomando o meu tempo? perguntou Underwood, consideravelmente aborrecido.

— Ainda há mais.

— Há? Pois então me conte.

Hasken inspirou fundo.

— O que tenho a lhe dizer diz respeito a madame Noy Sang.

— Sim?

— Madame Noy não está disponível ou está desaparecida. Eu aposto na última hipótese.

— Você está jogando verde — disse Underwood. — Onde ouviu essa besteira?

Hasken olhava fixamente para Underwood.

— Não é besteira, senhor presidente. Creio que é verdade. Não posso provar, ainda não, mas tenho certeza de que é verdade. Noy está desaparecida, e meu palpite é que o senhor está aqui para descobrir o que está se passando.

Underwood enfrentou o olhar do repórter.

— Repito: onde ouviu isso?

— Rondando o Palácio Chamadin. Prestando atenção. Fazendo perguntas e ouvindo as respostas. Verificando a rotina habitual de madame Noy durante dois dias. Constatando que uma pessoa tão visível repentinamente deixa de ser visível. Acho que seria bom o senhor confirmar e me contar o que está havendo.

Underwood mexeu-se na poltrona, inquieto.

— Não há coisa alguma para contar. Você está jogando verde e não vai colher maduro.

— Não vai me ajudar?

— Mesmo que pudesse, não ajudaria. — Fez uma pausa. — Não a você.

— Está cometendo um erro, senhor presidente.

— Não estou, mas se estivesse, não seria o meu primeiro. Você está só tentando me arrancar alguma coisa, Hasken, mas não há nada para lhe contar.

— Mais uma chance, senhor presidente.

— Adeus, senhor Hasken — disse Underwood com firmeza.

Dando de ombros exageradamente, Hasken levantou-se. Ficou parado ao lado de Underwood.

— Vou lhe dizer uma coisa, senhor presidente. Vou descobrir por que está aqui. Vou descobrir por que está em Lampang quando devia estar a caminho de Washington. Quando descobrir, não lhe deverei agradecimentos. Vou sair por aí por minha conta para encontrar madame Noy. Só vou lhe lembrar uma coisa, senhor presidente. Sou o melhor repórter de investigação no ramo. Dos três mil jornalistas que cobrem Washington, não há nenhum melhor, nenhum que possa fazer o que eu faço. Vou descobrir a verdade sobre Noy com ou sem o senhor.

A certeza de Hasken abalou Underwood. Ficou observando o repórter se dirigir para a porta, e uma frase que Hasken pronunciara ficou marcada em sua mente: "Sou o melhor repórter de investigação no ramo".

Underwood estivera tentando bancar o repórter de investigação, mas sem êxito.

Não tinha esse tipo de imaginação ou malícia. Não tinha e estava no fim da linha. Na hora do desespero.

Sabia que tinha de se apegar a Hasken. Estava na hora de deixar de lado as diferenças, arranjar um aliado que possuísse o armamento para lhe dar esperança.

Com a mão na maçaneta, Hasken estava prestes a se retirar quando Underwood chamou:

— Senhor Hasken!

A mão de Hasken soltou a maçaneta e ele se virou.

— Sim, senhor presidente?

— Volte aqui. Quero lhe falar, afinal de contas.

Sem mais uma palavra, Hasken voltou para o sofá e sentou-se cuidadosamente nele.

— Vou ser bem franco quanto ao nosso relacionamento — começou o presidente. Jamais gostei especialmente de você. Sempre o achei muito xereta. Mas é exatamente esta sua qualidade que está me atraindo agora. Estou disposto a esquecer o passado e começar uma espécie de relacionamento de trabalho com você, pressupondo que se possa confiar em você.

Hasken assentiu, gravemente.

— Se precisa confiar em mim para continuar comigo, se é isso que está se interpondo entre nós, asseguro-lhe que pode confiar inteiramente em mim.

— Aceito a sua palavra — disse Underwood. — O que chamou a minha atenção e me fez mudar de ideia, chamando-o novamente, foi o comentário que fez de que é o melhor repórter de investigação no ramo. Você não tem dúvidas a esse respeito, tem?

— Absolutamente nenhuma. Tenho a habilidade e a paciência. Se há algo para ser descoberto, todas as probabilidades são de que eu descubra. Se não sempre, pelo menos noventa por cento das vezes. Portanto, o senhor pode ter fé.

— Vou contar com você para uma coisa extremamente importante.

— Pode contar.

O presidente assentiu.

— Não sou um repórter de investigação, e você é. Vou discutir o problema com você, minuciosa e completamente, se tiver a sua promessa, mais uma vez, de que não usará o que vou lhe dizer no seu trabalho. Vai se sentir tentado, mas preciso da sua promessa de não torná-lo público até que o problema seja resolvido. Pode me prometer o mais absoluto sigilo?

— Prometo — disse Hasken, com sinceridade.

— É melhor eu apresentar o problema como um caso hipotético e ver se pode dar alguma sugestão de como enfrentá-lo.

— Pode falar, senhor presidente.

Underwood achou difícil dar início ao relato, mas por fim começou:

— Há uma mulher da localidade que tem um filho. Ela deixa o filho na escola. Não vai buscá-lo. Manda o carro e o motorista apanhá-lo. Mas antes de poder fazê-lo, o motorista é golpeado, substituem-no por outro e utilizam um carro semelhante para ir buscar o menino. Ele é raptado, usam-no como refém, e a mãe recebe ordens de ir sozinha a uma certa esquina para pegá-lo. Ela assim o faz e é sequestrada. Pedem resgate por ela. Eu detestaria ver esse resgate pago.

Hasken sacudiu a cabeça.

— O senhor não está abrindo o jogo comigo, senhor presidente.

— Como assim?

— Não quero um caso hipotético. Quero o caso real. Quero ouvir os fatos. Está evidente para mim que a mãe é madame Noy Sang e o filho é Den Sang.

Underwood soltou um suspiro.

— Achei difícil tocar nos nomes deles... até mesmo com você.

— Precisa ser completamente franco — disse Hasken. — Caso contrário, não posso ajudá-lo.

Underwood se rendeu.

— Está bem. Noy e Den. Como você parece estar sabendo, Noy está desaparecida. Foi sequestrada. O resgate pedido é que ela retire a sua candidatura eleição.

Hasken soltou uma exclamação abafada.

— Tem alguma pista, senhor presidente?

— Nenhuma pista. Suspeitas, mas nenhuma pista concreta.

— Suspeitas podem se tornar pistas.

— Como podemos encontrar Noy?

— Bem, agora que eu sei que é Noy, e que o filho dela esteve envolvido.

— E o ministro Marsop também. Ele se envolveu quando atendeu o telefonema do filho de Noy.

Hasken pareceu tranquilizar-se.

— Tudo bem, parece que estamos chegando a algum lugar. Talvez eu possa ajudá-lo. Mas tenho de ouvir a história toda, cada detalhe, até o menor fato, aparentemente sem importância. Terei que interrogar o menino e Marsop. Mas primeiro o senhor. Pode começar a falar... senhor.

CAPÍTULO 12

De sua suíte no Hotel Oriental, o presidente Underwood telefonou para o ministro Marsop, no Palácio Chamadin.

— Marsop? Aqui é o presidente Underwood, do hotel. Estou com alguém que acha que pode nos ajudar.

— A encontrar madame Noy?

— Sim, a encontrar Noy.

— Ele é detetive?

— Não, não exatamente. O nome dele é Hy Hasken: é um correspondente da televisão na Casa Branca, em Washington.

— Ele não vai deixar esse assunto se tornar público? — perguntou Marsop, ansiosamente.

— O senhor Hasken jurou segredo. Ele é o que chamamos um repórter de investigação.

— Conheço a expressão.

— Muito embora ele não seja realmente um detetive, trabalha como se fosse um, talvez até melhor — disse Underwood. — Ele quer entrevistar você e Den sobre tudo o que aconteceu. Den está aí?

— Sim, achei melhor não levá-lo à escola até que tudo esteja resolvido. Den está no quarto, assistindo à televisão.

— Vamos precisar dele e de você. O senhor Hasken quer rever a história toda com vocês dois, pessoalmente. E provável que aborde aspectos que não me ocorreram.

— Faremos o melhor que pudermos.

— Ótimo. Hasken e eu estamos a caminho.

Dali a trinta e cinco minutos, os quatro estavam reunidos no gabinete de Noy, no Palácio Chamadin.

Den e Marsop sentavam-se eretos e alertas no sofá, de frente para Hasken, que retirara do bolso do paletó um caderninho e uma caneta. Underwood sentava-se atrás do repórter. Queria ser discreto e deixar que Hasken ocupasse o centro do palco.

Hasken se dirigiu ao menino.

— Vou lhe fazer muitas perguntas, Den. Não importa que possam parecer tolas e sem importância, quero que responda a todas da melhor maneira possível. Você pode fazer isso?

— Vou tentar — disse Den.

— Vamos começar com você na escola e ir até o momento em que foi libertado pelos sequestradores. Está bem?

— Está.

— Então você saiu da escola... Quem saiu e o que aconteceu?

Escutando Den, Underwood ouviu a história toda de novo, e não podia imaginar como Hasken podia encontrar mais pistas no que ouvia que no que Underwood ouvira.

De repente, porém, Hasken estava perguntando a Den algo que Underwood não perguntara por não ter visto sentido nisso.

— Os seus três coleguinhas — disse Hasken. — Quer me falar deles?

— Falar o quê?

— Diga o nome deles, vamos começar por aí.

— Toru é meu melhor amigo. Os outros são Sorik e Sassi.

— Quais as origens deles?

Den ficou confuso.

— O que quer dizer com "origens"?

Percebendo imediatamente que meninos daquela idade não tinham noção do que a palavra representava, Hasken reformulou a pergunta.

— Den, você sabe o que os pais deles fazem?

O garoto ficou pensando.

— O pai de Toru tem uma fábrica.

— De quê?

— Ah, não sei. Sei, sim. Ele faz pratos de cerâmica. O pai de Sorik faz... publica uma revista sobre Visaka. O pai de Sassi é advogado.

— Os seus amigos costumam falar nos interesses dos pais?

— Nos interesses?

— Nos passatempos que os pais têm.

— O pai de Toru coleciona carros estrangeiros. O pai de Sorik escreve histórias e deixa Sorik ajudar. O pai de Sassi guarda um bocado de dinheiro.

Hasken achou graça.

— Um bom passatempo. Vamos voltar um pouco atrás. Você está no Mercedes e seus olhos estão cobertos.

Den continuou daí, relatando tudo o que já contara antes.

— Tem certeza de que foram dois lances até o apartamento onde você ficou preso?

— Dois lances de subida.

— Quantas pessoas no apartamento?

— Quatro homens.

— Pode descrevê-los, dizer como eram? Altos, baixos, gordos, magricelas, bigodes, cicatrizes, qualquer coisa?

Den se atrapalhou tentando descrever os homens. Para ele eram apenas quatro soldados que se pareciam.

— A sala em que você ficou — insistiu Hasken — estava vazia?

— Tinha lugares para se sentar.

— Descreva-os, se você puder.

Den não pôde fazê-lo muito bem. Lembrava-se de cadeiras de madeira, uma mesa e um divã.

— Havia janelas?

— Duas.

— Você podia enxergar lá fora?

— Não, eles não me deixaram chegar perto das janelas. Mas eu podia ver de onde estava.

Tinha outro prédio do outro lado da rua.

— Do outro lado da rua. Não vizinho.

— Estava mais longe. Então devia ser do outro lado da rua.

Den passou a contar o telefonema para a mãe. Não tinha ouvido tudo, mas percebera que a mãe não estava junto ao seu telefone de emergência. Marsop atendera, em vez dela.

— Falou com Marsop?

— Falei, eles me puxaram até o telefone e disseram: "Diga a ele que você está aqui. Para ele saber que é você. Nenhuma palavra mais". Então eu disse e, quando quis dizer mais, o homem arrancou o telefone da minha mão e me empurrou de volta à cadeira.

Enquanto se concentrava nas perguntas e resposta Underwood não conseguia enxergar aonde isso estava levando, ou que as ditas

investigações de Hasken estivessem tendo algum resultado.

Hasken havia terminado com Den e estava se concentrando em Marsop.

— Disseram-lhe para pedir a Noy para ir sozinha à esquina sudoeste da Khan Koen Road com a Bot Road?

— Caminhar três quadras para a frente e depois voltar para a esquina e esperar por Den.

— Marsop, quer me mostrar um mapa de Visaka?

— Tenho certeza de que Noy tem vários mapas na sua escrivaninha.

Começou a remexer nas gavetas enquanto falava, e finalmente encontrou um mapa e o desdobrou. Correu os olhos por ele rapidamente, depois se ergueu e levou o mapa para

Hasken, apontando:

— É aqui, senhor Hasken. A esquina sudoeste da Khan Koen com a Bot.

Hasken examinou a área no mapa.

— Ela parece dar para um parque. Posso ver a área de bosques, para além da esquina.

Enquanto Marsop se sentava, Hasken recomeçou a interrogá-lo. Quando terminou o interrogatório, disse:

— Obrigado, ministro Marsop. Obrigado, Den. Tenho certeza de que me contaram tudo o que puderam lembrar. Estou muito agradecido.

Hasken se virou na cadeira e se dirigiu a Underwood.

— Acho que tenho tudo o que preciso saber. Não é muito, mas pode nos dar um começo.

— Foi útil? — quis saber Underwood, impaciente.

— Pode ser. Agora é que vamos descobrir.

— Como?

Hasken ficou pensativo por meio minuto. Depois voltou a falar:

— Começando onde a coisa toda teve início, e revivendo-a a cada passo, até onde podemos ir. Gostaria de começar com a escola, com o momento em que as aulas terminaram e Den saiu com os seus três coleguinhas. Vamos levar dois carros. O senhor e eu, senhor presidente, podemos ir no Volvo que aluguei, e Den com um motorista. Chalie já está bem, não está? Chalie pode levar Den no Mercedes e nós os acompanharemos até a escola. — Levantou-se de um salto. — Vamos indo.

Havia ao todo quatro carros dirigindo-se para a Escola St. Mary.

Usando ataduras na cabeça, o chofer Chalie, tendo Den a seu lado, guiava o Mercedes 450 de Noy e os outros o seguiam. O diretor do Serviço Secreto, Frank Lucas, e um agente armado estavam no banco da frente do carro seguinte. Depois vinham Hy Hasken e o presidente Underwood no Volvo. Outro carro do Serviço Secreto e agentes fechavam a retaguarda da pequena caravana.

Chegando à grade que cercava a escola, todos saltaram dos carros e se reuniram diante do portão aberto.

— Vocês esperem aqui — disse Hasken. — Quero falar rapidamente com a diretora. Den, leve-me à sala dela.

Cercado por seus agentes do Serviço Secreto, Underwood ficou imaginando para que serviria aquilo, mas cruzou os dedos e nada disse. Ficou observando Hasken e Den atravessarem rapidamente o pátio.

Na escola, Den foi mostrando o caminho. Hasken o seguiu por um trecho de chão ladrilhado, dobrou uma esquina e entrou numa ante-sala.

— A sala da diretora — anunciou Den.

Uma mulher grisalha, de aparência desbotada, obviamente a secretária da diretora, ergueu os olhos.

— Den Sang — exclamou -, não esperávamos você aqui hoje. O ministro Marsop ligou e nos contou o que aconteceu.

— Foi de dar medo — disse Den.

— Alguém realmente o sequestrou?

Den confirmou.

— Eles me prenderam um pouquinho, e depois me soltaram.

A secretária examinou Hasken.

— Den, quem é esse senhor?

— É um repórter americano. Está tentando descobrir quem me sequestrou. Ele quer ver a senhorita Asripon.

A secretária levantou-se.

— Direi a ela que estão aqui. — A secretária desapareceu na sala da diretora e logo reapareceu. — Podem entrar.

Antes de se dirigirem à sala da diretora, Hasken pousou a mão no ombro de Den.

— Den, espere aqui. Quero ver a senhorita Asripon a sós.

Hasken entrou sozinho na sala.

A senhorita Asripon — uma mulher de meia-idade magra, pequena, preocupada — estava de pé, na expectativa.

Hasken apertou a mão dela e se apresentou.

A senhorita Asripon disse:

— Isso tem a ver com a terrível tentativa de sequestro de Den, ontem?

— Sim. Estou com o presidente dos Estados Unidos, Matthew Underwood, que se encontra lá fora com o seu Serviço Secreto. Como amigo, estou tentando dar-lhe uma ajuda. Na verdade, resolvi começar a minha investigação por aqui.

— Receio não poder ser muito útil — disse a senhorita Asripon formalmente. Não testemunhei o sequestro. Sei apenas o que o ministro Marsop me contou depois.

Hasken deixou claro que entendia.

— Não é com a senhora que quero falar — disse Hasken.

— O que quero é permissão sua para falar com os três coleguinhas de Den que testemunharam o sequestro.

— Eles estão na aula de história, agora — disse a diretora.

— Será que eu podia tirá-los da aula só por um tempinho? — indagou Hasken.

— Sabe o nome deles?

— Toru, Sorik, Sassi.

A senhorita Asripon amoleceu.

— Ótimos garotos. Estão no terceiro andar. Atrapalhará menos se eu mesma for buscá-los. Espere no pátio com Den. Logo os trarei.

Postado entre seus agentes do Serviço Secreto, o presidente viu Hasken e Den parados diante do prédio, e a seguir viu uma mulher sair apressadamente da entrada da escola com três garotinhos.

Underwood observou que Den e os meninos se cumprimentavam alegremente.

O presidente se destacou da guarda do Serviço Secreto.

— Frank — disse ao diretor Lucas -, acho que eu deveria estar ali com Hasken e os meninos. Fique aqui. Vocês podem ficar de olho em mim. Você tem uma leve noção do que se trata. Por ora, fique na sua. Não quero que os meninos fiquem intimidados pelo bando de vocês.

Cruzando o pátio de cascalho da escola, Underwood se encontrou com Hasken, Den e os três companheiros de Den na metade do caminho.

Educadamente, Den apresentou Underwood para Toru, Sorik e Sassi.

— Estão mostrando ao senhor Hasken como foram até o carro de Den ontem? — indagou Underwood.

— Estou mostrando a ele — disse Den, fazendo um sinal aos amiguinhos para que o acompanhassem.

Den começou a correr para o portão, enquanto os três meninos corriam atrás dele.

O mais depressa que podiam, Hasken e Underwood seguiram os passos da garotada.

Junto ao portão, os meninos se detiveram.

— O Mercedes estava lá, como está agora — disse Den, indicando o carro em que fora levado à escola na véspera e o carro em que acabara de chegar mostrando o caminho para Hasken e Underwood,

— Mas aquele não é o Mercedes em que você entrou — disse Hasken.

— Eu pensei que fosse — disse Den. — Foi por isso que fui logo entrando.

— E quanto a vocês, garotos? — perguntou Hasken, dirigindo-se a Toru, Sorik e Sassi. — Vocês acharam que era o mesmo Mercedes que sempre apanhava Den?

— Achamos — responderam Sorik e Sassi.

— Não, não era — manifestou-se Toru. Acrescentou: — Quando ele começou a ir embora, pude ver que era diferente. Gritei para Den, mas era tarde. Ele já tinha ido.

Hasken olhou fixamente para Toru.

— Você entende de carros. Sabe diferenciar um do outro.

— Meu pai coleciona carros — disse Toru.

— Muito bem, Toru — continuou Hasken. — O que foi que você viu de diferente?

— As rodas — disse Toru prontamente. — O Mercedes que levou Den tinha raios de roda especiais de arame, feitos por encomenda. Muito elegantes.

Hasken ficou impressionado.

— Muito observador da sua parte, Toru. O Mercedes comum não tem esses raios de roda?

— Nunca. Raios de roda como aqueles têm de ser feitos sob encomenda. Só um mecânico de carros em Visaka faz isso.

— Quem é ele?

— Muchizuki. Não fica longe daqui. Ele faz coisas elegantes para carros que são diferentes. Faz rodas com raios de arame.

— Muchizuki? O nome é esse?

— Esse mesmo. Já fui lá com meu pai muitas vezes.

— O carro do seu pai tem raios nas rodas?

— Não. É caro demais.

- E a mãe de Den também não tem.
- Não, como o senhor pode ver.
- Mas o Mercedes que pegou Den tinha esses raios nas rodas?
- Tinha. Lindos.
- Quer dizer que o senhor Muchizuki deve tê-los feito.
- Ele é o único em Visaka que faz.

Hasken se virou de Toru para Underwood.

— Pode ser que estejamos chegando a algum lugar, senhor presidente.

— Espero que sim.

Hasken segurou o braço do presidente.

— Acho que chegou a hora de irmos ver o senhor Muchizuki.

Toru entrou com Den no Mercedes de Noy, que Charlie estava guiando.

Depois de mandar Sorik e Sassi de volta à escola, Hasken seguiu Charlie, Den e Toru, com o presidente Underwood no banco da frente, a seu lado. Frank Lucas e o destacamento do Serviço Secreto precediam e seguiam o Volvo de Hasken.

Tinham rodado cerca de um quilômetro e meio quando Underwood pôde ver que o braço de Toru se projetara da janela do carro e estava apontando para o destino deles, uma quadra adiante.

Quando se aproximaram, Underwood pôde ver que Toru apontava para uma oficina de automóveis. Havia uma vitrine na frente com um BMW amarelo ocupando a vitrine e uma área de trabalho espaçosa nos fundos. Ao lado da oficina ficava um beco que dava para um estacionamento, nos fundos. Charlie contornou um

carro do Serviço Secreto, fez sinal aos outros para virem atrás dele, e entrou no beco seguido pelos três outros carros.

Tão logo estacionaram, todos saltaram dos carros e acompanharam Toru e Den para dentro da oficina. Um homem miúdo e sujo, de macacão, estava borrifando o chassi de um Honda.

Rapidamente, Toru se aproximou dele e o interrompeu para dizer:

— Sou Toru, e estive aqui muitas vezes com meu pai.

— Ah, sim, sim — disse Muchizuki. Espiou para além do menino para os outros e ficou perturbado com o número de homens que estava lotando a sua oficina. — O que posso fazer por você?

Toru aproximou-se do mecânico e começou a sussurrar para Muchizuki, trazendo o seu amigo Den mais para perto a fim de falar sobre ele, e depois se voltando para identificar Hasken e Underwood.

O mecânico ficou instantaneamente assombrado pelo fato de estar recebendo o presidente dos Estados Unidos, assim como uma famosa personalidade da TV americana.

Depois de mais explicações por parte de Toru, o mecânico idoso deixou de lado a sua lata, enxugou as mãos e acompanhou Toru e Den. Não apertou as mãos, mas curvou-se perante Hasken e Underwood.

— Querem saber se eu faço raios de arame para as rodas do Mercedes — disse Muchizuki.

— Disseram-nos que o senhor é o único que faz isso por encomenda — disse Hasken.

— É verdade — respondeu o mecânico. — Tentei importar raios de rodas dos Estados Unidos e da Alemanha, mas é impossível. Eu mesmo tenho de fazê-los, a mão.

— Tem certeza de que é o único em Lampang que faz isso? — indagou Hasken.

— O único. É difícil e custa muito caro.

— Fez muitas dessas rodas? — perguntou Hasken.

— Quatro em dez anos — disse Muchizuki. — Tenho uma roda de amostra no meu escritório. As outras três fiz sob encomenda para fregueses.

— Somente três? — aparteou Underwood.

— Três. Lembro-me exatamente, já que são tão poucas.

— Foram encomendadas por homens? — perguntou Hasken.

— Homens que se interessam por enfeitar ao máximo os seus carros.

Hasken se adiantou.

— Senhor Muchizuki, tem o nome e endereço dessas três pessoas?

— Tenho, é claro.

— Os carros eram todos sedãs?

— Eram. Gostaria de saber o nome desses senhores?

— E os seus endereços.

— Eu os tenho. Se me dão licença, vou procurar nos livros no meu escritório.

— Nós esperamos — disse Hasken.

Muchizuki os deixou, caminhou até um recinto fechado de vidro que lhe fazia as vezes de escritório, e pôde ser visto retirando livros-

razão de uma prateleira e pondo-os sobre a sua mesa.

Underwood observou-o rapidamente e olhou para Hasken.

— O que acha, Hy?

— Se ele realmente tiver os três nomes, isso poderá ser a pista de que precisamos.

— Foi uma ideia inteligente entrevistar os amigos de Den.

Hasken abriu um sorriso.

— Em anos como repórter de investigação aprendi que as crianças em geral observam mais do que os adultos. Elas têm sido algumas de minhas melhores fontes.

Continuaram olhando para Muchizuki no seu recinto de vidro e podiam ver que ele tomava algumas notas.

Dali a dez minutos, ele apareceu trazendo um pedaço de papel.

Entregou o papel a Hasken. Para Underwood, disse:

— Estes são os nomes. Senhor Suraphong, empregado do Departamento de Turismo de Lampang, na Khong Road. Depois o senhor Prayoon, dono de uma loja chamada "Joias Tailandesas Importadas", que fica na Galeria Loei. Finalmente o senhor Ratanadilak. Não sei onde trabalha, mas o seu endereço é Edifício Mai Sai, que fica na Tassman Road. Todos compraram e usaram raios de roda de arame para os Mercedes sedãs. Espero que isso lhe seja útil.

Enquanto se dirigiam ao estacionamento dos fundos, Underwood pediu a Hasken o mapa de Visaka que ele usara no gabinete de Noy. Hasken tirou o mapa do bolso do paletó e entregou-o a Chalie.

Abrindo o mapa e pegando uma caneta, Chalie marcou o local onde estavam. Depois encontrou e marcou as áreas onde Suraphong, Prayoon e Ratanadilak podiam ser encontrados.

Underwood pegou o mapa.

— Chalie — disse -, deixe Toru na escola e depois leve Den de volta ao Palácio Chamadin. Hasken e eu vamos verificar as pistas.

— Pois não — disse Chalie, e foi levando os meninos de volta para o Mercedes.

Underwood voltou-se para Hasken.

— Vamos começar com esses três nomes. Primeiro Suraphong, o tal do turismo.

Hasken abriu a porta do Volvo.

— Lá vamos nós — disse -, e que os deuses estejam conosco.

Os deuses não estavam com eles nas duas primeiras visitas que fizeram.

Levaram uma hora para fazer as visitas, O senhor Suraphong, um típico funcionário, deixou os escritórios do Departamento de Turismo para lhes mostrar com orgulho os raios nas rodas do seu Mercedes creme. Ele tinha papéis que provavam que o carro sempre fora creme, nunca preto, e um interrogatório intensivo deixou claro que não sabia coisa alguma de política, muito menos de Noy.

O senhor Prayoon deixou a sua loja de importações de joias nas mãos da esposa enquanto levava Hasken e Underwood ao estacionamento para lhes mostrar o seu Mercedes carmesim com suas rodas com raios. Ainda entendia menos de política do que o senhor Suraphong e, conquanto conhecesse o nome de Noy, não

tinha a menor ideia se ela concorreria à eleição, e nem se importava muito com isso.

— Desanimador — disse Underwood para Hasken enquanto permaneciam do lado de fora.

— Só falta aquele com o nome maluco.

— Ratanadilak — murmurou Hasken, fitando o nome dele na folha de bloco em que o mecânico escrevera. — Não sei por que me parece familiar.

— Parece?

— É. Sabe, eu gostaria de achar um telefone e ligar para o Palácio Chamadin. Gostaria que Marsop o verificasse para mim. Vamos usar o telefone da joalheria.

Dali a pouco, Hasken estava ao telefone falando com Marsop. Ele esperou enquanto Marsop do outro lado, aparentemente verificava o nome. Quando Marsop voltou ao aparelho, Hasken escutou e abriu um amplo sorriso.

Hasken agarrou o presidente pelo braço e levou-o para fora.

— Acho que acertei, senhor presidente — disse, com ar de empolgação.

— Ratanadilak?

— É. Eu achava que já o tinha visto numa lista da imprensa. É major do exército de Lampang. É ajudante-de-ordens do coronel Chavalit, e Chavalit é assistente do general Nakorn. — Hasken foi ficando cada vez mais empolgado. — Acho que encontramos o nosso sequestrador. Edifício Mai Sai, na Tassman Road. Aposto que é lá que está Noy. E aposto que lá há um Mercedes preto com raios de roda de arame. Vamos indo.

Underwood não se mexeu. Tinha uma expressão preocupada.

— Calma — disse. Não tenho certeza se quero me defrontar com eles com todo esse bando do Serviço Secreto. Podia assustá-los e, se houvesse muito tiroteio, Noy poderia ser morta.

— Bem, o que quer fazer?

— Dar uma palavrinha com o diretor do Serviço Secreto, Frank Lucas.

O presidente chamou Lucas e o afastou para o lado.

— Frank — disse o presidente -, quero que me faça um favor.

— Pode dizer.

— Sabe que houve algum problema com Noy...

— A mulher com quem o senhor esteve em Washington.

— A própria. Ela é presidenta de Lampang.

— Sei disso, é claro.

— Ela foi raptada.

— Eu já tinha chegado a essa conclusão — interrompeu Lucas.

— Estava de ouvido atento.

— Hasken e eu temos uma ideia de onde ela está — continuou Underwood. — Queremos tirá-la de lá o menos violentamente possível. As pessoas que a estão prendendo poderão soltá-la quando souberem quem eu sou, e que vim pegá-la.

— Mas poderão não soltar, senhor presidente.

— De qualquer forma, não posso ter vocês nos meus calcanhares. O seu bando poderá assustar os sequestradores e eles poderão machucá-la, ou pior. Hasken e eu temos que fazer isso sozinhos.

— Não posso permitir que o senhor corra esse risco.

— Tem que permitir. Faça de conta que sou Harry Truman. É a minha ordem. Ele costumava agir sozinho e eu tenho que fazer o mesmo... desta vez. Estou tratando de um assunto pessoal, não presidencial. Vocês não precisam ficar muito longe, mas têm de ficar escondidos. Acho que podem se posicionar quatro ou cinco quadras atrás de mim e de Hasken. Isso seria ao menos uma precaução.

Lucas continuou relutante.

— Desculpe-me, senhor presidente, mas estarei ferrado com secretário do Tesouro se ele ficar sabendo disso.

Underwood fez pouco caso do medo dele.

— Não faz mal. Eu o despediria antes que ele pudesse despedi-lo. Ainda sou o presidente.

Lucas pensou no que ele estava dizendo.

— Bem, o senhor é quem sabe.

— Sei mesmo.

Lucas assentiu.

— O senhor vai precisar de um meio de comunicação eletrônico, como os agentes do destacamento têm, para poder nos chamar se as coisas ficarem pretas. Espere aí.

O diretor do Serviço Secreto se encaminhou até um de seus agentes. Quando voltou para Underwood tinha um minúsculo radio-transmissor na mão.

— Este minúsculo radio-transmissor funciona com uma bateria em miniatura. O senhor pode prendê-lo no cinto. Se precisar de ajuda, aperte este botão. Ele mandará um sinal RF para este receptor no meu ouvido. Ele emitirá uma vibração. Se eu a ouvir, me apressarei com todo o pessoal.

— Obrigado, Frank — disse o presidente, prendendo o transmissor no cinto.

Lucas tinha se inclinado, erguido a perna da calça e desamarrado alguma coisa.

Ergueu-a.

Era um coldre no qual havia uma arma.

— Um Smith & Wesson 66 — explicou Lucas. — Cada um de nós está equipado com duas armas. Uma submetralhadora Uzi fabricada em Israel sob o paletó, e um arma pequena, em geral este Smith & Wesson ou um Sig Sauer P226, amarrada em outro lugar, quase sempre na perna. — Entregou o revólver a Underwood. — Se vai fazer uma coisa tão tola, deve fazer outra coisa igualmente tola. Ponha este revólver no bolso. Deus, nunca sonhei que veria o dia em que estaria armando o presidente dos Estados Unidos! Tem certeza de que despediria o secretário do Tesouro antes que ele me pusesse no olho da rua?

Underwood segurou o Smith & Wesson.

— Não se preocupe. Você nunca vai ser despedido. Ensine-me a usar este revólver.

Lucas o fez.

O presidente Underwood guardou a arma no bolso.

— Acho que estou pronto.

— Um conselho — advertiu Lucas. — Numa situação dessas, não use a arma para ameaçar ninguém. — Fez uma pausa. — Se houver realmente perigo, use o transmissor no cinto. Somente se for preciso... atire prontamente de volta.

Estavam a uma quadra de distância na Tassman Road quando Hasken olhou com olhos estreitados pelo pára-brisa do Volvo e disse suavemente para o presidente Underwood:

— Já estou vendo.

O presidente Underwood se inclinou para a frente e acompanhou o olhar dele.

Depois assentiu:

— Também estou vendo.

Na outra esquina ficava o prédio de cinco andares de estuque branco, com um cartaz preto e vermelho que dizia Edifício Mai Sai.

— Vou estacionar aqui — disse Hasken. — Podemos andar o resto do caminho e ir fazendo um reconhecimento.

Parando junto ao meio-fio, ambos saltaram do carro e, lado a lado, começaram a se dirigir para o prédio de apartamentos.

— O que fazemos agora? — quis saber Underwood.

— Quero ir até a entrada e examinar as caixas do correio — disse Hasken. — Quero ter certeza de que o apartamento de Ratanadilak é o de canto no segundo andar.

— E se ele usou outro nome?

— Por que deveria? E o apartamento dele, tenho certeza.

Estavam se aproximando do Edifício Mai Sai.

— Só tenho medo de uma coisa — disse Underwood. — De que eles possam nos enxergar e fugir para outro esconderijo com Noy. Acha que nos verão?

— Pode apostar que sim. Eles estarão de olho em qualquer estranho. Alguém estará de vigia da janela do apartamento ou lá na

rua. Eles também saberão quem somos. A sua cara não é exatamente irreconhecível, senhor presidente, mesmo em Lampang.

— É com isso que estou contando — disse Underwood. — Que, sabendo quem sou, eles não se arrisquem a nos machucar. Espero que fiquem impressionados o bastante para libertar Noy.

— Esqueça — disse Hasken secamente. — O senhor nem vai ter chance de falar com eles. É uma ideia tola, sinto dizer. Esses homens são bandidos desesperados que obedecem ordens. Estão se lixando para quem somos. Querem Noy e a sua desistência na televisão. Logo que nos enxergarem, poderão atirar em nós... porém o mais provável é que, em vez de criar toda essa comoção e atenção, estou certo de que irão tentar fugir. Eles devem ter um plano alternativo. — Lançou um olhar ao presidente. — Talvez nos também devamos usar o nosso plano alternativo agora e chamar o Serviço Secreto.

Underwood opôs-se enfaticamente.

— Isso vai dar num tiroteio, na certa. Noy poderia ser ferida ou até morta. Não posso correr esse risco.

Tinham percorrido a quadra e estavam diminuindo o passo. Hasken olhou por sobre o ombro para a rua transversal, e Underwood fez o mesmo. Viram um camelô maltrapilho vendendo frutas maduras.

Havia uma mulher sentada displicentemente ao volante de um Ford estacionado. Havia um adolescente recostado num poste de rua, fumando um cigarro e lendo jornal.

— Um deles é um vigia — sussurrou Hasken. — Vamos ter que andar depressa. O senhor entra e examina as caixas de correio para

ver o número do apartamento. Vou rodear o prédio para ver se há uma escada dos fundos ou uma saída de incêndio. Fique esperando por mim na entrada. Vamos nos mover normalmente, mas depressa.

Juntos, tentando parecer à vontade mas andando depressa, eles atravessaram a rua.

Underwood subiu os degraus da frente para alcançar as caixas de correio enquanto Hasken continuava o seu caminho e contornava o prédio.

Underwood tinha chegado às caixas de correio. Correu os olhos por elas e a que ele queria ficava no segundo andar: RATANADILAK 204.

Concentrou-se nela, ganhando tempo, imaginando o que fazer, e ao mesmo tempo se perguntando como Hasken se saíra nos fundos. Enquanto permanecia imóvel, ouviu passos.

Rodopiou e deparou com Hasken vindo rapidamente em sua direção.

— Há uma saída de incêndio nos fundos, e estou certo de que há um corredor que leva dela ao apartamento deles — disse Hasken, sem fôlego. — Um deles acabou de meter a cabeça para fora para ver se a barra estava limpa. Isso quer dizer que os outros ainda estão no apartamento e que vão tentar fugir.

Antes que Underwood pudesse responder, viu uma mulher idosa com uma trouxa de roupa lavada saindo da porta da frente.

— Vamos manter a porta aberta — disse ele para Hasken.

— Não podemos usar o interfone. Podemos entrar quando a mulher sair.

A mulher escancarara a porta e Underwood segurou-a para ela passar, e então Hasken entrou rapidamente, com Underwood logo atrás. Enquanto corriam para as escadas, Hasken disse:

— Vamos arrombar a porta da frente e talvez pegar alguns deles lá dentro. É hora de pedir ajuda ao Serviço Secreto. O momento é este, ou poderá ser tarde demais.

Underwood estendeu a mão para o transmissor preso no seu cinto, apertou o botão, fazendo o sinal de emergência para Frank Lucas e, com a mão livre, tirou o Smith & Wesson do bolso.

Juntos, subiram correndo do térreo ao primeiro andar, dois degraus de cada vez, depois passaram ao segundo andar. Uma placa no corredor apontava para o apartamento 204.

Hasken ia à toda, com o presidente um passo atrás dele.

No 204, Hasken arquejou: — Vamos atingir a porta juntos e arrebentar o fecho. Tem um revólver?

Underwood exibiu-o.

— Ótimo! — exclamou Hasken. — É melhor estar preparado para usá-lo!

Eles recuaram ao mesmo tempo, cada um com o ombro projetado à frente.

— Agora! — berrou Hasken.

Atingiram a porta da frente simultaneamente. Houve uma explosão metálica quando o fecho cedeu e abriu, e eles escancararam a porta para entrar na sala do apartamento.

Viram que dois dos soldados estavam entrando rapidamente por uma segunda porta que levava ao corredor. Um terceiro soldado estava logo atrás deles e o quarto, um tipo corpulento que

Underwood adivinhou ser o major Ratanadilak, segurava um revólver junto à cabeça de Noy.

O arrombamento da porta e a invasão da sala por Underwood e Hasken imobilizaram o major, mas ele agiu logo em seguida. Afastou bruscamente o revólver da tábua de Noy e apontou-o para Underwood, enquanto este caía apoiado num dos joelhos.

A bala de Ratanadilak passou pelo presidente de raspão e naquela fração de segundo Underwood lembrou-se do conselho do diretor do Serviço Secreto: "Somente se for preciso atire prontamente de volta".

Fazendo mira, o presidente estava pronto para atirar prontamente de volta.

Ele viu que Noy ficara momentaneamente livre, encolhendo-se junto à parede, e percebeu que o major se preparava para atirar uma segunda vez.

Rezando para não errar o oficial e acertar em Noy, Underwood ergueu o braço rigidamente, enroscou o dedo no gatilho do Smith & Wesson e apertou-o com força.

O tiro foi como palmas soando nos seus ouvidos, então ele viu Ratanadilak largar a arma, por a mão no peito e cair lentamente de joelhos. Hasken saiu rastejando e depois mergulhou para apanhar a arma do oficial. Underwood saltou para a frente com o seu revólver e apertou-o contra a testa do major.

— Seu filho da puta! — berrou Underwood. — Diga-me quem mandou sequestrá-la ou lhe estouro os miolos!

Engasgando, ainda agarrado à ferida no peito, Ratanadilak conseguiu apenas gaguejar uma palavra.

— N-N-Nakorn — arquejou.

Ouviu-se uma segunda explosão de tiros e depois os outros raptos voltaram à sala de estar com as mãos para cima.

Atrás deles, armas em punho, vinham o diretor Frank Lucas e metade da sua equipe do Serviço Secreto. Underwood soube que estavam finalmente a salvo, e foi somente então que estendeu os braços para a trêmula Noy e a abraçou, apertando-a com força, beijando-a repetidas vezes.

CAPÍTULO 13

O presidente Underwood e Hy Hasken levaram Noy Sang de volta ao Palácio Chamadin, no carro alugado pelo repórter.

Junto à porta, Noy segurou a mão de Underwood.

— Matt, venha jantar conosco hoje à noite. Você pode trazer as suas coisas do hotel, dormir num quarto de hóspedes e acordar o mais cedo que quiser para pegar o Força Aérea Um para Washington, amanhã.

— Aceito — disse Underwood.

— Lá pelas oito — disse Noy, e deixou-os.

Underwood e Hasken guiaram em silêncio de volta ao Hotel Oriental.

Ao chegarem, o presidente apertou a mão de Hasken.

— Você foi brilhante e quero lhe agradecer.

— Foi um prazer — disse Hasken. — Vejo o senhor em Washington.

— Vai me ver muito antes disso. Encontre-me no Aeroporto de Muang amanhã às dez, quando estarei decolando. Quero que venha comigo. Podemos discutir algumas coisas.

— Obrigado, senhor presidente.

Enquanto Hasken se afastava para devolver o carro alugado, Underwood entrou no hotel e subiu até sua suíte. Ali o seu criado particular o ajudou a arrumar suas coisas.

Quando estavam prontos, uma limusine enviada por Marsop os aguardava.

Eram dezenove e quarenta e cinco quando o criado carregou as malas de Underwood até o quarto de hóspedes antes de ir procurar um lugar para dormir nos alojamentos dos empregados.

Underwood encontrava-se no gabinete de Noy quando ela apareceu, toda arrumada para o jantar. Encaminhou-se até Underwood, abraçou-o e beijou-o.

— O médico falou que estou muito bem — disse ela. — Matt, importa-se de esperar um pouco? Preciso cuidar de dois itens da minha agenda antes do jantar.

Perguntando-se quais seriam, o presidente Underwood acomodou-se no sofá.

Noy se dirigiu para a cadeira atrás da escrivaninha, sentou-se e chamou a sua secretária.

— Diga a Marsop que pode entrar.

Marsop apareceu, sorrindo.

— Já liguei para as estações de televisão. Cancelei a apresentação que faria em seu nome. Você não vai desistir da eleição. Ainda é candidata, para valer.

— E sou mesmo — disse Noy. — Trouxe o nosso velho amigo para cá?

— O general Samak Nakorn está na ante-sala, sob forte guarda. — Ótimo. Verifique bem se está desarmado, depois mande-o entrar. Deixe os guardas lá fora.

Assim que Marsop se retirou, Noy permaneceu à escrivaninha, piscou para Underwood e disse:

— Agora a sentença do general.

Dali a momentos, a porta lateral se abriu e o general Nakorn entrou sozinho.

Estava de uniforme de gala, o peito rebrilhando de medalhas. Lançou um olhar a Underwood, depois caminhou rigidamente até um ponto diante da mesa de Noy.

Nakorn fez continência, e pareceu indicar que queria se sentar.

Noy não permitiu que ele se sentasse. Obrigou-o a permanecer de pé, militarmente rígido e ereto.

Noy disse:

— Este é seu julgamento, general, e eu sou juiz e júri. Não vai demorar nem um minuto, portanto o senhor pode permanecer de pé.

— Não fui responsável — disse Nakorn.

— O senhor dá sua palavra?

— Minha palavra é suficiente.

— Tenho a palavra de outros contra a sua, e melhores testemunhas para provar que o senhor foi responsável — disse Noy. -Tenho o seu major, que está agora no hospital e que sobreviverá para depor contra o senhor, se isso for preciso de novo. Tenho agora uma confissão do coronel Chavalit. Tenho as três outras pessoas que me prenderam no apartamento. O senhor não tem defesa. Vou sentenciá-lo pessoalmente.

Os lábios de Nakorn estavam apertados.

— Qual é a minha sentença?

— Eu poderia mandar executá-lo. Não o farei. É fácil demais. Poderia mandá-lo para a prisão perpétua. Novamente, é fácil demais e não o quero em Lampang. Vou mandar exilá-lo na Tailândia. O

senhor ficará atrás das grades esta noite. Pela manhã será levado de avião a Bangkok e deixado ali. Ficaré na Tailândia o tempo que quiser, mas jamais voltará para cá. Deixei instruções em cada ponto de entrada em Lampang para que, se for visto aqui, atirem no senhor na hora. — Fez uma pausa.

— Entendeu, Nakorn?

— Entendi.

Noy ficou de pé.

— Pode se retirar, agora. Tenho convidados para o jantar.

Nakorn deu meia-volta. Enquanto cruzava a porta, um guarda o agarrou e colocou algemas nos seus pulsos.

Noy tomou Underwood pelo braço.

— Já cuidei dos negócios — disse. — Agora é hora de comemorar jantando com Den e Marsop.

Uma hora depois do jantar, Den foi mandado para a cama e Marsop se retirou. Noy sugeriu que era melhor Underwood ir dormir um pouco, já que teria que acordar cedo e passaria o dia todo no avião.

— Vou levá-lo até o seu quarto — disse Noy. — Acompanhe-me.

Obedientemente, Underwood a seguiu pelas escadas até o andar superior.

Passando por uma porta de carvalho, Noy bateu nela de leve.

— Meu quarto de dormir — disse. Bateu de leve na porta, que não ficava longe do dela, e girou a maçaneta. — O quarto de hóspedes, todo seu. Boa noite, Matt.

Sem beijá-lo ou tocá-lo de novo, ela lhe deu as costas e se encaminhou para o seu quarto.

Underwood ficou olhando enquanto ela se afastava, depois entrou no próprio quarto, e viu que a coberta de seda de sua cama de dossel tinha sido puxada e que um travesseiro macio esperava pela sua cabeça. As suas duas malas estavam trancadas e só a mala tipo guarda-roupa estava aberta. Fora deixada assim para que ele pudesse guardar as roupas que estava usando. O seu terno de viagem, camisa limpa, roupa de baixo, gravata tinham sido preparados para ele com sapatos macios de viagem e meias de seda.

Apagando as luzes uma a uma, ele deixou apenas um abajur de luz baixa ao lado da cama.

Despiu-se lentamente.

Pegou o seu roupão azul-marinho e já ia jogá-lo sobre a cama quando escutou uma porta ranger.

Ele deu meia-volta bruscamente e, para sua surpresa — não, não para sua surpresa, porque o fantasiara e sonhara com aquilo durante tanto tempo -, a porta entre o quarto de Noy e o dele estava se abrindo lentamente e logo Noy estava parada no vão da porta.

Usava apenas um negligée rosa transparente. Mesmo na penumbra do quarto ele podia perceber o balançar de seus seios fartos e ver o triângulo escuro sob o penhoar vaporoso.

Noy se aproximou dele lentamente, os olhos no rosto dele, no seu pênis, novamente no rosto.

Encaminhou-se para os seus braços estendidos e ele a abraçou com força.

O seu pênis rígido se apertava de encontro a ela.

Ela tentou livrar-se dele para tirar o penhoar, mas ele mesmo o tirou e jogou para o lado.

Ela ficou parada diante dele, nua.

Ele estava tendo dificuldade em respirar.

— Noy, está fazendo isso porque está agradecida?

Noy estendeu as mãos para a cabeça dele.

— Matt, estou fazendo isso porque estou profundamente apaixonada por você.

— Deus, querida, como a amo!

O coração dele batia com força enquanto a puxava para si, o toque de sua pele inflamando-lhe o corpo. Esmagou a boca contra a dela e Noy amoleceu nos seus braços.

Ele sentiu-lhe os seios, maiores, mais macios, no entanto mais firmes do que imaginara. Tomou-os nas mãos, inclinou-se, levou à boca os mamilos, um, depois o outro. A doçura deles fez com que a sua ereção aumentasse.

Ele estava de joelhos, beijando-lhe a barriga, os quadris, as coxas, metendo-se entre as suas pernas e penetrando-a com a língua.

Ele a ouviu gemer, sentiu que ela oscilava, achou que ela ia desmaiar, e então ficou de pé rapidamente, segurando-a, a boca cobrindo a sua carne macia.

— Matt... Matt... Matt... não espere.

Ante essas palavras, ele a tomou no colo — ela era leve como uma pluma -, carregou-a até a cama e pousou-a sobre ela.

Ela se deitou de costas, e abriu as pernas e as coxas para ele, os braços estendidos, implorando.

Ele ficou de joelhos, beijando-lhe os seios, os mamilos pontudos e os lábios de cima, e o umbigo, a parte interna das coxas e os lábios molhados, embaixo.

Estava quase descontrolado, o pênis alto e firme. Então, quando estava para penetrá-la, ela o buscou e o puxou para cima de si, e ele se sentiu afundando dentro dela quase interminavelmente.

Ela gritou e ele a agarrou e penetrou mais fundo.

A excitação da cópula era quase insuportável.

Mas continuou e continuou.

Ele fez amor com ela uma vez, e a seguir, uma hora tarde, e depois uma terceira vez, demoradamente.

Depois disso, adormeceram nos braços um do outro, saciados, exaustos, e felizes além do desejo humano.

De manhã cedo Noy trouxe a bandeja com o seu café da manhã e o partilhou com ele.

Underwood permaneceu sob a coberta, a bandeja no colo, enquanto Noy se acomodava no lado da cama e comia com ele.

Mais tarde, ela retirou o penhoar, tomou uma ducha e veio se enxugar diante dele.

Observando-a, ele disse o que estivera pensando nesta última hora e nestes minutos recentes.

— Noy...

— Sim, Matt?

— Noy, quero me divorciar de minha mulher e casar com você. Ela começou a olhar por sobre o ombro e depois fixou os olhos no espelho do boudoir para além dele.

— Eu lhe agradeço, Matt, mas é impossível.

— Não é impossível, nós merecemos ficar juntos.

— Não, Matt, isso estragaria tudo. Você é o presidente dos Estados Unidos. Alice é a sua primeira-dama. Você não pode se afastar. O escândalo o perseguiria... nos perseguiria... para sempre.

— Não faz mal.

— Você tem que voltar para a sua mulher. E, como eu, tem que concorrer à presidência de novo. Não pode abandonar as pessoas que acreditam em você. Precisa se candidatar à reeleição para preservar aquilo em que acredita. E estou resolvida a preservar aquilo em que acredito.

— É só o que tem a dizer?

— Há mais. — Ela se voltou para fitá-lo. — Matt, se você não se candidatar, eu jamais poderei voltar a vê-lo. Eu seria presidenta e você um cidadão comum. Mas se você concorrer e for eleito, e eu concorrer e for eleita, ambos seremos presidentes de novo e poderemos nos ver de vez em quando como agora, sem problemas. Pense nisso, querido. É a única forma de continuarmos juntos.

— Apaixonados — disse ele suavemente.

— Sempre apaixonados — murmurou ela.

O presidente Underwood estava do lado de fora do Aeroporto de Muang, olhando por sobre a pista para o Força Aérea Um, que recebia a sua verificação final antes da partida.

Ele se voltou para Hasken, que estava a seu lado.

— Hy — disse o presidente -, você merece um furo exclusivo por tudo o que fez por mim. Vou dá-lo para você aqui e agora.

— Sim — disse Hasken, ansioso.

— Vou me candidatar a um segundo mandato. Vou concorrer à reeleição. A notícia é toda sua.

Hasken manteve os olhos fitos no presidente. Disse:

— Quer dizer que Noy não o deixou abandonar sua mulher.

O presidente pestanejou. Depois de uma longa pausa, sacudiu a cabeça.

— Não, não deixou.

— Esta é a grande história, Matt.

— Eu sei que é. Mas estamos jurando que isso fica estritamente entre nós. É uma história que só você conhece. A história para o mundo não tem nada a ver com minha mulher ou Noy. A história para o mundo é que vou me candidatar de novo.

— E conservar a primeira-dama. E talvez... só talvez... ver Noy de vez em quando, no futuro?

O presidente deu um pequeno sorriso.

— Para discutir assuntos de Estado, como dar aos Estados Unidos uma base aérea maior. Podemos chegar a um acordo depois que seja reeleita. A política tem suas intrigas, que humanizam, por assim dizer, o conteúdo jornalístico.

FIM